

MÚSICA

O ACERVO CULTURAL NA CASA DO MINHO: MÚSICA PORTUGUESA EM DIÁSPORA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

MARILDA BARROSO BOTTINO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓSGRADUAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO EM
MUSICA

DEZEMBRO/2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO-UNIRIO
CENTRO DE LETRAS E ARTES – CLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA – PPGM
DOUTORADO EM MÚSICA**

**O ACERVO CULTURAL DA CASA DO MINHO:
MÚSICA PORTUGUESA EM DIÁSPORA NA CIDADE DO
RIO DE JANEIRO (1926-2022)**

Marilda Barroso Bottino

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação
em Música do Centro de Letras e Artes da
UNIRIO, como requisito parcial para obtenção
do grau de Doutor, sob a orientação do
Professor Dr. Clifford Hill Korman, na linha de
pesquisa Documentação e História.

Rio de Janeiro

Dezembro/ 2023

Catálogo informatizado pelo(a) autor(a)

B BOTTINO, MARILDA
 O ACERVO CULTURAL DA CASA DO MINHO:MÚSICA PORTUGUESA EM
 DIÁSPORA NA OCIDADE DO RIO DE JANEIRO (1926-2022) /
 MARILDA BOTTINO, MARILDA BOTTINO, MARILDA BOTTINO. -- Rio
 de Janeiro, 2023.
 310

 Orientador: Clifford Korman.
 Coorientador: Clifford Korman.
 Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Estado do
 Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Música, 2023.

 1. . . I. BOTTINO, MARILDA II. BOTTINO, MARILDA III.
 Korman, Clifford , orient. IV. Korman, Clifford, coorient.
 V. Título.



Centro de Letras e Artes – CLA
Programa de Pós-Graduação em Música – PPGM
Mestrado e Doutorado

O ACERVO CULTURAL DA CASA DO MINHO: MÚSICA PORTUGUESA EM DIÁSPORA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO (1930-2022)

por

Marilda Barroso Bottino

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 CLIFFORD HILL KORMAN
Data: 15/01/2024 23:53:34-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof.(^a) Dr.(^a) Clifford Korman – orientador

Documento assinado digitalmente
 MARTHA TUPINAMBA DE ULHOA
Data: 16/01/2024 15:16:41-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof.(^a) Dr.(^a) Martha Uihôa

Documento assinado digitalmente
 PEDRO DE MOURA ARAGAO
Data: 17/01/2024 17:54:02-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof.(^a) Dr.(^a) Pedro Aragão

Documento assinado digitalmente
 ALBERTO BOSCARINO JUNIOR
Data: 17/01/2024 15:53:46-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof.(^a) Dr.(^a) Alberto Boscarino

Prof.(^a) Dr.(^a) Heloisa Valente

Documento assinado digitalmente
 HELOISA DE ARAUJO DUARTE VALENTE
Data: 26/01/2024 12:17:14-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Conceito: **APROVADO**

DEZEMBRO de 2023

AGRADECIMENTOS

Ao concluir esta etapa do meu percurso pessoal e profissional, quero expressar meus agradecimentos,

Ao orientador, Professor Clifford Korman, por me ter incentivado no estudo do tema; na solicitude com que sempre acolheu os meus apelos e dúvidas; pelos esclarecimentos prestados, pelo caráter científico e pela palavra de incentivo, em momentos decisivos deste trabalho.

Aos docentes do Programa de Pós-graduação em Música da Unirio, que estiveram comigo nessa trajetória e muito me esclareceram e apoiaram, nominalmente Profa. Martha Tupinambá Ulhôa; Prof. Carlos Alberto Figueiredo; Profa. Maya Lemos; Profa. Luciana Requião; Prof. Pedro Aragão, aos professores do Cefet/RJ, Alberto Boscarino, e Daniela Spielman e, e aos demais docentes do curso de doutorado da Unirio, por me terem facultado o acesso a um espólio literário e cultural determinante para o meu enriquecimento pessoal e profissional, e à Banca de Qualificação, e da Defesa de tese, por aceitar o convite., a quem cito nominalmente a Professora Heloísa Valente, pesquisadora e professora da PUC-SP e UNIP.'

À professora Ingrid Barancoski, que me incentivou junto ao piano na Graduação e na elaboração desta tese.

Aos colegas doutorandos, com os quais cresci culturalmente, e aprendi a partir das trocas e escolhas de temas afins, pelas suas intervenções nos fóruns e seminários, pela partilha de bibliografia e pelo companheirismo.

À minha família, especialmente, meu filho Daniel Barroso Bottino, que me incentivou, a fazer minha segunda faculdade, Licenciatura em Música, na Unirio, após meus 40 anos, o que de certa forma, me trouxe até aqui.

À minha afilhada Ana Cláudia Archanjo, que sempre me deu um apoio incansável, e com quem dividi, afetuosamente, horas de dedicação, atenção e paciência e esteve sempre pronta a me socorrer em momentos especialmente inquietos e tecnológicos

Ao apoio de minha irmã, Maria Lúcia Archanjo, minha nora Raquel Montiel Bottino e meus netos, Davi Montiel Bottino e Pedro Montiel Bottino, por tantas horas de apoio e carinho, que algumas vezes, mesmo sem tomarem conhecimento, com suas palavras de entusiasmo, alegria e magia (essa última principalmente dos netos) me inspiravam na realização da pesquisa.

Ao meu amigo José Antônio Governa Fernandez, que mesmo distante, com companheirismo e amizade, dividiu comigo angústias de prazos, e sempre me incentivou a estudar e preparar minha tese, nos momentos em que gostaria de viajar e estar em Portugal e Espanha.

À minha amiga e profissional Relações Públicas, Isabela Eugenio Almeida, por seu companheirismo e dedicação em assumir meu trabalho no Centro Federal de Educação Tecnológica – Cefet/RJ, sendo fundamental para minha concessão de afastamento do trabalho por 4 anos, para cumprir o doutorado, e com quem pude dividir minhas angústias na elaboração do documento final, sempre me prestando ajuda e apoio.

À minha amiga e profissional, jornalista Mariana Thereza Pereira Sant’Anna, que, à frente da Assessoria de Comunicação, esteve me incentivando e apoiando nas decisões, exercendo papel fundamental no meu pedido de afastamento do trabalho para o doutorado.

À amiga e profissional Natasha Pereira Mascarenhas, que, pelo competente trabalho, esteve comigo nos momentos da revisão da tese, me apontando os melhores caminhos de redação.

Às minhas amigas e profissionais em *design* Isabela Menezes Devonish, e Thaís Cabral, pela fundamental ajuda na formatação, na elaboração de tabelas e gráficos, e inserção de vídeos, interferindo de forma positiva na apresentação da tese.

Aos demais amigos da Assessoria de Comunicação (ASCOM) do Cefet/RJ, que trabalham comigo há alguns anos, e sempre me deram apoio, se dispondo a dar continuidade às atividades da Assessoria com um funcionário a menos.

A Deus, pela força, pela fé, pela coragem, por não ter desanimado diante da tarefa que escolhi e pelo determinismo e alegria de vida.

A mim, que, com gratidão por aqui ter chegado, celebro, com humildade, os desafios alcançados.

RESUMO

Esta tese tem como objetivo identificar, interpretar e reconhecer, através de uma pesquisa de abordagem quanti-qualitativa, os registros musicais e culturais da Casa do Minho, associação luso-brasileira, fundada no Rio de Janeiro em 1924. A pesquisa utiliza como estratégia uma metodologia que se distribui em quatro eixos como fontes de arquivos: documentação impressa, por meio de vinte periódicos estudados; pelo meio digital, utilizando o Instagram da Casa do Minho; pelas práticas musicais e *performance*, trazidas nos ensaios e apresentações ao vivo dos gêneros musicais – fado e folclore, que envolvem gestos, comportamento e oralidade; pelas entrevistas semiestruturadas, orais e narrativas, realizadas com membros da Casa do Minho, frequentadores assíduos e músicos, que recolhem aspectos subjetivos, como a memória e o acolhimento. Os diálogos presentes nos acervos musicais e culturais da Casa do Minho são traduzidos como arquivos modernos, diante de conceitos e fundamentos de Theodore Schellenberg (2006), e expressam movimento da música em diáspora, ao entendimento de uma cultura musical que dialoga com a trajetória dos imigrantes portugueses, de seus descendentes e de novos membros da Casa, portugueses ou brasileiros, onde a relação com as práticas musicais e sociais oferecem interlocuções constantes entre os sujeitos. Por meio de análises de relatos históricos-musicais, a respeito dos gêneros musicais apresentados, seja do folclore e do fado, o foco está direcionado às relações entre essas duas sociedades: portuguesa e brasileira, tendo como base fundamentos teóricos de uma revisão da literatura, apontados em Susana Sardo (2013), que aborda a música como elemento de conciliação, sendo um testemunho de especificidades tradicionais, ao mesmo tempo em que representa uma diversidade de culturas. A compreensão de registros dos acervos da Casa do Minho, descritos pela imprensa do Rio de Janeiro, e no Instagram se pautam em um cronograma de recortes temporais da pesquisa, que compreendem os séculos XX e XXI (1926 -1950); (1950-1980) e (1980- 2022). Busca-se verificar as relações interculturais musicais presentes nas apresentações do fado vadio e do folclore da Casa do Minho com a sociedade do Rio de Janeiro. Há questões pertinentes ao acolhimento, às memórias, aos movimentos de diáspora e à identidade, em que a fundamentação teórica aponta valiosas contribuições de autores como Pierre de Nora (1993) Michel Certeau (2000), Homi Bhabha (2007) e Susana Sardo (2013). O tema, pouco explorado no âmbito das pesquisas que tratam de acervos em associações luso-brasileiras no Rio de Janeiro, pretende mostrar aos pesquisadores da área arquivos não somente musicais, mas culturais da comunidade pesquisada, de forma a contribuir com a melhoria nas questões de acesso, preservação e condições de organização desse material. O objetivo é analisar e compreender como esses acervos musicais dialogam com a trajetória dos imigrantes e podem contribuir para o entendimento do processo contínuo cultural da vida das pessoas na cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Casa do Minho – acervos – diáspora musical - acolhimento

ABSTRACT

This thesis objectives to identify, interpret and recognize, through quanti-qualitative research, the musical and cultural records of the Luso-Brazilian association Casa do Minho, founded in Rio de Janeiro in 1924. The research uses as a strategy a methodology that is distributed in four axes as archival sources: printed documentation, through twenty periodicals studied; digital platforms,, using Casa do Minho`s Instagram; of musical practices and performance, brought in rehearsals and live presentations of musical genres – fado and folklore, through gestures, behavior and orality; through semi-structured, oral and narrative interviews, carried out with members of Casa do Minho and regular visitors, who collect subjective aspects, such as memory and welcoming. The dialogues present through the musical and cultural collections of Casa do Minho, translated as modern archives, in view of the concepts and fundamentals of Teodore Schellenberg (2006), express movements in diaspora, to the understanding of a musical culture that dialogues with the trajectory of Portuguese immigrants, their descendants and even new members of the association, Portuguese or Brazilian, where the relationship with musical and social practices offer constant dialogue between the subjects Through analysis of historical-musical reports regarding the musical genres presented, whether folklore or fado, the focus is directed at the relations between these two societies: Portuguese and Brazilian, based on the theoretical foundations raised by Susana Sardo (2013), which addresses music as an element of conciliation, being a testimony of traditional specificities, at the same time that it represents a diversity of cultures. The understanding of the records of the Casa of Minho collections, described by the Rio de Janeiro press, is based on a timeline of temporal cuts of the research, which comprise the 20th (1926 – 1950); (1950-1980) and 21st centuries (1980-2022). It seeks to verify the symbolic roles extant in the presentations of fado vadio and folklore, with the current moment (performance, social relations, memory, and reception). On issues related to reception, memories, diaspora movements and identity, the theoretical foundation includes distinguished contributions from authors such as Pierre de Nora (1993), Michel Certeau (2000) and Susana Sardo (2013). The theme, little explored within the scope of research dealing with collections in Portuguese-Brazilian associations in Rio de Janeiro, aims to show researchers in the area not only musical but also cultural archives of the researched community, in order to contribute to the improvement of issues of access, preservation and organization conditions of this material. The subject, still little explored in the scope of research dealing with collections in Luso-Brazilian associations in Rio de Janeiro.

Keywords: Casa do Minho – collections – musical diaspora – reception

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa da Literatura	24
Figura 2 – Organograma da Casa do Minho desde a década de 1930.....	75
Figura 3 – Primeira sede da Casa do Minho, 1936, na Rua Conselheiro Josino.....	77
Figura 4 – Obras de construção Casa do Minho no Cosme Velho, década de 1960.....	77
Figura 5 – A sede já construída (ano de 1967).....	77
Figura 6 – Bandeira da Casa do Minho	78
Figura 7 – Fachada da Casa do Minho, com estátua de D. Afonso Henriques, em foto de 2020.	81
Figura 08 - Foto livro Minho Rei - o sucesso de brava gente.....	84
Figura 9 – Foto capa livro Rancho Folclórico Maria da Fonte, editado em 2019 por Igor Lopes, edição única.	85
Figura 10 – Fotos do acervo impresso. Livro em edição única RFMF, 20 anos, editado em 1974.	85
Figura 11 – Quadro – Homenagem à Fernanda Pires, idealizadora do Rancho Juvenil da Casa do Minho, juntamente com o marido Benjamim Pires.	85
Figura 12 – Foto do Rancho e seus respectivos trajes, de acordo com as regiões em sua primeira apresentação em Portugal no ano de 1982.	89
Figura 13 – Foto do Ensaio do Rancho Folclórico Juvenil da Casa do Minho. Ao fundo, alguns músicos toca.	89
Figura 14 – Imagens de manequins, com respectivos trajes do folclore Minhoto, localizados no hall de entrada da Casa do Minho.	92
Figura 15 – Ensaio do Rancho Folclórico Maria da Fonte – realizado sempre às quintas-feiras, a partir das 20h30 da noite, no salão nobre da Casa do Minho. Foto de 2022. ...	94
Figura 16 – Foto tirada em apresentação do Rancho Juvenil, outubro de 2022.....	96
Figura 17 – Partitura Chula Velha do Minho	97
Figura 18 – Parte da tocata e cantadeiras nos ensaios do Rancho Juvenil. Foto de agosto de 2022.	98
Figura 19 – Parte da tocata e cantadeiras nos ensaios do Rancho Juvenil. Foto de agosto de 2022.	99
Figura 20 – Apresentação do Rancho Juvenil na Quinta de Santoinho. Foto na Casa do Minho, segundo semestre de 2022.	99

Figura 21 – Quinta de Santoinho – tocata e cantadeiras. Apresentação do Rancho Juvenil. Foto de 2022.	101
Figura 22 – Rancho Maria da Fonte na Festa de Santoinho. Foto de 2022.....	101
Figura 23 – Foto do Instagram. Divulgação do fado vadio, em março de 2019.	105
Figura 24 – Foto do Instagram. O guitarrista Vitor Lopes, em apresentação do fado vadio na Casa do Minho, em outubro de 2019.	105
Figura 25 – O fado vadio na Tasca do Chico, em Alfama, Lisboa. Na foto, Fernanda Maciel, brasileira, na guitarra portuguesa com outros músicos portugueses. Foto de abril de 2022.	107
Figura 26 – Restaurante Costa Verde, onde acontece a apresentação do fado vadio e de outros gêneros musicais.....	109
Figura 27 – Traje de mordomas de Viana do Castelo, para ocasiões de cerimônias em festas da Igreja	229
Figura 28 – Traje tradicional vermelho da região do Minho de Santa Marta, muito utilizado na Casa do Minho.	230
Quadro 1 – Métodos de coleta usados na pesquisa	114
Quadro 2 – Tabela dos Periódicos investigados com o vocábulo “Casa do Minho” ...	116
Gráfico 1 – Gráfico das análises: ocorrências da Casa do Minho no total de 20 periódicos – de 1926 a 1980	178
Gráfico 2 – Gráfico das análises: ocorrências da Casa do Minho no total de 05 periódicos – período de 1980-2016	179
Gráfico 3 – Gráfico das análises: ocorrências em cultura e música da Casa do Minho no total de 16 periódicos – período de 1926 – 1980.....	179
Gráfico 4 – Gráfico das análises: ocorrências de cultura e música da Casa do Minho no total de 5 periódicos – de 1980 a 2016	180
Gráfico 5 – Gráfico: número de visualizações e de comentários de usuários Instagram	199

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Entrada de imigrantes portugueses no Brasil.....	65
Tabela 2 – Tabela menu Instagram - atividades realizadas na Casa do Minho.....	188

LISTA DE SIGLAS

ABNT –	Associação Brasileira de Normas Técnicas
BN –	Biblioteca Nacional
BNDg –	Biblioteca Nacional Digital - Hemeroteca
Cadeg –	Companhia de Abastecimento Estado da Guanabara
CEP –	Comitê de Ética de Pesquisa
CONEP –	Comitê Nacional de Ética de Pesquisa
DASP –	Departamento de Arquivos do Serviço Público
PPGM –	Programa de Pós-graduação em Música
RFMF –	Rancho Folclórico Maria da Fonte
TI –	Tecnologia da Informação
UNIRIO –	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	17
CONTEXTUALIZAÇÃO.....	17
PROBLEMA DA PESQUISA.....	20
OBJETIVOS.....	20
RELEVÂNCIA DA PESQUISA.....	20
ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO.....	20
MAPA DA LITERATURA.....	24
2. METODOLOGIA E REVISÃO DA LITERATURA.....	30
2.1 APRESENTANDO A METODOLOGIA.....	30
2.2 Na Abordagem dos Acervos Musicais.....	29
2.3 EIXOS DA METODOLOGIA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	30
2.3.1 Periódicos como fonte documental.....	31
2.3.2 Os meios digitais como fonte documental.....	33
2.3.3 Práticas musicais e <i>performance</i> como fonte documental.....	35
2.3.4 Entrevistas e narrativas como fonte documental.....	37
2.4 MEMÓRIA, DIÁSPORA, IDENTIDADE E ACOLHIMENTO.....	38
2.5 DELINEANDO A COLETA DE DADOS.....	39
2.6 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS.....	40
3. DOCUMENTAÇÃO E ACERVOS.....	43
3.1 HISTÓRIA DOS ARQUIVOS.....	44
3.2 ARQUIVOS MODERNOS.....	46
3.2.1 Custódia em arquivos modernos.....	47
3.3 IMPORTÂNCIA DOS ARQUIVOS E CARACTERÍSTICAS.....	49
3.3.1 Arquivos sem muros – conceitos contemporâneos.....	52
3.4 TIPOS DE ARQUIVOS UTILIZADOS NA PESQUISA.....	52
3.4.1 Periódicos como fontes de arquivos.....	53
3.4.2 Documentos virtuais como fonte de arquivos.....	55
3.4.3 Práticas musicais e <i>performance</i> como fonte de arquivos.....	56
3.4.4 Oralidade: entrevistas e narrativas em enunciados de arquivos.....	58
4. A CASA DO MINHO.....	63
4.1 IMIGRAÇÃO PORTUGUESA NO BRASIL (EIXO RIO - SÃO PAULO).....	63
4.1.1 Crises políticas – censuras e preconceitos culturais no século X.....	66

4.1.2 Na cultura e na música	66
4.2 AS CASAS LUSITANAS: ASSOCIAÇÕES LUSO-BRASILEIRAS	68
4.3 CASA DO MINHO – FUNDAÇÃO E TRAJETÓRIA	73
4.4 RETALHOS DA HISTÓRIA E DA CULTURA NA CASA DO MINHO.....	81
4.5 ACERVOS DA CASA DO MINHO	83
4.6 ACERVOS MUSICAIS DA CASA DO MINHO.....	86
4.6.1 O Rancho Folclórico Maria da Fonte como prática musical.....	90
4.6.2 O Rancho Juvenil da Casa do Minho	98
4.6.3 Observações-participantes: práticas musicais do folclore.....	100
4.6.4 O Fado: trajetória do século XX: práticas musicais	101
4.6.4.1 O fado vadio na Casa do Minho.....	104
4.6.5 Observações-participantes práticas musicais do fado.....	106
4.7 OUTROS ESPAÇOS SOCIAIS E CULTURAIS NA CASA DO MINHO.....	108
4.8 IDENTIDADE, MEMÓRIA E ACOLHIMENTO	108
5. COLETA, TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	112
5.1 EIXO 1 – OS PERIÓDICOS COMO FONTES DE ARQUIVOS.....	115
5.1.1 Eixo 1 – Análise de dados: periódicos como fonte de arquivos da Casa do Minho	165
5.2 EIXO 2 – OS MEIOS DIGITAIS COMO FONTES DE ARQUIVOS	182
5.2.1 Eixo 2 – Instagram como fonte de arquivos da Casa do Minho	183
5.2.2 Eixo 2 – Análise de dados do Instagram da Casa do Minho.....	196
5.3 EIXO 3 – <i>PERFORMANCE</i> E PRÁTICAS MUSICAIS COMO FONTES DE ARQUIVOS	200
5.3.1 Ranchos	201
5.3.2 Fado vadio	204
5.3.3 Eixo 3 – Análise dos dados referentes às observações de <i>performances</i> e práticas musicais	205
5.3.3.1 Folclore – Ensaios	205
5.3.3.2 Fado vadio	207
5.4 EIXO 4 – ENTREVISTAS E NARRATIVAS ORAIS COMO FONTES DE ARQUIVOS	211
5.4.1 Para os questionários: formato de entrevistas semiestruturadas	212
5.4.2 Para o formato de entrevistas orais/narrativas.....	218

5.4.3 Eixo 4 – Análise de dados das entrevistas semiestruturadas, orais e narrativas	225
5.5 OUTROS MATERIAIS QUE COMPÕEM OS ARQUIVOS DA CASA DO MINHO.....	227
5.6 MEMÓRIA E ACOLHIMENTO	230
5.7 SÍNTESE COMPARATIVA DAS ANÁLISES ENTRE AS FONTES COMO ARQUIVOS DA PESQUISA	232
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	238
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	247
ANEXO 1 – PROTOCOLO DA PESQUISA	255
ANEXO 2 – PROJETO-PILOTO, QUESTIONÁRIO ENCAMINHADO A MEMBROS DO RANCHO, E A MÚSICOS QUE COMPÕEM A TOCATA.....	257
ANEXO 3 – QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA PARA A SECRETARIA	260
ANEXO 4 – RELAÇÃO DE ASSOCIAÇÕES LUSO-BRASILEIRAS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	262
ANEXO 5 – CARTA DE RECOMENDAÇÃO DA UNIRIO PARA A PESQUISA NA CASA DO MINHO	264
ANEXO 6 – HINO DA CASA DO MINHO LETRA E MELODIA.....	266
ANEXO 7 – LISTAGEM COM AS LETRAS DAS PRINCIPAIS MÚSICAS CANTADAS PELO RANCHO FOLCLÓRICO MARIA DA FONTE	268
ANEXO 8 – ESTATUTO DA CASA	281
ANEXO 9 – MATERIAIS E DOCUMENTOS DA CASA DO MINHO E DA HEMEROTECA.....	305
ANEXO 10 – FOTOS E <i>LINKS</i> RETIRADOS DA INTERNET E/OU FEITOS PELA PESQUISADORA.....	308

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, especialmente ao meu pai, Emilio dos Santos Barroso, por suas raízes portuguesas, que me incentivaram ao desafio da tese.

Na certeza de que estarão, ambos, agradecidamente felizes, em que plano estiverem, ao verem minha determinação e dedicação de elaborar uma tese de doutorado que envolve a temática da música portuguesa.

PREFÁCIO

A NOITE NA CASA

São 22 horas, noite de sexta-feira. O ambiente na penumbra do Restaurante Costa Verde, na Casa do Minho, se entrega aos músicos Vitor Lopes, na guitarra portuguesa, Juan Santana, na flauta e seu pai, Ângelo Santana, no violino, que tomam lugar em um estreito espaço chamado de palco, mas que não se distancia muito do público.

É preciso chegar mais cedo para garantir o lugar nas mesas arrumadas conforme o querer do público.

O Restaurante Costa Verde, nas dependências desta casa luso-brasileira, em funcionamento há mais de 30 anos, tem um aspecto simples nas toalhas vermelhas e verdes (cor de Portugal), nas cadeiras de madeira, nos tetos em azulejos com quadros de mordomas¹ na parede e paisagens que nos levam a Portugal.

O músico Vitor Lopes anuncia a presença dos outros dois músicos, chamando-os pelos respectivos nomes, quando há pausa para os aplausos. A seguir pede silêncio ao público para iniciar, mas diz que é permitido cantar (quem souber as letras), baixinho, acompanhando o fado, e sentindo-se participante da apresentação.

Não há propriamente um roteiro musical e, após dois números de fado instrumental, convida qualquer pessoa do público, amadora e amante do fado, a cantar.

Durante mais de duas horas permanecemos no ambiente, assistindo aos músicos profissionais e amadores se revezarem no “estreito” palco.

A maioria dos frequentadores sabe que ali vai encontrar o fado. Portugueses ou não, todos os presentes são amantes do gênero musical.

A guitarra inicia os primeiros acordes e o fado cresce a cada nova apresentação simbolizada em sentimentos, que ali podem ser de alegria, saudade, memórias...

Assim, acontece o fado vadio² na Casa do Minho do Rio de Janeiro.

¹ Mordomas são os trajes típicos de Viana do Castelo que se apresentam em romaria e desfilam em um emblemático momento durante a Festa de Viana. Mostram com orgulho os trajes e o ouro, identificado em cores e/ou jóias de família de seu país.

² Fado vadio: tipo de fado, nascido originariamente nas ruas de Lisboa, cuja expressão que não agrada a todos os apreciadores da música, fala das canções entoadas nas tascas (que são os equivalentes portugueses aos nossos botecos), pátios e becos das regiões mais humildes da cidade. Muitas vezes, um fado de improviso, de forma descompromissada: é só chegar e cantar. Essa origem boêmia rendeu ao estilo da má fama ao ser associado à vadiagem e à prostituição. Com o tempo, no entanto, passou a ser parte indissociável da identidade lisboeta e portuguesa e a ser cantado e apreciado também no Brasil.

1.INTRODUÇÃO

Contextualização

O tema abordado nesta tese surgiu de um resgate às minhas raízes portuguesas, com pais e avós nascidos no Porto, região norte de Portugal, mas principalmente pelo despertar da diversidade cultural e musical que permeiam as relações de interculturalidade existentes entre os dois países: Brasil e Portugal.

Após investigações em algumas associações luso-brasileiras no Rio de Janeiro e um levantamento bibliográfico em busca de fundamentação teórica em artigos, livros e periódicos, com consultas feitas à Hemeroteca Nacional Digital, ao Real Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro e ao Museu do Fado em Lisboa, pude constatar que havia poucos registros com relação às manifestações musicais apresentadas nas casas luso-brasileiras, e com relação aos diálogos em trânsito a respeito das músicas portuguesas de um modo mais abrangente.

A ideia inicial era descobrir os arquivos/acervos musicais existentes em uma casa tradicional luso-brasileira e pesquisar “os possíveis achados³” de forma que pudessem contribuir para o entendimento e para a valorização da cultura do povo imigrante português, descendentes e frequentadores dessa comunidade no Rio de Janeiro, na intenção de resgatar memórias e registros a respeito da cultura musical, no sentido de ampliar os acessos a esses registros.

Como pesquisadora em Música e por estar inserida na Linha de Pesquisa Documentação e História da Música, no Programa de Pós-graduação em Música da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – PPGM/UNIRIO, dentre os locais investigados a priori, fiz minha escolha pela Casa do Minho do Rio de Janeiro, localizada no Bairro das Laranjeiras, a princípio por assistir a uma noite de fado vadio no ano de 2019, quando iniciava minha tese, e encantar-me com o tema, e ainda por perceber, diante de outras associações do Rio de Janeiro, a existência de um trabalho musical com o folclore português de forma constante e atuante, apresentando um legado da música portuguesa no Rio de Janeiro desde o século XX .

A respeito do fado vadio, embora seja uma prática antiga que remete às tascas e tabernas em Portugal, principalmente em Lisboa, conhecido pelo seu aspecto emotivo,

³ A denominação utilizada por mim de possíveis achados diz respeito a todos os documentos, registros, livros, folhetos, letras, premiações, placas que foram encontrados na Casa do Minho, considerando-os como materiais de arquivos.

improvisado e social, no Rio de Janeiro, especificamente na Casa do Minho, acontecia desde 2017 e representava um resgate às origens sociais e emotivas do fado em um movimento diaspórico na comunidade carioca. Naquele ambiente, qualquer tipo de fado podia ser cantado, não havendo aspectos profissionais envolvidos. Bastava estar presente, participar, saber a letra e ser amante do fado.

Um segundo aspecto que me levou a considerar a pesquisa junto à casa do Minho foi o fato de ser uma associação bastante atuante na cultura musical até os dias atuais, contribuindo com eventos de música portuguesa e brasileira.

Poder atuar como pesquisadora acadêmica em uma associação luso-brasileira, na elaboração de uma tese, além de ser um privilégio para mim, doutoranda em música, me pareceu algo desafiador e inovador, devido ao pouco material que se encontra sobre o tema na academia.

Quanto ao aspecto desafiador a que me refiro, em busca de material de arquivos musicais na associação luso-brasileira Casa do Minho, é fundamental descrever que a pesquisa me levou a uma abordagem qualitativa, tendo em vista a necessidade de se utilizar das técnicas de observação-participante, e da coleta de depoimentos e entrevistas.

A pesquisa de campo, programada em meu cronograma de tese para ter início em abril de 2020, foi prejudicada e adiada devido à Pandemia do Covid 19. Devido aos dois anos de pandemia, em que estive isolada, o trabalho de campo não pode ser realizado na época em que planejava dar início.

O isolamento me trouxe, de um lado, alguns benefícios em termos de prazos e focos na escrita, mas, por outro, um entendimento revelado na “pele e na veia”, que suponho ser insuficiente qualquer narrativa que possa exprimir sensivelmente essa tarefa, que se tornou além de solitária, agravada por angústias de sofrimento, acerca da vida e da morte de milhões de brasileiros - por lidar com sentimentos e por assistir a uma desumanização a céu aberto e que se faz importante registrar ao considerar momentos intranquilos para as atividades necessárias à elaboração de uma tese com abordagem de metodologia qualitativa – trabalho de campo.

Durante esse período houve a perda do Presidente da Casa do Minho, falecido em janeiro de 2022, com quem então eu me reportava, o Sr. Agostinho dos Santos, o que trouxe pesares ao andamento e atividades da associação, e me fez recompor a configuração da pesquisa para uma nova relação com a atual diretoria e secretaria.

O gosto pelo estudo da música portuguesa compõe o folclore e o fado e, este último gênero musical, se deu acentuadamente a partir da percepção de um fado que se

transformava ao longo do século XX, bastante diferente daquele que ouvira na infância. No entanto, falar de cultura musical portuguesa no Brasil envolve, primeiramente, aspectos relacionados à imigração.

Conforme Heloísa Paulo (2013 e 2019), doutora em História Contemporânea pela Universidade de Coimbra, a imigração portuguesa traz ao cidadão que emigra o carregar da nação, em um sentido de exílio como não-cidadão, principalmente na época em que desenvolvo o marco inicial da pesquisa, em finais da década de 1920, período do governo do ditador Antônio Salazar, em Portugal.

A pesquisa traz aspectos temporais a serem considerados. O primeiro deles na passagem dos anos 1920 para 1930, quando do início da ditadura do Governo Salazarista em Portugal e da criação de decretos-leis que facilitavam a entrada de portugueses no Brasil, cuja época coincide com a fundação das associações luso-brasileiras.

Ao longo do período de 1930 a 1975 formaram-se grupos folclóricos cantados e dançados nas associações no Rio de Janeiro, e as atividades musicais aconteciam com presença de orquestra tanto para música portuguesa como brasileira.

Outro aspecto contextual e cronológico acontece imediatamente após os anos de 1975 até os dias atuais, recorte alinhado na pós-ditadura em Portugal, quando há um certo silenciamento do gênero musical fado, tanto no Brasil quanto em Portugal, por motivos diversos, mas principalmente por não se alinhar aos conceitos musicais da ditadura militar em Portugal, já que era considerado um gênero musical nascido em torno da classe pobre, da boemia e da prostituição. Alguns desses aspectos serão abordados ao longo do capítulo 4, contextualizando o fado apresentado no século XXI na Casa do Minho.

Exatamente por encontrar pouco material relacionado aos acervos culturais e musicais na Casa do Minho, optei em fazer uma triangulação da pesquisa através de técnicas de pesquisa em uma metodologia qualitativa.

Por ter como foco um estudo de metodologia qualitativa, a abordagem metodológica estabelecida se deu através de quatro eixos ou estratégias da pesquisa: dados quantitativos: (1) os periódicos do Rio de Janeiro como fonte de pesquisa, que trazem arquivos a respeito da cultura musical na Casa do Minho; (2) os arquivos digitais e documentos encontrados na Casa do Minho que denominei de “possíveis achados”; dados qualitativos: (3) os ensaios e apresentações ao vivo de folclore e fado, a que chamei de *performance* e práticas musicais; (4) as entrevistas semiestruturadas e orais, em formato de narrativas feitas a membros da Casa e a assíduos frequentadores.

Verifica-se que os quatro eixos acima apresentados perpassam pelos aspectos da memória, do acolhimento⁴ e da música em seu lugar de interculturação e de conciliação.

O campo referente à memória e acolhimento foi fundamental às observações da pesquisa.

Problema da Pesquisa

O problema é compreender como esses acervos musicais, sejam através de documentação escrita, impressa, por meio digital, e nas práticas musicais, em *performance* e na oralidade, dialogam com a trajetória desses imigrantes e podem contribuir no processo social e cultural da vida dessas pessoas na cidade do Rio de Janeiro, desde os que fundaram e se instalaram na Casa do Minho até os membros e frequentadores atuais.

Embora o campo arquivos e a temática da documentação e história de acervos musicais tenha sido debatida por estudos acadêmicos, a temática da pesquisa encontrou, na investigação dos acervos musicais e culturais de uma associação luso-brasileira no Rio de Janeiro, um entendimento na abertura de acessos a diálogos interculturais e sociais em sua trajetória e na atualidade.

Com um olhar acerca de um movimento cultural em diáspora procurei perceber, portanto, através dos documentos de arquivos, formas de interagir e acolher essa comunidade através da música, seja lusitana ou brasileira.

Objetivos

Defino cinco objetivos principais para a pesquisa:

1. Compreender os acervos musicais, através dos diálogos presentes na expressão musical da Casa do Minho, como movimentos em diáspora que podem ser traduzidos na trajetória dos imigrantes portugueses, de seus descendentes, e de novos membros da casa.

⁴ Segundo diretrizes de uma Política Nacional de Humanização, o acolhimento no Brasil, inserido no Ministério da Saúde diz respeito à qualidade do cidadão – qualidade da escuta, construção de vínculo, garantia de acesso com responsabilização. Possibilita o foco nas relações, sejam elas profissionais, sociais, técnicas, culturais. Na pesquisa, essa palavra veio somar significado com relação a qualidade de pertencer a um lugar, de se reconhecer naquele lugar. Nos aspectos observados da pesquisa, nas observações e participações, nas respostas dos questionários, em que está presente o acolhimento de pessoas que convivem na Casa ou simplesmente a frequentam de forma mais assídua. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006. In: Mota, Priscila. UFMG, 2009.

2. Verificar, através das práticas musicais, culturais e sociais da Casa do Minho, as relações entre a comunidade envolvida e os materiais de arquivos preservados, considerando-os durante a pesquisa qualitativa como partícipes-sujeitos dessas interlocuções.
3. Analisar os relatos histórico-musicais a respeito dos gêneros musicais apresentados, seja através do folclore ou do fado, com o foco voltado às relações luso-brasileiras em diáspora, tendo por base os fundamentos teóricos de uma revisão da literatura.
4. Analisar e entender a inserção dos registros de acervos da Casa do Minho descritos na imprensa do Rio de Janeiro, e atualmente no meio digital Instagram, dentro de um contexto histórico, pautado por um cronograma de recortes temporais da pesquisa que compreendem os Séculos XX e XXI (desde 1926 a 1980, desde 1980 a 2016; e de 2017 a 2022)
5. Verificar os papéis simbólicos presentes nas apresentações do fado e do folclore, com o momento da atualidade (*performance*, relações sociais, memória e acolhimento).

Relevância da Pesquisa

O presente trabalho justifica sua relevância pela proposta de contribuir para a produção científica nas áreas de Documentação e História da Música, acerca de um tema desafiador, ainda pouco explorado no âmbito das pesquisas acadêmicas, que tratam dos acervos das organizações culturais e musicais luso-brasileiras no Rio de Janeiro.

Além disso, ao propor recomendações no tocante aos acervos musicais e culturais, de um modo geral, como ferramenta de acesso à sociedade portuguesa e brasileira, e aos pesquisadores da área, amplia-se o conhecimento não só musical, mas social da comunidade pesquisada, abrindo espaço ao diálogo entre as culturas envolvidas.

Levando-se em consideração os resultados obtidos, a pesquisa pretende colaborar na melhoria dos processos desses acervos, não só quanto ao acesso, mas também à preservação e condições de organização desse material, no entendimento de que a casa luso-brasileira pesquisada presta serviços de interesse à sociedade.

Organização do trabalho

Na introdução apresentamos o marco inicial do projeto da pesquisa, trazendo uma contextualização da temática abordada, através da caracterização do problema da

pesquisa, dos objetivos e da relevância da pesquisa, relatando a motivação, o ineditismo e as contribuições que a cultura musical da Casa do Minho, através de seus arquivos modernos – funções e atividades – é capaz de mostrar à sociedade do Rio de Janeiro, principalmente no que diz respeito à música diaspórica.

O capítulo 2. Metodologia e Revisão da Literatura apresenta uma descrição de teorias e conceitos sobre o campo arquivos, e suas inter-relações com os tipos de acervos utilizados na pesquisa, apresentando o Mapa da Literatura (Fig. 1, p. 23), um *framework*⁵, com a intenção de mostrar as relações presentes nas fundamentações teóricas apresentadas na pesquisa.

Neste capítulo (p.24), trazemos abordagens e métodos de uma pesquisa qualitativa, relacionando os procedimentos de coleta e análise dos dados utilizados e as considerações éticas a respeito. A autores como Robert Yin (2016) e Stela Taquete & Luciana Borges (2020) são alicerces para a compreensão dos métodos escolhidos.

O capítulo 3. Documentação e Acervos (p.42) apresenta alguns conceitos de arquivos, e aspectos históricos, considerando a fundamentação trazida por Schellenberg (2006) em *Arquivos Modernos*, por trazer características e objetivos afins com a pesquisa, visando entender e atender à missão de uma instituição/associação privada.

O capítulo 4 - Casa do Minho apresenta o objeto e ambiente da pesquisa, a trajetória da associação, os arquivos encontrados, com uma metodologia de observação-participante para as práticas musicais e para os relatos de membros da Casa, em uma técnica de entrevistas, na abordagem da pesquisa qualitativa.

No capítulo 4 (p. 62) apontamos a Casa do Minho e suas relações a partir da presença da imigração portuguesa no Brasil, composta por singularidades, com o objetivo de contextualizar um entendimento maior na formação da associação luso-brasileira. Esse capítulo é composto de uma síntese da fundação e trajetória dessa casa luso-brasileira, localizada no Rio de Janeiro, que foi o *locus* para a realização da pesquisa qualitativa.

Investiga-se, ainda, o ambiente da pesquisa, verificam-se os acervos específicos da associação Casa do Minho, fundada no início do Século XX, procurando mostrar como esses documentos, que resguardam as atividades sociais, culturais e musicais, evidenciam traços no que se refere à cultura de origem da comunidade, em meio a um processo

⁵ O mapa da literatura é um *framework*, estrutura utilizada com a finalidade de apontar ao leitor as interconexões das áreas relacionadas com a pesquisa. Para Creswell (2010) trata-se de uma orientação geral sobre a natureza da pesquisa defendida por um pesquisador, a partir de fundamentos teóricos.

diaspórico, e especialmente, no que tange ao associativismo, à religiosidade e à integração social através da música.

No capítulo 4, ao apresentarmos os materiais de acervos estudados na Casa do Minho, a abordagem qualitativa apresenta relatos de campo, que são perfeitamente conectados com o ambiente da pesquisa, em ensaios e em apresentações ao vivo, coletados em estudo através dos eixos elencados na metodologia, relativos à abordagem qualitativa: fontes por meio das práticas musicais/*performance*; fontes por meio de entrevistas semiestruturadas/ questionários, entrevistas orais e narrativas.

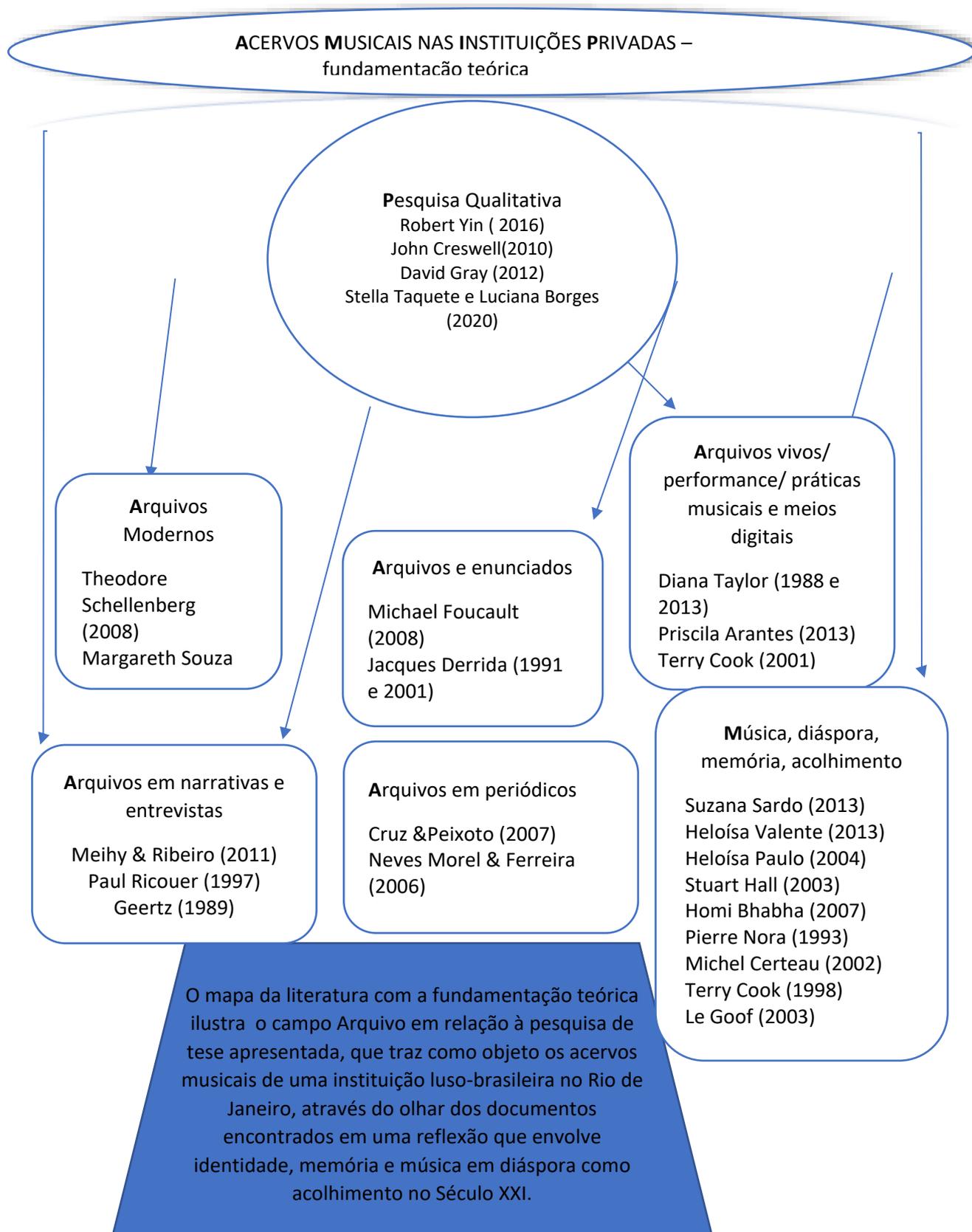
O capítulo 5 – Coleta, Transcrição e Análise dos dados traz a coleta quantitativa dos eixos 1 e 2 – fontes de periódicos e meios digitais: instagram, apontando análises e resultados. E compõe também a pesquisa qualitativa: ensaios e entrevistas referentes aos eixos 3 e 4,

No capítulo 5 (p.111) são descritos e analisados os resultados obtidos nos quatro vieses da pesquisa, compondo uma síntese comparativa das análises frente a um trabalho de interpretação e reflexão a respeito das contribuições teóricas e práticas desses arquivos, através de uma abordagem quali-quantitativa, visando a compreensão do problema da pesquisa.

O capítulo 6. Considerações Finais (p. 237) é composto dos resultados da síntese comparativa das análises frente a um trabalho de interpretação e reflexão a respeito das contribuições teóricas e práticas desses arquivos, além de limitações e sugestões para pesquisas futuras.

MAPA DA LITERATURA

Figura 1 – Mapa da Literatura



2. METODOLOGIA E REVISÃO DA LITERATURA

Ao elaborar o Mapa da Literatura, modelo adaptado de John Creswel (2010), apresentamos conceitos com relação aos quatro eixos estudados como fontes de arquivos na pesquisa, de acordo, primeiramente com o conceito de Schellenberg (2006) apontado para os arquivos modernos e ampliamos o olhar para tratar da pesquisa com relação a esses eixos, sejam: em periódicos, em meios digitais, em práticas musicais/performance e em entrevistas e narrativas.

Quanto ao mapa da Literatura, ressalta-se que a partir do tópico e objeto da pesquisa “Acervos Musicais nas Instituições Privadas – este foi dividido, de acordo com a abordagem qualitativa, nos seguintes campos: Arquivos Modernos; Arquivos e enunciados; Arquivos vivos; Arquivos em narrativas e entrevistas; Arquivos em Periódicos; e Música, diáspora, memória e acolhimento, que se concentram na literatura teórica, baseada em livros e artigos científicos que tratam de conceitos-chave para os temas estudados.

Importa-nos esclarecer que a temática música, diáspora, memória e acolhimento é resultado de uma fusão de todos os eixos anteriores, principalmente porque relaciona a teoria empírica, levantada na pesquisa de campo qualitativa, com a literatura teórica dessa área.

Entende-se a triangulação como um procedimento que combina diferentes métodos de coleta de dados, ou distintas populações (amostras), ou diferentes perspectivas teóricas e diferentes momentos no tempo, para consolidar as conclusões a respeito do fenômeno que está sendo investigado.

De acordo com Gray (2012), três tipos de literatura são importantes para estudos qualitativos: a “literatura teórica”, que possibilita traçar um panorama geral do contexto da pesquisa e conhecer o que se sabe a respeito da temática trabalhada, os conceitos e teorias aceitos e refutados e os debates em curso; a “literatura empírica”, que busca evidências concretas em estudos de caso já realizados sobre o tema e explora as abordagens metodológicas utilizadas; e a “literatura metodológica” que permite ir mais a fundo na identificação e descrição dos tipos de abordagens metodológicas, incluindo questões sobre o desenho da pesquisa qualitativa e os métodos de coleta e de análise dos dados.

Os dois primeiros tipos de literatura podem ser usados “para identificação de lacunas atuais no conhecimento e, dessa forma, servem para auxiliar na formulação de perguntas de pesquisa” (GRAY, 2012, p. 151)

A revisão sistemática da literatura compreende os autores (Figura 1, mapa da literatura, p. 23), que apontam conceitos para a temática da tese, e apresenta as estratégias da pesquisa, a escolha do método até se chegar às fontes de arquivos utilizados da pesquisa.

Neste capítulo 2, destacamos Robert Yin, com sua obra *Pesquisa Qualitativa do Início ao fim* (2016), que aponta como estratégia da pesquisa qualitativa a importância de um delineamento de pesquisa no início do estudo, que se define de duas formas: traçar a direção do estudo antecipadamente (por exemplo, opção de questões primeiro), ou deixar que as questões de campo iniciais influenciam o rumo do estudo (opção de trabalho de campo primeiro)” (2016, cap.4, p.67-96).

Destacamos ainda o autor nas relações de questões de permissão e acesso, ao registrar que:

“obter o acesso é mais um processo do que um evento pontual [...] portanto, os pesquisadores de campo devem administrar o acesso durante todo o seu tempo em campo e uma vez obtido, os experientes não o dão por garantido, e assim evitar comportamentos como ‘estar abusando da hospitalidade’ [...] uma boa maneira de obter acesso pode ser com líderes do local ou pessoas da instituição que representam o acesso à autoridade, podendo ser considerados os ‘porteiros’ para a entrada aos demais membros importantes para a pesquisa.” (YIN, 2016, cap. 5, p. 102 e 103).

Ao utilizar a pesquisa de campo, principalmente com relação às observações, entrevistas e narrativas, apontamos Stella Taquette e Luciana Borges (2020), que apresentam como fundamentação para o modelo qualitativo:

“A noção do conhecimento produzido entre o sujeito e o objeto indica que há um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e o subjetivo dos indivíduos. Ele trabalha a construção não estruturada dos dados, sem hipóteses previamente definidas e busca o significado da ação segundo a ótica dos sujeitos pesquisados. O material de campo na pesquisa qualitativa não é coletado e sim produzido na relação com o pesquisador.” (TAQUETE, S.; BORGES, L.; 2020, cap. II, p. 63)

Importante destacar ainda os quatro eixos da pesquisa que estão organizados em um entendimento metodológico, onde apresentamos como arquivos: **(1)** fontes por meio de documentos em periódicos do Rio de Janeiro e que serão vistos de forma detalhada; **(2)** fontes por meios digitais (Instagram, Facebook e *site* da Casa do Minho); **(3)** fontes

por meio das práticas musicais/performance; (4) fontes por meio de narrativas e entrevistas semiestruturadas/ questionários; e que foi resultado da fundamentação teórica, conforme Figura 1 – Mapa da Literatura (p. 23).

Ao longo do capítulo 3 (p. 42), estruturado através do campo arquivos, trazemos, prioritariamente, o conceito de *Arquivos Modernos* (SCHELLENBERG, 2006), ao considerar que:

“os arquivos ou materiais de arquivo não sejam apenas vistos como as definições dos holandeses: serviço de registro cujos arranjos possuem regras elaboradas e descritas em códigos e manuais; ou como a definição inglesa, que corresponde aos antigos documentos públicos com princípios para o seu tratamento aplicáveis particularmente àqueles documentos e com custódia rígida; [...] ressaltando, no entanto, a razão pela qual os documentos vieram a existir. Se foram produzidos no curso de uma atividade organizada, com determinada finalidade, se foram criados durante o processo de consecução de um certo fim administrativo, legal, de negócio, privado ou qualquer outro fim social, sendo considerados com qualidade de material para que sejam arquivados e considerados como tal, as razões para o qual foram criados ou acumulados podem ser tanto oficiais quanto culturais.” [...] os documentos modernos, se terminados seu uso corrente devem ser guardados para serem usados por outros que não aqueles que o criaram, [...] como existem em grande volume, são de origem complexa e sua criação, muitas vezes, casual.” (SCHELLENBERG, 2006, eBook, posição 566 a 590)

Utilizamos na pesquisa a conceituação de arquivos modernos, cujo interesse está não somente na qualidade dos documentos, mas cujo valor baseia-se na maneira pela qual foram mantidos, e não propriamente no controle, *per se*, e no seu uso, relacionando-se às razões pelas quais foram criados, e podendo ser utilizados como fontes de pesquisas acadêmicas. (Schellenberg, 2006)

Apresentamos Terry Cook (1998, p. 129-149) que fundamenta a importância dos arquivos na contribuição do conhecimento e do acesso à cidadania. Cook registra os arquivos como evidências das transações da vida humana, seja ela individual ou organizacional. Destacamos o autor, já que ao trabalhar com uma associação luso-brasileira, onde o caráter institucional é mantido através de vivências de identidade, muitas vezes pessoais, relacionadas à cultura portuguesa a somar-se a um coletivo luso-brasileiro, traz embutido acumulações orgânicas e naturais que acabam por contribuir para os arquivos institucionais, sejam eles administrativos, financeiros, sociais, musicais, culturais etc.

Para o eixo 1, os periódicos consultados, por meio da Hemeroteca Digital, no período de 1926 até 2016, quando temos a primeira e a última ocorrência sobre a Casa do

Minho, destacamos teóricos como Jacques Le Goff (2003, p.426), que se utiliza da imprensa como fonte de informação e historiografia, como pesquisa acadêmica.

O autor traz fundamentações importantes sobre as transformações da cultura do homem com a escrita, quando há uma mutação da memória coletiva, que se expressa em registrar suas aventuras e conquistas, de forma a marcar, ordenar, memorizar, reexaminar, mas, no entanto, lembra que “nenhum documento é inocente, quando materializado, patrimonializado e, deve, por isso, ser analisado criticamente”.

Nessa mesma abordagem teórica, Cruz & Peixoto (2007) destacam a relação imprensa versus fonte de pesquisa, definindo a linguagem da imprensa como a primordial característica do social, sendo necessário refletir como as conjunturas de determinada época social são capazes de interferir na interpretação dessa linguagem.

No eixo 2 – meios digitais como fontes de arquivos, trazemos os arquivos contemporâneos, que dialogam com os meios digitais, e são abordados no capítulo 3. Documentação e acervos (p.42), haja visto o tipo de trabalho que a Casa do Minho vem desenvolvendo com relação aos conteúdos musicais inseridos nas redes sociais, e em especial na rede social Instagram, registrados em fotos, vídeos e áudios, que servem como divulgação, mas também que atuam como repositórios de documentos em meio digital, por meio dos atos de transmissão.

Assim como as práticas musicais e performance como fontes de arquivos, que constituem o eixo 3, trazem fundamentações teóricas de Diana Taylor que nos traz em *O arquivo e o repertório* aspectos da *performance* como arquivos, seja por meio das práticas musicais (ao vivo), em apresentações e nos ensaios, ou das *performances* inseridas em transmissão de vídeos, já que a Casa do Minho utiliza seus vídeos como arquivos em meio digital e o público/usuário que os assistem imaginam a *performance* inserida neles. Embora Taylor em sua obra traga como exemplo registros de um vídeo que revelam ao usuário sentimentos diferentes dos da minha pesquisa, o conceito corrobora no entendimento da intencionalidade da *performance* que, dessa forma, tem função de “repertório”, pois transmite o que está posto ao vivo. (TAYLOR, 2013, p. 117-121).

No eixo 4 apresentamos as entrevistas e narrativas e trazemos autores como Paul Ricœur (1997), com atenção ao fato de o arquivo refletir de maneira crítica entre a redação dos documentos e o modo de utilizar esses arquivos, não apenas como lugares de recuperação de conhecimentos, mas sim da produção desses conhecimentos.

No capítulo 4 (p. 62) temos o objeto de estudo da pesquisa – Casa do Minho do Rio de Janeiro, e descrevemos sua trajetória desde a fundação, trazendo recortes culturais

e musicais de uma associação luso-brasileira que busca por meio da literatura dialogar principalmente com Heloísa Paulo (2013), nas questões dos movimentos associativistas do início do Século XX, e identifica os tipos de arquivos encontrados nessa associação, verificando e analisando-os com apontamentos de movimentos migratórios em Lená de Menezes e Fernando de Souza (2017).

Para descrever os documentos da Casa do Minho especificamente nos baseamos em dois livros editados pela Casa, que serão apresentados ao longo do capítulo três, no item 4.5 - acervos da Casa do Minho (p.82).

Quanto aos acervos musicais apresentamos no capítulo 4 o folclore da região do Minho, nos ensaios e apresentações ao vivo, e o fado vadio que pode ser observado no desenvolvimento da pesquisa.

Os capítulos 5 e 6 apresentam, respectivamente, Coleta Transcrição e Análise de dados (p.111) e Considerações Finais (p.237), quando abordamos conceitos em Robert Yin (2016) e John Creswell (2010) quanto aos procedimentos para análise dos dados, tanto por meio dos resultados obtidos com a pesquisa dos vinte periódicos analisados, em consulta à Hemeroteca, como em material de conteúdo digital, em rede social da Casa do Minho, quanto pelos demais eixos utilizados na abordagem qualitativa, quer sejam as entrevistas, as narrativas e as observações nas práticas musicais.

Ao transmitir e analisar comportamentos e atitudes de uma determinada cultura, o pesquisador tende a trabalhar com a construção de variáveis no campo, que se revelam nas observações e nas perguntas aos participantes, muitas vezes de forma subjetiva, dados que se revelam na análise qualitativa dos dados.

Quanto aos dados apresentados em forma de textos e gráficos (eixos 1 e 2 da pesquisa), ressaltamos aspectos quantitativos, e para os dados qualitativos (eixos 3 e 4) procuramos dar atenção às respostas em um formato mais narrativo, em que mantivemos palavras e colocações dos entrevistados, apresentando dados concretos, e alguns outros, subjetivos.

Yin (2016, p.217) nos aponta três maneiras para apresentar os resultados dos dados qualitativos, onde destaco como tipo de exibição os eventos musicais, o rancho folclórico, o fado e as imagens, apresentando como ilustrações: imagens e vídeos, tabelas de observações e dados, características das pessoas agregadas nas entrevistas e subjetividade.

2.1 Apresentando a Metodologia

Apresentamos nos eixos 1 e 2 o método de abordagem quantitativa, e seus dados foram descritos e analisados em forma de gráficos: periódicos e os meios digitais como fontes de arquivos, respectivamente.

As estratégias de observação-participante foram utilizadas para os eixos 3 – *performance* e práticas musicais; e para o eixo 4 – entrevistas semiestruturais e orais, em um método de abordagem qualitativa, de campo: “o pesquisador vai até o ambiente natural do seu objeto de estudo; não existe controle das variáveis; e o pesquisador se limita a observar, identificar, coletar dados sobre o que pretende estudar, investigando e interpretando, sem interferir no ambiente existente”. (TAQUETE, S.; BORGES, L.; 2020, p. 68)

O método proposto deve estar adequado à pergunta/questão principal da pesquisa, capaz de responder a ela. Dessa forma, podem se ter pesquisas com abordagem essencialmente qualitativa, com a utilização de estratégias múltiplas, que apresentem tanto o quantitativo quanto o qualitativo simultaneamente, com a finalidade de aumentar o espectro de visão e de interpretação da realidade, explorando-se diversas técnicas na coleta de dados. (SERAPIONE, 2000 apud TAQUETTE, S.; BORGES, L., 2020, p. 60-61)

No entanto, as abordagens qualitativas requerem avanços e recuos, pois o pesquisador se depara com a subjetividade dos sujeitos, onde muitas vezes, se faz necessário outros vieses de investigação que possam triangular a pesquisa.

No ambiente Casa do Minho, associação luso-brasileira, localizada no Rio de Janeiro, o escasso material encontrado, com relação à documentação de arquivos, levou à necessidade de outros eixos/vieses em termos metodológicos.

2.2 Na abordagem dos acervos musicais

Na análise metodológica dos acervos musicais da Casa do Minho, verificamos praticamente um trabalho de campo, devido à abordagem de observação-participativa das práticas musicais e das entrevistas aos membros da Casa, músicos e frequentadores, no que diz respeito à oralidade, e a partir de então, procuramos um olhar um pouco mais distante para não interferir na interpretação da pesquisa.

Traçando interseções com as fontes documentais encontradas a partir dos arquivos de periódicos da Hemeroteca, a abordagem metodológica quali-quantitativa traz uma triangulação na pesquisa, que se compõem, além da documentação em periódicos e nos meios digitais como arquivos, da observação-participante nas práticas musicais, compostas de ensaios e apresentações do folclore e do fado, ao vivo, e nas entrevistas coletadas a membros, músicos e frequentadores assíduos da associação.

Em contextos de pesquisas acadêmicas, os acordos mútuos entre sujeitos e objetos, e o acompanhamento de um estudo de caso, na abordagem qualitativa, trazem diálogos a respeito do lugar, da oralidade e da escrita, e têm servido como dispositivos que possibilitam reflexões sobre as trajetórias individuais e coletivas nas representações desses espaços para a sociedade.

Diante das questões éticas sobre as pesquisas, cabe aqui destacar a importância de explicitar os objetivos, suas intenções, o processo de coleta dos dados, bem como a possibilidade ou não de identificação dos colaboradores da pesquisa, garantindo o respeito às narrativas que servem como enunciados para acervos a respeito do campo estudado.

De fato, essa questão requer bastante atenção do pesquisador e dos colaboradores, exigindo diálogos constantes, e no caso de aquiescência, por parte do colaborador, a assinatura de termo ou carta de cessão de direitos, conforme orientação e supervisão do Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade em que o pesquisador atua. (anexos 1 e 5)

Ao se relatar uma experiência como observador-participante, os pesquisadores também podem ter que escrever um pouco sobre si mesmos – quase todos os estudos que envolvem dados qualitativos contêm informação sobre as ações e atitudes dos participantes – envolvendo o grupo/ coletivo e o pesquisador. (YIN, R., 2010, p. 210-228)

Postas essas questões iniciais, a intenção é partilhar reflexões de uma pesquisa no campo dos acervos musicais da Casa do Minho, com estratégias metodológicas que possam identificar e refletir a respeito das contribuições culturais presentes na Casa do Minho do Rio de Janeiro e que se mantém de forma ativa por quase um século.

2.3 Eixos da Metodologia

De acordo com YIN (2016), independentemente de sua natureza metodológica, o fundamental é a dedicação do pesquisador ou da equipe de pesquisa, a observação da

necessidade de um rigor técnico na utilização do método e o questionamento permanente ao longo de todas as fases da pesquisa.

Tal questionamento deve se dar pelo reconhecimento de que a verdade científica é uma construção contínua e nunca definitiva, onde os paradigmas são superados, e outros novos paradigmas podem surgir, na medida em que as reflexões e estudos sobre um tema se aprofundam. (DEMO, 1995).

Diante dos aspectos que o próprio arquivo contém, a pesquisa qualitativa buscou uma abordagem que não fosse medida somente com números, mas que trabalhasse com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que não podem ser captadas exclusivamente por variáveis matemáticas.

Por trabalhar com um modelo qualitativo, o conhecimento é produzido entre o sujeito e o objeto desse conhecimento e há um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e o subjetivo dos indivíduos.

Esse processo envolve a busca atenta através de olhares que possam fazer reconhecer uma casa luso-brasileira através de seus diálogos com as fontes, em um entendimento metodológico que se dá através de quatro eixos: **(1)** fontes por meio de documentos em vinte periódicos do Rio de Janeiro; **(2)** fontes por meios digitais, em que optamos pelo estudo da rede social Instagram; **(3)** fontes por meio das práticas musicais/*performance* (folclore e fado); **(4)** fontes por meio de narrativas e entrevistas semiestruturadas/ questionários.

2.3.1 Periódicos como fonte documental

Em relação à imprensa como fonte para a pesquisa acadêmica, verifica-se que sua utilização vem sendo realizada há algum tempo por estudiosos, principalmente no âmbito dos trabalhos acadêmicos relacionados às Ciências Humanas e Sociais.

Nessa mesma abordagem teórica, Cruz & Peixoto (2007) destacam a relação imprensa versus fonte de pesquisa, definindo a linguagem da imprensa como a primordial característica do social, sendo necessário refletir como as conjunturas de determinada época social são capazes de interferir na interpretação dessa linguagem.

Também nos diversos níveis de ensino, a imprensa se configura como um suporte-didático às salas de aula, visando não somente demonstrar uma escrita menos literária para uso em alguns relatórios, como também utilizá-la como fonte de pesquisa, com um entendimento que vivemos hoje em um mundo globalizado, nos distanciando de um

tempo que por outrora colocava na imprensa algum tipo de dúvida por se tratar de fontes não seguras. (CRUZ & PEIXOTO, 2007).

O trabalho de investigação documental que a Biblioteca Nacional possibilitou, por meio da Hemeroteca Digital, reúne, neste caso, periódicos dos séculos XX e XXI e nos remete a um campo de credibilidade e a uma reflexão acerca da utilização da imprensa na elaboração de dissertação e tese de Universidades.

De acordo com Robert Darnton⁶ e Daniel Roche⁷, a imprensa tanto constitui memórias de um tempo, as quais apresentando visões distintas de um mesmo fato servem como fundamentos para pensar e repensar a História, quanto desponta como agente histórico que intervém nos processos e episódios e não mais como um simples elemento do acontecimento. (DARNTON & ROCHE, apud NEVES, MOREL & FERREIRA, 2006, p. 10).

Pensar a imprensa como um processo de construção, constituição, consolidação e reinvenção de uma sociedade, das lutas por uma hegemonia, do poder e acesso à informação e cultura, torna-a uma força ativa da história e não somente como mero depositário de acontecimentos nos diversos processos e conjunturas sociais.

No caso da pesquisa realizada junto à Hemeroteca nos periódicos à época de 1926 a 2016, no que diz respeito à Casa do Minho, verifica-se pela frequência das matérias sobre esta Casa, que vai completar cem anos no Brasil em 2024, uma imprensa que demarca temas portugueses e possibilita opiniões, e constitui adesões e consensos.

Na perspectiva da pesquisa em questão foram analisados 20 (vinte) periódicos do estado do Rio de Janeiro que apresentaram ocorrências sobre música e cultura realizadas na Casa do Minho, coletadas de década a década.

Foram identificados os periódicos e suas respectivas linhas editoriais, quando possível, assim como a localização de colunas e o destaque para as ocorrências, questões relativas a registros em manchetes de capa, imagens e legendas, visando as respectivas análises de dados – capítulo 5 (p. 111).

2.3.2 Os meios digitais como fonte documental

⁶ Darnton é um historiador americano, tendo se especializado em história cultural. Atuou em bibliotecas e em jornais nos Estados Unidos. O pensamento de Darnton e de Roche se insere dentro da linha metodológica da pesquisa em analisar periódicos (imprensa) como fonte acadêmica.

⁷ Roche é um historiador francês, dedicado à história social e cultural, tendo se dedicado a editar algumas obras literárias de Darnton, e ambos trabalham com a imprensa como fonte de pesquisa acadêmica.

Segundo Margareth da Silva, em *O arquivo e o lugar* (2016), a partir da década de 1990, uma grande parcela de documentos produzidos tanto pela administração pública quanto privada passou a ser feita em ambiente eletrônico. Sem dúvida, as facilidades e vantagens da tecnologia trouxeram também novas dificuldades, ausência de procedimentos administrativos e arquivísticos na elaboração de tais documentos e a possibilidade de intervenções não autorizadas, que podem ocasionar perda irremediável.

Questões como essas geraram debates na comunidade arquivística acerca da preservação em formato digital desde o final do século XX, que acarretaram estudos e pesquisas com a finalidade de assegurar a preservação e o acesso aos materiais digitais.

Verifica-se, ao longo da pesquisa, considerações em defesa da arquivística, tratadas no segundo capítulo, conforme registros apresentados sobre a história dos arquivos e de sua natureza, independentemente da tecnologia utilizada; questões que ainda estão sendo aplicadas como um dos pontos essenciais à compreensão dos documentos digitais, principalmente no que se refere à gestão, preservação e acesso. (SILVA, 2016, p.13-31)

O advento do documento digital, na atualidade, nos fez compreender que um documento não é um artefato com conteúdo e entorno de limites fixos – pode remeter a outros documentos, sendo variável e mutável, fluido e instável.

Pensando dessa forma, arquivar está além de classificar e catalogar, e abrange várias fases: desde a coleta dos documentos, de sua gestão/guarda e utilização à disponibilização/acesso ao usuário. Faz todo o sentido perceber que na era digital, o original desapareceu; sendo reconstruído a cada cópia, em que é possível “uma construção mediadora que muda continuamente”, afirma Terry Cook (2001, p. 3-24)

Toda vez que um usuário interage com um documento digital, intervindo, interrogando, interpretando, esse documento é construído de forma ativa. Os estudos de Terry Cook (2001) se voltaram para o rompimento com essa ideia do século passado, ou seja, o afastamento do registro pelo registro. No entanto, o autor não nega a essencialidade de uma prática de custódia, mas a redefine diante da influência da pós-modernidade, pois a partir dessa teoria o arquivista e os arquivos não seriam mais estanques, já que eles se movimentam, o que o considera um partícipe nos procedimentos de gestão documental. (COOK, 2001, p.3-24)

Toda utilização de arquivos age retrospectivamente sobre os empregos precedentes; dessa forma o mesmo documento pode ser utilizado por diferentes objetivos,

em diferentes redes digitais, visto por diferentes olhares, por diferentes públicos, chamados de usuários.

Na pesquisa desenvolvida em uma associação luso-brasileira não governamental, tratar os materiais, quer sejam impressos, ou em formatos de áudio e vídeo, em meio digital, ou em registros fotográficos, passam pela compreensão desses estudos.

Em particular, a Casa do Minho, ambiente em que realizo minha pesquisa, utiliza-se de mídias sociais como Instagram, Facebook, Youtube para registrar suas atividades musicais, culturais e sociais, e mantém um *site* na internet, alimentado pela área de marketing e relações internacionais da Casa.

O *site* da Casa, o Facebook e o Instagram são os mais acessados e foram criados desde 2017. Na pesquisa, a opção foi utilizar como estudo a rede social Instagram, por ser a mais visualizada entre os usuários e estar atualizada de acordo com agenda das atividades da Casa do Minho, sendo, portanto, um contributo no âmbito da cultura e da música para atuar como fonte de arquivos digitais. Esses espaços digitais são encontrados nos seguintes endereços:

<https://www.minho.com.br>

<https://www.facebook.com/CasadoMinhodoRiodejaneiro/>

<https://www.instagram.com/casadominhorj/?hl=es>

2.3.3 Práticas musicais e *performance* como fonte documental

Conforme Diana Taylor (2013), a ideia de arquivo vem do fetiche de escrever, fazer um fichamento, guardar o conhecimento para uma possível consulta posterior. Em sua obra, *O arquivo e o repertório*, os arquivos podem estar nas *performances* do corpo, do não-registro, da efemeridade do dito e performado.

Por meio das possibilidades de registro, a autora lança um questionamento sobre quais costumes poderiam ser ameaçados em razão da perpetuação do registro. Ou ainda, quais culturas estariam sujeitas a serem eternizadas e quais estariam sujeitas ao esquecimento.

O repertório encena uma prática não-arquivada: em gestos, oralidade, danças, movimentos, cantos e *performances*. É válido destacar que Taylor não estabelece uma relação hierárquica entre a prática de arquivo e o repertório, mas encontra nessas duas possibilidades, metodologias de aprofundamento para o trato analítico de uma pesquisa,

apesar de não negar a hegemonia nas práticas arquivistas como *modus operandi* de investigação. (TAYLOR, 2013, p. 50-55)

A respeito da memória Taylor cita De Nora, trazendo à reflexão “[...]dos ‘ambientes reais de memória’, incorporados [...]gestos, hábitos, habilidades passadas adiante por tradições não ditas, no autoconhecimento inerente do corpo, em reflexos e memórias arraigadas” estão as fontes de arquivos. (TAYLOR, 2013, p. 53)

Recorro à autora, já que os acervos da Casa do Minho, aos quais chamei de “possíveis achados” não se encontram catalogados, e não há um local determinado para tal. Os acervos musicais, as práticas da cultura, da música e da dança estão postas nos registros de ensaios, de forma oral, e nas apresentações ao vivo, em que as técnicas de observação e os meios digitais em formato de vídeos, colocados nas redes sociais, se tornaram fundamentais para o estudo do campo arquivo na pesquisa.

Foi assim também para a cultura musical do fado vadio que pude presenciar, no início da pesquisa, em 2019 na Casa do Minho; e tem sido assim para o Rancho Folclórico Maria da Fonte, e para o Rancho Juvenil da Casa do Minho que trabalham, ambos, o folclore da região do Alto Minho – norte de Portugal.

Para a autora, as *performances* funcionam “como atos de transferência vitais, transmitindo o conhecimento, a memória e um sentido de identidade social”. (TAYLOR, 2013, p. 26-28)

Ao falar em *performance*, refiro-me ao trabalho corporal, gestual, colocados no corpo, voz e nos trajes utilizados na música e dança do Rancho Folclórico Maria da Fonte da Casa Minho, atuando em uma apresentação basicamente ritualística, teatral e performática.

Quanto ao fado vadio, inserimos a *performance* nos gestos intimistas, no improviso, na penumbra do ambiente, no aspecto participativo e introspectivo, e ao mesmo tempo espontâneo e expressivo, característica social deste tipo de fado, o que implica em considerar, assim como a *performance* a presença do *outro* na plateia.

Os documentos advindos das práticas musicais registram as funções desempenhadas tanto individualmente, como em grupo: pelos instrumentistas, maestros, produtores culturais, cantores e integrantes das músicas e danças, e por isso, configuram como documentos arquivísticos. (COTTA, 2006).

Dessa maneira, as práticas musicais vistas como *performance* mobilizam expectativas, representações de si (do indivíduo e do grupo) e do outro (o público, que

pode conter amigos, parentes, estranhos, gente filmando); registros observados e descritos pelo pesquisador na análise de dados.

2.3.4 Entrevistas e narrativas como fonte documental

Na fundamentação teórica, com relação às entrevistas e narrativas, com base em estudos de Meihy & Ribeiro (2011)⁸, utilizei-me de entrevistas como um procedimento metodológico de observação-participante, onde o entrevistado em sua linguagem oral traz questões biográficas embutidas nas narrativas, cabendo ao pesquisador registro de áudio, quando possível, e de questionários utilizados com perguntas semiestruturadas que, segundo o autor, na pesquisa qualitativa, são instrumentos fundamentais, a fim de promover o diálogo e a colaboração de tais sujeitos, considerando suas experiências sobre o assunto, suas memórias, identidades e subjetividades na produção desse conhecimento.

Meihy & Ribeiro (2011) destacam o tratamento dado pelo material, assim como a devolução da narrativa, entendendo que na entrevista “o pesquisador encontra o outro”, sujeito dono de sua história traçada com lógica própria e submetida às circunstâncias do tempo da entrevista” (Meihy & Ribeiro, 2011, p. 22).

Paul Ricoeur (1997)⁹ aponta o fato de o arquivo refletir de maneira crítica sobre a redação dos documentos e o modo escolhido para utilizar esses arquivos, não apenas como lugares de recuperação de conhecimentos, mas sim da produção desses conhecimentos. (RICOUER, 1997)

O autor está presente, pois ele nos apresenta um pensamento sobre o sujeito e sua centralidade, trazendo à tona um sujeito que se interpreta na própria história e experiência, o que corrobora com conceitos sobre a entrevista e a narrativa na pesquisa e dialoga com fundamentos muitas vezes produzidos no contar a história.

Nosso esforço se dá na medida em que Ricoeur (1997) pode nos ancorar nessa perspectiva, já que trabalhamos com entrevistas e narrativas que devem garantir a

⁸ Meihy, José Carlos & Ribeiro. O primeiro é historiador e nos fala que a memória é a matéria essencial das entrevistas. Meihy está entre os pesquisadores brasileiros que mais contribuíram para o avanço das pesquisas em História oral. O segundo autor, Suzana Ribeiro, professora de História, trabalha com as narrativas e entrevistas para a historiografia da história oral e dos arquivos, utilizadas como metodologia de pesquisa acadêmica.

⁹ Paul Ricoeur -filósofo e professor que nos apresenta a história não apenas como aquilo que se consolidou no passado, mas como a possibilidade de interação entre o presente, o passado e o futuro, a que ele denomina *ektasis* do tempo. Os três tempos predominam alternadamente quando se passa de um nível a outro: o presente se abre ao passado e, rememorando-o, reinventa a si mesmo, lançando-se ao futuro, que não lhe perpetua, porquanto, o interpreta e o modifica. Tempo e narrativa, 1997, p.153.

objetividade e a verdade sobre um passado, afirmando que essa objetividade não se dá pela anulação da subjetividade das narrativas atuais, mas pelo reconhecimento de seu papel central no processo da produção desse conhecimento. (BONA, N., 2010, p. 16-22)

Os documentos de arquivos podem se apresentar em formato de narrativas e entrevistas semiestruturadas como possibilidades de uma pesquisa metodológica qualitativa, já utilizada por autores em trabalhos anteriores, destacando-se o campo da história oral, buscando contornos na relevância e valorização de sujeitos e de um cotidiano de suas histórias, possibilitando o contato e o acesso a um conhecimento humanizado, plural e democrático do saber acadêmico.

Segundo Meihy & Ribeiro, os projetos e pesquisas que trabalham com narrativas e entrevistas devem redobrar os cuidados relativos aos registros e escritas dessa oralidade, diferentemente do trabalho realizado somente com documentos escritos, uma vez que trabalhamos no tempo presente, com narrativas que podem estar no agora, no passado ou até mesmo em um futuro mais próximo e é cercada por gestos, atitudes, comportamentos, muitas vezes motivacionais ou tendenciosos à maior ou menor colaboração. (MEIHY & RIBEIRO, 2011, p.22-23)

Ao transpor as narrativas orais para o escrito – entrevistas, questionários, e observações coletadas, presentes nas práticas musicais de ensaios e apresentações do Rancho Folclórico da Casa do Minho, e nas apresentações ao vivo do fado vadio, foi possível considerar uma abordagem dinâmica entre o mundo real e o que é representado enquanto os sujeitos envolvidos. Essa dinâmica diz respeito aos laços sociais, culturais e de identidade que serão analisados a partir da coleta de dados no capítulo 5 (p. 111 a 224).

2.4 Memória, Diáspora, Identidade e Acolhimento

Todos os eixos da pesquisa perpassam, de certa forma, pelas memórias registradas em arquivos, sejam as fontes em formato de impressos ou em narrativas, pela oralidade e em *performance* nas práticas musicais, o que nos leva a perceber a tese desenvolvida não poderia deixar de considerar os aspectos da memória como arquivos.

A identidade, enquanto fenômeno sociocultural, se forma e se consolida por discursos e práticas que utilizam a memória como uma de suas fontes de elaboração.

Os arquivos, enquanto lugares de memória, aparecem com substancial importância. Há que se constatar que a relação entre identidade e memória sempre se

manteve indissociável, influenciando uma à outra. (BRITO, A; MOKARZEL, M; CORRADI, A., 2017 apud NORA, 1993).

A pesquisa, que está organizada em quatro eixos de estudo como fontes de arquivos e estratégias da coleta de dados, considera em seus relatos “os lugares de memória” enunciados por Nora (1993, p.7-22) enquanto “centros de documentação, que aparecem quando o homem é justamente incapaz de preservar as suas experiências [...], então perpetua a história, a memória e a identidade ao longo do tempo”.

Nas questões de identidade e de cultura musical em diáspora, conforme se verifica no Mapa da Literatura (Fig. 1, p.22), destacam-se autores como Stuart Hall (2001;2003 e 2016), Heloisa Valente (2013), Susana Sardo (2013), Homi Bhabha (2007) e Le Goff (2014).

No caso de uma concepção subjetiva, de um sujeito pós-moderno, os arquivos e suas memórias têm um peso maior de influência. Atualmente entendemos que o estudo da identidade não se limita apenas ao próprio olhar, mas ao olhar do outro. Estão em pauta diferentes grupos em si, que trazem diferentes experiências e a afirmação entre eles dentro de um coletivo - o que pode levar a um “jogo de poder” ou “ vaidade” e devem ser registrados e avaliados. (CUCHE, 2002, p. 181-182).

De acordo com o autor, a expressão da identidade no Século XXI, enquanto construção social espelha a heterogeneidade de um grupo, de uma comunidade e é diversificada em sua interpretação e em suas memórias, o que significa dizer que as referências utilizadas anteriormente para definir uma identidade (nação, etnia, gênero, entre outros) não são mais os únicos elementos definidores de identidade na contemporaneidade.

De acordo com Hall (2001, p. 10) há um descentramento do indivíduo que pode e deve ser considerado na pesquisa, relativo a uma visão multicultural e, portanto, se ajusta de acordo com os processos de aproximação e distanciamento dessa cultura: os elementos constitutivos que o definem, já que a pesquisa compreende uma casa tradicional luso-brasileira, onde os seus membros, imigrantes em sua maioria, participantes e atuais trazem em seus atributos coletivos características individuais.

2.5 Delineando a Coleta de Dados

A proposição de escritas e de relatos narrativos a respeito de acontecimentos culturais e musicais na Casa do Minho fazem parte de experiências e memórias de quem por ali está há muitos anos.

A cultura, o movimento diaspórico e a imigração são férteis para a ressignificação e para o olhar do trabalho do pesquisador na contemporaneidade.

Desta forma, três questões mobilizaram a escrita dos relatos: (1) quais são as atividades culturais e musicais oferecidas na Casa do Minho à coletividade; (2) em que se pautam tais atividades no processo intercultural das relações Brasil e Portugal; (3) como integrantes da diretoria da Casa, incluindo-se o Presidente, veem o legado de tradição, musicalidade e oralidade na relação dessa Casa com a comunidade/sociedade luso-brasileira (?)

A fim de concretizar tais possibilidades, o trabalho estruturou-se a partir da escrita das entrevistas, organizadas em questionários semiestruturados e em formato de narrativas orais, este último, tendo em vista permitir que os entrevistadores/colaboradores da pesquisa pudessem construir modos de fala sem intervenção do pesquisador e descrever práticas no seu cotidiano, capazes de dar mais robustez ao próprio acervo da Casa do Minho e ao entendimento desta instituição.

As análises que se propõem partem da compreensão sociocultural e histórica de questões da imigração portuguesa, no tocante à sua atividade musical, além de um exame que requer subjetividade às questões coletivas e sociais.

Neste contexto, levou-se em consideração as fontes documentais de acervos encontrados na Casa do Minho (material impresso, folhetos, livros e cartazes, fotografias e vídeos, em meio digital) e os documentos encontrados nos periódicos citados como fonte de pesquisa. (capítulo 4, p.62)

No que se refere ao modo como os sujeitos vivenciam seu cotidiano na Casa do Minho, sob o olhar das práticas musicais, há uma relação bastante forte e significativa com o folclore da região do Minho, em um entendimento de que essa tradição, esse modelo de cantar e dançar é a identidade do povo português daquela região, com a pretensa intenção em promover a integração desses imigrantes com as pessoas brasileiras que participam das práticas, e daquelas que ocupam um espaço privilegiado como público.

2.6 Considerações Éticas

Uma vez que se trata de pesquisa envolvendo produção de dados a partir de seres humanos, houve uma preocupação com as questões éticas relacionadas, de modo que fossem evitados danos aos participantes, que o consentimento informado fosse garantido, que sua privacidade fosse respeitada e que o uso de engano fosse evitado (CRESWELL, 2010; GRAY, 2012; YIN, 2016).

Houve, ainda, a submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, por meio da Plataforma Brasil do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP, em outubro de 2022.

De acordo com Yin (2016, p. 34), “ter esse senso de ética é fundamental devido às inúmeras opções arbitrárias feitas por pesquisadores qualitativos”.

Abaixo, foram listados os possíveis riscos a que os participantes da pesquisa poderiam ser submetidos:

- sentimento de constrangimento durante a realização das entrevistas;
- geração de ansiedade, estresse ou qualquer tipo de reação emocional negativa antes, durante ou após a realização das entrevistas;
- desconforto ao abordar temas e/ou críticas relacionados à organização ou à sua gestão;
- exposição de dados privados e/ou sigilosos da organização e dos participantes.

Visando minimizar os riscos, foi necessário:

- obtenção de consentimento, por meio do envio aos participantes de uma Carta de Recomendação da Universidade por meio do orientador da pesquisa;
- preservação do anonimato quanto à identidade dos participantes.

Assim, nas falas destacadas no relatório da pesquisa, algumas informações foram suprimidas e/ou substituídas pela denominação genérica (por exemplo, membro da casa, participante ou integrante do Rancho Folclórico), a fim de preservar a identidade dos participantes, e de outros sujeitos eventualmente mencionados em suas falas. Os nomes dos participantes das entrevistas semiestruturadas foram substituídos pela inicial P (de participantes) acompanhada de um número (ex.: P1, P2, P3...).

Da mesma forma, procedeu-se com os documentos, em caso de documentos pessoais (ex.: D1, D2, D3...) e com os nomes dos participantes das entrevistas estruturadas ou entrevistas orais (E1, E2, E3...) Os anexos referentes aos questionários, inseridos ao final da tese, trazem algumas informações sobre os documentos utilizados, sem dados que permitam sua identificação.

Representar as múltiplas vozes e perspectivas daqueles que estão envolvidos na pesquisa, e lidar com questões de anonimato são aspectos que embasam todo o processo documental da tese e que pretendem distinguir a natureza essencial da interpretação dos dados. (YIN, p. 238-240)

Neste capítulo foi detalhada a questão metodológica com aderência à pesquisa realizada nos acervos da Casa do Minho.

Este capítulo apresentou os eixos da pesquisa essencialmente em uma abordagem qualitativa, que pretende nos levar a revelações úteis e compor os objetivos propostos, levando-se em consideração o ambiente pesquisado como parte constante do processo da pesquisa.

No capítulo seguinte, trazemos a temática documentação e acervos, abordando conceitos, características, especificidades dos arquivos, apresentando considerações e conceitos dos arquivos modernos, inseridas em Theodore Schellenberg (2006) até afunilar-se aos arquivos de uma instituição privada, estudados no ambiente da pesquisa.

3. DOCUMENTAÇÃO E ACERVOS

Este capítulo apresenta o campo arquivos, trazendo a base de ideias e conceitos de Theodore Schellenberg, utilizados na pesquisa, ao me referir à palavra “arquivos ou material de arquivo”, quando esta é empregada com a intenção de indicar **o material que é o objeto da instituição** (Schellenberg, 2006, grifo meu) e ao me referir ao registro “arquivo” como o **lugar, o espaço, a instituição em si**. (SCHELLENBERG, 2006, e-book, posição 496).

A partir da relação entre o objeto e o estudo do ambiente, na abordagem de uma literatura teórica, podemos compreender as interações do campo arquivos, apresentando uma fundamentação de autores que registram apontamentos de acordo com as fontes da arquivística utilizadas como eixos metodológicos da pesquisa: fontes documentais; periódicos como fontes; fontes virtuais: *on line*; fontes em práticas musicais – *performance*; e fontes em entrevistas e narrativas orais, conforme foi apresentado no capítulo 2 (p. 24).

Apontamos a possibilidade de trabalhar com diferentes fontes como arquivo abrindo uma triangulação com a pesquisa, considerando que o conceito de acervo de pesquisa passou por modificações importantes neste último século, rompendo os limites dos pensamentos comtiano, cientificista e seus métodos, cuja influência acabava por cercear a atuação dos historiadores/pesquisadores, restritos então à busca e à análise de documentos oficiais cunhados dentro das esferas hegemônicas de poder. (VEIGA, A., 2014)

Reunir, organizar e arquivar documentos, materiais avulsos ou encontrados em séries e/ou coleções, por vezes produzidos para pesquisas determinadas – como em entrevistas que envolvem a oralidade, é uma prática bastante difundida no tempo presente. Esses garimpos da história vão se constituindo em acervos que, com maior ou menor dimensão, passam a fazer parte das opções de investigação e da produção de conhecimento. (VEIGA, A., 2014)

Para tanto, os diálogos presentes neste capítulo têm como finalidade apresentar conceitos e fundamentação teórica de autores como Schellenberg (2006), que em sua obra *Arquivos Modernos*, trata da razão e da existência dos arquivos, do momento em que foram criados e das finalidades de serem usados por outrem, sendo, portanto, preservados para fins de pesquisa.

Com abordagens de Michel Foucault (2008) e Jacques Derrida (2001) em questões relativas aos arquivos na representação e reconstituição do que os homens fizeram ou disseram – reportamos não somente a história documental como uma matéria inerte, no sentido de produzir apenas uma única interpretação presente no discurso.

Dessa forma os arquivos/acervos com os quais trabalhei na pesquisa dizem respeito à cultura musical portuguesa, às atividades sociais e culturais, de uma casa de origem lusitana – Casa do Minho, fundada em 1924, localizada no bairro das Laranjeiras, Rio de Janeiro, e que apresentam materiais não somente documentais sob a visão histórica do arquivo, mas também materiais administrativos e culturais que compreendem suas atividades diversas, tal como os arquivos modernos considerados por Schellenberg: “os documentos modernos existem em volume, são de origem complexa e sua criação, muitas vezes, casual. (2006, ebook, posição 566).

Para a fundamentação teórica, trazemos Michel Certeau (2000, p.67-70) que trata dos arquivos institucionais e privados, a partir do conceito de que os fatos ocorridos merecem uma interpretação histórica e dependem de um sistema de referências, contextuais, considerando de forma subjetiva o trabalho de análise de um autor/pesquisador, já que as atividades descritas e as narrativas muitas vezes tratam os *possíveis achados* da minha pesquisa um material de memória. (grifo meu)

Trago um período cronológico temporal que tem a base no Século XX – a partir da década de 1930 aos dias atuais. Esse período diz respeito à chegada de imigrantes portugueses ao Brasil, em sua maioria vindos em busca de novas oportunidades, conforme apresentado no capítulo 4 - Casa do Minho.

3.1 História dos Arquivos

O arquivo, visto sob o aspecto conceitual, do grego *archives* e em definição no *Oxford English Dictionary* é o “lugar onde são guardados os documentos públicos e outros documentos de importância; registro histórico ou documento assim preservado”. (SCHELLENBERG, 2006)

O arquivo, como instituição, teve sua origem na antiga civilização grega, quando nos séculos V e IV a.C., os atenienses guardavam seus documentos de valor no templo da mãe dos deuses, denominado *Metreon*, junto à corte de justiça na praça pública em Atenas. Ali conservavam-se tratados, leis, minutas de assembleias e documentos oficiais. Dessa forma, até a era cristã, século III, esses documentos eram conservados em forma de rolos de papiro. (SCHELLENBERG, 2006, eBook, posição 318)

Durante a Idade Média, o termo arquivos recebeu certa influência em seu caráter trazido pelas civilizações gregas, e ganhou vulto em países como Alemanha, Itália, Espanha, França, Inglaterra e Estados Unidos, devido à importância dada à preservação do patrimônio dos arquivos nacionais.

Para discutir o que compreendemos por arquivos, é necessário entender a própria trajetória da construção do conhecimento arquivístico, um fenômeno relativamente recente, onde os contornos dessa disciplina do conhecimento humano – a arquivística, somente se tornaram perceptíveis com a urbanização das sociedades, com a formação dos estados nacionais e o conseqüente aumento das instituições públicas. As primeiras obras que estudaram temas relacionados com o material arquivístico e as tarefas de arquivos foram escritas, segundo Duranti (1995, p.2), por juristas do século XI.

Grande marco para o estudo dos arquivos se dá a partir da Revolução Francesa, em 1789, que representa uma nova fase na administração e concepção destes, e que, apesar de representar um grande avanço para a Arquivística, não representa a ruptura com o modelo de constituição dos arquivos como centrais do estado, segundo o modelo francês, centralizador, que foi copiado por outros países.

O fim dos arquivos medievais trazia à administração dos documentos de esferas administrativas um sistema orgânico de arquivos, e dessa forma, surge o arquivo nacional e com ele, os arquivos departamentais.

Esse fato culminou no decreto instituído em 25 de junho de 1794 na França, que estabelecia o direito de acesso aos documentos públicos, tornando-se uma declaração dos direitos da Arquivística. Enfim, o reconhecimento da importância dos documentos para a sociedade foi uma das grandes conquistas da Revolução Francesa.

Assim ocorreu em diversos países, ainda que por razões diferenciadas, até que em 1838 foi criado o *Public Record Act*, que formou o *Public Record Office*, tendo início o reconhecimento e preocupações historiográficas a respeito dos documentos de arquivo. (SCHELLENBERG, 2006, eBook, posição 358 a 425)

Nos Estados Unidos, cerca de 100 anos após a criação do *Public Record Office*, o governo americano criou o Arquivo Nacional, em 19 de junho de 1934, induzindo-o a cuidar melhor dos seus documentos públicos. (SCHELLENBERG, 2006)

No Brasil, durante a década de 1930, com a criação do Departamento de Arquivos do Serviço Público – Dasp, foi desenvolvido um projeto capaz de separar política e administração até fomentar-se a ações que pudessem se configurar em uma gênese de conhecimento arquivístico mais moderna, traduzidas em técnicas e práticas de

arquivologia, que o Brasil da Era Vargas detectou ser de suma necessidade à época. (SANTOS; RIBEIRO, 1993, p.102-135)

Paralelo à criação e atuação do Dasp, ocorreu a reforma da Biblioteca Nacional, o aperfeiçoamento de técnicos brasileiros nas universidades americanas e a criação do serviço nacional de catalogação cooperativa – fatores que contribuíram para o desenvolvimento da biblioteconomia a partir da década de 1940. (SANTOS & RIBEIRO, 1993, p.102-135)

3.2 Arquivos Modernos

No contexto do desenvolvimento da pesquisa, com o objetivo de verificar os documentos históricos e /ou administrativos, a que denominei de *possíveis achados* de uma instituição não-governamental luso-brasileira, localizada na cidade do Rio de Janeiro – Casa do Minho –, me atenho ao conceito de arquivos modernos, que traz um ponto de vista universal para a arquivística, mesmo que ainda necessite ser modificado em cada país, de acordo com suas necessidades peculiares e sua natureza, conforme Schellenberg,

“[...]é um conjunto de livros, papéis, mapas, fotografias ou outras espécies documentárias, independentemente de sua apresentação física ou características, expedidos ou recebidos por qualquer entidade pública ou privada no exercício de seus encargos ou funções de suas atividades, preservados por funcionários e ou sucessores assim designados, em virtude do valor informativo dos dados contidos neles.” (2006, eBook, posição 602).

Destacamos que Schellenberg (2006) relata a diferença conceitual, que muitas vezes se dá com relação à custódia, ou aos fins de criação e preservação. Reitera, no entanto, que os arquivos modernos existem em grande volume, e sendo ainda de origem complexa a sua criação, muitas vezes casual, torna-se infrutífera qualquer tentativa de controlar os documentos *per si*, ou seja, de seguir linhas imaculadas de custódia intacta. (2006, eBook, posição 566).

“[...] para arquivos modernos considera-se que os documentos são produzidos no curso normal de suas atividades e com objetivo de atender à instituição que as desempenha, o fato de não serem produzidos com a intenção de servir à posteridade, e sim de serem usados para quaisquer propósitos de futuro.” (RONDINELLI, 2013 In: SILVA, 2016).

Interessa-nos os arquivos do ponto de vista não somente do historiador, mas também do pesquisador acadêmico, nas relações que trazem esses documentos sujeitos às impressões e interpretações de uma cultura.

No que tange ao valor para pesquisadores de diversas áreas, há um alerta que, segundo Margareth Silva, está no fato de que a maioria dos documentos de arquivo com valor histórico encontram-se agrupados em conjuntos que, tomados como um todo, refletem as atividades de uma organização ou pessoa e/ou retratam eventos e condições cotidianas., confundidos, muitas vezes como arquivos administrativos. (2016, p.143-185)

Margareth Silva (2016) registra que o momento decisivo na história dos arquivos se refere à destruição dos arquivos reais da monarquia da França, em 1789, que pôs fim aos privilégios de todo o aparato jurídico e administrativo do Antigo Regime. (SILVA, 2016, p. 164-172). Fato este que tornou os documentos de entidades extintas patrimônios da nação, acessíveis ao público e que determinou a distinção entre os arquivos administrativos e históricos, reconhecendo a importância da preservação de documentos de entidades extintas às futuras gerações, enquanto que os documentos de entidades vigentes e ativas foram considerados documentos administrativos e poderiam ser recebidos por outras instituições ou por grupos de pessoas físicas, independentemente da natureza de seu suporte.

No entanto, a função simbólica permaneceu, representando o lugar, onde um passado comum poderia ser encontrado, de forma a justificar o presente compartilhado, o que acabou por confiar aos cuidados de pesquisadores o título de arquivistas, após a transferência de materiais para o chamado arquivo histórico.

Margareth Silva (2016, p., 170-171) ressalta ainda que a influência da visão da historiografia sobre os arquivos predominou por longo período na Europa até a Segunda Guerra Mundial, e que somente na segunda metade do Século XX há um esclarecimento sobre o conceito de arquivo em busca da definição de elementos essenciais, e da identificação de um conjunto de documentos, de modo a diferenciá-los de outros materiais similares.

Dois elementos merecem atenção ao se considerar os arquivos modernos: fatores concretos (tangíveis) e fatores abstratos (intangíveis). Os primeiros se referem à forma, à fonte de origem, ao lugar de conservação, que podem ser percebidos de diversas maneiras e oriundos de fontes diversas, e guardados em lugares diferentes. (SCHELLENBERG, 2006, eBook, posição 529)

E o segundo, documentos intangíveis ou abstratos são, por assim dizer, os elementos essenciais – a intenção, a razão pela qual os materiais foram produzidos e acumulados –, já que para os documentos serem considerados arquivos devem ser criados e acumulados com algum objetivo. (SILVA,2016, p. 143-185)

Havendo qualidade dos documentos, intenção e uso de outrem devem ser considerados arquivos, e conformes os autores citados, Schellenberg (2006) e Margareth Silva (2016), *o arquivista moderno se interessa pela qualidade dos documentos que recebe, e busca sua integridade e preservação* (grifo meu), e o valor da prova material dos arquivos modernos se baseia na forma pela qual os documentos foram mantidos nas instituições, sejam públicas, privadas, comunitárias, e não simplesmente no sistema pelo qual eram controlados, *per si*, na instituição. SCHELLENBERG, 2006, eBook, posição 575-576 apud In: SILVA, 2016)

3.2.1A custódia em arquivos modernos

Com relação à custódia dos arquivos modernos, temos que supor neutralidade e imutabilidade desses arquivos: a ideia de que ele está ligado ao fato, à origem de um fato; a ideia de que ele representa *mimeticamente* um acontecimento do passado, que é colocada em xeque por uma série de pensadores da atualidade.

A esse respeito, Margareth Souza em *O arquivo e o lugar* apresenta um conceito mais amplo, a partir do crescimento das pesquisas históricas, de que os documentos de arquivos, geralmente os permanentes, devem estar localizados junto às universidades ou a centros culturais, facilitando, assim, o acesso a seus típicos usuários, pois neles a pesquisa está disponível a todos. (SILVA, 2016, p.13-31)

Nesse sentido, apontamos Michel Foucault, ao dizer que *é* principalmente a partir da revisão da função dos documentos de arquivos que a mutação dos paradigmas da história se torna possível:

“o documento não é mais para a história essa matéria inerte através da qual tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado, e o que deixa apenas rastros: mas procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações. Há no documento uma materialidade (textos, narrativas, registros, atas, regulamentos, costumes etc.). (FOUCAULT, 2008, p.12).

Indo ao encontro dos materiais investigados na minha pesquisa, na lente de interpretações dos autores descritos, a visão dos arquivos modernos de Schellenberg (2006) abrigam documentos resultantes de uma função ou atividade, de forma atualizada

e, sendo mantidos como comprovantes, preferencialmente organizados, evitam repetições muitas vezes desnecessárias de experiências, diminuindo a duplicidade de trabalho e informações, revelando-se melhor o que pode ser feito a partir de então, pensando-se em resultados acessíveis para fontes de pesquisa em todos os ramos oficiais ou privados.

Porém, ao finalizar este item, recorro mais uma vez a Derrida, a partir de uma afirmativa em formato de reflexão,

“Dispor de um conceito, ter segurança sobre seu tema, é supor uma herança fechada e a garantia selada de alguma maneira por essa herança. Certamente a palavra e a noção de arquivo parecem, em uma primeira abordagem, apontar para o passado, remeter aos índices da memória consignada, lembrar a fidelidade da tradição[...]. Ao mesmo tempo, mais do que uma coisa do passado, antes dela, o arquivo deveria pôr em questão, a chegada do futuro. E, se não dispomos ainda de um conceito confiável, dado, unificado do arquivo, não é sem dúvida uma insuficiência puramente conceitual, teórica, epistemológica, na ordem das disciplinas múltiplas e específicas; não é por falta de elucidação suficiente em alguns campos circunscritos: arqueologia, bibliografia, documentografia, filologia e historiografia. (DERRIDA, 2001, p. 47-49)

Há ainda questões a respeito da memória atuar como arquivos, que serão abordadas no capítulo 4 - Casa do Minho, ao registrarmos as entrevistas coletadas e a observação-participante do pesquisador.

3.3 Importância dos Arquivos e Características

Quando Schellenberg publica em 1956 sua obra *Arquivos Modernos*, o autor vai tratar na Parte Segunda – *Da administração dos arquivos correntes* – de várias faces dessa gestão. Refiro-me ao tratamento dos arquivos correntes como fonte de pesquisa acadêmica, o que o autor considera fundamental, trazendo o assunto mais próximo dos pesquisadores: não somente quanto aos arquivos permanentes no trato dessas pesquisas, mas também aos arquivos correntes, utilizados na gestão, que podem ter fins administrativos, legais ou fiscais, ou ainda servirem como entendimento e fonte para temas mais subjetivos em instituições que são investigadas na Academia. (SCHELLENBERG, 2006)

Conforme Menne-Haritz¹⁰, a conceituação de arquivo mudou ao longo da história, em conformidade com as mudanças políticas e culturais que as sociedades ocidentais

¹⁰ A autora possui estudos que apontam para o surgimento dos documentos eletrônicos como o evento que permitiu ao arquivista entender aquilo que o motiva a avaliar os documentos: não são mais os problemas

viveram. Para tanto, os arquivos são reflexos da sociedade que o produzem, e dessa forma, o modo de interpretá-los acompanham as mudanças. O autor aponta o surgimento dos documentos eletrônicos postos como o evento que permitiu ao arquivista entender qual o motivo para avaliar os documentos – não se trata mais de espaços e custos para armazenamento. (MENNE-HARITZ, 1994 apud RODRIGUES, 2006)

Conjugados a esse pensamento, Rousseau e Couture (1994, p.284) registram que não há uma conceituação de arquivo que seja definitiva. Os autores citados têm definido arquivo como “um conjunto de informações, e não somente como um conjunto de documentos”, e dessa forma defendem uma arquivística integrada, onde os arquivistas não são vistos como meros guardiões da memória histórica e institucional; antes, participam, ativamente, na produção documental, intervindo com ações para a racionalização da informação, seus fluxos e processos.

A informação é, em geral, um elemento fundamental para o funcionamento e desenvolvimento de qualquer organização e, por essa razão, deve ser gerida de forma eficaz, podendo ser produzida ou recebida em decorrência de uma atividade administrativa ou de um processo de trabalho. Esse tipo de informação, cujos autores consideram informação arquivística, vai dar origem aos arquivos ou documentos de arquivos de uma entidade como a Casa do Minho e se inserem na conceituação dos arquivos modernos de Schellenberg (2006).

Da mesma forma, Schellenberg (2006) e Silva (2016) tratam o conceito de arquivos modernos como documentos criados no curso de atividades com o objetivo de atender à missão de uma instituição, organização pública ou privada.

Considerando os arquivos templos modernos, como templos de atividades e de memória onde acontece o contato entre a sociedade e os documentos, sejam de um passado recente ou distante, podemos dizer que esses documentos registram um espaço de reivindicação da cidadania.

Como características dos arquivos, merece importância a qualidade dos documentos tanto para a sua própria conceituação como para sua utilização. Trata-se de qualidades desejadas, porém não determinantes. São elas: unicidade – cumulatividade – organicidade – imparcialidade e autenticidade.

Em linhas gerais, essas cinco características se referem a especificidades dos materiais de arquivo e nem todas foram encontradas com relação aos arquivos desta tese.

de espaço ou de custo para o armazenamento, mas sim a redundância das informações, declarando que não há uma conceituação de arquivo atualmente que seja definitiva.

Os documentos duplicados e dentro de um mesmo arquivo, ou mesmo o acúmulo de conteúdo em arquivos diferentes, gera muitas vezes cumulatividade e falta de organicidade no fluxo das ações que criam sua produção.

Destacamos a imparcialidade e a autenticidade que, respectivamente, nos leva a pensar na natureza das atividades de uma determinada instituição, e nas escolhas por determinados documentos e na veracidade do conteúdo.

Reconhecidas essas características, é importante ressaltar que na investigação e desenvolvimento da pesquisa, trabalhando com arquivos de uma associação privada, de uma casa luso-brasileira, nem todas essas características foram contempladas, e os materiais encontram-se agrupados em função das suas atividades de acordo com a missão e a produção da entidade, sem categorias específicas, havendo inclusive duplicidade de documentos.

Quanto a esse aspecto, Rodrigues (2005) discute o tratamento dos documentos arquivísticos, de uma maneira geral, públicos ou privados, como

“arquivos/materiais de arquivo que conservam registros de ações e de fatos como prova da gestão que os produziu, dos quais são produtos naturais. [...] o arquivo se forma por um processo de acumulação natural, o que significa dizer que tem o atributo especial de ser um conjunto orgânico e estruturado, onde seu conteúdo e significado só podem ser compreendidos na medida em que se possa ligar o documento ao seu contexto mais amplo de produção, às origens funcionais”. (RODRIGUES, 2005, p. 5 apud In: RODRIGUES, 2006, p.102-117).

Suas investigações servem de referência para os arquivos em entidades privadas, observando-se que, muitas vezes, estes são montados e organizados como documentos ativos e inativos, misturados a outros documentos possíveis de eliminação, e ainda a outros registros que não seriam propriamente considerados arquivos por serem produzidos ou recebidos fora do quadro das missões de uma organização. (SOUSA, 2003, p.258 In: RODRIGUES, 2006, p 102-117).

Muitas instituições privadas não dispõem de um ambiente adequado para os arquivos nem tampouco de uma biblioteca, e o método empregado oscila entre a fragmentação dos assuntos e o arquivamento por espécie documental. E, assim, os documentos são tratados individualmente e organizados em conjunto de interrelações.

Particularmente na Casa do Minho podemos nos deparar com a falta de ambiente e de método adequados em que a organização desses documentos se fundamenta no empirismo e na improvisação, havendo, muitas vezes, duplicidade de conteúdo.

Conforme Rousseau e Couture, os arquivos são fundamentais ao conhecimento, à divulgação e à manutenção das instituições:

“Qualquer organização, independentemente da sua dimensão, missão ou esfera de atividade, tem necessidade de recursos para existir, funcionar adequadamente e se desenvolver. Neste sentido, a informação constitui uma mercadoria tão vital para a empresa quanto os recursos humanos, materiais ou financeiros, sem os quais ela não conseguiria viver. Como qualquer outro recurso, a informação deve ser gerida eficazmente, o que necessita de um reconhecimento oficial da empresa, e até de uma formalização estrutural que vá tão longe quanto a que é geralmente concedida aos outros recursos.” (1994, p.63)

3.3.1 Arquivos sem muros – conceitos contemporâneos

O material encontrado no ambiente da pesquisa – Casa do Minho instigou a procura de conceitos contemporâneos sobre os arquivos, que vêm sendo debatida por teóricos sob diversas perspectivas, principalmente nas relações com os meios digitais, com a arte e com a cultura, de um modo mais amplo.

A linguagem contemporânea – muitas vezes se apresenta incorporada a um processo de desmaterialização das práticas conceituais empreendidas a partir dos anos 1970, das hibridações no campo da linguagem e da incorporação da dimensão do tempo e do processo em seu fazer. O fato trouxe questionamentos não somente em relação às questões simbólicas e ao entendimento que tínhamos sobre a arte, mas também indagações sobre o resgate dos arquivos artísticos para a construção de outras narrativas no campo da história da Arte e no campo Arquivo.

Essa linguagem contemporânea – tratada como linguagem das tecnologias virtuais vem aumentando sensivelmente o número de documentos em suportes informáticos [...]. Normalmente, eles não são considerados documentos de arquivo, apesar de terem sido produzidos ou recebidos no quadro das funções e das atividades dos órgãos. Permanecem, geralmente, nos setores que os acumularam. Em alguns casos, recebem a denominação de técnicos e são enviados a bibliotecas e a centros de documentação, quando assim requisitarem. (RODRIGUES, 2006, p. 102-117).

A bem da verdade, o uso da Internet, desde finais do século XX, com propósitos para fins arquivísticos, principalmente em instituições de menores portes, que geralmente não dispõem de um financeiro estável, nem de um quadro permanente de funcionários, tem trazido uma outra configuração para o arquivo: estabelecer com o meio virtual uma

linha de conhecimento, de divulgação, de interesses sociais e culturais e de compartilhamento.

Luciana Duranti é categórica ao definir como componente digital um objeto que pode conter o todo ou parte de um documento, mas que exige métodos mínimos de preservação, identificados por fidedignidade – como declaração de um fato; autenticidade – não ter sido alterado ou corrompido, a partir do princípio teórico de que a autenticidade acompanha o documento enquanto este existir – ele é de fato o que parece ser; e integridade – é o poder de prova dos documentos. (1997, p. 213-218)

Na pesquisa, não nos cabe aprofundar questões relacionadas a processos arquivísticos digitais na forma de um entendimento em sistemas digitais e tecnológicos. No entanto, no que prioriza a gestão de documentos, especialmente aos sistemas de classificação e arquivamento, registramos que esse processo se inicia no momento da produção deste material, seja na elaboração ou no recebimento – condições necessárias para que a entidade de preservação os receba sob uma custódia que possa estar inserida em uma página de rede social, ou em um *site*, ou uma plataforma, onde o custodiante deve ser quem o produziu e deve constar tal autoria e preservação, seja jurídica ou física.

Na Casa do Minho encontramos uma equipe pequena formada de um fotógrafo, contratado pela casa, e de um jovem membro da associação que são responsáveis pelo conteúdo transmitido nas redes sociais: instagram e facebook (texto, imagens e vídeos), que foram descritos nos capítulos 4 e 5 (p. 62 a 199)

Sem dúvida, Margareth Silva (2016, p. 197-214) nos coloca a questão da produção em larga escala de documentos arquivísticos na era digital, tanto por empresas públicas como privadas, merecedora atualmente de grandes esclarecimentos.

Os itens abordados neste capítulo foram apontados sob o ponto de vista de autores que trazem como fundamentação teórica registros e estudos que se relacionam aos tipos de materiais de arquivos encontrados na pesquisa desenvolvida nos acervos musicais da Casa do Minho.

3.4 – Tipos de Arquivos Utilizados na Pesquisa

Os arquivos utilizados na pesquisa referem-se à abordagem quali-quantitativa, quando se fez necessária a triangulação dessas fontes que denominamos de eixos da pesquisa, para atender ao desenvolvimento da tese, de acordo com a linha de pesquisa.

3.4.1 Periódicos como fonte de arquivos

Trabalhar academicamente com dados de periódicos, trazidos na relação da imprensa com a sociedade, já é fato disseminado nos ambientes das pesquisas, compreendido entre os trabalhos acadêmicos relacionados às Artes, às Ciências Humanas e Sociais, a partir da modernidade de um mundo atual, globalizado e distanciado de um tempo que por outrora colocava na imprensa algum tipo de dúvida no tratamento de suas fontes.

De acordo com Robert Darnton, a imprensa tanto constitui memórias de um tempo, em que apresenta visões distintas de um mesmo fato, como serve de fundamentos para pensar e repensar a História, quanto desponta como agente histórico que intervém nos processos e episódios e não mais como um simples elemento do acontecimento. (1990, p. 70-97)

A explosão do mundo dos periódicos já tem sido objeto de reflexão por autores na Academia, e por pesquisadores que trabalham com relatos históricos e documentais, do ponto de vista de um mapeamento da difusão desses impressos - sua receptividade, seu alcance nas representações e idealizações sociais. A imprensa transforma-se, de forma crescente em um suporte didático-pedagógico em ambientes acadêmicos. (DARNTON apud CRUZ & PEIXOTO, 2007, p.253-270).

Na configuração histórica assumida pela imprensa desde o século XIX, jornais e revistas atuam: (1) no fomento à adesão ou ao dissenso, mobilizando para a ação; (2) na articulação, divulgação e disseminação de projetos, ideias, valores e comportamentos; (3) na produção de referências homogêneas e cristalizadas para a memória social; (4) na repetição e naturalização do inusitado no cotidiano, produzindo o esquecimento; (5) no alinhamento da experiência vivida globalmente num mesmo tempo histórico na sua atividade de produção de informação de atualidade; (6) na formação de uma visão imediata de realidade e de mundo; (7) na formação do consumidor, funcionando como vitrine do mundo das mercadorias e produção das marcas. (CRUZ & PEIXOTO, 2007, p. 259 apud VIEIRA, L., 2013).

Trata-se, então, de ser a imprensa a linguagem característica do social, que detém historicidade e especificidades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa/sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe.

Ao pesquisador que utiliza como fonte documental os periódicos impressos expõe-se uma recomendação de tempo e de paciência; saber que vai enfrentar problemas de localização de coleções, acessibilidade e condições de consulta, qualidade do material disponibilizado eventualmente ainda existente; necessidade de montar categorias e organização, estratégias e guarda para a documentação, a escrita e a reprodução do material encontrado, além do compromisso ético e profissional quanto à preocupação na acessibilidade máxima possível ao material encontrado.(VIEIRA, Lucas, 2013)

Ao pesquisador cabe refletir sobre como determinada publicação se constitui com força histórica ativa num determinado momento, isto é, como se constitui como sujeito, como se coloca e atua em relação à correlação de forças naquela conjuntura, quem são seus aliados, amigos ou grupos mais próximos (?); quais grupos ou forças sociais são identificados como inimigos adversários ou forças de oposição (?) (CRUZ & PEIXOTO, 2007).

Para a construção da narrativa histórica é preciso ir além do conteúdo e da forma – levar em conta os diferentes propósitos, inserindo-se neles um contexto social, político, cultural, imerso nas matérias e/ou imagens do período em que foram criadas.

Um periódico prescreve, portanto, a análise circunstanciada do seu lugar de inserção, e delinea uma abordagem que faz dos impressos, de forma sincrônica, fonte e objeto de pesquisa historiográfica, rigorosamente inseridos em uma crítica competente. (CRUZ & PEIXOTO, 2007).

Partindo-se dos conceitos abordados, a tese registrou o caráter das informações impressas de cada um dos periódicos, procurando sentido para as publicações de fotos; para as manchetes e fontes de letras diferenciadas, que se anunciam como destaque; partes de cadernos e suplementos que anunciam uma diferenciação; seções diversas, editoriais, colunas específicas do assunto abordado, assim como as legendas em imagens que caracterizam movimentos e atualização da memória, tendo como objetivo reforçar e complementar a abordagem textual.

Segundo Bakhtin (1995), os discursos e suas análises passam a dar conta não do conteúdo das mensagens, mas das estratégias discursivas ligadas às relações de força de uma determinada conjuntura. Levando-se em conta que os discursos de uma determinada época histórica (principalmente os midiáticos) são espaços privilegiados onde se travam as lutas sociais, acredita-se que esse espaço seja o campo onde várias vozes disputam a hegemonia das representações.

Segundo o autor, “uma página de jornal é o reflexo vivo das contradições da realidade social no corte de um dia”. E a análise só tem sentido se permite ao analista dar conta de como se tecem nos discursos a teia de contradições, portanto só tem sentido quando se percebe o discurso como lugar de passagem de coisas que estão ocorrendo fora dele. (MACÁRIO, J, 2018, p. 21-27).

Os registros apresentados com relação aos periódicos como fontes de arquivos servem de subsídios para as análises feitas ao longo do Capítulo cinco, quando nos deparamos com uma imprensa fortalecida nas décadas de 1940 a 1970, proporcionalmente robusta por colunas e críticos, a despeito do que se vai assistir a partir da década de 1980.

A fundamentação teórica aqui mencionada serve de suporte e direção para o entendimento e descrição da análise dos dados, que vão trazer não somente os dados numéricos, mas as respectivas ocorrências relativas ao ambiente pesquisado, em maior ou menor número, possivelmente alinhados com a imprensa da época e com a relação entre os donos e colunistas de periódicos e a Casa do Minho (capítulo 5, p. 114).

A respeito dos periódicos utilizados como fontes de arquivos, o Quadro 2 (p.115), que se encontra no capítulo 5 – Coleta, Transcrição e Análise de Dados, (p.111) apresenta os vinte periódicos pesquisados, como o número de ocorrências registradas a respeito da casa do Minho, considerando-se o período por décadas, e o local (formatação da página) em se apresentam na edição do respectivo periódico estudado.

3.4.2 Documentos virtuais como fonte de arquivos

Fruto de uma linguagem pós-moderna e contemporânea, ao final do século XX nos deparamos com a chamada tecnologia da informação – TI, que modificou profundamente a vida das pessoas e das organizações, sejam elas governamentais ou não.

Segundo Margareth da Silva, em *O arquivo e o lugar* (2016), a partir da década de 1990, uma grande parcela de documentos produzidos tanto pela administração pública quanto privada passou a ser feita em ambiente eletrônico.

Sem dúvida, as facilidades e vantagens trazidas pela tecnologia trouxeram também novas dificuldades – ausência de procedimentos administrativos e arquivísticos na elaboração de tais documentos e a possibilidade de intervenções em arquivos não autorizadas, que podem ocasionar perda irremediável. (SILVA, 2016, p.187-267)

Pesquisas referentes a definições e conceitos sobre os documentos digitais, sobre o ciclo de vida, classificação, avaliação e destinação foram especialmente realizadas em países como o Reino Unido, Austrália e Estados Unidos e ainda estão sendo debatidas, pois novas ferramentas e meios digitais surgem frequentemente ao longo do século XXI.

Nos acervos musicais da pesquisa em questão, os documentos encontrados nas redes sociais, relacionados à Casa do Minho, constam de registros no Instagram, Facebook, Youtube, e de um site da Casa do Minho, que dialogam com as estratégias de coleta da metodologia da pesquisa qualitativa e documental, enquanto canais de acesso ao público que trazem a divulgação, as atividades culturais e sociais da casa, e apresentam-se como viés da pesquisa ao lado das narrativas, entrevistas e práticas musicais, descritas no capítulo quatro.

O diálogo apresentado com os tipos de arquivos da pesquisa são os eixos que compõem a triangulação utilizada para a metodologia, conforme abordado no capítulo 2—Metodologia e Revisão da Literatura. (p.24).

3.4.3. Práticas musicais e *performance* como fonte de arquivos

Outro eixo da pesquisa diz respeito às práticas musicais, à *performance* e aos chamados arquivos vivos.

Segundo Priscila Arantes (2013), os arquivos vivos referem-se às produções artísticas, onde muitos projetos são desenvolvidos a partir de uma modalidade de material de arquivos, que inserem o arquivo no próprio tecido corporal de suas obras/composições etc, ou seja, a pesquisa traz o entendimento do arquivo como um processo vivo, lacunar, sintomático que implica naturalmente em abrir possibilidades: (1) arquivo como documentos e obras; (2) arquivo como corpo e corpo como arquivo, entendido como marcas, processos de produção e incorporação; (3) arquivos de um artista, de uma instituição e/ou banco de dados, ou seja, incluem-se projetos pessoais, de um grupo e institucionais privados.

Diana Taylor corrobora com o conceito, mas apresenta em *O arquivo e o repertório* uma indagação a respeito da *performance*, que sendo algo efêmero, seria algo que desaparece ou persiste, diante de uma transmissão por meio de um sistema não-arquival, ao qual a autora denomina de “repertório”. (TAYLOR, 2013, p. 25-28)

Para a autora, a *performance* está sob um entendimento de uma lente metodológica, vista como uma epistemologia, um modo de conhecer e de transmitir

conhecimento. Nesse sentido, a *performance* está no corpo, e tem raízes na Antropologia e no Teatro, e vista como repertório insere-se como documentos de arquivos. (TAYLOR, 2013)

Recorro à autora, já que diante dos acervos da Casa do Minho, as práticas de cultura da música e *performance* estão inseridas nos registros de ensaios e nas apresentações ao vivo do folclore e do fado, que somadas à observação-participante do pesquisador, dão lugar a um conceito similar ao repertório de Diana Taylor (2013).

Esclarecendo, utilizo-me da *performance* como a realização de algo que, conforme Richard Schechner (2006), ao ser experienciado “registra e marca uma identidade, de forma atemporal, remodela e adorna o corpo, conta histórias, pois são os resultados de experiências vividas e ensaiadas, geralmente por um grupo de pessoas”. (SCHECHNER, 2006, p. 28-51)

Para Schechner, a *performance* é um comportamento reiterado – um comportamento que se vive – que pode existir em dois patamares: no primeiro, constitui-se em objeto/processo de análise próprio dos estudos, ou seja, nas práticas e eventos – danças, teatro, ritual etc que envolvem ensaios, comportamentos e gestos organizados; em um segundo patamar constituiu-se em uma lente metodológica, através da qual os pesquisadores analisam esses eventos como *performances*. (SCHECHNER, 2006, p. 28-51)

Para Taylor (2013, p. 121)

“a *performance*, de certa maneira, traz algo em comum com a matéria-prima de pesquisas etnográficas, originando-se dos comportamentos sociais, rituais, dramas ou outros sentimentos, explorando o uso da significação do gesto, do movimento e da linguagem corporal que os etnógrafos transformam em seu foco.”

Dessa forma, trago a fundamentação dos autores, relacionando-as com as práticas musicais observadas ao longo da pesquisa no desenvolvimento da tese: as *performances* postas em música, dança e canto, tidas como eventos em formato de ensaios e apresentações ao vivo; funcionam como “atos de transferência vitais, transmitindo conhecimento, memória e sentido de identidade social”. (Taylor, 2013, p.26-28)

Como práticas musicais estão sendo consideradas na pesquisa: as apresentações do fado em 2022, no Salão Nobre da Casa, no fado vadio que pude presenciar, em 2019 e 2023, no restaurante Costa Verde, e nos ensaios e apresentações do Rancho Folclórico Maria da Fonte e do Rancho Juvenil da Casa do Minho, ao longo de 2022, nas festas de Santoinho.

Segundo Schechner (2006), a transmissão incorporada nas práticas artísticas tem papel central na conservação da memória e até mesmo na consolidação de identidades letradas, semiletradas, digitais e orais, lembrando que nem todos chegam à cultura e à modernidade por meio da escrita.

3.4.4 Oralidade: entrevistas e narrativas em enunciados de arquivos

Falar de história, arquivo e memória pressupõe um ponto de partida paradoxal, tendo em vista que falamos de um começo sempre já começado, ou seja, uma origem que quase sempre já está historicamente determinada, ou conceituada. Falamos de um arquivo cujo conceito já faz parte de um arquivo, bem como de uma memória que pressupõe a si mesma como realidade. (SIMIONI, 2016, p.173-190)

No capítulo 2. Metodologia e Revisão da Literatura, e conforme o Mapa da Literatura (p. 23) fazemos referência ao eixo Música, Diáspora, Memória e Acolhimento, por entender que são temáticas presentes nos arquivos e que se relacionam com a pesquisa na Casa do Minho. Esse eixo, denominado de eixo das entrevistas orais e narrativas, traz aspectos subjetivos que compõem a estratégia da pesquisa qualitativa.

Os movimentos de diáspora presentes nos acervos musicais da Casa do Minho ecoam em uma música de acolhimento de culturas, em uma dimensão performativa, que traz gestos, comportamentos, letras e vozes arraigadas na memória de uma terra distante, no caso, Portugal, mas que também incorporam novos saberes de uma comunidade atual composta de imigrantes, descendentes e brasileiros, postas, por exemplo, nas letras improvisadas de chulas e viras do folclore do Minho.

Considerando a música um território de conciliação, as diferentes paisagens encontradas em diferentes países adotam repertórios, muitas vezes comuns nos diversos locais, mas com uma singularidade performática vista principalmente por parte dos músicos e cantadores, que nas relações Brasil e Portugal abrem novos espaços e acolhem até mesmo privilégios de uma imigração que no Brasil é singular. Segundo Susana Sardo (2013, p.55),

“[...] que lugar desempenha a música neste estado aparente de marginalidade que portugueses e brasileiros ocupam em cada um dos países na qualidade de imigrantes[...] fazendo-nos lembrar que o fluxo de portugueses para o Brasil, inicialmente, decidiu a primeira direção da viagem da música, juntamente com um conjunto de processos que ora se formavam por modelos e objetivos coloniais - com a música

trazida de Portugal, ora obtinham como resposta a reconfiguração do modelo imposto, transformando-o, reinventando-o, ressignificando-o”.

A autora se refere aos diversos gêneros como choro, maxixe, e samba, gêneros que surgiram inspirados de outros grupos instrumentais, advindos desse movimento intercultural e que eram formados a partir das bandas filarmônicas do século XIX.

Na pesquisa, reforço esse caminhar diaspórico, mas também criativo, que a música permitiu gerar um lugar de partilha e conciliação, sendo adotada entre os dois países - Brasil e Portugal.

Não somente através das observações das práticas musicais, mas também ao se trabalhar com narrativas e entrevistas que se transformam em relatos de enunciados, apontamos Foucault (1996, p. 166 apud SIMIONI, 2016) que afirma haver um *a priori* histórico que desempenha o papel de unidade nas disciplinas científicas. Esse *a priori* permite que toda uma massa de texto, sobre diversos assuntos, produzida em determinado tempo e espaço, possa ser organizada na forma do pertencimento a uma mesma formação discursiva.

Dessa forma, esse *a priori* histórico é mais do que uma identidade conceitual, pois constitui a “*condition de réalité*” para os enunciados. (FOUCAULT, 1996, p. 167 apud SIMIONI, 2016).

Trata-se de um pressuposto de realidade, de existência de algo que de fato aconteceu, algo que foi dito ou escrito, e a partir desse re-entender a história contada, se estabelece uma relação de diálogo ao tema apresentado na minha pesquisa.

Para o autor, esse sistema de discursividade que transforma o *a priori* histórico em fatos e coisas reais, constrói uma realidade histórica e se denomina arquivo. (FOUCAULT, 1996, p. 169 apud SIMIONI, 2016, p.173-190)

Como consequência, os arquivos podem trazer relatos de um passado, em uma discursividade que seleciona o que vai ser contado ou não, considerando uma “história”, mas também podem apresentar registros de memórias que se organizam em um processo social e psicossocial, capaz de organizar, simbolicamente, o universo das pessoas e de uma coletividade, sem tamanha linearidade. (BARROS; AMÉLIA, 2009, p. 55-61)

Esse é o aspecto que nos interessa na pesquisa, tendo em vista que, em um mundo contemporâneo a importância dos arquivos ganhou dimensões gigantescas, pois o desenvolvimento de conceitos presentes na sociedade da informação exige cada vez mais precisão nas informações ao público a que se destina. Esse lugar é visto como um lugar

em que a memória se torna participante de um processo de identidade e será entendida dessa forma na pesquisa desenvolvida.

Nessa compreensão, o arquivo adquire uma nova postura, não somente como guardião da memória, mas sobretudo, como um espaço de referência da produção do conhecimento, consagrando-se como um *locus* vivo, reafirmada em Terry Cook, “Os arquivos são templos modernos – templos da memória. Sejam performances, sejam coleções, sejam arquivos pessoais ou oficiais servem como monumentos às pessoas e às instituições”. (COOK, 1998, p. 148)

Os lugares de memória, apresentados em Nora (1993) enquanto arquivos, não têm seu espaço minimizado pela materialização. Na realidade correspondem ao material constituído de significados que se encontram num plano abstrato, subjetivo, propiciando a busca e o encontro por vestígios capazes de fomentar mudanças nas práticas sociais, mas também por estabelecerem relações de pertencimento e acolhimento a lugares transformados ou não mais habitados, mas que tonificam a preservação do simbólico.

Em uma compreensão de que memória é vida, e por isso, em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, a memória emerge de um grupo/coletividade/ de um pertencer que ela une. (NORA, 1993, p. 1-22)

As narrativas e entrevistas, tal qual os lugares de memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições. A narrativa contém em si força ímpar, pois é também instrumento de retenção do passado e, por consequência, suporte do poder do olhar da memória.

Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras as reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo - possuem a potencialidade de fazer viajar o ouvinte através da narrativa. Como fontes para construção do conhecimento histórico, seu potencial é inesgotável. Dessa forma, na coleta de dados secundários, portanto subjetivos, é preciso que o pesquisador esteja atento às reflexões do entrevistado e ao seu próprio olhar, para não incorporar as narrativas às experiências dos ouvintes.

Nas entrevistas orais realizadas na Casa do Minho, deparamo-nos com testemunhos, registros, silêncios, emoções resgatadas por uma lembrança.

Mesmo um lugar que aparentemente seja funcional, como um ensaio, que podemos exemplificar nos ensaios do folclore da Casa do Minho, pode conter, em suas observações e registros, aspectos simbólicos – e ser material, por seu próprio conteúdo. O aspecto funcional “cristaliza” a lembrança em sua transmissão; o aspecto simbólico,

caracteriza-se por um acontecimento, por uma experiência vivida por alguém ou por um número que deles não participou e *muitas vezes dialoga com o presente*. (NORA, 1993, p. 21-22) (grifo meu)

As entrevistas foram realizadas com o atual presidente da Casa, com membros do Rancho Folclórico Maria da Fonte, com a produtora artística do Rancho, com a secretária administrativa da Casa, com o músico de guitarra portuguesa, na apresentação do fado, com cantadeiras do folclore do Alto Minho e com brasileiros, frequentadores assíduos da Casa do Minho.

Concluindo este capítulo, as questões apresentadas foram fundamentais à temática arquivos, considerando-se aspectos desde a sua história, conceituação, importância e características até chegar-se aos arquivos utilizados na pesquisa, vistos como arquivos modernos, trazendo fundamentos teóricos para cada tipo de arquivos utilizados indicando os quatro eixos metodológicos da pesquisa, conforme apresentados no Capítulo 2 – Metodologia e Revisão da literatura.

No capítulo seguinte desenvolvemos o objeto em questão, onde se concretiza o ambiente da pesquisa sobre os acervos musicais em diáspora a partir de uma casa luso-brasileira – a Casa do Minho – e apresentamos documentos desde a sua fundação, trazendo uma trajetória não só histórica, mas cultural diante do que pudemos encontrar em registros do local.

4. A CASA DO MINHO

Este capítulo compreende a história da Casa do Minho e o desenvolvimento de suas atividades desde a fundação, em 1924, no Rio de Janeiro, como associação luso-brasileira. A partir da visita aos acervos e dos documentos de arquivo lá encontrados, buscamos resgatar memórias e relatar, por meio de uma pesquisa qualitativa, constituída de narrativas e entrevistas, e das práticas musicais existentes na associação.

Para melhor entendimento do leitor, no tocante aos motivos que levaram à fundação da Casa do Minho, assim como de outros estabelecimentos lusitanos, serão abordadas questões relativas à imigração portuguesa, de indivíduos atraídos, principalmente, por melhorias de trabalho e de vida.

Pretende-se registrar e analisar, a partir da chegada dos imigrantes portugueses, com o foco voltado para o início do século XX, a contar da década de 1930, o associativismo em uma casa luso-brasileira no Rio de Janeiro, considerando-se as perspectivas de agrupamento e coletividade dessa população migrante que, por sua vez, buscava adquirir capital social.

Como fundamentação teórica, trazemos Lená Medeiros de Menezes e Fernando de Souza (2017), com registros da obra *Brasil-Portugal: pontes para o Atlântico – múltiplos olhares sobre a e/imigração*, que narra profundamente a vida de protagonistas desse deslocamento na reconstrução da identidade, de aspectos sociais, culturais e afetivos.

A partir de Heloísa Paulo (2013), apontamos dados estatísticos e depoimentos de portugueses emigrantes no Brasil, sobretudo nas décadas de 1930 a 1960, período de um governo ditatorial implantado em Portugal, apresentando vínculos desses imigrantes com os núcleos portugueses em busca de uma adaptação à sociedade brasileira, envolvendo questões que passam desde as dificuldades à reação de autoridades brasileiras que pudessem facilitar as leis do país diante do recebimento de milhares de pessoas.

4.1 Imigração portuguesa no Brasil (eixo Rio - São Paulo)

O último quarto do século XIX colocaria em pauta a longa transição para o fim da escravidão e a necessidade de introduzir trabalhadores livres no Brasil, revelando-se claramente a opção por mão de obra europeia, conforme o ideal de branqueamento das

elites brasileiras, inspirado pelas teses científicas em voga na época. MENEZES; SOUZA, 2017, p. 14).

Dessa forma, a partir de 1889, os tempos republicanos trariam novos ares à cidade, ansiosa por vestir-se à europeia, e a adoção de trabalho livre seria facilitada pela entrada maciça de imigrantes europeus no período que ficou conhecido como Grande Imigração. (MENEZES; SOUSA, 2017, p.13-25).

No tocante à imigração portuguesa, pode-se verificar que o Estado brasileiro abriu seus portos ao livre acesso de quaisquer “indivíduos válidos e aptos para o trabalho, que não se achavam sujeitos à ação criminal do seu país, excetuados os indígenas da Ásia, ou da África” (BRASIL, 1890).

No período da virada do século XIX para o XX, a imigração no Brasil, majoritariamente subsidiada pelo governo e por particulares empresários, resultou na entrada de diferentes grupos europeus, destacando-se italianos, portugueses e espanhóis. Apesar das mais diversas origens, a capital federal – Rio de Janeiro tinha sua feição multiétnica subjugada pelo caráter predominante e majoritário da população lusitana. (MENEZES; SOUSA, 2017, p.13-25)

Somente a entrada de asiáticos e africanos iria requerer o aval e as condições dadas pelo Congresso Nacional, uma restrição revisada em 1907 por meio do Decreto-Lei nº 6.455, Título I, capítulo único, artigos 1 a 4, sobre as bases para o serviço de povoamento nacional, enquanto o fluxo de imigrantes portugueses beneficiados na política migratória, servia para reformar a etnia luso-brasileira e a afinidade ideológica entre os dois Estados Novos.

“Os argumentos usados eram o da importância do elemento português na formação do povo brasileiro, o sentido luso-brasileiro da formação histórica da nacionalidade, o poder de adaptação do luso, a identificação entre brasileiros e portugueses e a sua contribuição cultural.” (LOBO, 2001, p. 178).

Dessa forma, com a Resolução da Lei de Cotas, de 1934, os portugueses foram excluídos da cota de imigração válida aos outros imigrantes.

Conforme Lobo (2001), as leis brasileiras, regulamentadas pelos Decreto nº 4.247/1921, que permitia expulsar estrangeiros há menos de cinco anos no país se fossem nocivos à ordem pública, segurança nacional ou condenados por crimes como homicídio, roubo e estelionato, e pelo Decreto nº 16.761/1924, que dispunha que o imigrante deveria desembarcar portando “documentos devidamente autenticados que comprovassem sua boa conduta, bem como a respectiva carteira de identidade, com fotografia, indicação de

idade, nacionalidade, estado civil e profissão, impressões digitais e características pessoais”, criaram, na comunidade portuguesa, uma união e solidariedade entre seus compatriotas. (BRASIL, 1924, artigo 6º)

O fato é que, após a Independência do Brasil, no período compreendido entre 1822 e 1950 estima-se que mais de 1.200.000 portugueses chegaram ao Brasil, e estudos apontam que em torno de 80% desse quantitativo seriam da região norte de Portugal. (FONTES, 2014)

Tabela 1 – Entrada de imigrantes portugueses no Brasil

Até os anos de 1900	Até os anos 1945
332.293	855.373

Fonte: Simões, 1935 apud Lobo, 1994.

Por volta da década de 1920, tendo em vista a situação precária que fustigou milhares de portugueses, como a crise vinícola no norte de Portugal, o aumento do proletariado com a fragmentação da terra por uma lei de incentivo a minifúndios, e a abolição da escravidão no Brasil, fez aportar em terras brasileiras uma população com facilidades promovidas pelo idioma e pelas convicções religiosas. (MATOS; SOUSA; HECKER, 2008, p. 75-86)

Os portugueses que chegavam ao Brasil, em sua maioria, não tinham qualquer preparo profissional ou intelectual. Eram oriundos dos campos, o que os colocava em situações mais vulneráveis de trabalho, ou eram ainda entregues à própria sorte e até explorados pelos detentores de indústrias e comércio (PAULO, 2019)

A maior procura foi para o eixo Rio de Janeiro – São Paulo, passando pela cidade de Santos (SP), onde ganhou contornos mais específicos, por ser uma cidade de caráter portuário, lugar de travessia oceânica, como se o embarque à terra natal fosse mais fácil (TAVARES, In: VALENTE, 2008)

Somente no eixo Rio – São Paulo, na década de 1930, quando as associações luso-brasileiras estavam sendo construídas, estimava-se em torno de 312.955 portugueses imigrantes (SCOTT, 2000).

Em Portugal, a dificuldade de acesso à terra, a limitada oportunidade de trabalho urbano, em virtude do lento processo de instalação do capitalismo, a precária condição de vida e de saúde pública, o risco do serviço militar e os atrativos que uma nova terra

como o Brasil pareciam oferecer, faziam o emigrante ultrapassar os riscos da travessia do oceano: falta de higiene, falta de espaço e alimentação inadequada, os abusos dos agentes e companhias de engajamento nos preços do transporte e nos contratos de trabalho e a dificuldade no controle do cumprimento das leis e contratos no Brasil pelos cônsules portugueses. No caso da migração clandestina, os riscos e abusos ainda eram maiores (LOBO, 2001, p. 19).

Na virada do século XIX para o XX, os imigrantes, em sua maioria, eram homens solteiros, e casados desacompanhados, saídos, sobretudo, de áreas rurais ao norte do País – regiões de Braga, Porto e Viseu rumo ao eixo São Paulo-Rio de Janeiro, este último, então distrito federal, maior polo comercial, bancário e das nascentes indústrias que aportaram no Brasil. “No seu país, eram expropriados; no Brasil, viam a venda da sua força de trabalho como elemento que lhes permitiria poupar e acumular”. (RIBEIRO, 1990, p. 17).

A ideia do português bom e trabalhador, apesar de dosada com a repressão e com os que foram expulsos do seu país por discordâncias ideológicas, que reivindicavam por melhores condições de vida, deu impulso para empreenderem seus próprios negócios. (TAVARES, In: VALENTE, 2008)

A princípio, no primeiro quarto do século XX, chegaram agricultores e operários agrícolas. Mais tarde, aportaram os trabalhadores e proprietários do setor terciário – comerciantes, alfaiates, barbeiros etc. E, em volume menor, do setor secundário, especialmente operários. Os profissionais liberais e artistas eram muito raros. (SERRÃO, 1982)

Conforme Serrão (1982, p. 132) pode-se afirmar que “o grosso de tal emigração – em torno de 75% pelo menos – era constituído por indivíduos populares de condição humilde, paupérrimos e incultos, analfabetos na sua maioria”. Porém, gradativamente, o perfil do migrante ia modificando, pois os subsídios atraíram a maior parte das famílias instaladas no Brasil.

Muitos fatores contribuíram para a emigração ser favorecida em Portugal, e apesar da crise mundial econômica após 1929, que chegou a atravessar o governo de Getúlio Vargas no Brasil, a Grande Depressão não conseguiu impulsionar uma política anti-imigratória (PAULO, 2019)

Registra-se que, na fase do Golpe Militar, em Portugal, período de 1926 a 1933, que impôs o Governo daquele país a uma ditadura por 48 anos, com Antônio Salazar no poder, e mais tarde, quando da aprovação das constituições de 1933 e 1937 no Brasil, a

emigração tornara-se cada vez mais espontânea e natural, sem exigências de experiência profissional.

O uso da língua comum também foi um fator que favoreceu o emprego desses imigrantes em profissões de contato com o público de um modo geral, como comerciantes, condutores em transportes, sapateiros e carpinteiros. (COSTA LEITE, 2000).

Trazidos por oportunidades de novas terras, e movidos pela necessidade de mão-de-obra, os imigrantes desta primeira metade do século XX buscavam a garantia de serviços, acrescidos por uma cronologia histórica que se estendeu até o término da Segunda Guerra Mundial.

No entanto, por volta da década de 1950, os portugueses, em sua maioria, saíam de seu país em famílias completas, com elevada percentagem de mulheres e crianças. E apesar de esperarem por uma vida dura, ainda assim julgavam-na melhor do que as poucas ofertas em Portugal naquela época, o que se confirma em registros das décadas de 1940 e 1950, quando o Brasil recebeu cerca de 903.000 emigrantes portugueses de forma legalizada. (PAULO, 2019)

4.1.1 Crises políticas – censuras e preconceitos culturais no século X

Importante destacar para a pesquisa que, logo nas primeiras décadas do século XX, a situação política em Portugal não era das mais favoráveis à população menos privilegiada, já que um dos traços fundamentais do governo ditador era o corporativismo. Os portugueses estavam sendo expropriados. O regime assumia uma postura antiparlamentar, e enfraquecia a Assembleia Nacional, que passava a não mais intermediar os trabalhadores e patrões, postura que significou o esvaziamento dos sindicatos profissionais como órgãos de representação de classes trabalhadoras.

Por outro lado, as imagens do Brasil eram vendidas em propagandas, com exageros e inverdades: “Vendia-se uma imagem do Brasil como novo Eldorado, onde as oportunidades de fácil e rápido enriquecimento exerciam um fascínio irresistível, principalmente entre aqueles a quem todas as portas de acesso a uma vida melhor haviam-se fechado” (SILVA, 1991, p. 206).

4.1.2 Na cultura e na música

Um dos recortes da pesquisa diz respeito ao fado. No governo do ditador português Antônio Salazar, cravado de censuras e preconceitos, havia certa hostilidade quanto ao gênero musical. Isso ocorria por tratar-se de música popular urbana, principalmente cantada em Lisboa, cultuada pelos povos que habitavam à marginalidade e que, durante todos os 48 anos de ditadura, precisaram calar-se e mutar-se diversas vezes, conforme nos aponta Alberto Franco em *As guerras do fado* (2019).

Com repertório em letras censuradas, com as casas de fado sendo fechadas ao longo desse período, as mutações sofridas pelo gênero musical fizeram com que este se reinventasse.

Somente após a Revolução dos Cravos, em abril de 1974, que pôs fim ao período da ditadura em Portugal, pudemos observar sua nova trajetória musical e social, após certo silenciamento, o que também aconteceu no Brasil.

No Rio de Janeiro, em um período de 1930 a 1980 o fado, visto como música portuguesa, estrangeira, recebia aplausos, tendo sido bastante divulgado em restaurantes da cidade e nas associações luso-brasileiras. Após esse período, em meados da década de 1980 foi gradualmente deixando lacunas na cultura musical do Brasil, quando muitos estabelecimentos fecharam, por razões econômicas, entre outras (MATARAZZO, 2014).

No início do século XX, o fado que aparecia nos teatros musicados permitiu, ao longo do século, adaptações que vão atender a um público mais diversificado, sobretudo no período entreguerras, passando, inclusive, pelo crivo da mídia (VALENTE, 2008, p.233-292).

Neste capítulo, ao falarmos dos acervos musicais da Casa do Minho, além do folclore do Minho, o fado será apontado, pois tem sido um dos gêneros musicais escolhidos com bastante frequência, nesta associação luso-brasileira, trazendo relações de luso-brasilidade e acolhimento.

Trazemos ainda Heloísa Valente (2008), ao apontar em *Saudades de Portugal no Brasil ou... fado, uma canção viajante*, referências ao gênero musical fado, em sua vocação nômade, e sua autotransformação, que convergem à própria vida dos imigrantes portugueses que procuraram se adaptar às ofertas do novo mundo: Brasil, o que traz, de certa forma, similaridade entre a vida cotidiana desta população e a música.

Quanto ao folclore, presença marcante desde a década de 1950 até os dias atuais nas associações luso-brasileiras, este será abordado nas investigações em arquivos musicais da Casa do Minho. Os projetos de luso-brasilidade trazidos pelo folclore, promovidos por políticos e intelectuais das duas nacionalidades, sempre procuraram

fortalecer as relações entre os dois países, quer por conjunturas de conflitos ou interesses em níveis internacionais.

Dessa forma, a música popular portuguesa no Brasil pode ser compreendida através das atividades culturais promovidas pelas associações portuguesas e luso-brasileiras existentes no estado do Rio de Janeiro. A difusão, a apreciação e o consumo do fado entre as décadas de 1950 e 1970 na cidade do Rio de Janeiro revelam uma prática musical característica, organizada pelas associações e grupos de pessoas, relacionadas muitas vezes com a própria família, imigrantes e descendentes. (BOSCARINO, 2011, p.99-106)

O fato é que a partir da década de 1930, “aconteceu uma reaproximação entre as duas nações, a partir do momento em que ambos os países entraram em processos políticos, ideológicos e governativos internos similares” [...] com os dois Estados Novos, de António Salazar, em Portugal, e de Getúlio Vargas, no Brasil, surge uma nova postura perante a ordem mundial, cujas pesquisas revelam o quanto a representatividade musical pode ter significado nessa postura. (SANTOS & AMORIM, 2010, p. 127)

Assim, para o Portugal de Salazar, o Brasil representava uma constante na sua política externa, desde sempre percebido como um prolongamento da matriz cultural lusa, procurando consagrar-se na ideia do luso-brasileiro uma aliança natural entre as nações. Nesse novo cenário, as comunidades emigrantes portuguesas se multiplicaram até meados do século XX e tentavam se acomodar na cidade por meio de laços de convívio e sociabilidade. MENEZES; SOUZA, 2017, p. 137-139)

4.2 As Casas lusitanas: associações luso-brasileiras

Em um contexto social e histórico, a imagem do emigrante há muito habita o imaginário da sociedade portuguesa. No século XIX, quase sempre, o português, recém-chegado de Portugal e considerado brasileiro era visto como burguês rico e rude, ou dito: com dinheiro e com “pouca cultura”. (PAULO, 2019, posição 89-117)

Conforme Heloísa Paulo, no século XX, a figura do imigrante, sobretudo aquele que embarca para o Brasil, é colorida com outras tintas. O imigrante, o “brasileiro”, fora de Portugal, não passa do “portuga” ou do “galego”, sobretudo na figura dos romances de Ferreira de Castro (2014, apud SIVI, 2018, p. 65-68), como “um homem perdido, frustrado, sem rumo nas áreas urbanas de São Paulo ou nas selvas do norte do Brasil”.

Na atualidade, de forma menos acintosa, sua imagem, porém, continua sendo marcada de forma marginal. E representa, na literatura, um tipo avarento e sem muitos escrúpulos. Já no cotidiano, é muitas vezes visto como “burro de carga”, pronto para o trabalho a qualquer hora, de sol a sol para amealhar fortuna e voltar à sua terra de origem (PAULO, 2019, posição 87-117).

A lusofobia, conforme aponta Mendes (2011.p.30) esteve presente no Brasil e se instalou por mais de um século desde o Primeiro Reinado até o fim da Primeira República, mesmo em estado de latência, veiculando-se a preconceitos, a “galhofas” e atos de hostilidade cotidiana.

Por conta dessa situação, alguns imigrantes portugueses, que já haviam chegado ao Brasil em anos anteriores e com uma realidade um pouco melhor financeiramente, lançaram a ideia de formar grupos das várias províncias lusitanas no Brasil e se agruparem em sociedades civis, cujo objetivo era esclarecer e reivindicar direitos e contar com assistências e amparos, movidos pelo desejo de preservação da identidade e da memória.

Em uma perspectiva histórico-cultural, com foco em espaços comuns de encontros sociais e assistenciais, as associações, de um modo geral, teriam como objetivo a manutenção das identidades portuguesas entre imigrantes e seus descendentes e entre a população brasileira, que se abrigava através da prática associativa. No caso dos portugueses imigrantes, parece que apenas se diferem dos demais por falarem a mesma língua do país de acolhimento, apesar de se manterem em um grupo próprio, dotado de senso associativo.

Conforme ressalta Heloísa Paulo em sua obra *Salazar no Brasil – a colônia portuguesa no Brasil e o salazarismo (1928-1960)*, “pesquisar a colônia portuguesa no Brasil como um todo é trabalhar num grande palheiro de agulhas perdidas”. (2019, Uma Nota, posição 3-4).

Em geral, as associações luso-brasileiras possuem os arquivos em desalinho, quando os possuem. A preocupação fundamental das instituições é com os sócios, com o momento presente, e isso acaba por reduzir as informações a fichas de pessoas com alguns dados mais importantes, chamados dados primários, como a morada da família, número de pessoas em convívio familiar, para envio de cotas a serem pagas ou para oferecer algum tipo de auxílio.

Segundo Heloísa Paulo (2019, eBook, posição 3-6), as atas de diretoria revelam pouco, pois reproduzem modelos de informações gerais sobre o andamento das finanças, sobre as atividades comemorativas, o que já é coberto por periódicos de imprensa, e

atualmente por sites e redes sociais, principalmente, com relação às atividades culturais e sociais.

Vale registrar que a colônia portuguesa se esmerou na busca de redes de solidariedade, de forma que tinham à disposição na imprensa das décadas de 1930 até 2010, a produção de periódicos de diferentes formatos, que circulavam pelo Brasil, como destacamos: O Lusitano, Alma Portuguesa, União Portuguesa, O Luso, A Voz de Portugal, Portugal em Foco, Pátria Portuguesa e outros. Geralmente, nesses periódicos, além das notícias de Portugal (alvo maior do desejo do imigrante), o leitor tinha conhecimento de notícias locais e convites diversos, nos quais a comunidade era acionada para a realização de festividades musicais, religiosas, esportivas, principalmente. (ver anexos 9 e 10 – descrição de fotos, placas, folhetos e periódicos coletados dos acervos da Casa do Minho).

Os periódicos lusitanos também tinham a finalidade de traçar constantes mobilizações em prol dos carentes e desvalidos, para quem foram pensadas as sociedades caritativas e repatriadas.

Registra-se a presença marcante da figura feminina, vista de forma muito favorável e que, de certa forma, impulsionou às ações de benemerência e assistência, como a formação da Casa de Saúde da Sociedade Beneficente Portuguesa, em São Paulo, e a Casa de Portugal, no Rio de Janeiro. (MENEZES; SOUZA, 2017, p.137-162)

No tocante às fontes impressas no Brasil, o conhecimento das instituições revela-se em jornais, revistas e folhetos, e a maioria delas podem ser encontradas em consulta à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, pelos meios tradicionais de leitura ou em versão digitalizada, na Hemeroteca, conforme constam nesta tese nos capítulos 5. Coleção, Coleta, Transcrição e Análise dos Dados e 6. Considerações Finais (p 111 e p. 237)

Segundo Heloísa Paulo, a maioria das consultas dos jornais que compreendem o período entre 1989 e 1991, após a inundação no depósito da Biblioteca Nacional em 1995, teve seu acesso dificultado. A coleção de periódicos foi parcialmente danificada, em especial com relação às décadas de 1945 a 1960 – caso do periódico *A Voz de Portugal*, e de jornais brasileiros como O Globo, no período de 1930 a 1950.

Fora isso, ainda havia jornais como o *Brasil-Portugal*, disponível para consulta no início dos anos oitenta e que, atualmente, devido ao avançado estado de deterioração, se encontra fora do alcance dos pesquisadores (PAULO, 2019, eBook, posição 10-13).

Esse conjunto de dificuldades de acesso à pesquisa por colônias portuguesas no Brasil permite, muitas vezes, recorrer a recortes temporais e a recursos orais, por meio de

um caminho de arquivo obtido em entrevistas e depoimentos (PAULO,2019, eBook, posição 10-13).

Segundo YIN (2016, p. 98-114), no caso dos registros coletados de forma oral, os testemunhos servem de apoio à informação documentada e, de certa forma, auxiliam a lente do pesquisador, que, na pesquisa qualitativa, deve se colocar da forma mais imparcial possível.

Em particular, as associações portuguesas fundadas no final do século XIX e início do século XX foram instituições criadas com objetivos específicos, mas que reuniam, sobretudo, o desejo de ajuda mútua, além da preservação e da divulgação da cultura do “ser português”¹¹ (FONTES, 2014 *apud* OLIVEIRA, 2014, p. 11-12).

Observa-se através de documentos impressos e de narrativas, duas orientações a respeito das associações criadas pelos portugueses que no Brasil chegaram: relações de atendimento à saúde e ao estabelecimento do comércio, principalmente. Nota-se também que, na área de saúde, os hospitais de origem portuguesa prosperaram e acompanharam o desenvolvimento das tecnologias. No Brasil, temos como bons exemplos a Beneficência Portuguesa e a Casa de Portugal, ambas no Rio de Janeiro.

Também ascenderam a Câmara de Comércio Portuguesa, que buscou atrair os imigrantes e, desde 2008, os auxilia na inserção no mercado de trabalho, além de associações desportistas, como o Clube Vasco da Gama, visando à união das duas comunidades: brasileira e portuguesa.

O caráter beneficente das casas lusitanas estava também no suporte financeiro, e o caráter cultural se mantinha com o objetivo de difundir a literatura, a música, a gastronomia, a religiosidade e o zelo na preservação do idioma. (Livro *Minho Rei*, 2004)¹².

Quanto à possibilidade da existência de arquivos pessoais, devemos lembrar que fazer a história da emigração e do exílio é, por vezes, trabalhar com personagens distantes – avós, parentes etc. – e considerar que alguns já partiram e deixaram pouco ou nenhum rastro (PAULO, 2019, eBook, posição 38-45).

¹¹ Ser português – traz em si um processo de aculturação em que sobressaem indícios de uma identidade portuguesa, como uma carga herdada no sentimento genuíno da saudade, que é representativo de uma angústia coletiva lusa, encontrada nas prosas e poesias desde Fernando Pessoa e na visão de Pascoaes, que nos esclarece sobre uma memória coletiva que emerge pela literatura e guarda raízes, plangente e melancólica, como a que se faz brotar, por exemplo, no gênero musical fado. (“Eduardo Lourenço: Teixeira de Pascoaes e a saudade”, *apud* SILVESTRE, 2015).

¹² O livro *Minho Rei*, de edição única de 2005, em distribuição privada da Casa do Minho, conta os 80 anos da Casa, de 1924 a 2004, tendo editado e distribuído a governantes, diplomatas, membros da embaixada, a amigos e membros da Casa e a jornalistas e pesquisadores.

O pouco gosto pela documentação acrescido da falta de expectativas de que este conteúdo viesse se “tornar história”, visto com desapego ao passado pela sociedade brasileira, fez e faz ainda com que os emigrantes/exilados e seus familiares, tal como acontece nas associações, não possuam grandes registros de suas histórias enquanto membros engajados naquela instituição (PAULO, 2019, eBook, posição 40-45).

Muito do que é transmitido na Casa do Minho se dá através da oralidade, incluindo-se as músicas e danças do folclore do Alto Minho, parte do acervo musical.
(grifo meu)

4.3 Casa do Minho – fundação e trajetória

Tendo o estado de São Paulo, a princípio, recebido a maior parte de imigrantes portugueses, foi particularmente no Rio de Janeiro, que a comunidade se tornou mais unida. Essa união foi possível graças ao espírito colaborativo da comunidade portuguesa emigrante, que encontrava uma rede coletiva e solidária nessa cidade, principalmente nas relações de pertencimento e identidade (PAULO, 2019, cap.2).

No estado do Rio de Janeiro, temos, atualmente, 27 associações luso-brasileiras, considerando-se o Real Gabinete Português de Leitura, Liceu Literário Português do Rio de Janeiro, a Real e Benemérita Sociedade Portuguesa Caixa de Socorros D. Pedro V, a Câmara Portuguesa de Comércio e Indústria do Rio de Janeiro e o Hospital Casa de Portugal. Somados os estados de São Paulo, a cidade de Santos e o estado do Rio de Janeiro, contamos com 96 associações luso-brasileiras. (ver Anexo 4)

Importante destacar que as informações coletadas pelos documentos da Casa do Minho, no que diz respeito à sua fundação e à sua trajetória, estão particularmente registradas em dois livros: 1) *Minho Rei: o sucesso de brava gente*, editado em 2004; e (2) *A jornada do grupo português que valoriza a cultura Minhota no Brasil desde 1954*, que registra a criação e as atividades do Rancho Folclórico Maria da Fonte, da Casa Minho do Rio de Janeiro, escrito por um jornalista e editado em 2019.

Na cidade do Rio de Janeiro, o Centro do Minho, que se transformou, posteriormente, em Casa do Minho, a princípio não possuía sede própria e fazia suas primeiras reuniões, no ano de sua fundação, em 1924, em outros centros lusitanos localizados no centro do Rio de Janeiro. Administrativamente, os registros em atas de reuniões de assembleias ordinárias e extraordinárias constam em periódicos da época.

A diretoria tinha como foco prestar assistência aos imigrantes e ao povo português, de diferentes formas. Tanto assim que, após a fundação da Casa do Minho, em 8 de março de 1924, formou-se uma nova comissão, em caráter de urgência, pelos idos de 1926, dos Presidentes das Associações Musicais Portuguesas no Rio de Janeiro, presidida pelo Clube dos Fenianos, quando decidiram sobre a realização de uma festa na Quinta da Boa Vista, em benefício das vítimas do Faial.¹³

Verifica-se, em registros, que, na década de 1920, a comunidade portuguesa no Brasil passava por dificuldades. Além de a situação econômica precária mundial fustigar milhares de portugueses que aportaram em terras brasileiras, os imigrantes que chegavam ao Brasil eram, em sua maioria, explorados em serviços de mão de obra, tanto no comércio quanto na indústria, que começaram a formar um movimento mais esclarecedor de direitos e de sentimento humanitário entre portugueses e brasileiros junto ao empresariado e a parlamentares das duas nações (Minho Rei, 2004)

Além disso, é importante ressaltar que, em Lisboa, no ano de 1905, tiveram início as primeiras “casas regionais”, clubes nos quais os imigrantes se encontravam para confraternização, acolhidos por eventos comemorativos e festejos típicos das regiões a que pertenciam. (OLIVEIRA, 2014, p. 11)

Esse movimento fomentou as associações no Brasil e acabou por lançar a ideia de várias províncias portuguesas se agruparem em sociedades civis no Brasil, onde pudessem reivindicar direitos e contar com um mínimo de amparo.

Dessa forma, começaram a surgir os Centros Regionais que, a princípio, estariam associados a uma entidade superior, chamada Casa de Portugal, o que aconteceu no Rio de Janeiro, por um período curto, e na cidade de São Paulo.

No Rio de Janeiro, assim que os jornais da colônia portuguesa registravam convocações, aconteciam reuniões para formar os centros regionais: nascia o centro Duriense, o Centro Transmontano, o Centro Algarvio, Estremenho, Beirão e Madeirense, todos de imigrantes oriundos dessas regiões de Portugal.

Em 1924, um grupo de minhotos (oriundos da Região do Minho, no norte de Portugal) liderado por um padre católico natural da região de Monção, padre Maximiano Barreiros, fizeram convite em forma de convocação para que os filhos da Província do Minho comparecessem à Rua República do Peru nº 8, no Centro do Rio de Janeiro, no

¹³ Faial – região situada no grupo central do Arquipélago dos Açores. O local foi atingido por um sismo de grande intensidade no ano de 1926 (FREITAS, Avelino. *Uma descrição do Faial*, 1988).

segundo andar (onde se reuniam provisoriamente), às 20h30, a fim de “acordarem na forma porque se deveria organizar a futura ‘Casa do Minho’”. (Minho Rei, 2004)

Vale registrar que, em 1924, ao se fundar a Casa do Minho, calculava-se existir no Rio de Janeiro – então Distrito Federal, aproximadamente, trinta mil minhotos. (Minho Rei, 2004, p. 41)

O Centro Transmontano, proveniente da província de Trás-os-Montes, trouxe ainda a ideia de fundar a Casa de Portugal, projeto que se concretizou, em São Paulo, no ano de 1935, posterior à fundação da Casa do Minho. Tratava-se de um projeto igualmente audacioso, que trazia uma composição de delegações especiais das províncias legalmente organizadas e a legalização de questões financeiras, de saúde e de educação entre os portugueses migrantes; já no Rio de Janeiro, a Casa de Portugal entrou em funcionamento como hospital.

Para a fundação da Casa do Minho, na cidade do Rio de Janeiro, aconteceram vários atos e discussões a respeito da organização. Uma dessas discussões dizia respeito à relação da associação com ideologias políticas, cujo objetivo fundamental se pautava em “valorizar os ideais da política e cultura regional do Minho e de Portugal, ou melhor, o objetivo era promover no Rio de Janeiro tudo o que o Minho produzia: artes, incluindo-se danças, música, pintura, comércio, indústria, agricultura”. (Minho Rei, 2004, p. 14)

No mês de março de 1924, o Centro Transmontano – àquela época, instalado no Rio de Janeiro –, apresentou projeto de fundação datado e assinado no qual daria apoio e condições para que a Casa do Minho fosse uma associação comercial, cultural e digna de respeito e apreço e preservasse, principalmente, a cultura portuguesa e da região do Minho, já que a maior parte dos imigrantes que chegaram ao Rio de Janeiro eram do norte de Portugal. (Minho Rei, 2004, p.14)

Essa decisão ocorreu no dia 8 de março de 1924, tendo sido considerada, até os dias atuais, a data de fundação e aniversário da Casa do Minho. Em 14 de abril daquele mesmo ano, a associação já trazia, em sua terceira reunião, as finalidades de um futuro estatuto da Casa: (1) congregar os filhos do Minho e seus descendentes; (2) manter uma caixa beneficente; (3) manter um posto médico; (4) apoiar e assistir juridicamente, se necessário; (5) fundar escolas e prestar apoio em atividades culturais e esportistas; (6) organizar biblioteca; (7) manter, através de divulgação e canais de propaganda, a Província do Minho, com permanente exposição dos produtos da região; (8) organizar comemorações, homenagens e sugerir festas em datas comemorativas à região, tornando-se mais íntimas as relações entre os comprovincianos.

Primeiro estatuto e primeira sede¹⁴

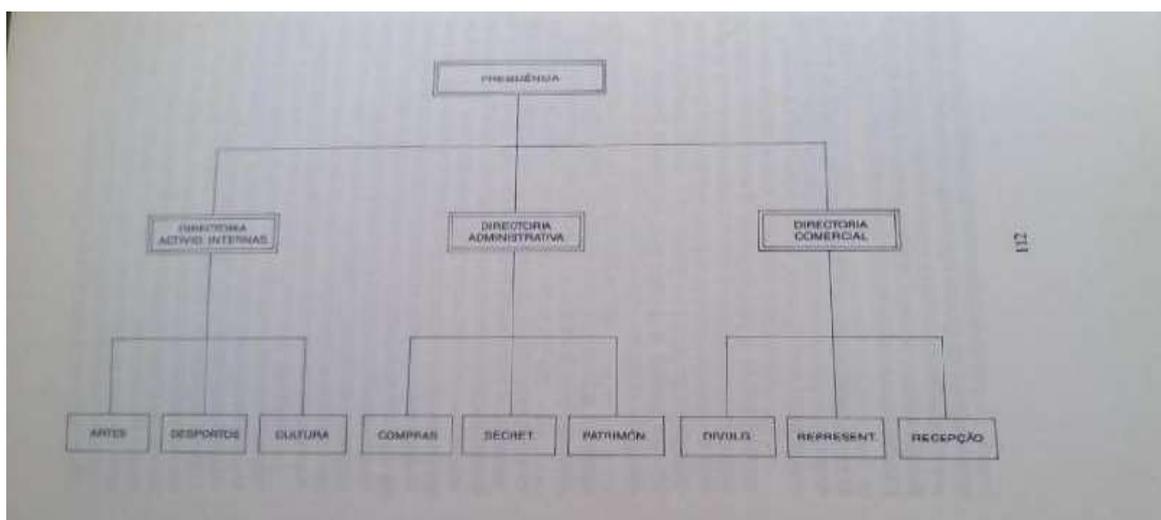
O primeiro estatuto da Casa do Minho, aprovado em abril de 1929, trazia em seu Capítulo VII – A nossa carteira de informações: “rezava que se organizaria uma carteira (registro) em que relevantes serviços seriam prestados ao comércio e aos particulares da nossa região.” Ou seja, os associados tinham o dever de trazer ao conhecimento do presidente da Casa as informações comerciais e particulares sobre os filhos da Província do Minho, ainda que fossem sócios, cujo objetivo era de organizar, estatisticamente, um cadastro o mais próximo da exatidão, já que muitas dessas pessoas, os familiares desconheciam o seu paradeiro, quando da chegada no Brasil. (Minho Rei, 2004, p.41-60)

Ressalta-se no Estatuto de 1929 o seguinte teor, onde se constataram mudanças:

No Capítulo II – dos Sócios – Art. 7º– Podem ser sócios efetivos os cidadãos moralmente idôneos que sejam minhotos, por nascimento ou adoção. Lia-se por adoção quem lá residisse por longa permanência, mesmo que fossem nascidos de outra região, e ainda os nascidos fora dessas regiões, mas com pais minhotos, e respectivas esposas, qualquer que fosse sua nacionalidade de origem.

Verifica-se, no estatuto atual, mudança nesse capítulo e artigo. Atualmente, tanto portugueses quanto descendentes e brasileiros natos podem fazer parte do quadro de sócios (Anexo 8 –Estatuto da Casa do Minho, em seu capítulo III, artigo 5º).

Figura 2 – Organograma da Casa do Minho desde a década de 1930



Fonte: Secretaria da Casa do Minho

¹⁴ O estatuto completo e atualizado da Casa do Minho consta no Anexo 8.

Com a formação do Conselho Deliberativo, instituído em 1929, os assuntos eram decididos em assembleia geral com voto de associados.

Importante salientar, conforme os registros do livro *Minho Rei – o sucesso de brava gente* (2004), que a ideia inicial era formar-se centros regionais que, juntos, comporiam a Casa de Portugal; ideia essa que não foi adiante, pois os centros foram desfeitos por insuficiência de recursos. Apenas o Centro Transmontano e a Casa do Minho, apesar dos altos gastos, readquiriram seu poder econômico.

Com certa “saúde financeira”, a Casa do Minho contribuía em auxílio das famílias mais necessitadas, havendo muitos pedidos de sócios que chegavam aos diretores. No entanto, o ano de 1928 contou com expressivo número de auxílios financeiros às famílias portuguesas imigrantes, e a situação da Casa do Minho tornou-se bastante difícil, sendo necessário solicitar ajuda a instituições financeiras.

A Casa de Portugal no Rio de Janeiro, àquela época, que tinha por missão abrigar os demais centros citados anteriormente, estava aderindo à prestação de auxílios em depósitos; contudo, nem todos os centros tinham o mesmo número de sócios, e nem tampouco a mesma situação econômico-social de seus membros em sociedade.

Diante dessa situação, o projeto inicial de formação da Casa de Portugal no Rio de Janeiro não foi constituído. Somente anos mais tarde, a Casa de Portugal, ao ter uma própria autonomia, dedicou-se à construção de um hospital e seguiu com essa missão de atendimento hospitalar, como funciona até hoje.

Dessa forma, depois de diversas reuniões, o presidente da Casa do Minho, ainda com a denominação de Centro do Minho, na época, Sr. Ilídio Nunes, manteve o objetivo de tornar a Casa do Minho autônoma, ou seja, desligar-se dos auxílios prestados à Casa de Portugal, e no final do ano de 1929 anuncia a compra do terreno na Rua Conselheiro Josino, número 22, Esplanada do Senado, adquirida pelo preço de 41 contos de réis.

Em 2 de junho de 1930 foi então lançada a pedra fundamental da futura sede própria, com a presença de ilustres personalidades do governo e empresários de Portugal e do Brasil. No ano de 1933, com um número significativo de sócios contribuintes, poderiam ser iniciadas as obras para a construção da sede própria. (Minho Rei, 2004, p.51-54)

Formada a Junta Autônoma para a construção da nova sede, o presidente e demais membros da associação enumeraram assuntos emergenciais, como recursos financeiros à população mais humilde, e iniciaram a promoção de espetáculos, alguns com

patrocinadores, “em favor dos desprotegidos da sorte, fossem sócios ou não, portugueses ou brasileiros”. (Minho Rei, 2004 p. 14-17)

Figura 3 – Primeira sede da Casa do Minho, 1936, na Rua Conselheiro Josino.



Fonte: Livro Minho Rei, 2004

Figura 4 – Obras de construção Casa do Minho no Cosme Velho, década de 1960.



Fonte: Livro Minho Rei, 2004.

Figura 5 – A sede já construída (ano de 1967)



Fonte: *Minho Rei - o sucesso de brava gente*, 2004. Foto de 1960.

Símbolos da bandeira

No ano de sua inauguração, em 1924, nova reunião foi realizada, no mês de novembro, para decidir sobre os símbolos e a bandeira a ser utilizada pela Casa do Minho que, conforme a imagem, assim descrita por seu autor, Sr. Frutuoso Pereira Ramos:

“O quadrilátero de fundo branco com uma faixa vermelha em diagonal; são duas as cores da bandeira da primeira caravela portuguesa que aportou às terras de Santa Cruz. Com isso quer se prestar homenagem à terra onde vivêssemos em nossa própria pátria. O branco representa a pureza, lealdade e amor, e o vermelho diz respeito ao sangue derramado pelos portugueses pelo mundo. Ao centro, a esfera armilar representa o mundo terrestre em seu constante movimento, simbolizando as atividades dos minhotos. Já o verde reafirma a alegria e a esperança. A cruz foi, é e sempre será o emblema máximo da heroicidade da raça. Ao centro, os brasões das três cidades do Minho: Braga, Guimarães e Viana do Castelo.” (Minho Rei, 2004, p. 16)

Figura 6 – Bandeira da Casa do Minho



Fonte: Livro Minho Rei, 2004

Vale ressaltar informações que constam no livro *Minho Rei – o sucesso de brava gente*, quando pelos idos de 1929, questões locais agravaram a economia mundial, e a Casa do Minho fez convênio com o restaurante *Garota de Fafe*, no Centro do Rio de Janeiro, a fim de fornecer refeições diárias a homens, mulheres e crianças dessa comunidade. Em poucos dias, a sede do Minho se transformou em um albergue, fator que trouxe visibilidade ao governo português, concedendo, por intermédio do Consulado no Brasil, mais de 600 repatriações. (Minho Rei, 2004, p.17)

Para tanto, coube à Casa do Minho organizar toda a documentação para as repatriações, e arcar com despesas e custos de documentação e de passagens a repatriados.

Segundo registros do livro *Minho Rei – o sucesso de brava gente*, a Casa do Minho “abriu as portas aos imigrantes portugueses, e auxiliou no sustento dessas pessoas. Dessa forma, prestava serviços à comunidade e fazia cumprir seu dever”. (Minho Rei, 2004, p.17)

Considerando-se aspectos históricos, desde a independência do Brasil, quando o português passou a ser estrangeiro, um certo antagonismo aparecia veladamente. Decretos e outras disposições restringiam as atividades dos cidadãos portugueses em funções públicas. As associações caracterizadas como regionalistas ou nacionalistas portuguesas

sofreram o reverso: foi proibido, em seus quadros diretivos, cidadãos brasileiros. Mas na Casa do Minho era permitido ingressar, no quadro social, não somente cidadãos do Minho, mas de outras regiões de Portugal, assim como descendentes, o que com o passar dos tempos foi alterado. Atualmente se permite o ingresso de brasileiros natos.

Mesmo passando por momentos de insegurança financeira, após sua fundação, a Casa do Minho sempre conseguia se erguer, através não só da contribuição de sócios, mas também do aluguel de espaços para realização de atividades culturais, conforme podemos observar nas fontes em documentos de periódicos do Rio de Janeiro.

Na década de 1950 assistimos a um número grande de festas em homenagens aos Concelhos do Minho. Para cada solenidade, convidava-se uma personalidade ilustre da região do concelho, com direito a discurso, seguido geralmente de baile.

Porém, na década de 1950, Portugal mantinha-se em ascensão econômica e a colônia não precisava mais de serviços e auxílios, deixando a Casa do Minho do Rio de Janeiro praticamente em uma “onda de marasmo” – com uma situação financeira sólida, patrimonial e superávits. (Minho Rei, 2004, p. 21-22)

Conforme registros, reuniões de diretoria foram realizadas a partir de então, para tratar da ideia de uma nova sede para a Casa do Minho, visto que, com o aumento de suas atividades, necessitava de mais espaço para seus propósitos culturais, musicais e sociais, de um modo geral. (Minho Rei, 2004)

Além disso, o espaço em que estavam localizados, na Rua Conselheiro Josino, nº 22, havia sido declarado, pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, necessário à expansão de um Hospital de Oncologia, que está em funcionamento até os dias atuais, nos arredores da Praça Cruz Vermelha, no Centro do Rio de Janeiro.

Uma questão a ser considerada, é o fato de que a Prefeitura queria comprar o espaço, porém, o governador do Estado do Rio de Janeiro à época, Sr. Carlos Lacerda, ao visitar a Casa do Minho, “considerou um absurdo o valor estipulado”, muito abaixo do que representava o valor estipulado para aquisição do imóvel, considerando que a oferta não iria cobrir nem os gastos do mármore que revestia o corredor da entrada. Assim, a Casa do Minho sentiu-se aliviada, pois não veria o seu imóvel desapropriado por um valor venal. (Minho Rei, 2004, p. 24)

Após acordos, adquiriu-se um imóvel para a Casa do Minho ter sua segunda sede, na Rua Cosme Velho, nº 60, no bairro de Laranjeiras, onde está localizada e atuante até os dias atuais, conforme a figura abaixo.

Figura 7 – Fachada da Casa do Minho, com estátua de D. Afonso Henriques, em foto de 2020.



Fonte: Foto elaborada pela autora em 2023.

A presidência e a vice-presidência da Casa do Minho mantêm suas gestões de mandato, por meio de eleição a cada três anos. Nos primeiros anos, adquiriu-se mobiliário, moderno e funcional, que atendessem às atividades e perspectivas de funcionamento do espaço, por meio de aquisição e ofertas também de membros/sócios da Casa e empresários.

Vale registrar que, nas eleições de 1962, um assunto polêmico já debatido em reuniões anteriores retornou à pauta: como a nacionalização da Casa do Minho levou à admissão de sócios brasileiros em plena igualdade com os sócios portugueses.

Entretanto, como o Decreto-lei nº 383, de abril de 1938, do governo brasileiro, trazia em sua ementa “Veda a estrangeiros a atividade política no Brasil e dá outras providências”, impediam-se quaisquer tipos de ideologias e ações políticas nas instituições estrangeiras. Dessa forma, a Casa do Minho procurou manter seu caráter luso-brasileiro e sua missão originária no sentido de promover a cultura e a província do Minho e Portugal, mas passando a oferecer, a partir das eleições de 1962, outros tipos de cultura e de assistência não somente a portugueses imigrantes.

4.4 Retalhos da história e da cultura na Casa do Minho

Nos acervos da Casa do Minho, encontram-se dois livros, folhetos, boletins, e edições de periódicos portugueses, considerados materiais de arquivo pela Secretaria e que registram alguns eventos musicais e culturais.

A Casa, durante as primeiras décadas de existência, organizava eventos de temas literários, promovidos em festas e homenagens à arte, à poesia, à música, ao teatro, em um contexto que fizesse relação com o passado e o presente de Portugal, e da cultura luso-brasileira dos imigrantes.

Dessa forma, eram trazidos à Casa do Minho no Rio de Janeiro, personagens ilustres do Liceu Literário Português, do teatro português como Gil Vicente (registros em diversos periódicos do Rio de Janeiro, que serão analisados no capítulo 5 – Coleta, Transcrição e Análise de Dados, e podem ser encontrados em acervos impressos da Casa).

Nas décadas que seguiram aos anos de 1960 e 1970, os bailes contavam com orquestras portuguesas e cantadores de fado, em apresentações intercaladas com orquestras brasileiras. A partir da década de 1960, encontramos registros da presença da cultura brasileira, com orquestras e cantores da MPB de forma expressiva na Casa do Minho. (ver capítulo 5, item 5.1.1 análise de periódicos como fonte de arquivos, p.164).

Nessa mesma década, alguns diretores da Casa se destacaram por promover projetos sociais e, na ânsia de reerguer ainda mais as atividades culturais e musicais, transformaram a “monótona” Casa do Minho beneficente em uma pujante Casa do Minho social, cultural, recreativa, contudo, sem abdicar de sua finalidade maior no auxílio daqueles imigrantes que necessitassem. (Minho Rei, 2004, p.20-21)

Com a construção do terceiro andar, na sede, o térreo passou a ser alugado a uma firma comercial e o valor dessa renda mantinha a instituição sem a dependência de mensalidades de seus associados.

Nessa época, por volta das décadas de 1950, 1960 e 1970, surgiram várias iniciativas de academias de dança, música, escola de esportes para crianças e jovens, que tiveram suas trajetórias. E nessa mesma ocasião, com a finalidade de transformar a Casa do Minho, cada vez mais, em uma sociedade luso-brasileira, onde liderava o movimento cultural pela acolhida aos imigrantes, aos apaixonados pela cultura luso-brasileira com outros tipos de folclore como o da região do Rio Grande do Sul, surgiram pessoas da área cultural, brasileiros e portugueses, como a fadista Maria Alcina, que também mantinha um programa semanal na Rádio Vera Cruz, e um produtor cultural português, Sr. Antônio Pedreira, que teve a iniciativa de criar um Rancho Folclórico na Casa do Minho, que será abordado como acervo musical neste capítulo, a seguir, no item 3.5.1.

De um modo geral, nas casas regionais, os imigrantes e seus descendentes procuraram manter os costumes e as tradições de sua terra de origem, através de

celebrações festivas, quase sempre de cunho religioso católico que aqui era reproduzido em procissão e arraial, tal qual nas aldeias do norte de Portugal. (PAULO, 2019)

Por conta dessa reprodução da tradição, se fizeram necessárias bandas de música que pudessem conduzir a procissão e animar o arraial com músicas típicas de Portugal.

As bandas de música, chamadas pelos membros da Casa do Minho de tocata¹⁵, têm importância fundamental no cotidiano da sociedade portuguesa até os dias atuais, já que muitos dos imigrantes que vieram para o Brasil no século XX eram músicos.

Interessante ressaltar, conforme aponta Nogueira (2010), que muitas bandas filarmônicas portuguesas nasceram da necessidade de abrilhantar as festas religiosas, que também guardavam um lado profano em suas danças. O povo passou a admirar os músicos que tocavam nas bandas e coretos do arraial (formato circular), entoando composições de caráter popular, principalmente. Durante muitas décadas, a hierarquia católica foi impulsionadora das festas e, indiretamente, o maior patrocinador das bandas filarmônicas. (NOGUEIRA, 2010, p.28)

Podemos verificar, de acordo com o estatuto e missão da Casa do Minho, registros de datas, comemorações e feriados santos, que têm sido representados desde sua inauguração até os dias atuais, com a presença da tocata.

Também o dia da Padroeira da Casa – Nossa Senhora do Sameiro, em 29 de agosto é bastante festejado, com a presença de membros ilustres e do coral da Casa do Minho.

4.5 Acervos da Casa do Minho

Com o início das atividades desta pesquisa na Casa do Minho, consideramos o acervo documental muito precário, sem organicidade e composto, atualmente, de poucos conteúdos, já que muitos documentos se perderam ao longo das gestões, conforme palavras de membros da própria diretoria atual do espaço. Por esse motivo, foram realizadas, como estratégia da pesquisa qualitativa, entrevistas orais em métodos de narrativas com o presidente da Casa e coordenadores, e entrevistas semiestruturadas em

¹⁵ Os membros do Rancho Folclórico da Casa do Minho, remetem à origem das tocatas na região de Vila Verde, no Minho. As tocatas são originalmente formadas por concertina, cavaquinho, viola braguesa, violão, flauta de cana, reque-reque, ferrinhos e bombo. Dentro desses instrumentos tradicionais, temos ainda aqueles se constituem os grupos Zé Pereira, principalmente com as gaitas de fole, grandes bombos e as caixas, que na Casa do Minho do Rio de Janeiro são tradicionais nas apresentações das Quintas de Santoinho. Geralmente são acompanhadas de gigantones e cabeçudos.

forma de questionário, para os demais participantes da pesquisa (anexos 2 e 3 – questionários da pesquisa).

A partir do material coletado, propomos entender os arquivos da Casa do Minho como um “lugar de memória”, de acordo com os conceitos do historiador Pierre Nora, o qual afirma que “mesmo um lugar de aparência material, como um depósito, um armário ou uma estante, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica” (NORA, 1993, p. 21-22).

Mesmo um lugar que aparentemente seja funcional, como uma aula, um ensaio, um testemunho, contém aspectos simbólicos – material, por seu próprio conteúdo, e funcional, por cristalizar a lembrança em sua transmissão; representa o simbólico, por caracterizar-se em um acontecimento, por uma experiência vivida por alguém ou por um número de pessoas que dele não participou. (NORA, 1993, p. 21-22)

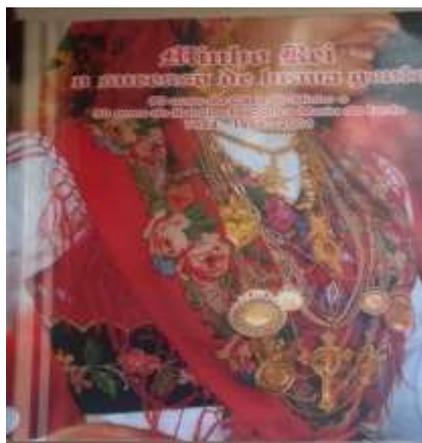
Materiais de arquivo encontrados, em livros:

- *Minho rei – o sucesso de brava gente*, de 2004 (sem autoria, apenas com listagem de equipe de colaboradores e edição única e distribuição restrita).
- *Rancho Folclórico Maria da Fonte – a jornada do grupo português que valoriza a cultura minhota desde 1954*, escrito pelo jornalista Igor Lopes, em edição única, e distribuição restrita.

Registra-se que, de junho de 1966 até agosto de 1977, a Casa do Minho publicou um informativo intitulado *O Minhoto*, em formato de revista, de periodicidade mensal. Também a partir da década de 1980, foram publicados boletins, porém sem periodicidade, em que apareciam programações da casa, atos decididos pela diretoria em assembleia, atividades social, desportiva e cultural.

Quando a casa completou 80 anos, em 2004, no ensejo do então presidente Agostinho dos Santos, foi publicada um livro comemorativo com conteúdo histórico e informativo⁷

. Figura 8 – Livro *Minho Rei – sucesso de brava gente*, 2004.



Fonte: Secretaria da Casa do Minho

Figura 9 – Livro *Rancho Folclórico Maria da Fonte*, editado em 2019 por Igor Lopes, edição única.

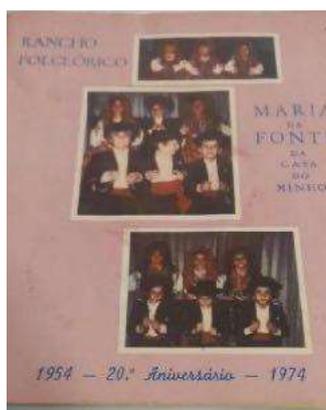


Fonte: secretaria da Casa do Minho

Desse material, tivemos acesso aos dois livros acima mencionados e a imagens, fotos, placas, certificados e documentos em jornais e periódicos como: *Portugal em Foco*, *A Voz de Portugal* e *Jornal Os Lusíadas*.

Nos registros, pudemos acessar o livreto, em formato de revista, intitulado *Rancho Folclórico Maria da Fonte – 20 anos*, com fotos e imagens sobre o Rancho, rituais, músicas e danças, elaborado para homenagear a passagem dos 20 anos do Rancho em 1974. Desse material, a pesquisa desenvolvida teve acesso aos dois livros acima mencionados e a imagens, fotos, placas, certificados e documentos em jornais e periódicos como: *Portugal em Foco*, *A Voz de Portugal* e *Jornal Os Lusíadas*.

Figura 10 – Fotos do acervo impresso. Livro em edição única RFMF, 20 anos, editado em 1974.



Fonte: Secretaria da Casa do Minho

Figura 11 – Quadro – Homenagem à Fernanda Pires, idealizadora do Rancho Juvenil da Casa do Minho, juntamente com o marido Benjamim Pires.



Fonte: secretaria da Casa do Minho

Constam alguns outros documentos, como:

- Carta da Câmara Municipal de Viana do Castelo, em Portugal, de Honra ao Mérito à Casa do Minho do Rio de Janeiro (2014);
- Carta do presidente da Câmara Municipal em Viana do Castelo em homenagem aos 95 anos da Casa do Minho no Rio de Janeiro, “revelando que a distância entre Portugal e Brasil há muito ultrapassou barreiras físicas, e foi transformada pelo elo de amizade e de estreita colaboração que merece se ressaltar, valorizar e homenagear”. (2019).

Conforme arquivos em periódicos do Rio de Janeiro, coletados através da Hemeroteca, a Casa do Minho sempre promoveu eventos culturais e musicais que, de

certa forma, serviram como atividades de entretenimento, mas também de preservação da cultura portuguesa, no sentido de prestar acolhimento e de engajar o público em diálogo com a sociedade brasileira.

Verifica-se que, no ano de 1937, a Casa do Minho, em prol de ter uma reserva em sua caixa beneficente, promovia espetáculos de teatro, festivais e bailes com orquestras. (Minho Rei, 2004, p.177-188).

Encontramos registros de programações do ano de 1937: “Severa”, obra-prima de Júlio Dantas, com a notável artista Ester Leão, como protagonista: “Quem fez Os Lusíadas?” um esquete de 15 minutos, de autoria de Santos Carvalho. Os ingressos seriam arrecadados para a Casa do Minho. (Minho Rei, 2004, p. 53).

Havia também apresentações de grupos de teatro nas décadas de 1960 e 1970, que contavam com esquetes teatrais e muito divertiam o quadro social, levando ao público um pouco das raízes e do engajamento cultural entre Brasil e Portugal.

Figura em destaque, Sr. Odir Ferreira, que também participou da fundação do Rancho Folclórico na década de 1950, aparece em registros no livro da Casa, como grande impulsionador dessas iniciativas culturais: mostras de teatro, música e dança.

Houve ainda espetáculo teatral, levando os componentes do Rancho Folclórico a encenarem o teatro-revista *As Pândegas da Nossa Aldeia*. O espetáculo trazia paródias de costumes mais antigos do Minho, em Portugal, tendo sido representado pela primeira vez, em 1982 e por dois anos consecutivos.

Merece destaque o ano de 1972, quando o Rancho Folclórico Maria da Fonte participou com suas músicas e danças, na casa de *shows* Canecão, em Botafogo, Rio de Janeiro, do espetáculo da fadista Amália Rodrigues, ícone do fado no século XX, em Portugal. Os periódicos também registram esse acontecimento (capítulo 5, p. 111 e Quadro 2, p. 115).

Mostras de pintura e cerâmica também se destacaram na década de 1987, com visitas à exposição na Casa do Minho, no Salão Nobre de sua sede definitiva na Rua Cosme Velho, nº 60. Foram apresentados trabalhos de, aproximadamente, 30 artistas.

4.6 Acervos musicais da Casa do Minho

Mais do que traçar a trajetória dos acervos de uma casa luso-brasileira, procuramos entendê-los, no sentido de buscar a compreensão do que está embutido nessa trajetória, no olhar do momento atual, do momento presente.

O olhar dos imigrantes que aqui chegaram e fundaram, a princípio, um movimento de assistência, de acolhida e de preservação de sua identidade fez nascerem as associações lusitanas, o que ao longo das décadas se faz presente não somente por trazer a cultura portuguesa, mas também por envolver, em suas atividades, a cultura brasileira. O Brasil não é só morada dessa associação, mas é seu próprio alicerce.

Da mesma maneira, os documentos de arquivo não diferem de outros documentos pelo seu aspecto físico, ou por ostentarem sinais especiais facilmente reconhecíveis como arquivos. O que os caracteriza é a função que desempenham no processo de desenvolvimento das atividades de uma pessoa ou de um organismo – público ou privado, físico ou jurídico, servindo-lhes de prova histórica do que aconteceu e acontece.

Como produto das ações de indivíduos e instituições, tais documentos os representam, mesmo quando as razões e os agentes responsáveis por sua criação se transformam ou deixam de existir. Daí a importância de se revestirem de procedimentos que comprovem sua qualidade e veracidade, para que o efeito probatório não se perca.

Particularmente, ao visitar a Casa do Minho, no ano de 2019, em uma apresentação de fado, tive a oportunidade de conversar de forma informal com o músico guitarrista, que estava há mais de três anos trazendo o fado vadio às dependências do restaurante Costa verde, localizado no primeiro pavimento da Casa. A partir daí teve origem a pesquisa e as possibilidades de investigar uma comunidade, por meio de um trabalho de campo.

Iniciadas as investigações e, propriamente, o trabalho de campo, pude perceber a riqueza de um material musical, porém não devidamente organizado e catalogado, o que iria demandar tempo, paciência, desafio para me aproximar dos membros da Casa e dos materiais e observações. Isso acabou acontecendo não só pelas apresentações do fado vadio, mas também e principalmente pelos ensaios das músicas portuguesas que aconteciam há mais de cinco décadas na associação.

Dessa forma, ao assumir a pesquisa e falar dos acervos musicais da Casa do Minho, reporte-me a registros encontrados no livro *Minho Rei – o sucesso de brava gente* que registra especificamente a década de 1950, quando terminadas as obras da primeira sede, estando as dívidas da Casa devidamente quitadas, e a associação em boa situação financeira. Nessa ocasião, o espaço se encontrava com poucos clientes e era necessário que atividades culturais, musicais surgissem para estabelecer conexões com a sociedade. (Minho Rei, 2004, p., 21)

Anteriormente a essa década, a associação contribuiu, principalmente, com as ocupações de assistência aos imigrantes, sejam financeiras ou de saúde, além de alistamento de documentos e outras legalidades. Dessa forma, o olhar voltado para a cultura e para a música ainda era precário, apesar de acontecerem apresentações de músicas portuguesas e brasileiras, conforme verificado na pesquisa com os periódicos à época.

Para quebrar a apatia que vinha dominando a associação, na ânsia de soerguer a Casa por meio de atividades culturais e adaptá-las às exigências da época, após reuniões de diretoria, ficou decidido que a Casa do Minho, além de oferecer préstimos como uma casa beneficente, se tornaria também uma associação recreativa, de cultura e lazer, com fins sociais. Seria, portanto, uma sociedade luso-brasileira que traria cultura, música, danças portuguesas e brasileiras, o que culminou na criação do Rancho Folclórico Maria da Fonte, no ano de 1954.

Foi surgindo, assim, a tocata, para formação de instrumentistas do Rancho composta inicialmente de: acordeão, tambor, reco-reco, castanholas e cavaquinhos. Com alguns ensaios e total interesse de boa parte da comunidade de moças e rapazes, os trajes femininos mereceram destaque pelo carinho e zelo nas peças bordadas pelas próprias senhoras formadoras do Rancho ou por suas mães e familiares. (fotos nos anexos da tese).

Os rapazes trajavam calça azul marinho, sapatos pretos, meias brancas, camisa social branca, faixas vermelhas de cetim à cintura, colete bordado de lantejoulas com um coração vermelho nas costas, e na cabeça usavam o barrete dos campinhos, com um pompom na cor verde.

As moças usavam chinelas pretas, meias compridas brancas rendadas, blusas brancas, saias com diversos apliques coloridos e as lantejoulas predominando o veludo preto, com coletes bordados também com lantejoulas e lenços genuinamente minhotos nos ombros e na cabeça.

Figura 12 – Foto do Rancho e seus respectivos trajes, de acordo com as regiões em sua primeira apresentação em Portugal no ano de 1982.



Fonte: secretaria da Casa do Minho

Na composição atual, outros trajes foram confeccionados para que representassem fielmente a indumentária genuína da região. Foi organizada uma comissão para tratar dos trajes seguindo modelos folclóricos de Viana do Castelo, e realizadas reuniões e ensaios sempre que fossem necessários para abordar assuntos referentes às músicas, às danças, aos instrumentos e aos trajes. (Minho Rei, 2004, p.21-22).

Conforme relatos em entrevista ao ex-presidente da Casa do Minho, Sr. Agostinho dos Santos (mandato de 2019 até janeiro 2022): “Uma tradição da casa é reunir-se para as decisões – atos de diretoria, sejam eles internos ou não” – *nesse aspecto, podemos constatar a frequência de reuniões em atas e assembleias nos periódicos verificados à época, por meio da Hemeroteca.* (grifo meu)

Desde então, o grupo musical e folclórico não parou de crescer e, atualmente, é composto, em sua maioria, de descendentes brasileiros, contando até com os filhos de moças e rapazes formadores do Rancho, que fizeram surgir, em 1986, o Rancho Juvenil da Casa do Minho, que terá sua abordagem mais adiante neste capítulo (Minho Rei, 2004)

Na segunda metade da década de 1950, a tocata também cresceu em número e qualidade. Várias concertinas foram incorporadas, uma clarineta, e um número expressivo de cavaquinhos e violas. O aprimoramento desse grupo foi tão grande que chegou, diversas vezes, a se apresentar e tocar em outros bailes e festas sociais, o que vem ocorrendo até os dias atuais do século XXI.

Foram verificadas ainda as questões sobre a transmissão oral das músicas, pelo fato de não existirem partituras sobre elas no grupo do Rancho Folclórico.

Figura 13 – Foto do Ensaio do Rancho Folclórico Juvenil da Casa do Minho. Ao fundo, alguns músicos tocata.



Fonte: foto elaborada pela autora.

4.6.1 O Rancho Folclórico Maria da Fonte como acervo musical

Sem dúvida alguma, o folclore português, através do grupo Maria da Fonte, fundado há mais de 50 anos, é o principal divulgador das atividades musicais da Casa do Minho e considerado na pesquisa o protagonista desse legado musical.

Nos primeiros trinta anos de sua existência, a Casa do Minho dedicou-se exclusivamente aos fins para o qual foi criada: atendimento aos imigrantes desafortunados em todas as vertentes da vida. Pelas circunstâncias do tempo, com mudanças de hábitos e de necessidades, passou a dedicar-se às atividades sociais, culturais e recreativas, em que os costumes tradicionais do Minho têm predominância.

Todo os meses, tem lugar especial o Arraial do Minhoto nos moldes da “Quinta de Santoinho”¹⁶, uma festividade com uma frequência de público em torno de 500 pessoas. Periodicamente, também se realizam malhadas, desfolhadas e espadeladas.

O sucesso do Arraial do Minhoto da Quinta de Santoinho foi tão grande, que outras agremiações passaram a copiar o evento, obrigando a Casa do Minho a incorporar novos atrativos à festividade.

Atualmente, o valor do ingresso (consumação) inclui três qualidades de vinho, pão de milho, sardinhas portuguesas assadas na brasa, galetto assado, olheiras, batatas cozidas e cebolas regadas com azeite português, farofa, feijão manteiga e o célebre caldo

¹⁶ Em viagem a Portugal, um dos presidentes da Casa do Minho no Rio de Janeiro, Sr. Agostinho dos Santos, visitou em Viana do Castelo, um evento folclórico com as principais tradições e divertimentos rurais da região do Minho. A festividade, chamada de Quinta de Santoinho, foi replicada no Brasil para promover a cultura minhota, a partir de então, com a devida autorização da organização portuguesa detentora da patente. Assim, em 14 de julho de 1979, realizou-se, pela primeira vez no Brasil, a maior promoção folclórica Arraial Minhoto Quinta de Santoinho. Na ocasião, os componentes do Rancho Folclórico Maria da Fonte (que já era expoente do folclore português no Brasil) encenaram a Desfolhada, a Malhada, a Espadelada e a Vindima, ao som das *concertinas*. A Quinta de Santoinho acontece no primeiro sábado de cada mês, a partir das 19 horas.

verde, tudo à disposição para a pessoa se servir, quantas vezes quiser. A caneca artística, com a qual o frequentador se serve de vinho, continua sendo um brinde.

Doces portugueses e bolinhos de bacalhau não estão incluídos no ingresso e podem ser adquiridos no bar. Objetos minhotos como lenços, algibeiras, cordões, blusas, aventais, cestos e bonecas, originais de Viana do Castelo, compõem a boutique regional na Quinta de Santoinho.

Bonecos Zé Pereira¹⁷ conjunto musical famoso com repertório luso-brasileiro compõem a festa. Gigantones e cabeçudos, ao som dos Zé Pereiras, desfilam entre os frequentadores fazendo as crianças delirarem. As marchas luminosas com arcos e balões mobilizam todos os presentes na maior empolgação.

Os gigantones e cabeçudos e até um gigantesco e garrido espantalho animam os arraiais, sempre ao som de músicas populares portuguesas executadas por uma das várias e boas orquestras que existem nesta cidade.

Figura 14 – Imagens de manequins, com respectivos trajes do folclore Minhoto, localizados no hall de entrada da Casa do Minho.



Fonte: foto elaborada pela autora.

Atualmente, três grupos se mantêm em plena atividade: O Rancho Maria da Fonte, O Maria da Fonte dos Veteranos e o Juvenil da Casa do Minho.

¹⁷ A tradição de bonecos gigantes surge na Europa, provavelmente na Idade Média, a princípio como expressão da religião pagã, em forma de cultos e mitos. Desde o século XIX, a diversão carnavalesca é conhecida como Zé Pereira e essa tradição tem início em Portugal, nas figuras dos gigantones e cabeçudos, que desfilam até os dias atuais, quando tocadores de bumbo acompanham romarias e procissões na região Norte, entre o D'Ouro e o Minho. A expressão maior se dá nas festas de Nossa Senhora da Agonia, por ocasião do mês de agosto. A Casa do Minho apresenta os gigantones na Quinta de Santoinho do mês de agosto, pela passagem do Dia de Nossa Senhora da Agonia.

Os primeiros ranchos citados: Maria da Fonte e o dos Veteranos exibem músicas, vestimentas e instrumental da região de Viana do Castelo. O guarda-roupa está representado pelas regiões de Santa Marta, Areosa, Afife, Carreço e outras freguesias, com suas cores características, com trajes de mordomas, de noivas, de dó e de trabalho.

Características dos Trajes

Traje Vermelho – Representa, oficialmente, a cor de Portugal, com saia de lã bordada à mão e desenhos que marcam a autenticidade da roupa. Na cintura, algibeiras em arranjos que servem para armazenar objetos pessoais. Os tradicionais aventais bordados de lã obedecem às cores com o mesmo critério das saias.

Traje Azul – Com lenços na cabeça, nos ombros, saia e algibeira. Esse traje é muito utilizado em Santa Marta de Portuzelo e nas grandes romarias de Viana do Castelo. É importante observar que as blusas, meias e chinelos usados em todos os trajes são iguais.

Traje do Trabalho – Usado pelas moças do trabalho do campo, geralmente nas ceifas de trigo, centeio, milho, nas vindimas e malhadas. Nos pés – socos ou botas de couro e madeira. Trazem na mão a foice, por ser o principal instrumento que auxilia nas atividades do trabalho, e na cabeça um grande chapéu de palha.

Traje escuro ou Dó – Usado em sinal de luto quando um parente viaja para o estrangeiro. Mas se for por motivo de falecimento, de pais e avós, o traje é usado por dois anos consecutivos. Se for falecimento de irmão, é usado por um ano.

Trajes de Mordoma – São utilizados nas festas da Igreja que, atualmente, seriam similares às festas de debutantes. A saia é em veludo preto bordado com lantejoulas e miçangas. Uso de colete sobre a blusa, que é bordada nos punhos e nos ombros. Na cabeça, um lenço de seda branca. O avental é de seda e veludo, também pretos e com bordados, e destaca-se o escudo de Portugal. Na mão direita do traje de mordoma há um arranjo denominado Palmito, que culmina em uma vela.

Traje de Noiva – Similar ao traje de mordoma, porém substitui-se o colete por um casaquinho e o lenço por um véu. Na mão direita dos que trajam a Noiva não há o Palmito, e sim um buquê com lencinho amarrado que é segurado pelo namorado que será o futuro marido.

(Fonte: livreto em formato de revista – Rancho Folclórico Maria da Fonte – 20 anos)

Rancho Folclórico – fundação

Uma freguesia portuguesa, pertencente ao Concelho de Viana do Castelo na região do Minho e conhecida como Carreço foi a fonte inspiradora do Rancho.

Seus fundadores, o casal Benjamin e Fernanda Pires faziam parte do Rancho Regional das Lavradeiras de Carreço, e, ao chegarem no Rio de Janeiro, na década de 1950, procuraram se unir ao povo imigrante através do folclore, dos costumes de gerações passadas, da alegria e da solidariedade desse povo. A inspiração para formar o Rancho Folclórico Maria da Fonte surge então a partir das tradições das Lavradeiras de Carreço.

Conforme relatos de membros do grupo, ao final dos ensaios: “se olharmos nossa vitrine na Casa do Minho onde estão colocados os troféus, medalhas, certificados de participação, fotografias e memórias encontramos mais do que simples motivos para continuar, que vão além da tradição: de nos honrarmos do trabalho implantado”. (resposta de E1, item 4.4.2 – para o formato de entrevistas orais/narrativas, p. 212 a 223).

A respeito do Rancho, como parte da pesquisa, indagamos o motivo do nome Maria da Fonte. E encontramos a resposta no livro *A Jornada do Grupo Português que valoriza a cultura Minhota no Brasil*, de autoria do jornalista Igor Lopes, que descreve a fundação do Rancho, destacando a figura do Sr. Odir Ferreira, presença marcante e de passagens positivas para o Rancho Maria da Fonte.

Maria da Fonte foi uma portuguesa guerreira na luta pelos direitos de um povo na Revolta do Minho – revolta popular que ocorreu na primavera de 1846 contra o governo português cartista (caracterizado pela luta na inclusão política da classe operária).

A revolta aconteceu pelas tensões sociais remanescentes das guerras liberais, na região do município de Póvoa de Lanhoso, no Minho, em que Maria, nascida na freguesia de Fontarcada, ficou conhecida pelo nome de Maria da Fonte, tornando-se a figura feminina de destaque nessa revolta popular.

Na década de 1950, o Sr. Odir Ferreira chegava à casa do Minho, através de seu avô português imigrante, que juntamente com outro membro da casa, Sr. Antônio Pedreira o convidou para conhecer a Casa do Minho, na Rua Conselheiro Josino, onde ficava a primeira sede.

O Sr. Odir começou a frequentar a casa, ainda jovem, e foi um dos fundadores do Maria da Fonte. Dançarino, tornou-se diretor do grupo folclórico e, por questões profissionais, teve que se ausentar do Rio de Janeiro, em 1977, mudando-se para São Paulo, quando foi obrigado a se despedir do Rancho. Muitas vezes, por ocasião das comemorações do Maria da Fonte, e do antigo Rancho dos Veteranos, Odir se deslocava para o Rio de Janeiro e participava da programação. (LOPES, 2019)

Sua relevância estava justamente na valorização e na dedicação que demonstrava ao Rancho Folclórico, destacando-se em seu bailado, devidamente reconhecido pela imprensa do Brasil e de Portugal, além de ter sido o primeiro brasileiro a participar do Rancho. O grande objetivo de formar um grupo de músicas e danças folclóricas típicas portuguesas no Brasil, a partir dos senhores Odir e Antônio Pedreira, era trazer as tradições portuguesas para o país e enaltecer a cultura da região do Minho, acolhendo essa grande comunidade que aqui existia.

No livro há registros de que formar um grupo para “apresentar os cantares da região do Minho, norte de Portugal”, não foi tarefa fácil, e praticamente a Casa do Minho era a única a ter essa iniciativa, com apresentação de folclore português à década de 1950. (Livro Minho rei, 2004)

Conforme relatos de entrevista a membros do grupo de pesquisa, que serão analisados no capítulo 5, item 5.4 -entrevistas narrativas e orais (p.210), “o objetivo de apresentar o folclore era também de enriquecer a cultura portuguesa do Minho para os brasileiros e com os brasileiros da Casa [...] ter uma diversidade de rostos e perfis, a princípio, descendentes portugueses e novos conhecedores dessa cultura, nem que fosse apenas por meio da história oral de seus antecessores e familiares”. (resposta de participante P1)

Figura 15 – Ensaio do Rancho Folclórico Maria da Fonte – realizado sempre às quintas-feiras, a partir das 20h30 da noite, no salão nobre da Casa do Minho. Foto de 2022.



Fonte: foto elaborada pela autora.

Rancho – apresentações e repertório

Na ocasião de sua fundação, as músicas eram ainda poucas “modas”: dançava-se o vira e a chula do Minho, e o grupo era composto por oito pares. Cabe registrar que as atuações se davam acompanhadas por um disco na vitrola.

O repertório inicial do Rancho era composto de marchinhas de Lisboa que, na década de sua fundação, não apresentavam propriamente características específicas da Região do Minho. Somente em 1956, com a chegada do casal português Benjamim e Fernanda Pires à Casa do Minho, veio nascer a tocata com seis pessoas, mas sem a concertina. Havia apenas sanfona, bumbo, reco-reco, bandolim e triângulo.

Atualmente, cantam-se as chulas e o viras em quase todas as apresentações dos ranchos, nas festividades na Casa do Minho e em outras associações.

Importante registrar que a primeira viagem do Rancho Folclórico Maria da Fonte a Portugal, em 1982, contou com a presença do Sr. Odir Ferreira (considerado o fundador brasileiro). À época, não contavam ainda com as vestimentas adequadas para mostrar as raízes da tradição do Minho: “Os homens usavam coletes bordados com lantejoulas, faixa de cetim vermelha, calça preta, camisa branca e um barrete; já as mulheres trajavam saia rodada, colorida, blusas brancas, coletes, lenços, algibeiras, toda vestimenta feita no Brasil.”, como se pode ver na Figura 14.

O Rancho Folclórico Maria da Fonte esteve em atuações pelo Brasil em diversas cidades: destacam-se Cambuquira, em Minas Gerais, e em Brasília, quando marcou presença ao se apresentar como parte das festividades na inauguração da nova capital brasileira, na década de 1960.

Em 1974, esteve na cidade de Aparecida do Norte, em São Paulo, e em Petrópolis, no Rio de Janeiro, em apresentações no Hotel Quitandinha, sendo atuante nos Festivais de Folclore que aconteceram pelo Brasil.

No ano de 1972, o grupo participou na Casa de Espetáculos Canecão, no Rio de Janeiro, quando da vinda da fadista Amália Rodrigues, apresentando-se e tendo um reconhecimento muito bom do público, conforme verificado em jornais da época. (capítulo 5, item 5.1.1 – Eixo 1 – análise de periódicos, p.164).

O Rancho Folclórico Maria da Fonte também já se apresentou com o coral do mesmo nome, por ocasião de homenagem à Padroeira da Casa do Minho, Nossa Senhora do Sameiro, na Igreja de São Judas Tadeu, com destaque para a década de 1970.

O Rancho projetou-se internacionalmente no Festival Internacional de Folclore de Meadela, em Viana do Castelo, no ano de 1982, e esteve em apresentação no Desfile da

Mordomas ou Desfile da Mordomia, durante a festa de Nossa Senhora da Agonia, em Viana do Castelo, e em Vila Nova de Cerveira, Portugal, no ano de 1991.

No ano de 2019 estive na Argentina, por ocasião dos 20 anos do Rancho Estrelas do Minho, nas festividades de Nossa Senhora da Agonia.

Figura 16 – Foto tirada em apresentação do Rancho Juvenil, outubro de 2022.



Fonte: foto elaborada pela autora

Rancho – músicas

É importante registrar a compreensão do folclore apresentado pelo Rancho Maria da Fonte, que se mantém ativo há 68 anos no sentido de que é uma representação da tradição do Alto Minho, mas que se mantém presente nos resgates, sentimentos e memórias em muitos de seus integrantes, principalmente os mais antigos.

O tipo de música e dança apresentada difere conforme as regiões do Minho. Sobretudo os viras, as chulas e as canas-verdes fazem parte das apresentações do Maria da Fonte. Os viras são frequentemente ensaiados e apresentados. Seu bailado é diferenciado dos demais gêneros.

Diferenciar as chulas e as canas-verdes já é mais complicado. Segundo membros do grupo, as chulas em compasso binário ou em compasso composto, com quadras que contêm sempre a palavra “chula”; já as quadras da cana-verde têm suas letras mais soltas, e seu compasso é quaternário. Por observação e entrevista com um dos integrantes do rancho, fui informada que não se pode cantar um verso em que apareça a palavra “chula” em uma música cana-verde. Além disso, há particularidades coreográficas que diferem as duas (chulas e canas-verdes), muito embora sejam elas, de modo geral, danças de roda e pares. Quanto aos instrumentos, usa-se, no Minho, particularmente: concertina, cavaquinhos, viola braguesa ou violão, bombo, castanholas e ferrinhos ou triângulos.

Vira das Palmas:

<https://www.youtube.com/watch?v=-8aaHedtYoY>

Outro Vira:

<https://www.youtube.com/watch?v=UjkmMdvI9No>

Chula Velha:

<https://www.youtube.com/watch?v=hSZFDffd7Bc>

Cana Verde:

<https://www.youtube.com/watch?v=2kSZIHdQz6o>

Nas apresentações da Casa do Minho nem sempre temos todos os instrumentos da tocata. Os instrumentos atualmente utilizados pela tocata nas modalidades das músicas apresentadas são: sanfona, cavaquinho, bumbo, triângulo, acordeão e violão.

No *YouTube*, todos os usuários podem assistir à Chula de Viana, em uma edição de junho de 2012, por ocasião do Festival de Folclore, na Vila da Feira, associação localizada na Tijuca, Rio de Janeiro. (será apresentada nos anexos).

https://youtu.be/v1f_S90Jk7I

Na **Figura 17**, abaixo, a Chula Velha da região do Minho.

Fonte: https://www.musicaneo.com/ptsheetmusic/sm-176658_chula__minho.html

Folclore Português
Mus. B. & C.

Transcrição MDCarreira

CHULA

Folia: Recordal da edição:
Composição: B. & C. Coimbra

Figura 18 – Parte da tocata e cantadeiras nos ensaios do Rancho Juvenil. Foto de agosto de 2022.



Figura 19 –Ensaio do Rancho Juvenil. Foto de agosto de 2022.



Fonte: fotos elaboradas pela autora.

4.6.2 Rancho Juvenil da Casa do Minho

As crianças que assistiam curiosas aos ensaios do Rancho Maria da Fonte, acompanhando seus pais, tios e avós, fizeram surgir, através das imitações das danças dos adultos, em 1980, o Rancho Juvenil da Casa do Minho. Dessa ideia nasceu o Rancho Juvenil, encabeçado pelo Sr. Benjamim Pires que daria nome ao então Rancho Juvenil durante quase duas décadas. (entrevista P2, item 4.4.1 – para os questionários em formato de entrevistas semiestruturadas, p.208)

Oficialmente este rancho foi fundado em 08 de março de 1986, incorporando-se às atividades musicais da Casa do Minho no Rio de Janeiro. Atualmente, registram-se em torno de 30 participantes e as idades vão dos 5 aos 18 anos.

Em registros no Livro *A jornada do grupo português que valoriza a cultura minhota no Brasil*, encontramos registros das modificações feitas pelo casal, como as próprias danças que não estavam caracterizadas pela região do Minho e os trajes dos folcloristas. Alguns anos mais tarde, Sr. Benjamim passou a ser também diretor, supervisor e decorador do Rancho Folclórico Maria da Fonte.

Segundo relatos do produtor do Rancho Juvenil, atualmente, estão sendo recrutados meninos que queiram participar do Folclore, já que os jovens de mais idade estão em fase de transição para o Rancho Maria da Fonte.

Figura 17 – Apresentação do Rancho Juvenil na Quinta de Santoinho. Foto na Casa do Minho, segundo semestre de 2022.



Fonte: foto elaborada pela autora.

Os acervos dos ranchos estão postos em poucos documentos disponíveis na Casa do Minho, cujo acesso foi feito via Secretaria, em arquivos apenas organizados em pastas, e verificados por meio de entrevistas com os diretores artísticos do Rancho Juvenil e do Rancho Maria da Fonte e outros integrantes do grupo (dançarinos, músicos e cantadeiras).

Até o momento, não foram encontradas partituras de músicas tocadas no Rancho, porém tivemos acesso a um caderno com a maioria das letras das músicas cantadas e dançadas pelo grupo (Anexo 7).

Figura 21 – Quinta de Santoinho – tocata e cantadeiras. Apresentação do Rancho Juvenil. Foto de 2022.



Fonte; foto elaborada pela autora. Quinta de Santoinho, 2022

Figura 22 – Rancho Maria da Fonte na Festa de Santoinho. Foto de 2022.



Fonte: foto elaborada pela autora, 2022

4.6.3 Observações- participantes: práticas musicais na Casa do Minho

No Salão Nobre da Casa do Minho, no terceiro pavimento, acontecem sempre às quintas-feiras, a partir das 20h, os ensaios dos grupos folclóricos. Em um caráter informal, mas com a coordenação de produtores de ambos os grupos, temos a preparação do grupo que vai se formando, a partir do horário estabelecido, contando com a fundamental chegada dos músicos da tocata e, pelo menos, com a presença de duas cantadeiras. Antes da formação da tocata, não se inicia o ensaio (pode haver apenas um “esquenta” de instrumentos e vozes, entoando-se outras canções portuguesas).

Primeiramente, às 20h30, temos o ensaio do Rancho Juvenil da Casa do Minho – adentram o salão meninos e meninas, crianças e jovens entre 6 e 18 anos, que tomam seus

lugares no salão, a princípio em grupos, em conversas informais, bastante relaxados e trajando camisetas de times carioca, em sua maioria, até que os produtores e coordenadores desse grupo possam orientar os pares e iniciar o ensaio.

As crianças e os jovens ensaiam com roupas confortáveis, geralmente de ginástica, para a perfeição dos passos e giros, de tênis confortáveis ou até mesmo descalços.

Durante as práticas, tive uma conversa informal, que fiz questão de acrescentar na pesquisa, com os coordenadores de ambos os ranchos. Um deles me falou a respeito de estarem abertas as inscrições para participação no Rancho Juvenil da Casa do Minho até o final de 2023. O motivo principal era que os jovens mais velhos estavam migrando para o Rancho Folclórico Maria da Fonte e, assim, seriam necessários novos membros para o Rancho Juvenil.

Nas apresentações ao vivo, nas noites de festas da Quinta de Santoinho, quando temos a orquestra, formado por conjunto composto de membros da Casa do Minho, são tocadas músicas brasileiras das 19 horas até as 22 horas.

Às 22 horas, a orquestra dá lugar à tocata da Casa do Minho, que particularmente oferece o folclore português Minhoto, através de suas músicas e performance, pelos grupos Maria da Fonte e pelo Rancho Juvenil.

Ao final da apresentação, adentram ao salão os bonecos “gigantones” que cumprimentam e brincam com o público presente. Também os membros dos grupos interagem com o público, fazendo-os dançar ao som das músicas portuguesas.

Em torno de 400 a 500 pessoas comparecem aos eventos das Quintas de Santoinho, sempre realizados no primeiro sábado de cada mês.

4.6.4 O Fado: trajetória do século XX e práticas musicais em diáspora na Casa do Minho

Com sua origem ainda tão debatida, diferenciada por letras e melodias, cantado e tocado com acompanhamento de viola portuguesa, ou mesmo apresentado em formatos de danças portuguesas e afro-brasileiras do início do século XIX, em Lisboa e no Brasil, nos terreiros e nas tascas, mas também nos salões do Rio de Janeiro, o gênero musical fado nunca deixou de representar Portugal (TINHORÃO,2013)

Com poemas musicados, com reinvenções, novos arranjos e instrumentação, o fado apresenta um processo contínuo de mudanças instrumentais, principalmente nas últimas décadas do século XX e no início do século XXI.

O fado do século XXI apresenta-se de duas formas: (1) em grandes concertos e espetáculos de fadistas, consagrados como disseminadores de uma cultura diaspórica e híbrida, chamado de fado profissional; (2) em espaços intimistas que se reinventaram nas formas de entoar um fado em improviso, sem roteiro e sem microfone, entoado por amadores e amantes do fado, chamado de fado vadio.

A Casa do Minho, entre as décadas de 1940 a 1975, trouxe fadistas para apresentações nos eventos e comemorações que aconteciam na quadra coberta (espaço onde, atualmente, acontecem as Quintas de Santoinho).

No entanto, nas respectivas décadas citadas, o fado se apresentava sob censura de uma ditadura, com o governo de António Salazar, em Portugal. O gênero foi perseguido e sofreu com estereótipos por ser uma canção urbana e popular nascida na periferia e na marginalidade de Lisboa, além de seu canto, com letras do cotidiano e cantares de um desejo do povo.

Em virtude de muitas letras censuradas, tanto em Portugal quanto no Brasil, ao longo do século XX, assistimos a um fado, trazido como fado-canção, cujas letras exaltavam o amor, a saudade e o ciúme. Em sua maioria, destacavam-se ícones do fado, como Amália Rodrigues, e Carlos do Carmo.

As censuras e os estereótipos sofridos pelo fado ao longo da ditadura e imediatamente após, além de um ideal de conformismo a ele inerente levaram o gênero a uma de suas mutações, conforme aponta Rui Vieira Nery (2004, p.248-249)

“ideologicamente os campos do fado estão radicalizados, e as “casas típicas de fado” começam a dar sinais de desgaste. A defesa da tipicidade e da tradição tende a conduzir a rotinas repetitivas no plano das escolhas de repertório e da própria interpretação[...] o divórcio com o público mais jovem é evidente e conduz a um envelhecimento crescente dos consumidores do gênero[...] o fado entrega-se à resignação, comprazendo-se com a própria dor, com um conformismo levado ao extremo, apatia e renúncia: eis os traços dominantes da moral que supura no fado, o que revela uma frustração arrepiante[...]”.

Com toda a certeza, os caminhos da censura levaram o fado, de certa forma, a uma nova ruptura e mutação, tendo sido praticamente banido das rádios e da televisão estatizadas, no período revolucionário de 1974-1975.

O fado emerge na transição da década de 1980, principalmente em Portugal, ainda com Amália Rodrigues e Carlos do Carmo, e recupera um espaço no contexto nacional, porém com uma crise de identidade acentuada, devido à entrada do *world music*, a crises econômicas em Portugal e no Brasil, e, neste país, diante do fechamento de estabelecimentos comerciais onde se cantava o fado. (NERY, Rui, 2004, p. 260-261)

Heloísa Valente nos aponta em *Trago o fado nos sentidos*, uma década de 1980 cuja presença do fado parece esmorecer. Porém, fica claro que o perfil e o gosto musical não somente do português emigrante, mas do público brasileiro demonstra ao longo dos anos, grandes afinidades com a cultura e com a música portuguesa. (VALENTE, pp.153-171).

Em um caráter abrangente de razões, que não cabe ao escopo desta tese, a década de 1990, vê surgir o chamado fado novo, com a chegada de novos intérpretes, trazendo propostas inovadoras que faz, com que, de certa forma, desapareça um movimento dissonante da comunidade fadista que imperou durante muitos anos: o fado popular versus o fado aristocrático.

Através do *world music*, o fado é inserido no circuito global e precisou tornar-se música do mundo com todo o exotismo que isso possa significar. Os fadistas mais recentes que propuseram e ainda propõem inovações viram no circuito do fado a incorporação das culturas em diáspora, em um momento presente e futuro para se engajar ao gênero musical, seja urbano ou vadio, mas como canção popular que possa ser ouvida dos dois lados do oceano. (HALPERN, 2004)

As mutações que o fado vem sofrendo desde o final do século XX apresentam, na realidade, dois caminhos diferentes. Um deles, que nos interessa na pesquisa de tese, é representado pelo fado vadio, que se faz ressurgir, das tascas e tabernas de Lisboa, da primeira metade do século XX, cantados por fadistas, amadores ou não, imigrantes anônimos no Brasil ou brasileiros, ou mesmo nas escutas de um povo, em que a música toma um sentido, que já não importa se é portuguesa ou brasileira.

Do outro lado, representado pelo fado espetáculo, em formato de grandes concertos a contar com artistas consagrados, podemos assistir a um gênero que abre espaço para ser cantado pelo mundo, e que traz parcerias com outros artistas, inclusive, brasileiros.

Figura 18 – Foto do Instagram. Divulgação do fado vadio, em março de 2019.



Figura 24 – Foto do Instagram. O guitarrista Vitor Lopes, em apresentação do fado vadio na Casa do Minho, em outubro de 2019.



Fonte: foto elaborada pela autora

4.6.4.1 O fado vadio na Casa do Minho

O gênero musical chamado fado vadio, nascido nas ruas e vielas de Lisboa, tem essa alcunha por se referir às canções entoadas, de forma intimista, por amadores e amantes do fado.

Há no fado vadio um caráter social, improvisado e compartilhado. Não é propriamente um tipo em letras e melodias específicas. Tudo pode ser cantado. Não se sabe o que vai acontecer nas apresentações musicais, quais serão os roteiros da próxima música, pois qualquer um pode sugerir e cantar.

O fado vadio não é propriamente um tipo específico musical do gênero; ele engloba aspectos sociais e se reinventa sem dogmas, singular, livre, espontâneo, inquieto e acolhedor. Esse fado mostra uma relação única entre o intérprete e o público. Com apresentações intimistas, é possível cantá-lo sem o microfone, ter o público amador e o profissional mais próximo, sem objetivos comerciais, assumindo a função de simplesmente professar esse gênero musical. (MONTEIRO, 2012).

Tanto em Portugal quanto no Brasil, o fado vadio encontra-se do lado oposto ao do mercado e parece se impor ao seu retorno pelo cotidiano, pelo cantar espontâneo e praticamente improvisado.

A partir do chamado fado vadio – um fado que se reinventa sem dogmas, singular, livre, espontâneo, inquieto, talvez vagabundo, o século XXI vem imprimir uma relação entre o intérprete e o público, em caráter intimista, em botecos e tabernas, ou em associações lusitanas no Brasil, onde é possível cantar sem o microfone, onde o público amador se torna profissional, não para um mercado comercial, mas por assumirem a função de professarem o fado. (ANACLETO, 2008, p.117-123)

Os textos cantados no fado vadio despertam desejos e contestações, desesperos e quereres do povo. Abarcam registros amplos que vão do satírico ao filosófico e vagueiam, principalmente, pelas ruas do bairro de Alfama, em Lisboa, mas também em lugares do Rio de Janeiro, no Brasil, como na associação luso-brasileira, Casa do Minho.

Para ter contato com a diáspora musical entre Brasil e Portugal, em uma tasca de Lisboa – Tasca do Chico – pude conversar com a musicista de guitarra portuguesa, Fernanda Maciel, uma brasileira de 29 anos, ex-aluna de violão do Conservatório Brasileiro de Música Villa-Lobos e do Curso de Viola Portuguesa no Museu do Fado, em Lisboa, que disse “ser possível encontrar, no ambiente, amadores, fadistas, amantes do fado, como ela mesma se declarou, ‘uma profissional que saiu do Brasil a serviço do fado’ – em uma mistura, de músicos, cantadores e instrumentistas, que abrem espaço por amor ao gênero musical. Eles são, muitas vezes, brasileiros”.

Em Portugal, encontramos, principalmente em Lisboa, no bairro de Alfama, cartazes como “Aqui o fado é de graça, e a alma é portuguesa”. Assim anunciam o fado vadio.

Figura 25 – O fado vadio na Tasca do Chico, em Alfama, Lisboa. Fernanda Maciel, brasileira, na guitarra portuguesa com outros músicos portugueses.



Foto elaborada pela autora,
abril de 2022.

4.6.5 Observações- participantes: práticas musicais na Casa do Minho

No Brasil, em minha observação-participante, assisti ao fado vadio, nas dependências do restaurante Costa Verde, na Casa do Minho, que vinha sendo apresentado, no Rio de Janeiro, desde 2017 até 2019 com um público de aproximadamente 100 pessoas.

A composição do ambiente era em mesa e cadeiras, mas havia também pessoas em pé, acompanhando o fado.

Na pesquisa pude observar que no Brasil o ambiente é improvisado, sem roteiros, e qualquer pessoa do público pode cantar o fado, havendo similaridade nas apresentações assistidas em Lisboa.

Mário Anacleto (2008, p. 191-221) nos diz que é tão fadista o que canta, quanto o que sabe ouvi-lo. Portanto, o fado não é Amália, Mísia ou Mariza¹⁸, e sim muito mais os anônimos, músicos e fadistas que entoam o fado em botecos e tabernas.

Em minhas observações acerca do público presente, pude constatar que havia uma participação ativa, com muita informalidade, alegria e emoção. As músicas seguem sem um roteiro previamente estabelecido e há pedidos para se cantar e solicitação de músicas feita pelo público presente. Cada noite é diferente da outra. Essa é a ideia do fado vadio, onde o público me pareceu ser o espelho da própria alma do fado ali apresentado.

¹⁸ Cantoras fadistas: Amália -considerada ícone no fado durante o século XX, Mísia é o nome artístico de Susana Maria Aguiar, importante fadista nos dias atuais; Marta Dias, lisboeta, conhecida por atuar com o gênero do fado-jazz; Mariza, natural de Moçambique, considerada a fadista mais conhecida no mundo atualmente, que mesmo tendo iniciado sua carreira com uma variedade de estilos musicais como o *jazz*, o *soul* e o *gospel*, foi com o fado que recebeu muitos prêmios, divulgando o gênero musical internacionalmente.

Na Casa do Minho do Rio de Janeiro, o fado vadio acontecia todas as últimas sextas-feiras de cada mês, com o seguinte formato: mesas no restaurante Costa Verde, pedidos de silêncio, e com os músicos em um palco não distante do público, no formato em três instrumentos: guitarra portuguesa, flauta e violino.

No capítulo 5 – Coleta e análise de dados será relatada entrevista com um dos músicos e com um participante do público (eixo 5.4 – entrevistas e narrativas orais como fontes de arquivos, p.210).

Cabe registrar que há outros espaços luso-brasileiros que funcionam atualmente com apresentações de fado, mas não propriamente com o fado vadio, como Bar e Restaurante Cantinho das Concertinas, na Cadeg - Mercado Municipal do Rio de Janeiro, antiga Companhia de Abastecimento da Guanabara, e que reserva, todos os sábados, no horário da tarde, espaços de música portuguesa.

4.7 Outros espaços sociais e culturais na Casa do Minho

Reuniões culturais que envolvem parte da comunidade da Casa do Minho compõem a rotina da Casa, onde frequentemente acontecem lançamentos de livros, exposição de artesanato, pintura, cerâmica e tertúlias de poetas.

Destacamos um espaço que está sendo destinado à criação de um Centro de Memórias, que segundo relatos do Presidente da Casa, Sr. Joaquim Fernandes, a ideia veio se aprimorando ao longo da pesquisa desta tese. A sala já está completamente vazia, limpa e aguardando reunião para seleção de documentos e materiais de arquivos. No capítulo 5. Coleta, Transcrição e Análise dos Dados, no que se refere ao eixo 4, apontamos esse assunto na entrevista com o presidente da Casa do Minho (p. 218 a 223).

Na área musical, além do folclore, considerado atualmente o destaque cultural português da Casa do Minho, há registros encontrados sobre o fado e outros tipos de música, sejam brasileiras ou portuguesas, nos periódicos do Rio de Janeiro, por meio de pesquisa na Hemeroteca.

Segundo informações da secretaria da Casa do Minho, a partir da década de 2000, a área da quadra coberta – no quarto andar, onde se realizam as festas das Quintas de Santinho – tem sido alugada para bailes e eventos de música popular brasileira com conjuntos ao vivo ou com DJ e música eletrônica.

Esses tipos de evento não são de responsabilidade da Casa do Minho. Apenas o espaço é negociado em forma de aluguel, para restabelecer a parte financeira da Casa,

assim como o estacionamento também pode ser alugado em prol de renda para a associação.

Na área de desportos, os associados praticam handebol, futebol, patinação e hóquei em patins, e essas atividades foram atuantes nas décadas anteriores, no século XX. Atualmente, as atividades da quadra de esportes contam com um time permanente de Futsal, mas desde o ano de 2010 estão suspensos os torneios oficiais.

Há também outros espaços de aluguel para aulas de piano, acordeão e canto. E uma sala no terceiro pavimento, que se encontra vazia, com a proposta de funcionamento de um Centro de Memórias da associação, segundo relatos do atual presidente da Casa.

Figura 26 – Restaurante Costa Verde, onde acontece a apresentação do fado vadio e de outros gêneros musicais.



Fonte: foto elaborada pela autora

4.8 Identidade, memória e acolhimento

Na temática de trabalhar os arquivos enquanto instrumentos e produtos que não só registram os fatos, mas que são comportamentos e práticas, me refiro a espaços sociais, de cultura em prol do acolhimento, relacionando todos os arquivos envolvidos na pesquisa da Casa do Minho.

Apontamos estudos a partir de arquivos, identidade e lugares de memória, conforme debatidos por Nora (1993) ao abordar a relação entre identidade e memória

como indissociável, de forma que uma é influenciada pela outra. Independentemente de qual seja a concepção de identidade que se tenha, os documentos de arquivo possuem legitimação no discurso identitário.

No desenvolvimento da tese, considerando os eixos utilizados na abordagem metodológica da pesquisa qualitativa, apresentamos um alinhamento entre arquivo, identidade e memória, trazendo a música como uma das formas de conciliação e de acolhimento entre as sociedades portuguesa e brasileira.

Os arquivos utilizados, na temática musical e cultural, como produtos de uma demanda que a própria Casa do Minho resgatou, revelam-se passíveis de estudo, considerando-se o resultado contextual de seu tempo, ou seja, como um fenômeno estruturado socialmente, como arquivos modernos – caracterizados pelas atividades que o compõem e que podem ser acessadas.

Apesar de a Casa do Minho não possuir um arquivo histórico de forma categorizada, a associação reconhece que esses documentos devem ser transmitidos, visibilizados ao conhecimento social, o que foi possível perceber até mesmo pelas práticas observadas e pelas narrativas colhidas. Esse reconhecimento se torna mais explícito a partir das propostas de criação de um Centro de Memórias na Casa. (entrevista com Presidente da Casa, capítulo 5, eixo 5.4 (p.210).

Assim, na defesa do discurso em torno da memória e da identidade, fundamentados em Pierre Nora, registra-se que o documento de arquivo catalogado não pode ser a única fonte para se construir e consolidar uma identidade, uma memória. (NORA, 1993, apud BRITO; MOKARZEL; CORRADI, 2017, p.158-182)

Por isso, ao trabalhar com o cruzamento de outras fontes: orais e de observação-participante, a tendência é qualificar a pesquisa em torno dos aspectos da identidade e memória.

Nora (1993) classifica os lugares de memória como lugares de “duplo sentido”, pois mesmo fechados em si no intuito de preservá-la, estão abertos a uma gama imensurável de significações, estudos e interpretações ao serem reveladas (NORA, 1993 apud BRITO; MOKARZEL; CORRADI, 2017, p. 158-182).

Este capítulo teve por objetivo apresentar a história da Casa do Minho sob diversos pontos, desde a sua fundação no início do século XX. Além disso, buscou traçar sua trajetória, finalidade, pontos comuns de interesse aos imigrantes portugueses e, atualmente, a uma população frequente luso-brasileira, mas com o foco voltado à preservação de uma cultura que se entende, atualmente, híbrida, composta de uma

atividade musical portuguesa, através do folclore e do fado, mas também brasileira, com eventos da cultura gaúcha, com noites de música popular brasileira, e que é flexível a tais conexões culturais, que serão apresentadas na parte de coleta e análise de dados.

Relatadas todas as considerações e fundamentações teóricas nos três capítulos apresentados, a pesquisa aborda, no capítulo seguinte, os dados empíricos e metodológicos coletados, através das fontes de arquivos – em periódicos, na rede Instagram, nas observações das práticas musicais e nas entrevistas escritas e orais.

A transcrição dos dados foi feita de forma a obter os resultados tanto quantitativos, levando-se em consideração os periódicos utilizados, quanto os qualitativos, em que temos dados imbuídos de significados e subjetividades encontrados no *locus* da pesquisa.

5. COLETA, TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

O presente capítulo descreve as atividades de coleta, transcrição e análise de dados realizadas com relação aos quatro eixos investigados enquanto fontes de arquivos, e aos documentos de arquivos encontrados na Casa do Minho.

O material utilizado como fonte de arquivos corresponde aos quatro eixos da pesquisa:

1. os 20 (vinte) periódicos estudados, no estado do Rio de Janeiro, através da Hemeroteca, obedecendo a uma cronologia que se inicia em 1926 e termina em 2016;
2. os meios digitais, com destaque para o Instagram, uma plataforma de mídia social, desde 2017a 2023, utilizada pela Casa do Minho frequentemente na qual se apresenta toda a sua vida cultural e se interage ativamente com o público usuário;
3. a *performance* e as práticas musicais, de acordo com a metodologia da observação -participante, com coleta de material em ensaios e apresentações ao vivo que aconteceram nos anos de 2022 e 2023;
4. as entrevistas e narrativas, coletadas durante a pesquisa, nos anos de 2021, 2022 e 2023;

As fontes de pesquisa acima incluem ainda outros materiais coletados e investigados na Casa do Minho, de um modo geral, com o apoio da equipe da Secretaria da associação, que denominei de “possíveis achados”.

Para nortear a pesquisa, as questões abaixo mobilizaram a escrita dos relatos, de acordo com o objetivo da pesquisa:

1. quais são as atividades culturais e musicais oferecidas na Casa do Minho à coletividade;
2. em que se pautam tais atividades no processo intercultural das relações brasileiras e portuguesas;
3. como os membros integrantes da diretoria da Casa do Minho veem essa relação intercultural;
4. o que a associação pode deixar de legado para a comunidade luso-brasileira.

Apontamos que neste capítulo optou-se por fazer primeiramente toda a transcrição de dados obtida com a coleta, seguida pela análise de dados referente a cada eixo

pesquisado como fontes de arquivos. Dessa forma, teremos coleta e análise dos periódicos como fonte de arquivos; coleta e análise da rede social Instagram como fonte de arquivos; coleta e análise das performances e práticas musicais; e coleta e análise das entrevistas e narrativas.

Ao final da análise de dados, apresentamos uma síntese comparativa que conecta aspectos relevantes encontrados nos quatro eixos estudados como fontes de arquivos culturais e musicais da Casa do Minho.

Ao se trabalhar com as entrevistas, nos chamam atenção as peculiaridades e os contrastes entre as entrevistas estruturadas (em formato questionário) e as narrativas (formato oral), estas últimas traçadas, principalmente, pela subjetividade e pela memória.

O Quadro 1, a seguir, nos revela o método escolhido e dois campos de trabalho: o ilustrativo, em que se compreendem linguagens, gestos, interações e conteúdo, e o outro, chamado de dados. Neste último, organizamos as naturezas dos métodos, trazendo exemplos concretos na coleta, mas também elementos subjetivos nos demais métodos: entrevistas e conversas, observação e sentimento.

Quanto às observações, destacamos a importância de se considerar “o quê, quando e onde observar” – atitudes tomadas durante os ensaios e apresentações vistas na pesquisa.

Sobre a coleta de materiais, os tipos diferentes de arquivos foram envolvidos de forma proveitosa como fonte de pesquisa, não somente considerando-se os dados quantitativos que aparecem em periódicos e na rede social Instagram, mas também os qualitativos – fatos narrados, representando os múltiplos sentidos em forma de audição, sonoridade, movimentos e gestos em ritmos temporais (espaço, horário, participações nos ensaios do Rancho Folclórico) submetidos ao ambiente de estudo – a que chamamos de sensações e sentimentos – assim como a conjectura das relações entre os participantes envolvidos – subjetividade, essa última observada, principalmente, nas performances e práticas musicais, como no caso das apresentações do fado vadio.

Percebe-se que, para a coleta de dados qualitativos, há uma observação inicial que muitos autores destacam: o emprego da palavra “dados”, no plural, que assim será utilizada nesta tese. Segundo Yin (2010, p.116-118)

“coleta de informações organizadas, geralmente sendo o resultado a experiência, observação, experimento, produto [...], podendo consistir em números, palavras ou imagens, vídeos, áudios, especialmente servindo como mediações ou observações dentro de um conjunto de variáveis analisadas – as quatro fontes investigadas na pesquisa”.

A partir das análises dos dados realizadas para cada fonte de arquivos consideradas na pesquisa, há vinte periódicos; rede social Instagram; *performances* e práticas musicais de ensaios e apresentações ao vivo (folclore e fado); entrevistas e narrativas com membros da Casa do Minho e frequentadores, que se encontram organizadas após a coleta e transcrição.

Importante ressaltar que a análise dos vinte periódicos descritos na pesquisa, nos levou a considerar recortes cronológicos, por estabelecer relações contextuais à época que foram diferenciadas e significativas para a análise. Portanto, a análise foi desenvolvida em três períodos: 1926-1950; 1950-1980; 1980-2016, justificados por meio dos aspectos históricos e sociais com relação à imprensa e à Casa do Minho, de acordo com as diferentes formas e formato de se abordar a imprensa como fonte, entretenimento, conhecimento e até mesmo, ideologias.

Quadro 1 – Métodos de coleta usados na pesquisa

Coleta de dados e tipos de dados para a pesquisa qualitativa

Métodos de Coleta de dados	Tipos de dados ilustrativos	Exemplos de dados
Entrevistas e conversas	linguagem verbal e corporal	memória/explicação de algum comportamento ou ação
Observação	gestos de pessoas; interações sociais, ações; cenas e ambiente físico	quantidade de observações, anotação, organização e fluxo
Coleta	conteúdo: documentos e outros materiais impressos, elementos de registros arquivais e artefatos físicos ou em meios digitais	livros, textos, placas, vídeos, partituras, atas, cartas, ofícios, premiações etc.
Sentimento	sensações/subjetividade	tempo percebido, conforto ou desconforto entre as pessoas, recordações, sensações, tensão, alegria etc.

Fonte: Yin, 2016

5.1 Eixo 1 – Os periódicos como fontes de arquivos

As descrições de dados que se seguem, no Quadro 2, trazem os vinte periódicos estudados, obedecendo a uma cronologia que se inicia na década de 1921, por encontramos matéria da fundação da Casa do Minho, o número total das ocorrências, por período, seguidos do número encontrado em matérias sobre a cultura e a música, e os locais – espaços no periódico, ou seja, em formato de colunas, ou em espaços variados na página, seguidas pelos conteúdos abordados.

Na 3a. coluna da Tabela, o número indica a quantidade de ocorrências para o vocábulo Casa do Minho seguido pelo número de registro relacionado às ocorrências musicais e culturais, quando existir, ou seja: fado, Rancho Folclórico Maria da Fonte, teatro revista, teatro musicado, artes e exposições, conforme identificados no Quadro 2.

A transcrição dos dados, bem como a descrição das matérias mais relevantes sob os aspectos da música e da cultura, em que vemos o gênero musical fado e o rancho folclórico da Casa do Minho, atual Maria da Fonte, e o rancho juvenil, serão descritos e analisados, levando-se em conta o jornal e o local determinado da matéria.

No desenvolvimento da pesquisa, foram realizadas consultas *on-line*, através da Hemeroteca, aos periódicos do estado do Rio de Janeiro, a partir da década de 1926, época em que se constata a primeira matéria a respeito da Casa do Minho, fundada em 1924, indo até 2016, quando temos a última ocorrência do vocábulo “Casa do Minho”.

Os vinte periódicos trabalhados obedecem a um recorte de acordo com a cronologia proposta pelos arquivos da Hemeroteca, e são apresentados como fonte documental, a saber: A Batalha, O Imparcial, O Radical, A Manhã, A Noite, O Careta, Cinelândia, Jornal Cultura Política, Diário da Noite, A Nação, Jornal Diário de Notícias, Jornal do Comércio, Jornal do Brasil, Tribuna da Imprensa, Última Hora, Correio da Manhã, Folha de Caxias, O Fluminense, O Jornal, Jornal dos Sports.

Quadro 2 – Periódicos investigados com o vocábulo “Casa do Minho”

Periódicos	Período	Registros totais/ Culturais e musicais	Local no Periódico	Conteúdos
A Batalha	1921-40	06 - 04	Variados espaços e Coluna Programas de Rádio	Homenagens a personalidades e festas de aniversário da casa.
	1930-39	05	Variados espaços	Atos de diretoria e inauguração da primeira Sede, em 1936.
	1940-49	07	Variados espaços e Coluna Notícias de Portugal	Atos de diretoria e notícias sobre as associações portuguesas.
O Imparcial Diário Ilustrado do RJ	1920-29	29- 08	Coluna Beneficência Portuguesa	Escritor Português palestra na Casa do Minho e noite de literatura portuguesa, festa do 3º aniversário e Atos da diretoria
O Radical	1930-43	04- 01	Variados espaços	Homenagem à atriz e ao teatro.
A Manhã	1926- 53	18 - 03	Variados espaços e Coluna Mundo Social e Coluna O Governo da Cidade	Homenagens a personalidades e obras sociais de assistência; atos de diretoria

A Noite	1920-29	32 - 04	Variados espaços e Coluna Associações portuguesas e Coluna Comunicados	Homenagens a escritor português e Assuntos de diretoria e reuniões com outras associações. Assuntos de obras e projetos sociais.
	1930-39	106 - 24	Variados espaços	Recitais de poesia, homenagens culturais e homenagens, obras sociais e de assistência/atos de diretoria e Festividade Teatral.
	1940-49	26- 06	Vários espaços. Coluna Mundana	Homenagens e obras beneficentes, relativas à educação e saúde. Alistamento de voluntários portugueses à guerra. Festas e comemorações de aniversários da Casa.
	1950-59	08 -05	Vários espaços. Coluna Recreativismo	Trechos de Literatura.
	1960-69	33 - 20	Variados espaços e Coluna A Noite nos Clubes. Coluna Noites sociais	Bailes com orquestras. Excursões e Atos de diretoria. Apresentações do RFMF.

O Careta	1930-39	1	Matéria em destaque com foto	Sessão solene em homenagem à professor.
Cinelândia	1960-69	1	Matéria em destaque	Homenagem ao RFMF.
J. Cultura Política	1940-49	1	Matéria em destaque	Urnas de Inconfidentes repatriadas
Diário da Noite	1930-39	5 - 1	Variados espaços	Repatriamento das urnas dos Inconfidentes e obras de assistência. Matéria de homenagem ao teatro.
	1940-49	8	Variados espaços	Sessão solene ao centenário de Portugal.
	1950-59	14 - 10	Variados espaços e Coluna Umas & Outras	Atos de diretoria. Espetáculos variados e programas de rádio. Bailes diversos e apresentação do RFMF.
	1960-69	15 - 10	Variados espaços/ Coluna Umas & Outras. Coluna Clubes e Coluna de José Álvaro na ZN	Apresentação do RFMF em trajes típicos em diversos clubes do RJ.
	1970-79	1	Variados espaços	Atos de diretoria. Falecimento.
A Nação	1933-37	14 - 06	Coluna Teatro	Homenagens e Peça teatral Fado "A Severa".

Jornal Diário de Notícias	1930-39	80 - 10	Variados espaços e Coluna Teatro	Homenagens a personalidades/ Festas Programas de Rádio/ Inauguração da Sede própria(com destaque).
	1940-49	14 - 06	Variados espaços e Coluna Notícias de Portugal	Festas e comemorações de aniversário
	1950-59	21 - 10	Variados espaços/ Coluna Movimento Literário/Coluna redemoinho/Coluna Clubes da Cidade/Coluna Folclore História	Apresentações do RFMF e Homenagens na literatura, Festas, Esportes e atos da diretoria.
	1960-69	72 - 51	Variados espaços/ Coluna Clubes da Cidade /Recreativismo Coluna Bastidores/Coluna nas Casas Portuguesas/Club em Desfile/Socialtour	Apresentação do RFMF Atos da diretoria, mudanças no estatuto, Festas sociais e de aniversário e homenagens a personalidades.
	1970-79	30 - 12	Variados espaços / Coluna Noite & Dia /Coluna Clubes/Coluna Nas Casas Portuguesas	Apresentação do RFMF em diversas edições e em variados clubes pelo RJ, Atos de diretoria, mudanças de estatuto, festas e homenagens.
Jornal do Commercio	1920- 29	07	Variados espaços	Matérias relacionadas a obras e atos da diretoria.

	1930 - 39	29- 10	Coluna Teatro e Música/ Coluna Atos Oficiais/ Coluna Associações/ Coluna Gazetilha/ Coluna Registro	Homenagens em Teatros, à poesia e ao IV centenário de Gil Vicente, Atos de diretoria e assuntos sobre imigração e sociedade.
	1940-49	16 - 06	Variados espaços/ Coluna Publicações a Pedido/Coluna Registro/Coluna Associações	Festa de aniversário e outras homenagens e atos da diretoria.
	1950-59	44 - 06	Variados espaços Coluna Associações/Coluna Informações- Assembleias	Apresentação do RFMF e Atos da diretoria – missas, e comemorações.
	1960-69	49 -11	Variados espaços / Coluna Registro/Coluna Cartaz dos Clubes/Coluna Informações/Coluna Vida católica	Apresentação do RFMF, Homenagens e festas a personalidades, atos de diretoria, convocações e editais.
	1970-79	05 - 02	Variados espaços /Coluna Pelos Clubes	Festival do Folclore e Obras de assistência, e homenagens.
	1980-89	19 - 09	Variados / Coluna Luso-rápidas	Comemorações e apresentações de Folclore RFMF/Edital de Notificação.
	1990 - 99	19 - 08	Variados espaços /Coluna Linhas Expressas	Gastronomia, Exposições, Feira Luso-brasileira e homenagens.

Jornal do Brasil	1930-39	53 - 12	Variados espaços e Coluna Teatros e Coluna Associações e correspondências	Homenagem teatral, à imprensa e Coletânea Literária e Artística; atos da diretoria e obras de expansão da Casa.
	1940-49	20 - 04	Variados espaços e Coluna Associações e Clubes	Comemorações às festas centenárias de Portugal, aniversários, atos de diretoria e obras beneficentes e alistamento militar.
	1950-59	06	Variados espaços e Coluna Clubes & Festas	Comemorações às festas centenárias de Portugal e atos de diretoria.
	1960-69	118 - 93	Coluna Registros Sociais/Coluna Clubes/Festas/Sociais	Apresentação do RFMF em diversas edições; participação em diversos festivais; atos da diretoria com referência ainda à nova sede em 1967, em Laranjeiras.

	1970-79	297 - 262	Variados espaços e Coluna Clubes Coluna Shows/Casas noturnas – Caderno B	Apresentação do RFMF e outros gêneros musicais brasileiros e portugueses, presença de conjuntos e orquestras, e noites de fado. Literatura e Pintura. Atos de diretoria e participação em missas.
	1980-89	72 - 52	Caderno B, Coluna Shows/ Coluna Vida dos bairros/Coluna Clubes/Variados espaços/Lance livre	Apresentação do RFMF e outros gêneros musicais. Arte em pintura, dança, música, escultura. Atos de diretoria, homenagens. Notícias esportivas.
	1990-99	41 - 28	Coluna Exposições/Coluna Registro/	Apresentação do RFMF Pinturas e artes em fotografias, cursos de decoração e dança. Matérias de esportes.
	2000-09	09 - 08	Coluna Arredores/Coluna Exposição	Apresentações do RFMF no estado do RJ. Exposições de arte.
Tribuna da Imprensa	1950-59	43 - 10	Variados espaços Coluna Notícias da Colônia Portuguesa/ Coluna Giro nos Clubes/	Apresentação do RFMF e atos da diretoria, como obras de ambulatório e beneficentes, e festividades sociais.

	1960-69	82 - 73	Coluna Giro nos Clubes/Coluna Sociais/Coluna Notícias luso-brasileiras/Coluna Gente/Coluna Nas Associações	Apresentação do RFMF em diversas edições; atos de diretoria e participação em festivais.
	1970-79	26 - 15	Coluna Movimento dos Clubes/O que vai pelos Clubes/Coluna Esticada/	Apresentação RFMF, e destaque para show de Amália Rodrigues
	1980-89	17 - 16	Coluna Em Cartaz, com Bares e Teatros.	Apresentação RFMF, mostra de artesanato e pintura, orquestras.
	1990-99	04 - 03	Variados espaços	Apresentação do RFMF em restaurante português; notícias de esporte e imigração.
	2000-09	03	Variados espaços	Matéria sobre a cultura portuguesa; atos de diretoria e obras sociais
Última Hora	1951-84 (*)	35 - 16	Coluna Luzes da Cidade/Coluna Sociedade Fluminense/Coluna Guanabara Dia-a-Dia	Apresentações do RFMF, Bailes e festividades; atos de diretoria e obras sociais e shows beneficentes (abrigos e hospitais).
Correio da Manhã	1920-29	49	Variados espaços e Coluna Portugal no Brasil	Atos de diretoria e relações externas.

	1930-39	24 - 10	Variados espaços Coluna Teatros /Coluna Vida Social	Obras de assistência, festas e atos da diretoria e patrocínio para espetáculo teatral e homenagens.
	1940-49	17	Coluna Associações/Coluna Na Administração Municipal	Relações de embaixadas BR e PT. Obras assistenciais e festas. Atos de diretorias e municipais.
	1950-59	25 - 12	Variados espaços /Coluna Associações e Câmara do Comércio/ Sociais/Coluna Ronda	Homenagens a personalidades e festas com RFMF e atos de diretoria e relações externas.
	1960-69	96 - 86	Coluna Ronda nos Clubes/Movimento Cultural e Artístico nos Clubes/	Homenagens, Festivais, bailes e apresentações do RFMF e demais atos da diretoria.
	1970-74	16 - 11	Coluna Clubes/ Coluna Regra Três	
Folha de Caxias	1955-64	1	Coluna sociedade Nilopolitana	Apresentação do RFMF.
O Fluminense	1950-59	16 - 12	Coluna Flashes/O Fluminense na Sociedade	Rancho Maria da Fonte, outras festividades e obras beneficentes.
	1960-69	41 - 36	Coluna O Fluminense na Sociedade/Coluna Gente, Clubes e Coisas	Comemorações e Festivais com a participação do RFMF. Música brasileira e atos de diretoria.

	1970-79	40 -26	Variados espaços Festivais/Coluna Gente, Clubes e Coisas	Apresentação do RFMF, festivais e festividades, matéria sobre o fado e Amália Rodrigues.
	1980-89	32 -14	Variados espaços e Coluna Umas e Outras/Coluna Ibrahin Sued/Coluna Ronda	Apresentação do RFMF, Festivais, comemorações e bailes. Artesanato, Mostra de Pinturas e Festa Quinta de Santinho. Atos da diretoria.
	1990-99	29 - 10	Variados espaços /Coluna Súmula Geral	Esportes, passeios turísticos, shows de música abrasileirara, apresentação do RFMF e exposições. Atos de diretoria e obras. Esportes e torneios.
	2000-09	02 - 01	Coluna O Texto é notícia	Encontro literário na Casa do Minho. Atos de diretoria. Esportes e torneios.
	2010-16	35 - 25	Coluna Carrossel/ Destaque em Casa do Minho Apresenta	Noite de Fados e Guitarradas, Festivais de Folclore, Música brasileira e Costelada gaúcha. Esportes.

O Jornal	1920-29	06	Variados espaços	Atos de diretoria. E matéria sobre atos cívicos.
	1930 – 39	25 – 15	Coluna Rádio Jornal –Coluna de Notícias de Portugal/Coluna Teatro e Música/ Coluna Mundana	Festas e programas de rádio. Homenagens a personalidades.
	1940-49	35 -10	Coluna Notas Mundanas	Comemorações e datas especiais, homenagens a personalidades.
	1950-59	13 -08	Variados espaços Notas sobre festas, comemorações e atividades desportivas	Apresentações do RFMF; Notas sobre festas, comemorações e atividades desportivas.
	1960-1974	138 - 90	Espaços variados Coluna Jornal dos Clubes/Coluna Umas & Outras/Coluna Espetáculos	RFMF em Cambuquira-MG e apresentações do RFMF em diversas edições. Outras músicas brasileiras, bailes e orquestras. Atos de diretoria, relações externas e festas sociais.
Jornal dos Sports	1931- 49	4	Variados espaços	Festas e comemorações.
	1950-59	19 - 10	Coluna Uma Pedrinha na Shooteira/Coluna Vasco em Dia/ Atualidades Luso-brasileiras	Apresentação do RFMF e festividades com música portuguesa; desfile de esportistas.

	1960-69	95 - 55	Coluna Atualidades Luso-brasileiras/ Coluna Bola Society Coluna Uma Pedrinha na Shooteira/ Coluna Clubes & Gente/ Coluna Clubes & Fatos	Apresentação do RFMF. Torneios de football, basquete, festas e relações sociais, Outros conjuntos e grupos de música e cantores na Casa do Minho.
	1970-79	433 - 138	Coluna Uma pedrinha na chuteira/ Janela da Noite – pelos clubes/ Coluna Bate Bola/ Coluna Bola social	Apresentação do RFMF, outros tipos de música, conjuntos, bailes, e Torneios de football de salão; atos de diretoria, sociais e administrativos.
	1980-89	137 - 38	Variados espaços e Coluna Bate Bola-Social/ Convívio Social/ Coluna Clubes/ Pedrinha na Chuteira/ Coluna Entre Nós/ Coluna Programação/ Coluna Daqui e Dali	Apresentação do RFMF, cantores na casa do Minho, torneio de Hóquei e atos da diretoria. Festas sociais.
	1990-99	05 -03	Coluna Bola Social/ Voleibol no Rio	Notícias sobre esportes e Atos de diretoria.
	2000-09	1	Variados espaços	Arte em exposição e Animação e Cultura Japonesa.

(*) O Jornal *Última Hora* traz 2 ocorrências, mas que não foram computadas, no ano de 1983 e 1984, porque não dizem respeito à cultura nem à música.

Com relação aos periódicos, foi realizada uma investigação utilizando-se métodos de pesquisa quantitativa e qualitativa, através da Hemeroteca – Biblioteca Nacional Digital, em arquivos de jornais desde o início do século XX, relacionando as aparições do vocábulo “Casa do Minho”. O objetivo foi dar maior atenção ao foco da pesquisa, em matérias acerca da cultura musical portuguesa no Rio de Janeiro, com especial atenção ao folclore e ao fado.

O período estudado compreendeu os anos de 1926 a 2016, marco inicial e final, em que constam as informações a respeito da associação luso-brasileira Casa do Minho, nos periódicos analisados.

Os apontamentos que se seguem, conforme catalogados pela Hemeroteca, estão transcritos no quadro acima.

1. Periódico A Batalha

De 1926 a 1941 – 6 ocorrências

Registros relacionados à cultura e à música: 4

A edição do ano de 1932 traz uma ocorrência relativa ao 4º centenário de falecimento de Gil Vicente¹⁹. Pelo fato de o poeta ter nascido na região do Minho, fez-se uma festa na associação em sua homenagem, com sessões literárias à noite e entrada franca.

No mesmo ano, homenagem e festa à Virgínia Soler, atriz de teatro musicado, no Teatro República, festa patrocinada pela Casa do Minho, com música portuguesa.

A edição de 1937 registra homenagem cultural ao então Prof. Dr. Leonídio Ribeiro, que através do patrocínio da federação das associações portuguesas, onde estaria incluída a Casa do Minho, pôde ir a Portugal, a convite do Instituto Luso-Brasileiro de Alta Cultura, para realizar palestra sobre antropologia e medicina legal.

No ano de 1939, aparece uma ocorrência sobre a comemoração do aniversário de 15 anos da Casa do Minho no estado do Rio de Janeiro, com presença do embaixador à época. Segue-se o baile e serviço de *buffet*.

A edição nº 00838, do ano de 1932, traz uma análise de assuntos portugueses relativos à Colônia no Brasil

¹⁹ Gil Vicente foi o criador do teatro em língua portuguesa nos idos de 1502. Suas peças são de caráter popular e costumam ter forte teor satírico.

Demais assuntos:

As demais ocorrências são referentes a atos de diretoria, como a inauguração da sede da Casa do Minho, em 1936, (destaque na edição 03028) e notas de falecimento.

2. O Imparcial – Diário Ilustrado do Rio de Janeiro

De 1920 a 1949 – 29 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: 8

Referem-se a assuntos culturais, relacionados à literatura e festas de aniversário da Casa do Minho. Nesse período, encontramos, no ano de 1924, a primeira ocorrência sobre o espaço, na edição do mês de junho, em matéria relacionada à alma portuguesa em manifestação de civismo no Brasil, por iniciativa da revista *Portugal* e apoio do Clube Democráticos, localizado no Rio de Janeiro. A Casa do Minho participa dessa manifestação.

Escritor modernista português, o jornalista Antônio Ferro realiza conferência na Casa do Minho.

Demais assuntos:

A maior parte desses registros está distribuída em atos de diretoria, com questões financeiras e obras beneficentes. Em 1927, há a inauguração de um posto médico na Casa do Minho.

No período de 1930 a 1939 temos apenas assuntos relacionados a atos de diretoria e inauguração da sede própria, matérias em destaque e fotos com legendas, inclusive em meia página de jornal, no ano de 1936.

No ano de 1940, edição números 1664, matéria do periódico *Imparcial* enaltecendo as iniciativas da Casa do Minho por suas finalidades expressas e realizadas em benefício de imigrantes. Destaque em página e título da matéria “A Casa do Minho”.

Os demais são atos de diretoria, apoio em construção de monumento a personalidade e assuntos de assembleia deliberativa na coluna Notícias de Portugal, trazendo notícias da vida associativa no Brasil.

3. Periódico: O Radical

De 1932 a 1943 – 4 ocorrências

Registros relacionados à cultura e à música: 1

A matéria diz respeito à homenagem da Casa do Minho à atriz do teatro musical, Virgínia Soler²⁰, no Teatro República.

Demais assuntos:

Atos da diretoria.

4.Periódico: A Manhã

De 1926 a 1953 – 18 ocorrências

Registros relacionados à cultura e à música: 3

Temos registros de recebimento de doações de livros para a Casa do Minho, festas comemorativas de aniversário da associação e de seus membros, contando com a presença do embaixador de Portugal e com grupos escolares para apresentações de teatro e contadores de histórias.

Somente em edições dos anos de 1942, 1943 e 1944, tivemos informações de bailes de aniversário, comemorações como o Baile do Dário, em diversas edições.

Demais assuntos:

No restante das edições, os assuntos eram pertinentes a atos de diretoria e assembleias. Há ainda ocorrências sobre pedido à Prefeitura do Rio de Janeiro de construção de novo prédio para estabelecimento novo da Casa do Minho; homenagem ao Ministro Viriato Vargas, diretor do jornal *Brasil-Portugal*. Seguem-se outras homenagens a personalidades que não são relevantes para esta pesquisa.

5.Periódico A Noite

De 1920 a 1929 – 32 ocorrências

Registros relacionados à cultura e à música: 4

Conferência com o escritor modernista português Antônio Ferro, com trechos de guitarras de estudantes de Coimbra abrilhantando o evento. Há menção ao aniversário da fundação da Casa, com festa e baile.

Demais assuntos:

Atos de diretoria, com reuniões e assembleias, posse de nova diretoria (matéria em destaque com foto), e presença de escritores ilustres. Com a presença do escritor

²⁰ A atriz portuguesa Virgínia Soler é mencionada em diversas edições nos periódicos analisados na pesquisa, por fazer menção a apresentações com apoio ou patrocínio da Casa do Minho. A atriz estreou em Portugal no chamado teatro ligeiro, na década de 1930 e, logo após, veio ao Brasil, destacando-se no teatro de revistas/teatro musicado. Desde menina apresentava habilidade para atuar, cantar e dançar. (fonte RTP, documento de 1973). <https://www.rtp.pt/programa/tv/p32983/e24>.

português Malheiro Dias, a matéria relata que o escritor guarda enorme afeto pelo Brasil, visitando sempre que pode esse país.

Saudações da Casa do Minho ao jornal A Noite, homenageando a imprensa do Rio de Janeiro, com comemorações e missa solene pela passagem do aniversário do periódico.

Material sobre o posto médico da Casa do Minho.

De 1930 – 1939 – 106 ocorrências

Registros relacionados à cultura e à música: 24

Festa de Virgínia Soler no Teatro República, com patrocínio da Casa do Minho, edição nº 08177, do ano de 1934.

O aniversário da Casa do Minho apareceu mais de uma vez, no ano de 1936, que se seguia até à madrugada com presença de música, um “baile com orquestra”.

Atos de homenagem ao 4º centenário de morte de Gil Vicente envolvem a cultura na inauguração de Museu em Portugal, em matéria de destaque com foto.

Homenagem ao Professor Leonídio Ribeiro, com a presença de reitores de universidades e de figuras ilustres do Brasil e de Portugal.

Em benefício da Casa do Minho, a Cia. Esther Leão encena o espetáculo teatral “A Severa”²¹ e Júlio Dantas, e conta com a presença do embaixador à época, Dr. Nobre de Mello. Aparece em diversas edições do ano de 1938.

Demais assuntos:

Matéria de um anúncio sobre a revista da Casa do Minho, de número único, em que vemos a construção da casa no Rio de Janeiro e seus aspectos e valores para a cultura – uma preciosidade artística e literária que está à venda. Edição 08122, do ano de 1934.

Obras dedicadas à parte beneficente, contando com a presença de ilustres políticos, presença do embaixador de Portugal à época e personalidades de Portugal e do Brasil.

Obras de assistência, premiação a alunos das escolas da Casa de Portugal, em matéria intitulada “Festa do saber”, com destaque e foto.

²¹ Severa – fadista portuguesa, prostituta que viveu entre 1820 e 1846, considerada um mito do fado. Apaixonada pelo Conde de Vimioso, o encanta com seus fados. A Severa é considerada a alma do fado, a pioneira. Até o aparecimento de Amália Rodrigues, a idolatria pela Severa, o antepassado mítico do fado, não sofre confronto. Aqui temos referência à peça teatral que foi encenada no Rio de Janeiro – Teatro República, no ano de 1937. “A mitologia fadista”, Antônio Osório. Livros Horizonte, Lisboa, 1974.

Homenagens e almoços a ilustres personalidades do Brasil e de Portugal, no tocante à política e às relações externas.

Inauguração da nova sede no ano de 1936, matéria em destaque, com foto.

Atos referentes à viagem sobre os inconfidentes portugueses com urnas em cores das bandeiras portuguesa e brasileira, com a presença de membros e diretoria da Casa do Minho.

Com o título “Uma iniciativa feliz da Casa do Minho”, anuncia a inauguração da Escolas Nuno Simões, em 1937.

João de Barros, publicista português, escreve matéria intitulada “Revendo a velha pátria portuguesa”, em que há apontamentos sobre a união das duas nações: Brasil e Portugal, com homenagens em diversos locais portugueses, onde aparece a Casa do Minho.

Aniversário da Casa do Minho (sempre noticiado a cada ano neste periódico).

Em 1937, matéria sobre a Casa do Minho como uma entusiasta casa regional, onde se valoriza a cultura minhota sem esquecer jamais de onde está: no Rio de Janeiro. Essas palavras foram de Nuno Simões, para lembrar o acolhimento recebido pelos membros da Casa do Minho, quando esteve no Brasil. Ano de 1937.

Referências a projetos sociais com distribuição de donativos por ocasião do Natal.

De 1940 – 1949 – 26 ocorrências

Registros relacionados à cultura e à música: 6

A Casa do Minho promove o Movimento artístico e literário, no ano de 1947. Recreativismo para a Casa do Minho, sem esquecer dos projetos sociais e obras de assistência.

Demais assuntos:

Comemoração dos centenários de Portugal com sessão solene na Casa do Minho.

A Casa do Minho saúda o jornal A Noite.

Homenagens a figuras ilustres, como o embaixador Nobre de Mello.

De 1950 – 59 – 08 ocorrências

Registros relacionados à cultura e à música: 05

Homenagem ao escritor português Aquilino Ribeiro, na Casa do Minho.

A Coluna Recreativismo aborda noite dançante com orquestra na Casa do Minho.

“Noite no Jardim de Portugal”, concurso para cantores brasileiros e portugueses. Citado em 1961, edição nº 015676.

Demais assuntos:

A Casa do Minho participa de concurso para Rainha do Rádio. Homenagem ao jornal português “A Voz de Portugal”, com apoio de instituições luso-brasileiras como a Casa do Minho, no ano de 1956.

Excursões promovidas pela Casa a outros estados do Brasil e atos da diretoria.

De 1960 – 1969 – 33 ocorrências

Registros relacionados à cultura e à música: 20

“Noite no Jardim de Portugal”, concurso para cantores brasileiros e portugueses. Ano de 1961, edição 015676.

Em 1961, edição nº 15689, menção a noites de bailes e orquestras com a participação especial do Folclore do Minho. Festa junina com o folclore do Brasil e do Minho.

O Rancho Folclórico Maria da Fonte (RFMF) se apresenta na Casa dos Poveiros, onde ocorreu um festival de folclore.

Rancho Maria da Fonte em almoço de confraternização. E, no ano de 1962, o RFMF aparece em cerca de seis edições.

Uma noite portuguesa no Clube Caiçaras, com a presença do RFMF e da cantora fadista portuguesa e radicada no Brasil

Uma noite portuguesa no Clube Caiçaras com a presença do Rancho Folclórico Maria da Fonte – RFMF e da cantora fadista portuguesa e radicada no Brasil, Adélia Pedrosa, a entoar os fados, acompanhada dos músicos de viola e guitarra portuguesa. Edição nº 17010, do ano de 1962, traz a matéria com destaque, foto e legenda.

RFMF se apresenta no Orfeão português na Tijuca – Rio de Janeiro.

Filmes documentários de Portugal exibidos na Casa do Minho, com venda de ingressos na porta.

O Seminário Luso-Brasileiro no Real Gabinete Português de Leitura conta com a participação da Casa do Minho, no ano de 1962.

Apresentação do RFMF em diversos festejos e festivais de cerveja, e do Folclore.

Demais assuntos:

Atos de diretoria. Excursões realizadas pela Casa do Minho.

A Comunidade luso-brasileira realiza conferências em diversas casas portuguesas e a Casa do Minho está presente.

6. Periódico O Careta

De 1930 – 1939 – 1 ocorrência

Aqui temos apenas uma ocorrência relacionada à homenagem ao professor e médico brasileiro Leonídio Ribeiro²², com matéria destacada com foto. A solenidade acontece pelos relevantes serviços prestados à comunidade científica brasileira e portuguesa, com a presença de médicos e cirurgiões brasileiros e portugueses.

7. Periódico Cinelândia

De 1960 a 1969 – 1 ocorrência

Há apenas uma matéria relacionada à Casa do Minho a respeito da autenticidade do Grupo Folclórico Maria da Fonte, tecendo elogios, no ano de 1967.

8. Periódico Jornal Cultura Política

De 1940 – 1949 – 01 ocorrência

Apenas uma ocorrência, que traz o nome da Casa do Minho, diz respeito ao termo de reconhecimento da repatriação das urnas dos inconfidentes africanos portugueses, com personalidades e símbolos nacionais, como as bandeiras dos dois países.

9. Periódico Diário da Noite

De 1930 a 1939 – 5 ocorrências

Registros relacionados à cultura e à música: 1

Festa para a atriz Virgínia Soler conta com a presença do ator e diretor de teatro Procópio Ferreira, no Teatro República e tem homenagem da Casa do Minho à atriz.

Demais assuntos:

Matéria sobre inauguração da Sede da Casa do Minho, ano de 1936 e atos de diretoria

De 1940- 1949 – 08 ocorrências

Registros relacionados à cultura e à música – não houve

²² Médico e professor Leonídio Ribeiro, brasileiro, membro da Academia Nacional de Medicina, figura de destaque à sua época e importante para a cultura brasileira.

Demais assuntos:

Registros de solenidades pelos Centenários de Portugal.

Cinzas dos Inconfidentes voltam ao Brasil. Obras beneficentes da Casa do Minho. Homenagens ao Patrono do Exército e festas em comemoração ao aniversário da Casa do Minho.

De 1950 – 1959 – 14 ocorrências**Registros relacionados à cultura e à música: 10**

Programação da Rádio Tupi com Programa Orlando Baptista, transmitido diretamente da Casa do Minho.

Espetáculos de ilusionismo, no ano de 1955.

A Festa da UNE no Maracanãzinho traz a participação do RFMF, ano de 1958, na edição B 11333. O Rancho Folclórico Maria da Fonte se apresenta no América Futebol Clube, no ano de 1959.

Ciranda dos Bairros na Casa do Minho, com programa transmitido pela Rádio Mayrink Veiga. Ano de 1959.

Demais assuntos:

Atos de diretoria, homenagens e concursos de rainha. Matéria que aponta a Casa do Minho e seu caminhar "na vanguarda", pela quantidade e qualidade de seus membros e pelo apoio à cultura que vemos nas atividades da associação, mas também pelo sentido cultural que imprime, com expressão de puro humanismo, não sendo sinônimos de enciclopedismo barato. Matéria escrita por membro da Agência Nacional de Inovação.

De 1960 – 1969 – 15 ocorrências**Registros relacionados à cultura e à música: 10**

Apresentação do RFMF na Casa do Minho, ano de 1960, com trajes típicos, na Casa dos Poveiros e na Associação Atlética Grajaú, no Orfeão português, com a presença da banda brasileira Bossa Nova.

Demais assuntos:

Velha guarda do Clube Vasco da Gama visita a Casa do Minho.

Edital de Convocação.

De 1970 – 1979 – 1 ocorrência

Apenas uma matéria a respeito da Casa do Minho sobre sessão solene de diretoria.

10. Periódico: A Nação

De 1933 a 1937 – 14 ocorrências

Registros relacionados à cultura e à música: 6

Na edição nº 01522, de 1937, encontramos uma referência ao fado, com encenação da peça “A Severa”, que foi então apresentada pela companhia de teatro Esther Leão, no Teatro República, e contou com a presença de membros da Casa do Minho, a renda do espetáculo fora destinada em homenagem e benefício da Casa.

Ainda na área da cultura, encontramos, nos idos de 1936 e 1937, homenagens ao 4º centenário de falecimento de Gil Vicente²³ e ao Professor Leonídio Ribeiro.

Demais assuntos:

Na edição nº 00693, de 1935, vemos ocorrências de notícias portuguesas, que relatam a fundação da Casa do Minho e suas características. Há menção à origem do nome em 1934, mas afirma-se que, desde 1924, em sua primeira construção, seu projeto de criação foi impulsionado para a construção de um projeto social em um pavilhão, que teria as características de fundo branco, com símbolos históricos das cidades minhotas de Braga, Guimarães, Viana do Castelo.

Seguem-se matérias de sessões ordinárias, com relatos de obras de assistência, relatos de pessoas homenageadas; sendo que, na edição nº 01170, no ano de 1936, destaca-se a notícia da inauguração de sua sede própria, na Rua Conselheiro Josino, nº 22, com cerimônia, presença do escritor João de Barros e “*soirée dansante*”.

11. Periódico: Diário de Notícias

De 1930 – 39 – 80 aparições

Registros relacionados à cultura e à música: 10

Em 1934, a edição nº 02308 registra programações anunciadas da Rádio Sociedade Guanabara e, entre elas, vemos horários dedicados à Casa do Minho.

Nas edições deste mesmo ano de 1934, temos muitas homenagens e festas patrocinadas pela Casa do Minho. Essas homenagens se referem a personalidades da cultura, do teatro, cantores e violinistas. Entre eles, a artista portuguesa Virgínia Soler,

²³ Gil Vicente foi o criador do Teatro em língua Portuguesa nos idos de 1502, quando inaugurou-se o chamado Teatro Vicentino. Suas peças são de caráter popular, e costumam ter forte teor satírico.

atriz que, além de atuar, tocava viola, bandolim e cavaquinho. Matéria longa de destaque na edição nº 02361.

Para sua inauguração em nova sede, destaca-se, na edição nº 030209, do ano de 1936, apresentação de conjuntos musicais do Centro Musical Beneficente da Colônia Portuguesa de Niterói. Houve hasteamento das bandeiras do Brasil e de Portugal, com os respectivos hinos.

Há outras festas em homenagem a personalidades, como o embaixador de Portugal, e oferecimento de banquetes.

A banda de música do Orfeão português tocou o hino “Maria da Fonte”, homenageando o rancho folclórico.

Na edição nº 03173, ano de 1937, há homenagens ao 4º centenário de falecimento de Gil Vicente.

Às edições que se seguem, vemos homenagem ao cientista brasileiro Prof. Dr. Leonídio Ribeiro na Casa do Minho, com presença do embaixador Martinho Nobre de Mello.

Na edição nº 03654, do ano de 1937, encontramos homenagem à peça “A Severa”, de Júlio Dantas, história que faz referência às lendas do fado e estava em cartaz no Teatro República, onde foi realizada a festa da Casa do Minho.

Há homenagem da Casa do Minho no Teatro da República a Carlos Campos, guitarrista português. Citada na edição nº 03655, do ano de 1937.

Demais assuntos:

A edição nº 02827, do ano de 1936, registra o novo endereço da Casa do Minho, na Rua Conselheiro Josino. A edição nº 02830 menciona a festa de inauguração e outros atos da diretoria.

De 1940 a 1949 – 14 ocorrências

Registros relacionados à cultura e à música: 6

No ano de 1946, vemos algumas referências a aluguel do salão nobre na casa do Minho para festividades e orquestras, porém nem todas são de caráter português. Encontramos também menção a festas de bandas brasileiras, regiões de folclore gaúcho, em algumas festividades, quando havia um cunho solene, com oradores oficiais da Casa, cujo teor das palavras era justamente o de mostrar proximidade entre as culturas de Portugal e do Brasil.

Referências ao Orfeão português com apresentações na Casa do Minho, edição nº08204, de 1949.

Demais assuntos:

Na edição 06159, do ano de 1942, há referências a um cadastro profissional de portugueses, e a Casa do Minho participou como um lugar de abrigo a esse alistamento.

De 1950 a 1959 – 21 ocorrências

Registros relacionados à cultura e à música: 10

Entre festejos e comemorações, tivemos um total de 10 ocorrências, envolvendo cultura, literatura, música portuguesa e esportes. Bailes em outras casas como Casa das Beiras e Casa do Porto, com a presença de membros e diretoria da Casa do Minho.

Vale destacar a menção ao Conjunto Folclórico Casa do Minho, com a presença de Dolores Duran e Lúcio Alves, na edição nº 10861, de 1958.

Também no ano de 1958, verificamos, na edição nº 11027, apresentação do Rancho Folclórico Maria da Fonte (mencionado pela primeira vez).

Nesse mesmo ano, tivemos uma reprodução da vinda de D. João VI ao Brasil, narrando a história passados 150 anos. A Casa do Porto, a Casa das Beiras e a Casa do Minho participam com um grupo de bailes em danças de maracatus e lundus.

Encontramos outras edições, no ano de 1958, citando participação de grupo de dança folclórica e orquestra da Casa do Minho em comemorações de outras empresas – como a Mesbla, na edição nº 10861.

Ainda em 1958, na edição nº 11027, em festa promovida pela União Nacional dos Estudantes (UNE), que aconteceu no Ginásio do Maracanã, houve a participação do Rancho Folclórico Maria da Fonte.

Também contamos com ocorrências sobre festas juninas em arraiais em 1959 (edição nº 11238) e outras apresentações com a banda de música da Casa do Pequeno Jornaleiro (edição nº 11353).

No movimento literário, ainda no ano de 1959, homenagem ao escritor português Aquilino Ribeiro, na Casa do Minho.

Seguem-se outras apresentações em estabelecimentos luso-brasileiros, como o Liceu Literário Português e o Instituto Luso-Brasileiro de Folclore, com destaque ao apoio dado ao Rancho Folclórico (edição nº 11167, do ano de 1959).

Festival do Folclore, promovido pelo Instituto Luso-Brasileiro, com grande destaque para a Casa do Minho, na edição nº 11328, de 1959.

Demais assuntos:

Atos de diretoria e outras ocorrências em obras beneficentes, campanhas e outras notícias sobre esportes.

De 1960 a 1969 – 72 ocorrências**Registros relacionados à cultura e à música: 51**

Festas com apresentações do Rancho Maria da Fonte totalizaram 35 registros. Inclui-se menção à participação no II Festival Esportivo e Folclórico Internacional, realizado no ano de 1965 (edição nº 13158).

Na edição nº 11652, do ano de 1960, temos “Lagoa terá noite portuguesa hoje”, com presença de fadistas e guitarristas. Prosseguindo com as noites encantadas na Lagoa, a comissão organizadora do I Festival do Rio realizou uma noite portuguesa, com exposições de grupos folclóricos da Casa do Minho, da Casa dos Poveiros e outras associações lusas, com apresentação de fadistas e guitarristas em trajes típicos.

Na casa do Minho, realização de festas portuguesas sob comando do professor de acordeão Alberto Camilo (edição nº 11671, ano de 1960).

Festas beneficentes, de cunho filantrópico, ao Orfanato São José, com shows e feiras beneficentes à Casa da Mãe Pobre, com a Orquestra Naja Silvino e grande baile.

Há 13 ocorrências de notícias sobre o carnaval, com bailes e literatura em forma de poesia. Na edição nº 13909, tivemos apresentação de samba enredo de A. A. Vila Isabel, escolha do samba.

No ano de 1960, festividade em homenagem ao Instituto Luso-Brasileiro de Folclore, do Liceu Literário Português.

Show da fadista Maria Alcina e mais guitarristas portugueses, em 1969 (edição nº 14345).

Festa com o conjunto Tricanas de Coimbra, com presença de artistas de rádio e TV, e festas juninas com participação da Casa do Minho.

Demais assuntos:

Na área de esportes, registramos três ocorrências. Vale ressaltar que nesta área e em algumas festividades vemos que a renda do evento, por diversas vezes, teve um cunho filantrópico, sendo revertida em benefício de alguns orfanatos, entre eles, o Orfanato São José.

Na edição nº 12143, de 1962, vale ressaltar o destaque para a matéria “O Tejo vai desaguar na Guanabara”, fazendo referência aos laços entre esses dois países – Brasil e

Portugal, com a conferência de escritos português, Sr. Agripino Grieco, na Casa do Minho.

No ano IV centenário do Rio de Janeiro – ocorrência sobre os 50 anos da Casa do Minho, em 06 de março de 1965, saindo uma procissão da Igreja Nossa Senhora de Fátima, no bairro de Fátima.

Temos apontamentos sobre a Casa do Minho como uma das mais antigas entidades regionais portuguesas do Rio de Janeiro, com destacado grupo folclórico e ações beneficentes, na edição nº 12974, de 1965.

Menção ao novo endereço da Casa do Minho, na Rua Ibituruna, nº 24 – Tijuca (edição nº 13487, do ano de 1966). Ao que tudo indica, de acordo com o relato de pessoas antigas do RFMF, esse foi um endereço provisório, de que poucos se lembram, durante a fase de construção da sede da Rua Cosme Velho.

Em 1968, houve o anúncio da nova sede na Rua Cosme Velho, nº 60, onde a Casa do Minho está localizada até os dias atuais.

Outras sete ocorrências dizem respeito a atas de assembleias ordinárias e extraordinárias e conselhos deliberativos, além de outros assuntos que não conjugam com a pesquisa.

De 1970 a 1979 – 30 ocorrências

Registros relacionados à cultura e à música: 12

Apresentações do Rancho Folclórico Maria da Fonte e de bandas militares e dos fuzileiros navais – totalizam 7 ocorrências.

O Orfeão português aparece também na edição com festividades que incluem o Rancho Folclórico Maria da Fonte.

Há também cerca de dez ocorrências de homenagens e festas luso-brasileiras, com apresentação de orquestras, como a Vera Cruz, citada em algumas edições do período entre 1970 a 1976.

Na edição nº 15318, do ano de 1972, encontramos referência à apresentação de Amália Rodrigues no Brasil, no Canecão, com participação especial do Grupo Folclórico da Casa do Minho – Rancho Maria da Fonte. Mencionado também na edição nº 15321.

Homenagem ao presidente da Casa do Minho, em 1976 (edição nº 1655), e ainda, no ano de 1975, festas com conjuntos de música estrangeira. Outros conjuntos são

destacados em diversas matérias. Conjuntos brasileiros que começam a despontar em bailes e festas nesta década: Lafayet, Ed Maciel, entre outros.

Conforme a edição nº 14680, em 1976, a fadista e folclorista Rosa Maria se apresenta na Casa do Minho. A fadista apresentava-se, nessa época, no Teatro Princesa Isabel, com o espetáculo “Vamos Sonhar Caravelas”.

12. Periódico: Jornal do Comércio

De 1920 a 1929 - 7 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: não houve

Apenas sete registros que dizem respeito a assuntos de obras beneficentes e relacionados à imigração e atos de diretoria da Casa do Minho.

De 1930 a 1939 – 29 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: 10

Edição nº 00278, do ano de 1934, traz a seguinte matéria: “No Brasil a população está despertando os interesses pela embaixada do fado”. Há referência à festa para homenagear a atriz de grandes musicais, alguns deles dedicados ao fado, Sra. Virgínia Soler, no Teatro República. Festa oferecida pela Casa do Minho, com programação de diversos cantores de rádio.

No ano de 1937, há referências às atividades culturais da Casa do Minho, com homenagem ao 4º centenário de falecimento de Gil Vicente. Homenagem ao Prof. Dr. Leonídio Ribeiro, da área de medicina e antropologia.

Demais assuntos:

Mudança de nome de Centro do Minho, para Casa do Minho, ano de 1933 edição nº 00230. E outras ocorrências, como construção de sede e mudanças de diretoria, nas edições do ano de 1934.

Ainda no ano de 1934, edição nº 00287, aparece uma notícia sobre reunião da Sociedade Luso-Africana no Rio de Janeiro, em que a Casa do Minho é citada devido ao agradecimento de vários membros da sociedade pela esforçada e filantrópica coletividade da Casa, digna de exemplos, marcados principalmente nas letras e nas artes (ocorrência que também aparece nos anos de 1935 e 1936).

No ano de 1939, na edição nº 0097, há homenagem ao presidente da Casa do Minho e à diretoria, pela iniciativa de melhorias à Escola de Educação Básica Dr. Nuno Simões, que era mantida pela Casa.

De 1940 a 1949 – 16 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: 6

Referências a bailes para comemorar o aniversário no ano de 1942 com orquestra em diversas edições.

Demais assuntos:

Os registros encontrados nesse período dizem respeito a atividades beneficentes, com obras aos desamparados e diversas homenagens a personalidades, além de posses de diretoria em várias edições do periódico.

De 1950 a 1959 – 44 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: 6

Em uma edição do ano de 1950, a Casa do Minho saúda o Jornal do Commercio e sua equipe editorial e jornalística, pela divulgação de atividades portuguesas, dedicadas à música, cultura e outros assuntos de Portugal e da comunidade lusitana e luso-brasileira. Apresentações do Rancho Folclórico Maria da Fonte em 5 matérias, nos anos de 1957 e 1959.

Demais assuntos:

Correspondem à formação de nova diretoria, reuniões, atas de Assembleias, missas solenes, comemorações de aniversário, almoços, campanhas sociais e homenagens a personalidades e membros da Casa.

De 1960 a 1969 – 49 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: 11

Em homenagens e festas, a participação do Rancho Folclórico Maria da Fonte aparece em onze eventos.

Aparecem outras festividades com participação de outras associações, como a Casa dos Poveiros e a Casa das Beiras, além da presença da Banda de Portugal e de artistas, como o fadista Joaquim Pimentel, em duas edições.

Também temos noites dançantes de *hi-fi* e festas juninas e de aniversário da Casa do Minho, sempre com bailes, música e banda, em sete edições.

Homenagens a escritores e poetas, em duas edições.

Duas ocorrências sobre o teatro. Desta vez, com a “Ceia dos Cardeais”, ópera de Artur Iberê Lemos que teve a participação de bailarinos e de um conjunto de músicos da Casa do Minho. Edição do ano de 1964.

Demais assuntos:

A Casa do Minho participou na Noite de Solidariedade no Maracanãzinho, juntamente com outras casas lusitanas e luso-brasileiras, no ano de 1968.

De 1970 a 1979 – 5 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: 2

Participação no Festival do Folclore, no ano de 1972, na Coluna Pelos Clubes, que marcou a presença da Casa do Minho e de outras casas de cultura portuguesa no Rio de Janeiro.

Demais assuntos:

Uma ocorrência sobre reunião com o governo do Rio de Janeiro para estudos de intercâmbio educacional e cultural entre Brasil e Portugal, visando à aprendizagem e ao desenvolvimento do artesanato português, na edição do ano de 1970.

Na edição nº 0212, de 1977, há registro para licenciamento de obras dedicadas à construção da Casa do Minho, na Rua Cosme Velho, nº 60, onde está localizada até os dias atuais, no bairro de Laranjeiras.

De 1980 a 1989 – 19 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: 9

Festas de homenagem a personalidades portuguesas e brasileiras, bem como de aniversário.

Festa pelos 60 anos da Casa do Minho, na edição do ano de 1984.

Almoços de fim de ano com presença de personalidades, empresários e governantes de Portugal e do Brasil, e políticos da Câmara de Vereadores.

Show com a fadista Maria de Fátima e o conjunto Combrasil, na edição nº 00156, de 1986.

Festa com a participação do Rancho Folclórico Maria da Fonte e danças portuguesas com quatro ocorrências.

Apresentação de outros ranchos folclóricos de outras casas e associações.

Demais assuntos:

Matérias referentes a falências e concordatas, que não têm relação direta com a pesquisa.

De 1990 a 1999 – 19 ocorrências**Registros referentes à cultura e à música: 8**

Vinda ao Brasil do cantor e fadista português Carlos do Carmo e apresentação na Casa do Minho, cantando fados com letras de poemas de Fernando Pessoa, no ano de 1990, quando haverá ainda a participação do Rancho Folclórico Maria da Fonte da Casa do Minho, na edição nº 00186.

Apresentação do Rancho Folclórico Maria da Fonte – cinco ocorrências no ano de 1990.

Apresentação da fadista Maria Alice Ferreira, na edição nº 00213, de 1990.

Na edição nº 00227 de 1999, há uma entrevista com Deborah Colker, que estreou, à época, o espetáculo “Rota”, e que menciona a Casa do Minho por ter oferecido um curso naquele estabelecimento luso-brasileiro.

Exposição de pintura, no mesmo ano.

Demais assuntos:

Edital de notificação, com 3 ocorrências no ano de 1991 e 1992.

Homenagem luso-brasileira ao presidente da Casa do Minho, em Lisboa.

Cursos e condecorações a personalidades que são sócios beneméritos da Casa do Minho, com três ocorrências.

13. Periódico: Jornal do Brasil**De 1930 a 1939 – 53 ocorrências****Registros referentes à cultura e à música: 12**

Na edição nº 00160, do ano de 1934, vemos registro a respeito da Casa do Minho, como centro regionalista de suma importância no Brasil, a dedicar-se à cultura portuguesa, informando sobre a edição do livro *Minho – uma coletânea literária e artística*. Trata-se de uma coletânea com textos de poetas e prosadores sobre os encantos e paisagens da região do Norte de Portugal. O livro foi oferecido à Casa do Minho, o que

proporcionou uma homenagem à Elydio Nunes, ex-presidente do estabelecimento, que ofereceu aos “filhos do Minho de Portugal e do Rio de Janeiro”

Seguem-se outras homenagens: à atriz Virgínia Soler e ao cardeal da região do Minho, em Portugal, D. Manuel Cerejeira. Destaca-se ainda as edições de agosto e setembro de 1936, em que a Casa do Minho homenageia a imprensa, pelo seu acolhido apoio em divulgação das obras patrimoniais, culturais, artísticas e a tudo que tem sido proporcionado (edições nº 0188, 0212 e 0222).

Demais assuntos:

Em 1936, na edição nº 0259, temos o registro da inauguração de sua sede própria, à Rua Conselheiro Josino, nº 22.

Os demais registros referem-se a projetos de obra, expansão do patrimônio e outras convocações, despachos e atos da diretoria.

De 1940 a 1949 – 20 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: 4

Registro de algumas comemorações de aniversário, que contam com bailes e orquestras – 4 edições.

Demais assuntos:

Seis edições dizem respeito às comemorações do Centenário de Portugal nesse país, mencionando a presença da Casa do Minho e os brasileiros desse estabelecimento no Rio de Janeiro. Com o título “As festas centenárias na Casa do Minho: exaltam a província em que nasceu Portugal e presta homenagem à filantropia lusa.”

Outras notícias sobre alistamento militar, obras beneficentes, atos de diretoria.

De 1950 a 1959 – 6 ocorrências

Não há ocorrências com relação à cultura e à música.

Demais assuntos:

Encontramos, nesse período, referência a reuniões sobre as obras de assistência social da Casa do Minho e homenagem à “Rainha das Associações Portuguesas – Casa do Minho do Rio de Janeiro”. Homenagem feita em Lisboa. Ano de 1959, edição nº 0156.

De 1960 a 1969 – 118 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: 93

Destacamos, com 34 registros, as apresentações do Rancho Folclórico Maria da Fonte na própria Casa do Minho e em outras casas lusitanas no Rio de Janeiro, além do Festival da Cerveja, no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Niterói e em Vitória, da Festa da Solidariedade e da Feira da Providência.

Começam a acontecer as tardes dançantes, com bandas brasileiras e orquestras, como a Orquestra Vera Cruz e o conjunto Tema Trio. No ano de 1969, contamos com 45 registros, incluindo-se também a Domingueira Dançante, década essa que supera o número de ocorrências sobre apresentações do Rancho Maria da Fonte.

Outros registros em Festa da Vindima, sobre as festividades juninas e registros de outras festividades a artistas, ao Dia da Independência do Brasil, festa em homenagem ao 4º centenário do Rio de Janeiro, no ano de 1965, e ainda outras festividades esportivas além do Réveillon, com a Orquestra Vera Cruz (em torno de 14 registros).

Demais assuntos:

Cerca de 6 registros sobre a construção da nova sede na Rua Cosme Velho, nº 60, onde se encontra, atualmente, a Casa do Minho.

Em 1967, registra-se a festa da nova sede, na edição nº 00195.

Outros registros não fazem referência à pesquisa, tratando-se de atas e editais de diretoria.

De 1970 a 1979 – 297 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: 262

Encontramos em torno de 90% de notícias relacionadas à Casa do Minho, nas quais vemos a presença da cultura e da música em notícias sobre bailes de Carnaval, festas comemorativas, bailes e desfiles, quadrilhas, danças portuguesas, bandas lusitanas e as apresentações do Rancho Folclórico Maria da Fonte.

No ano de 1971, há menção festas especiais como Dia das Mães, Dia da Criança, Festas Gualterianas²⁴ e danças folclóricas do Rancho Maria da Fonte, mas também aparecem bandas brasileiras como “Os Cometas Junior” e “Pepinos e seus Boêmios Musicais”. E ainda registros de apresentações de outros grupos de associações e casas lusitanas, como a Casa dos Poveiros e Trás-os-Montes, realizadas na Casa do Minho.

²⁴ Festas Gualterianas – por ocasião da primeira semana do mês de agosto, as festas religiosas do Norte de Portugal, de Guimarães, quando se tem festejos e procissão em honra a São Gualter, incluindo-se um cortejo histórico, batalha de flores, fogos de artifício e muita música popular.

Merecem destaque os registros sobre o *show* realizado no Canecão por Amália Rodrigues – “Um amor de Amália” – presente nas edições nº 00170 a 00192, do ano de 1972, em colunas musicais e de outras apresentações.

Esse ano, além da apresentação de Amália, os registros foram marcados por bailes e conjuntos de grupos folclóricos e conjuntos para a juventude. O Rancho Maria da Fonte também aparece em 6 edições.

O ano de 1973 traz em destaque a apresentação de Amália Rodrigues no Canecão com direção de Ivon Cury e participação do Ballet Folclórico da Casa do Minho, que é o Rancho Folclórico Maria da Fonte.

Na coluna “Show Suplementos” do Jornal do Brasil aparecem 35 registros desse mesmo evento.

Outros destaques aparecem para palestra sobre a língua portuguesa a ser ministrada na Casa do Minho, no ano de 1974.

Destacamos os registros para a fadista Maria Alcina durante edições dos anos de 1977 a 1979, em torno de 24 ocorrências, com apresentações na Casa do Minho, no restaurante A Desgarrada, acompanhada de Mestre Antônio Trindade no acordeão.

No ano de 1978, há matéria sobre a Casa do Minho sobre “Uma noite em Portugal sem sair do Rio, com jantar e apresentações de grupos folclóricos e show da fadista Maria Alcina”.

Demais assuntos:

Homenagens a pessoas importantes para a cultura portuguesa, com almoços ou jantares e jogos de futebol, e ainda realização de excursão com membros da casa.

Há menção ainda à Festa de Nossa Senhora da Agonia, com representações do imperador D. Pedro II, festa que tem expressiva representatividade para a região do Minho.

No ano de 1976, há alguns anúncios de missas e da Casa do Minho, como espaço para zona eleitoral no Rio de Janeiro, mas não há relação direta com a pesquisa.

Em 1977, exposição e participação de tapeçarias na Feira da Providência.

De 1980 – 1989 - 72 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: 52

Participação da Casa do Minho em bailes carnavalescos, realçando a presença da cultura brasileira nos costumes portugueses da região do Minho, em algumas edições.

Citação a apresentações do RFMF na Casa do Minho em diversas edições.

Grupo Coringa abre inscrições para danças de crianças e jovens na Casa do Minho.
Orquestra Raul de Barros na Casa do Minho com a noite “beija-show”, de caráter beneficente.

No Caderno B, na coluna “Pagodes e Gafieiras”, menção ao dia de pagode na Casa do Minho.

Participação do RFMF em festivais da Cereja e outros.

A Casa do Minho participa com o RFMF e com a fadista Maria Alcina na III Expocamping, no Recreio, em 1989.

Mostra de Pintura e Cerâmica na Casa do Minho – apresentação de artistas brasileiros no espaço cultural, presente em diversas edições.

A Intrépida Trupe se apresenta na Casa do Minho.

Curso de canto popular nas dependências da Casa do Minho e de aulas de danças contemporâneas e alongamento. Os espaços da casa do Minho estão disputados.

Um pouco de cinema e poesia na Casa do Minho também aparecem em várias edições.

Demais assuntos:

I Campeonato de Patinação Artística da Casa do Minho realiza-se no Clube Militar e em Petrópolis.

A Festa da Assunção no Outeiro da Glória se encerra com música e dança portuguesa da Casa do Minho, no ano de 1985.

Aulas de dança do Grupo Coringa sob a coordenação da Casa do Minho para crianças e jovens. Ballet e companhia Deborah Colker, ano de 1987.

Convenções políticas do PSB, debates sobre a Constituinte, notícias esportivas de torneios realizados na Casa do Minho.

Espaço para Zona Eleitoral - concessão ao Tribunal Eleitoral.

De 1990 – 1999 - 41 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: 28

Mostra de fotografias na Casa do Minho e exposições de pintura de diversos artistas, em diversas edições.

Curso de decoração de interiores na Casa do Minho, em 1991.

Curso de Dança Humana, em 1995.

Apresentação do RFMF no ano de 1998, em Nova Friburgo.

Demais assuntos:

Destaque para o futebol de salão da Casa do Minho.

Casa do Minho promove excursões.

Torneios de bocha com presença da Casa do Minho.

De 2000 -2009 – 9 ocorrências**Registros referentes à cultura e à música: 8**

Festa das colônias em Teresópolis, com a presença da Casa do Minho e do RFMF, e em Angra dos Reis.

Festival de Folclore no CCBB, com o RFMF da Casa do Minho.

Exposição de pinturas.

Demais assuntos:

Futsal da Casa do Minho em torneios.

14. Periódico: Tribuna da Imprensa**De 1950 a 1959 – 43 ocorrências****Registros referentes à cultura e à música: 13**

Neste período tivemos apresentações do Rancho Folclórico com 6 ocorrências.

Demais assuntos:

Encontramos registros sobre funcionamento de ambulatórios dentro da Casa do Minho, para membros e familiares de associados, ou quem se inscrevesse em um programa de apoio assistencial. Cartas endereçadas da Casa do Minho e de outras associações beneficentes e sociais.

De 1960 a 1969 – 82 ocorrências**Registros referentes à cultura e à música: 73**

Destaca-se, na edição nº 02751, do ano de 1962, deliberações sobre o pagamento dos músicos de orquestras, divididos por categorias do tipo de salão e da quantidade de naipes. Notícia de destaque no periódico.

O Rancho Folclórico Maria da Fonte mais uma vez em destaque com 90% das ocorrências. Apresentações do Rancho também em outras agremiações, como a Casa da Ilha da Madeira, a Casa Portuguesa, na Ilha do Governador, e no Maracanãzinho, citadas na edição nº 05222, de 1967.

Outro destaque é a edição nº 05349, do ano de 1967, quando há um encontro para discussão de direitos autorais aos músicos e promotores de festa. A Casa do Minho mereceu destaque na matéria e aparece como uma das agremiações de maior interesse em desenvolver e divulgar a cultura portuguesa e brasileira. Essa reunião foi realizada na redação do jornal *Tribuna da Imprensa*.

Realização do I Festival do Vinho da Guanabara e bailes promovidos para angariar fundos beneficentes ao Natal dos Pobres na zona da Leopoldina, e ainda outras ocorrências com assistência à Casa do Menor Abandonado.

Algumas aparições fazem referência a bailes de *iê-iê-iê* e a grupos de juventude, porém, em sua maioria, são dedicados às apresentações da cultura portuguesa com o Rancho Maria da Fonte.

Há também homenagens a personalidades, festas de Rainha da Casa do Minho, Dia da Criança, com música e atrativos infantis.

De 1970 – 1979 – 26 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: 15

No ano de 1972, encontramos registro da apresentação da fadista Amália Rodrigues, no Canecão, no Rio de Janeiro. Destaque para a Casa do Minho devido à apresentação do seu Grupo Folclórico durante o show da fadista. A temporada ficou por quatro semanas nessa casa de espetáculos. “Apotheose no Canecão” foi o título da matéria.

Encenação de Nossa Senhora com a presença do Rancho Folclórico Maria da Fonte, que também se apresentou na Casa de Portugal de Teresópolis e na Casa dos Poveiros, na Tijuca, RJ.

Na Gruta do Barão, apresentações da fadista Maria Alcina e do RFMF.

Encenação de Nossa Senhora com a presença do Rancho Folclórico Maria da Fonte, que também se apresentou na Casa de Portugal de Teresópolis e na Casa dos Poveiros, na Tijuca, RJ.

Participação de cantoras de fado como Rosamaria na Casa do Minho e Maria das Graças.

Conjunto Lafayette na Casa do Minho em grande baile, com músicas brasileiras e estrangeiras.

Carnaval de João Roberto Kelly na Casa do Minho no ano de 1978.

Demais assuntos:

A maioria dos registros fazem referência a festividades que envolvem a cultura portuguesa de uma maneira geral, com concurso de rainhas, homenagens a personalidades lusitanas de destaque para associações e agremiações no Rio de Janeiro.

Na Coluna Pelos Clubes, a Casa do Minho participa de torneios luso-brasileiros de natação e de futebol de salão.

De 1980 a 1989 – 17 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: 16

Exposições: artesanato, pintura, e aulas de dança do Minho, além de cursos de canto do folclore minhoto.

Apresentações da orquestra Raul de Barros na Casa do Minho.

De 1990 a 1999 – 4 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: 3

Apresentação do Rancho Folclórico Maria da Fonte e inauguração do restaurante do Hotel Nacional, em “Ritmos de Angola, uma noite portuguesa” com música e dança.

Demais assuntos:

Aulas e treinamentos na parte esportiva: maratona de ginástica.

Matéria sobre os imigrantes portugueses e a crise diplomática no Brasil, onde esteve presente no Itamaraty, o presidente da Casa do Minho à época, Sr. Joaquim da Cunha Gomes.

De 2000 a 2009 – 3 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: 1

Destaque para a matéria intitulada “História e cultura preservadas no Cosme Velho”, que coloca a Casa do Minho como tradicional espaço de cultura portuguesa, pela promoção de festas típicas, e pelo apoio a obras sociais.

Demais assuntos:

Entrega de donativos, campanha beneficente; anúncio sobre o restaurante que se localiza dentro da Casa do Minho, com pratos típicos portugueses.

15. Periódico A Última Hora

De 1954 a 1981 – 35 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: 16

Apresentação do RFMF na Casa do Minho e em outros clubes pelo Rio de Janeiro, em festividades olímpicas e diversas edições de matérias sobre outras festividades com homenagens e bailes em geral na coluna Luzes da Cidade. Participação em bailes de Carnaval.

Demais assuntos:

Matéria sobre encontro com cristianismo, e entrevistas com o cardeal à época, D. Jayme Câmara. Homenagem a Carlos Lacerda na conferência em Defesa dos Direitos Humanos, ano de 1964 e 1965, realizada na Casa do Minho.

Projetos de assistência social - com arrecadação beneficente em shows para abrigos – quatro ocorrências e atos da diretoria.

No ano de 1965, temos desfile de trajes típicos do Alto Minho, e danças, juntamente com o samba, em ruas do centro da cidade, no Largo da Carioca.

Reunião do Sindicato dos Pescadores na Casa do Minho.

16. Periódico Correio da Manhã**De 1920 a 1929 – 49 ocorrências**

Registros referentes à cultura e à música: Não houve

Demais assuntos:

A Casa do Minho tem a alma portuguesa em uma manifestação de civismo, ano de 1924. Formação de diretoria, reuniões e assembleias, eleições e posse. A Matéria Portugal no Brasil faz referência à Casa do Minho.

De 1930 a 1939 – 24 ocorrências**Registros referentes à cultura e à música: 10**

Festival de Virgínia Soler no Teatro República, com festa patrocinada pela Casa do Minho em 1934, na edição de 12192.

Fados à guitarra com os músicos e coristas Leonor e Maria Laura, no Teatro República, em festa à Virgínia Soler com patrocínio da Casa do Minho.

Homenagens a Gil Vicente pelo 4º centenário de sua morte, com sessões literárias e presença do embaixador.

Homenagem ao cientista e professor brasileiro Leonídio Ribeiro.

Demais assuntos:

Casa do Minho presta assistência aos desamparados.

Inauguração da Nova Sede no ano de 1936.

Obras assistenciais e de apoio à educação mantido pela Casa do Minho.

Visita da Casa do Minho ao Liceu Literário Português para fechar seminários.

A aproximação literária entre portugueses e brasileiros é relevante para a Casa do Minho – matéria que também saiu na Imprensa em Lisboa.

De 1940 a 1949 – 17 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música – não houve

Demais assuntos

Relações de embaixadas do Brasil e de Portugal.

Obras assistenciais e festas. Atos de diretorias e municipais.

De 1950 a 1959 – 25 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música:12

Festa luso-brasileira com a participação do RFMF e outras associações e clubes. (8 edições) e festa da UNE no Maracanãzinho, com apresentação do Rancho Folclórico Maria da Fonte. O Rancho vai à Vila da Feira e ao Tatuapé/SP. RFMF no Teatro Municipal de Niterói, em 1959.

Demais assuntos:

Matéria “Casa do Minho lar comum”, edição nº 17481, no ano de 1950.

Carta “Casa do Minho”, escrita por Costa Rego, no ano de 1952, edição nº 18087. Homenagens a várias personalidades, entre elas, ao cônsul de Portugal, e ao prefeito do Rio de Janeiro.

De 1960 a 1969 – 96 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: 86

Na edição nº 20520, de 1960, temos um registro de matéria que cita a Casa do Minho como sendo um “pedaço de Portugal” e fala sobre o gênero musical fado como símbolo musical português bem aceito pelos brasileiros.

A maior parte dos registros faz referência à cultura portuguesa e a apresentação do Rancho Folclórico, inclusive no Maracanãzinho, pela passagem do Festival Luso-Brasileiro (edição nº 20655, de 1960).

Na década de 1960, encontramos, em 90% das ocorrências, as apresentações do Rancho Folclórico Maria da Fonte, tanto na própria Casa do Minho quanto em outros locais, além de apresentações de viras e chulas.

Apresentação de Coro Orfeônico Lusitano, no ano de 1967.

Festa da solidariedade, para angariar fundos a projetos sociais de assistência (em edições do ano de 1967).

De 1970 a 1974 – 16 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: 11

Registros de apresentação do Rancho Folclórico Maria da Fonte como parte do corpo de baile, com destaque para o show realizado no Canecão da fadista Amália Rodrigues, em várias edições do ano de 1972.

Demais assuntos: Não houve

17. Periódico Folha de Caxias

De 1950 a 1964 – 2 ocorrências

Uma ocorrência no ano de 1955 sobre o RFMF que apresentou belíssimo espetáculo com danças e trajes típicos com 70 membros. A notícia se repetiu no periódico também no ano de 1960.

18. Periódico O Fluminense

De 1950 a 1959 – 16 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: 12

Festividades com danças típicas portuguesas da Casa do Minho.

Diversas edições no ano de 1959 fazem menção ao Rancho Folclórico Maria da Fonte em grande atração da “festa portuguesa” em benefício ao Sanatório Azevedo Lima.

Demais assuntos:

Assuntos beneficentes, obras sociais e atos de diretoria

De 1960 a 1969 – 41 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: 36

Apresentação no Teatro Municipal João Caetano do Grupo Folclórico Maria da Fonte, mencionada na edição nº 23591, de 1960.

Na coluna O Fluminense na Sociedade, traz a Casa do Minho em festivais de cerveja e outras homenagens, contando com 32 ocorrências. Os festivais contam com passistas e muita música brasileira na Casa do Minho.

Demais assuntos:

Visita a abrigos em campanha de solidariedade.

De 1970 a 1979 – 40 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: 26

Festival do Vinho com a apresentação do Rancho Folclórico Maria da Fonte. Festival da Cerveja no Pavilhão de São Cristóvão, com apresentação do Rancho Folclórico Maria da Fonte.

Na edição nº 21476, de 1973, matérias do show de Amália Rodrigues no Canecão com a presença do ballet do Grupo Folclórico da Casa do Minho.

Festividades em Clubes, Ginásios e Colégios com a presença do Grupo Folclórico da Casa do Minho.

Na coluna “VIP”, a matéria “Amor ao Fado” anuncia a apresentação do fado cantado por Sebastião Rubalinho, na Casa do Minho, cantor que mantém um programa de cultura da música portuguesa do além-mar, na Rádio Difusora Fluminense (edição nº 21636, do ano de 1974).

Apresentação do RFMF em Angra dos Reis, em festividades de um final de semana pela Festa do Divino, uma tradição de quatro séculos (edição nº 21687, de 1974 e em mais cinco edições do mesmo ano). Destaque com fotos e de página inteira, na edição nº 21708, de 1974.

Registro de apresentação do RFMF em clubes, nas cidades do Rio de Janeiro, Cabo Frio, Pádua e São Pedro da Aldeia, e no restaurante do Cais Samanguiá, em Niterói, em diversas edições e anos diferentes.

Apresentação na comemoração do Padroeiro do Rio de Janeiro, São Sebastião, citada na edição nº 22211, do ano de 1976, com destaque na página.

Apresentações no Museu de Artes e Tradições Populares na Casa do Minho, na edição nº 02308, de 1977.

Demais assuntos:

Reuniões de diretoria. Projetos de campanhas beneficentes.

De 1980 a 1989 – 32 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: 14

Apresentação do RFMF em homenagem a Luís de Camões: “Camões, homem e poeta” nas comemorações literárias com prêmio em clube de Niterói, com música portuguesa e samba, com presença da escola de samba do Cubango (edição nº 03127, de 1980).

Participação do RFMF em Convenção no Lions e em feiras e colégios.

Atividades de lazer, música e dança no Dia do Trabalhador em clube de Niterói (edição nº 03319, de 1980).

Participação do RFMF em colégios e feiras.

Coluna “Umas e Outras”: artesanato na Casa do Minho.

A Festa de Santoinho revive a tradição do Minho, com cerca de 500 pessoas (edição nº 24360, de 1983). Há outros registros sobre as Festas das Quintas de Santoinho.

O Festival do Vinho da Casa do Minho vai a outros clubes lusitanos (mencionado em diversas edições desse período).

A Casa do Minho em noites de fado, com Paulo Soledade (edição nº 25086, de 1985). Bailes com orquestras. Mostra de pinturas.

Demais assuntos:

Campanha beneficente em prol de menores de idade no Hospital Psiquiátrico e obras beneficentes em outros hospitais.

Programação de excursão com amigos da Casa do Minho.

Notícias sobre esportes e futebol.

De 1990 a 1999 – 29 ocorrências**Registros referentes à cultura e à música: 10**

Show com Roberto Carlos na Casa do Minho, edição nº 26973, em 1991.

Jantar com música ao vivo, na Casa do Minho.

Grupos de samba na Casa do Minho.

Rancho Folclórico Maria da Fonte no Campo de São Bento, Niterói.

Nova Friburgo marca a festa de Fátima com o RFMF da Casa do Minho.

Exposição de artistas em fotografias, gravuras e pintura na Casa do Minho.

Demais assuntos:

Excursões especiais para as férias e em diversos feriados.

Festas da Uva, Festas do Chopp.

Participação em torneios de Bocha.

Obras beneficentes em Nilópolis.

Homenagem, na Casa do Minho, a políticos que ajudaram o Bairro de Laranjeiras.

Registros relacionados à gastronomia e homenagens a personalidades.

Grupos em caravanas com homenagens a personalidades de outros clubes.

De 2000 a 2009 – 02 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: 01

Encontro de poetas na Casa do Minho, edição nº 35909, ano 2000.

Demais assuntos:

Casa do Minho participa de torneio de Bocha

De 2010 a 2016 – 35 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: 25

Noite de fados na Casa do Minho, com a fadista Maria Emília (edição nº 039556, de 2012).

Em destaque com foto:” Noite em Viana do Castelo, pela passagem dos 90 anos da Casa do Minho, com apresentação do RFMF, na edição nº 40125, de 2014 e em mais três edições.

Festival Internacional Infantil de Folclore na Casa do Minho, com a participação do Rancho Juvenil da Casa do Minho (edição nº 40182, de 2014).

Arraial do Minhoto, Quinta de Santoinho, com fotos e destaque sobre a presença do RFMF (em diversas edições).

Noite de Fados e Guitarradas, com foto e destaque dos fadistas Marly Gonçalves e Tiago Felipe, guitarras de Ricardo Araújo. Trio de Guitarradas, em diversas edições dos anos de 2015.

Almoço com música em homenagem ao Dia dos Pais, com o conjunto Trio José Waldo e apresentação do RFMF.

Festa Gaúcha com costelada e música do folclore gaúcho, ano de 2015.

Samba Sururu na Roda na casa do Minho, ano de 2015.

Demais assuntos:

Festejos de Nossa Senhora do Sameiro na Casa do Minho e na Igreja de São Judas Tadeu, em Laranjeiras.

Torneio de bocha.

19. Periódico O Jornal

De 1920 a 1929 – 6 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: não houve

Demais assuntos:

Manifestação portuguesa em alma de civismo, “Raid Lisboa-Macau”. Menção à Casa do Minho por trazer esse caráter. Atos da diretoria – assembleia.

De 1930 – 1939 – 25 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: 15

Programação de rádio que inclui participação da Casa do Minho, como estúdios cariocas.

Na coluna “Teatro e Música”, apoio ao Festival de Virgínia Soler, no Teatro República. Homenagem ao 4º centenário de morte de Gil Vicente. Matéria em destaque com fotos, no ano de 1937.

Com o patrocínio e o apoio da Casa do Minho, que colocou inclusive a venda de ingressos, o espetáculo com a Cia. Esther Leão, “A Severa”, de Júlio Dantas.

Demais assuntos:

Inauguração da sede da Casa do Minho, no ano de 1936. Homenagem ao embaixador Martinho Nobre de Mello. Outros assuntos relacionados à relação Brasil e Portugal, imprimindo caráter de acolhimento, prestação de serviços à comunidade lusitana imigrante e luso-brasileira. Ano de 1936, edição nº 05290.

Homenagem ao cientista brasileiro Leonídio Ribeiro.

Participação em homenagens sobre as “cinzas dos inconfidentes”. Outras comemorações de aniversário e festas sociais.

De 1940 – 1949 – 35 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: 10

A Casa do Minho participa das Comemorações do Dia de Camões. Festas por encerramento das aulas e comemorações de aniversários, alguns com música e bailes.

Demais assuntos:

Homenagens a personalidades e festas sociais. Atos de diretoria: alistamento militar; postos de saúde e aquisição de medicamentos.

Demais atos de diretoria: reuniões, assembleias e convocações.

De 1950 – 1959 – 13 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: 8

Apresentações do Rancho Folclórico Maria da Fonte, no ano de 1958.

Homenagens à poesia de Olegário Mariano, escritor português.

Bailes carnavalescos em 1959.

Festa luso-brasileira no Maracanãzinho, com caráter beneficente, com apresentações de músicas portuguesas e apresentação do RFMF.

Demais assuntos:

Atos da diretoria com assuntos relativos à expansão das instalações da Casa do Minho: aquisição da quadra de esportes, salão mais adequado para os bailes e festas de música portuguesa, no ano de 1956.

De 1960 – 1969 – 138 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música – 90

Sobre o Grupo Folclórico Maria da Fonte tivemos 50 ocorrências em matérias.

Além disso, tivemos festas religiosas, e festas em outras casas luso-brasileiras.

Tributo a Manoel Luiz de Miranda Mattos e Austregésilo de Athayde.

Show de Amália no Canecão, com a presença do *ballet* do Rancho Folclórico (em 1973, em diversas edições, com 38 registros).

O Rancho Folclórico Maria da Fonte se apresentou em Cambuquira, Minas Gerais (edição nº 12332, de 1961).

Apresentações do RFMF em Niterói e em outros clubes, como Fluminense, Clube Naval etc.

Seminário Luso-Brasileiro no Real Gabinete Português de Leitura, no ano de 1962.

Comemorações pelo 4º centenário do Rio de Janeiro, com danças portuguesas e participação do RFMF, da Casa do Minho, em diversas edições (ano de 1965).

Outros bailes, chamados de bailes sociais, se realizam com músicas brasileiras. Muitos com orquestras Tropicais de Niterói, no ano de 1966.

Casa do Minho participa da Semana de Ramos com apresentação do RFMF em meio a outras festividades afro-brasileiras, como as “giras de candomblé” (edições nº 13816 e 13826, de 1966).

Apresentações do RFMF em Vitória, Espírito Santo, no ano de 1966, e homenagem no Programa do Chacrinha, Velho Guerreiro, no ano de 1967.

Nos anos de 1967 a 1970, encontramos diversas apresentações do Rancho em clubes pelo Rio de Janeiro.

Muita música em *hi-fi* na Casa do Minho, em tarde dançante no ano de 1967.

Duas orquestras animam o baile na Casa do Minho: Orquestra 6 e Letsy e seu órgão.

Festas juninas com arraiá da Casa do Minho, aberto a outras casas luso-brasileiras, com participação da cantora fadista Olivinha Carvalho. Ano de 1967.

Outros bailes em homenagem à padroeira do Sameiro e outras ocasiões também são registrados no periódico nessa década. Quase todos fazem menção à apresentação do RFMF.

Orquestra Vera Cruz em bailes na Casa do Minho.

Em um caderno de entretenimento, jogos e música destaque para matéria sobre a apresentação de Amália Rodrigues no Canecão, com a participação do RFMF. Um grupo de 26 figuras em trajes típicos, em um corpo de baile de inteira beleza, e mais um coro de 8 vozes e quatro guitarras (edição nº 15641, de 1972). Aparece em mais 40 edições dos anos de 1972 e 1973.

Demais assuntos:

Atos de diretoria com realização de assembleias. Vagas para escola Nuno Simões.

Nuno Simões escreve para o periódico *O Jornal* e engrandece atos e atividades da Casa do Minho, além de ressaltar sua missão com o povo português e brasileiro (edição nº 13308, de 1964).

Participação em campanhas de doação em projetos beneficentes.

No ano de 1968, novo endereço da Casa do Minho, na Rua Cosme Velho, nº 60 (citado na edição nº 14381).

Matéria de Austregésilo de Athayde, na edição nº 16043, de 1973, faz menção à Casa do Minho, na figura de um de seus presidentes.

20. Periódico Jornal dos Sports

De 1950 – 1959 – 19 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: 10

Festa luso-brasileira com a participação da Banda de Portugal, que tocou no desfile pela passagem dos esportistas.

Noite dançante no estádio do Vasco da Gama – *show* de música portuguesa da Casa do Minho.

Na edição nº 09154, de 1959, apresentação do RFMF, em noite portuguesa no Clube Ginástico Português.

O RFMF e a banda da Casa do Pequeno Jornaleiro cantam e dançam na Associação Casa Vila da Feira.

Em muitas edições, vemos apresentação do RFMF em outros clubes no Rio de Janeiro, com seus trajes típicos e suas músicas da região do Minho.

Demais assuntos:

Outros assuntos aparecem referentes à participação de torneios e diferentes esportes que estão se formando na Casa do Minho e a relação estreita com o Clube Vasco da Gama.

De 1960 – 1969 – 95 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: 55

Registros de cerca de 40 apresentações do Rancho Folclórico Maria da Fonte: Hotel Quitandinha, em Petrópolis, no ano de 1960; em Cambuquira, Minas Gerais, no ano de 1961; no Clube Vasco da Gama, na Casa Vila da Feira e Terras de Santa Maria, no Clube Ginástico Português, no Riachuelo Clube, no Grêmio Recreativo de Ramos, no Orpheão Português, na Casa do Porto, na Casa dos Açores e no Clube de Regatas Flamengo e outros clubes, em diversas edições, além do Hospital Maternidade Casa da Mãe Pobre.

Trovadores de Coimbra tocam na Casa do Minho. Bailes de Carnaval. Tardes dançantes de *hi-fi*.

Bailes com o conjunto Nilton Santos e seus Titãs.

Chá dançante à moda portuguesa na Casa do Minho.

Noites do folclore português na V Região Administrativa de São Cristóvão (atual Pavilhão).

Show dos cantores Francisco José, Antônio Campos e Maria Alcina na Casa do Minho (edição nº 11862, de 1976). Acompanhando os cantores e fadistas, o conjunto Serenades.

Cantora Olivinha de Carvalho na Casa do Minho.

Demais assuntos:

A coluna “Luso-brasileiras”, de Antero de Macedo, traz matéria sob o título “Comemorações Henriquinas”, a respeito da Casa do Minho, como uma comunidade sempre representante de Portugal e que consegue estabelecer, no Brasil, laços de tradição e folclore, revelados na História do Brasil e de Portugal.

As matérias tratam de obras sociais e filantrópicas, esportivas, incluindo atividades relacionadas também à cultura, à arte e à música, dando aos portugueses e brasileiros oportunidades de trabalho e de estarem próximos dessas duas culturas: portuguesa e brasileira. Há notícias que falam que a Casa do Minho traz prosperidade e projeção à comunidade luso-brasileira do Rio de Janeiro.

Obras beneficentes e inaugurações. Eleições para nova diretoria na Casa do Minho, composição de diretoria e outros atos administrativos.

Participação em missas por ocasião de dias santos como o Dia de Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora do Sameiro.

Promoção de excursões. O Grupo de Basquetebol da Casa do Minho participa de torneios interclubes. Equipes de futebol da Casa do Minho e participação em torneio no Clube Municipal.

De 1970 – 1979 – 433 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música – 138

Coluna “Janela da Noite”, anuncia a vinda de Amália Rodrigues ao Rio de Janeiro e o *show* no Canecão, com a presença do grupo folclórico da Casa do Minho abrilhantando a noite portuguesa.

Na coluna “Bola Social”, há várias edições onde aparecem apresentações do RFMF em diversos clubes pelo Rio de Janeiro.

Maria Alcina canta fados na Casa do Minho, ano de 1975.

I Baile do Galo na Casa do Minho – festa carnavalesca do Brasil (edição nº 14038, de 1976).

Tradições folclóricas do RFMF nas Festas de Reis. Ano de 1977.

Uma noite portuguesa com o cantor Roberto Leal e seu conjunto. Anos de 1977 e 1978 e mais de uma edição.

Jantar *show* na Casa do Minho, promovida pela Tertúlia Sportinguista, na passagem dos 71 anos do Sporting Clube de Portugal.

Dia de *show* na Casa do Minho com a Orquestra Cassino de Sevilha, onde haverá músicas brasileiras, espanholas e o folclore do RFMF.

Marco Paulo, cantor português e outros cantores brasileiros se apresentaram na Casa do Minho (edição nº 15036, de 1979).

Outros conjuntos: Rapazes do Tiro-Liro, em 1979.

A Casa do Minho oferece aulas de violão e acordeon. Ano de 1979.

Outras comemorações de aniversário da Casa aparecem ainda durante a década de 1970. Festa junina com folclore brasileiro.

O Rancho Folclórico Maria da Fonte segue para apresentação em Cambuquira, Minas Gerais.

Na edição nº 15211, de 1979, há matéria com seguinte teor: “Casa do Minho vai revelar que é boa não só no fado, mas também no samba, e apresenta um conjunto de Partido Alto, com a presença de Nadinho da Ilha.”

Na música portuguesa, temos o conjunto Alegrias de Lisboa.

Casa do Minho participa do IV Festival Internacional de Folclore.

Quinta de Santoinho aparece em grande festa no ano de 1979, com apresentação do RFMF.

Uma tarde gaúcha com música e danças folclóricas da região, conjunto/artista Gauchito.

Em 1979, edição nº 15091, *Minho's Discoteque* aparece pela primeira vez.

Bodas de Prata (25 anos) do RFMF no ano de 1979 com grande festividade. No mesmo ano, na edição nº 15277, menção à Noite de Saudade, homenagem a antigos membros e atuais do RFMF.

Demais assuntos:

A Casa do Minho participa de torneios e desfiles no XXIV Jogos Infantis (edição nº 13700, de 1975) – modalidades de tênis de mesa e futebol de salão. Nessa última modalidade, a Casa do Minho se destaca, de acordo com as edições deste periódico.

Os torneios acontecem em diversos locais: Parque Aterro do Flamengo, em colégios, clubes e na quadra da Casa do Minho. Excursão a Aparecida do Norte. Outros assuntos sobre a diretoria e deliberações, assembleias e convocações.

A Casa do Minho se destaca nos torneios de futebol de salão e recebe diversas premiações no ano de 1979.

Campeonato de hóquei e patins na Casa do Minho em 1979.

Na edição nº 15345, de 1979, atos da diretoria deram fim à *Minho's Discoteque*, após reuniões, por entender que esse tipo de evento foge totalmente ao rumo das tradições e da missão da Casa do Minho, sejam elas portuguesas e sejam brasileiras.

De 1980 a 1989 – 137 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: 38

Bailes de Carnaval com o conjunto Odeon,
 Apresentação do RFMF na Casa do Minho e em outros clubes pelo Rio de Janeiro.
 Quintas de Santoinho com apresentação do RFMF, no ano de 1980, e apresentação do cantor português Roberto Leal na Casa do Minho, em 1981 (edição nº 15730).

Participação em diversos festivais com o RFMF.

Em 1983, tradicional festa junina com quadrilha.

Noite portuguesa no Sírío Libanês leva o RFMF para apresentação típica folclórica.

Na Coluna “Programação”, temos menção a várias apresentações de cantores e do RFMF em diversas edições.

Gauchito, seu conjunto e o folclore gaúcho na Casa do Minho, ano de 1983.

Participação do Rancho Juvenil da Casa do Minho em 1988.

Demais assuntos:

Atos de diretoria, deliberações e posse. Jogos de hóquei e torneios na Casa do Minho. Campeonatos de patinação. Disputa de tênis de mesa.

Lançamento de livro na Casa do Minho.

Casa do Minho participa da Feira da Providência.

Minho Roller Show – espetáculo sobre rodas na Casa do Minho.

Casa do Minho aluga seu espaço para encontros e outros tipos de reuniões. Nessa década, aconteceu o I Encontro de Pescadores, com presença da categoria e de sindicalistas.

De 1990 – 1999 – 5 ocorrências

Registros referentes à cultura e à música: Não houve

Demais assuntos

Maratona ATP (Associação de Tenistas Profissionais) e de ginástica com 150 atletas, organizada pela Casa do Minho.

Atos de diretoria.

De 2000 a 2009 – 1 ocorrência

Apenas uma ocorrência diz respeito à Animação Japonesa sendo apresentada na Casa do Minho, que conta com exibição de vídeos e concursos.

5.1.1 Eixo 1 – Análise de dados: periódicos como fonte de arquivos da Casa do Minho

As análises que se seguem dizem respeito às pesquisas realizadas nos vinte periódicos do Rio de Janeiro, por meio da Hemeroteca, referente ao eixo 1.

A intenção de se ter a análise por cada eixo, diz respeito à fluidez e à coesão do texto no desenvolvimento da pesquisa, de forma a apresentar cada uma das quatro fontes trabalhadas: periódicos, meios digitais, *performance/práticas* musicais e entrevistas/narrativas, além dos dados e das análises respectivas a cada um.

Diferentemente da coleta de dados, que envolve praticamente a transcrição, a análise dos dados compreende questões que merecem reflexão a respeito do tema, ideologias e contextualização a cada época cronologicamente apresentadas, segundo interpretações, propostas e sugestões, se for o caso.

Quanto aos periódicos, usamos na coleta e transcrição uma cronologia dividida primeiramente, em dois períodos: 1926 a 1980; e de 1980 a 2016 (ver figuras: gráficos 3 e 4, pp.178 e 179) respectivamente o primeiro e o último registros referentes à Casa do Minho.

No entanto, com o desenvolvimento da pesquisa, verificamos a necessidade de se elencar mais um período compreendido no primeiro recorte, visando uma análise contextual mais fidedigna aos momentos históricos da época retratados pela imprensa, assim como os movimentos ideológicos, conceituais e estruturais desta imprensa como fonte de conhecimento e arquivos, conforme apresentamos a seguir, dividida em três recortes temporais: 1926-1950; 1950-1980; 1980-2016.

Ressaltamos que a análise descrita partiu dos fatos e da interpretação do presente. É nesse sentido que a história e os arquivos trabalham com vestígios que chegam aos dias de hoje sob a forma de mensagens e sinais. Sem vestígios, não há passado: compreendendo os arquivos como mensagem, atribuindo um valor a eles no presente, em que se produz a interpretação. Assim, para contar uma história, deve haver vestígios e a predisposição para lê-los e, a partir disso, examiná-los criticamente.

A investigação com os periódicos analisados ofereceu à pesquisa um viés estratégico no delineamento da coleta de dados referentes aos arquivos musicais da Casa

do Minho: folclore (principalmente através do Rancho ou Grupo Folclórico Maria da Fonte – RFMF, do fado e de outros tipos de música e cultura, remetendo-nos a um campo de credibilidade e a uma reflexão acerca da utilização e do tratamento da imprensa como fonte de dados na elaboração de dissertações e teses acadêmicas.

Ressalta-se ainda o fato de a história trabalhar com particularidades, o que pode ser extremamente importante para os estudos dos arquivos em questão. Ao se proceder a uma interpretação, não se podem generalizar as conclusões para todos os contextos, já que cada espaço social possui uma conformidade histórica e uma trajetória particular.

Foram analisados documentos impressos, formações sociais encharcadas de uma cronologia histórica e de sujeitos humanos que vivem sua própria história. A produção da interpretação pressupõe uma realidade específica de formação social. Pensar historicamente significa contextualizar os espaços sociais numa cadeia de fatos, eventos, ocorrências, costumes e instituições que se constituem como fluxo (antes e depois).

Período de 1926 – 1950

Iniciando-se em 1926, quando apenas aponta-se a fundação da Casa do Minho e sua missão assistencial com a comunidade imigrante portuguesa, os registros a esse respeito merecem vulto e intensificam-se a partir dos anos de 1930, principalmente com a inauguração da primeira sede da Casa do Minho, em 1936.

Observamos que a imprensa brasileira encontrava à época um cenário que abrangeu o surgimento das grandes agências de publicidade e os pomposos investimentos em propaganda desde a década de 1930, período que se iniciava com a aceleração da industrialização e da urbanização, a partir de 1950.

Segundo Alzira de Abreu (2008) e corroborado pelos registros apresentados, as décadas anteriores à 1950 servia-se de uma imprensa que sobrevivia a favores do estado, somados a pequenos anúncios, populares e domésticos, bens duráveis, produtos alimentícios e agrícolas.

O primeiro movimento da centralidade e do novo papel que a imprensa ostenta ocorre exatamente no período conhecido como Estado Novo, pós-1930, quando os meios de comunicação ganham relevo na difusão da ideologia política do momento,

fundamental para a formatação do pensamento conservador brasileiro e para a construção de uma “revolução passiva”, tal como conceitua Gramsci.²⁵

O período final da década de 1930 é marcado, também, no campo midiático por contradições. Período descrito, nos depoimentos dos homens da imprensa, como o momento em que os jornais tiveram sua liberdade inteiramente cerceada pela ação da censura e do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado em 1939, mas não se pode considerar de forma unânime que toda a grande imprensa tenha sofrido negativamente com a ação política do período ditatorial de Getúlio Vargas. (GRAMSCI, 2002)

Há que se considerar o momento de inclusão do país numa nova ordem capitalista, quando os grupos dominantes respondem aos movimentos esporádicos das classes subalternas, acolhendo parcela das suas reivindicações.

Não podemos esquecer, apesar da temática da tese não aprofundar ao escopo político, as questões de ideologia que envolvem uma sociedade, complexidade das relações sociais e políticas nos idos de 1930, que se refletem na própria configuração do jornalismo na capital da República – à época, o Rio de Janeiro – e que funciona nas cercanias do poder, fato este que influencia as relações dos imigrantes recém-chegados ao Brasil, como no caso dos portugueses.

Na primeira década do século XX, a força da imprensa era bastante acentuada, podendo elevar um jornalista ao status de imperador.²⁶

A Casa do Minho, que tem como uma das suas finalidades, apoiar os imigrantes portugueses, merece destaque na edição nº 00838, do ano de 1932, do jornal A Batalha, com a referência a assuntos portugueses relativos à colônia no Brasil. A matéria não é muito otimista, pois quem a escreve revela que tinha assistido ao fracasso da Casa de Portugal, e registrou sua opinião “de que as tentativas de fundação de instituições portuguesas beneficentes, comunidades das terras lusitanas para abrigar os imigrantes,

²⁵ “Revolução passiva” ou “revolução-restauração” conceito que se define na compreensão do estado burguês. Segundo Gramsci, o conceito discute a passagem do capitalismo italiano para a etapa de capitalismo monopolista e aponta o fascismo como forma de “revolução passiva”. É a partir desse entendimento que utilizaremos o conceito de “revolução passiva” para discutir a modernização capitalista no Brasil, haja vista que este conceito se aplica a diversos episódios da nossa história, bem como de um modo mais geral, a transição do país para a modernidade capitalista e ao capitalismo monopolista de Estado. Jefferson Rodrigues Barbosa. *Gênese e particularidade do objeto: entre a singularidade, a particularidade e a universalidade dos fenômenos autocráticos chauvinistas contemporâneos*. UNESP, 2015

²⁶ Referência à Assis Chateaubriand, criador dos Diários Associados, que de um simples jornalista passou a líder de um verdadeiro império da comunicação, ou a líder de um Estado dentro do Estado, tamanho era o poder daquela associação. Jornalismo dos anos de 1930: informação e doutrinação. Emanuelle Lins de Andrade, XXV Simpósio Nacional de História, Fortaleza, 2009.

estavam fadadas aos interesses e ao entretenimento dos homens ricos da sociedade”. Há algumas denúncias e renúncias de diretoria da Federação Casa de Portugal. Porém, sua campanha de divulgação através da imprensa, deu voz à criação de um Centro que merecia ter uma diretoria própria. Esse fato nos interessa à pesquisa e à análise dos dados, pois vemos pessoas que estavam à frente da Casa do Minho, naquela ocasião, serem declaradas com grande valor à causa assistencial e cultural luso-brasileira. (Simão de Sousa Barreto Laboreiro de Villa-Lobos, escritor e jornalista, conhecido como “*Simão de Laboreiro*”²⁷)

Na mesma década, encontramos no periódico O Imparcial, destaque em título de matéria intitulada “Casa do Minho”, registrada por suas finalidades expressas e realizadas em benefício de imigrantes.

A clara utilização dos meios de comunicação – inclusive os mais modernos à época, como o rádio – para atingir um público agora identificado como massa, teve que se alinhar aos dirigentes das principais publicações com o regime vigente.

Ainda que tenha havido encampação de alguns periódicos, perseguição de outros tantos, houve mais proximidades, acordos e relações conjuntas entre os homens de governo e os homens de imprensa do que divergências. Falar, portanto, da imprensa durante os primeiros quinze anos em que Getúlio Vargas esteve à frente do governo é se referir às complexas relações de poder que se estabelecem, à questão do Estado, entendido de maneira ampliada, tal como concebeu Gramsci e, finalmente, compreender a formação de um pensamento que se construía como dominante. (GRAMSCI, 1989)

Dessa forma, entende-se que os periódicos pesquisados relativos ao período de 1926 a 1950, incutiram relações sociais bem-vindas e diplomáticas se considerarmos os registros sobre a Casa do Minho. Tais arquivos dizem respeito às festividades de aniversário da Casa do Minho (anualmente no mês de março), relações sociais e culturais, como palestras e conferências de escritores portugueses e brasileiros, festividades cívicas, convites à embaixada portuguesa no Rio de Janeiro, documentos impressos que dizem respeito aos dois países: Brasil e Portugal, dando destaque às informações.

João de Barros²⁸ escreve matéria intitulada “Revendo a velha pátria portuguesa”, no periódico A Noite, em que há apontamentos sobre a união dessas duas nações, Brasil

²⁷ Simão de Laboreiro era escritor, pode-se dizer que um ativista político à sua época, deixou uma obra escrita em livros sobre os portugueses e a imigração no Brasil. Nascido em 1879, viveu em Angola e no Brasil, onde se casou, constituiu família e faleceu em Lisboa, em 1957.

²⁸ João de Barros – pedagogo, poeta e publicista português, escritor de livros e historiador. Pioneiro da gramática da língua portuguesa. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_de_Barros

e Portugal, com homenagens em diversos locais portugueses, com destaque à Casa do Minho.

Na parte artístico-cultural, ao final dos anos 1930 e nas décadas subsequentes, encontramos, em diversos periódicos, homenagem com destaque em sessões literárias relacionadas ao 4º centenário de morte de Gil Vicente. Ainda nessa temática, a maioria dos periódicos da época registram homenagem realizada à atriz e musicista, Virgínia Soler, do teatro musicado, com patrocínio da Casa do Minho, e presença de outras associações portuguesas. Inclusive destaca-se o “a população brasileira desponta seu interesse para a embaixada do fado”, devido a relatos em diversos periódicos como: *A Noite*, *A Nação*, *O Diário de Notícias*, *O Jornal*, *Jornal do Brasil* e *Jornal do Commercio* nos anos de 1937 e 1938, quando a Cia. Teatral Esther Leão encena a peça *A Severa*²⁹, que conta a história de uma lenda fadista, que envolve música e romance, de Júlio Dantas.

As cerimônias que têm presença de personalidades, como o embaixador Nobre de Mello, e outros artistas, jornalistas e políticos, mantém a renda do espetáculo em benefício da Casa do Minho, o que caracteriza um apreço pela Casa, levando-nos a refletir sobre as relações estreitas que se revelam no interesse em prestar assistência aos luso-brasileiros.

Verifica-se, dessa forma, que, nesse período, as intervenções literárias e teatrais estavam presentes na associação luso-brasileira, e que mereciam o olhar da imprensa. A Casa do Minho não se furtava a prestar sua missão de apoio cultural e financeiro aos associados imigrantes, mas exatamente por isso apoiava espetáculos culturais.

Também no antigo Teatro República, por iniciativa da Casa do Minho, há homenagens ao guitarrista português Carlos Campos e outras personalidades literárias e teatrais, ressaltando os diálogos musicais portugueses e brasileiros.

Merece destaque o relacionamento de união entre a imprensa e a Casa do Minho, traduzido em cerimônias, entregas de premiações a jornalistas e editores de periódicos à época, o que nos leva a refletir sobre a importância dessas relações.

No jornal *O Imparcial*, ressalta-se que as atividades e as finalidades da associação eram “em benefício dos imigrantes portugueses e seus descendentes”, assim como inúmeros outros jornais destacam as obras de assistência em saúde e educação, os projetos sociais e doações feitas, pela Casa do Minho, como a inauguração da Escola Nuno Simões, em 1937, em instalações da primeira sede da Casa.

²⁹ Peça de teatro musicado, que aparece em diversas edições, e conta a história de uma lenda fadista, que envolve música e romance, entre a fadista Severa e o Conde de Vimioso, na direção de Júlio Dantas.

O *Jornal do Brasil*, no ano de 1934, traz matéria dedicada à Casa do Minho, considerada pela imprensa um local de encontro entre poetas e prosadores. Um livro foi editado por escritor e membro da Casa, intitulado *Minho – uma coletânea literária e artística*, que, infelizmente, perdeu-se nos arquivos.

Aponta-se que, nesse período, a imprensa do Rio de Janeiro deu voz ao Centro do Minho, atual Casa do Minho, que mantinha o seu espaço garantido nos jornais, tendo destaque no movimento literário e musical. Conseqüentemente, o espaço prestava homenagens e mantinha estreita relação com a imprensa, promovendo solenidades culturais em que as personalidades envolvidas enalteciam e agradeciam a filantropia da Casa, marcada principalmente nas letras e nas artes (anos de 1935 e 1936 – *Jornal do Commercio*).

Vale ressaltar que os periódicos dessa época (1926-1950), como o centenário *Jornal do Commercio*, até aqueles que aparecem no início da década como o *Diário de Notícias*, *Diário da Noite*, *A Manhã*, *A Noite* e o *Correio da Manhã* destacam-se pelo poder de difusão junto ao público.

Ao lado desses periódicos circulam outros sem muita expressão como *A Batalha*, *A Nação*, *O Radical*, *Voz de Portugal*³⁰, *Correio da Noite*, *O Imparcial*, *O Careta*, *A Cinelândia*, *Duque de Caxias*, que apresentam também matérias sobre a Casa do Minho. Como os tradicionais diários que tiveram importância nessa época, citamos o *Jornal do Brasil*, e o jornal *O Globo*, este último sem matérias sobre A Casa do Minho, conforme as análises da Hemeroteca.

Verifica-se ainda que muitas matérias dizem respeito ao caráter assistencialista, financeiro, de organizações de trabalho e legalistas da comunidade imigrante portuguesa, recém-chegada no Brasil, não sendo aprofundado na pesquisa, por não compor tema com o objetivo da tese.

Apenas para uma análise quantitativa, destacamos que os principais diários são editados em média em cadernos de 24 páginas. O periódico *A Noite* publicava até cinco edições diárias, que saíam, em 1937, praticamente de duas em duas horas, modificando apenas a primeira e a última página. Porém, há outros que não saem diariamente, compreendendo uma periodicidade bimensal. Por exemplo: o periódico *A Batalha*: com

³⁰ A *Voz de Portugal* – jornal pioneiro português, regional, de Arouca, fundado em 1904, e de periodicidade semanal (aos sábados). Apresentou-se como um jornal independente quanto às formas de governo (monarquia ou república). Atualmente, encontram-se em arquivos para pesquisas na Biblioteca Nacional de Portugal, na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e na Biblioteca Pública Municipal do Porto. Atualmente em formato *on line*.

periodicidade às 4as, 6as, sábados e domingos; o periódico Imparcial: somente circulava aos sábados e domingos.

Período de 1950 – 1980

Conhecido como “a imprensa em transição”, o que, segundo Alzira de Abreu (2008), retrata um período do pós-guerra, quando o setor passava por grandes transformações. Nessa época, os jornais tornam-se, de fato, empresas comerciais, detentoras de poder econômico, e responsáveis pela introdução de inovações técnicas, gráficas e editoriais.

Essas transformações também foram marcadas pelas rupturas da imprensa no Brasil com os acontecimentos políticos traumáticos que tiveram lugar desde a morte de Getúlio Vargas.

Conforme Abreu (2008) há periódicos que surgiram, desde então, como a Tribuna da Imprensa (1949), o Jornal A Última Hora (1951) e ainda a reforma sofrida pelo Jornal do Brasil (1956/57) que servem de indicadores das transformações que se operavam na imprensa da época, tanto na linguagem e na apresentação das matérias/notícias, quanto na concepção gráfica, na diagramação e na paginação, o que certamente altera o local de registro daquela determinada notícia no formato do periódico.

A esse respeito vale destacar o periódico Tribuna da Imprensa, fundado em 1949, pelo jornalista Carlos Lacerda, que não sobrevivia e nem se adequava a favores do Estado e que trazia, portanto, características da personalidade de seu dono, retratando um jornalismo agitado e prolixo.

Encontramos na *Tribuna da Imprensa*, década de 1960, destaque para matéria em que se registra a Casa do Minho como “uma das agremiações de maior interesse em desenvolver e divulgar a cultura portuguesa e brasileira”, em reunião realizada na redação do jornal. Fato este que nos remete a laços de apoio entre o periódico em questão e a Casa do Minho.

Na análise de dados da pesquisa, destacamos também a edição do jornal *A Noite*, que traz matéria intitulada “Noite no Jardim de Portugal” – um concurso para cantores brasileiros e portugueses, realizado na Casa do Minho, que abriga a interculturalidade dos dois povos. Além disso, percebe-se que o espaço para a literatura e para a música, através de conferências e eventos organizados pela Casa, é mais intenso nas décadas de 1950 e 1960, o que vai ao encontro da opinião da autora Alzira de Abreu.

Os periódicos *A Noite*, *Diário da Noite*, *Diário de Notícias*, *O Jornal*, *Jornal do Commercio*, *Correio da Manhã*, *Tribuna da Imprensa* trazem, a partir da década de 1955, diversas ocorrências que se referem as apresentações do Rancho Folclórico Maria da Fonte, inclusive nas edições do ano de 1958, sobre a festa promovida pela União Nacional dos Estudantes (UNE), no ginásio do Maracanãzinho, além de inúmeras apresentações em clubes, associações luso-brasileiras no Rio de Janeiro e em outros estados.

Importante ressaltar a edição do *Diário de Notícias*, de 1960, em que o periódico registra: “Lagoa terá noite portuguesa”, a presença de fadistas e guitarristas e ainda os Festivais de Folclore que acontecem a partir de então.

Percebe-se que, nas décadas de 1950 e 1960, a Casa do Minho se envolve familiarmente com os costumes brasileiros, frequentemente com o Carnaval, com os arraiais de festas juninas, com a brasilidade do samba, com noites de música brasileira ao vivo, em bandas e orquestras.

Em torno de 90% das referências à Casa do Minho no periódico *Tribuna da Imprensa* referem-se às apresentações do Rancho Folclórico Maria da Fonte, o que fortalece as questões de interculturalidade entre brasileiros e portugueses, mas que reforça questões de tradição e identidade lusitana.

Os periódicos *O Fluminense* e o *Jornal dos Sports* abordam, na maioria das ocorrências a respeito da Casa do Minho, a música e a dança do Rancho Folclórico Maria da Fonte, de bailes com conjuntos brasileiros e portugueses, além de *show* com cantores brasileiros e fadistas, a partir dos finais dos anos 1950.

Verifica-se, a partir da década de 1950, principalmente devido às mudanças ocorridas na imprensa e à chegada do grupo folclórico na Casa do Minho, um interesse significativo para as atividades musicais, certamente por estabelecer uma divulgação de algo novo no Brasil.

A partir dessa década, as referidas mudanças seriam os suplementos literários e os chamados Cadernos B dos jornais, em que o entretenimento e as crônicas, críticas e resenhas tiveram mais aceitação e liberdade. Particularmente, o *Jornal do Brasil*, que circulava de terça-feira a domingo, com primeiro e segundo cadernos, entre as edições dos anos de 1950 e 1960, não contou com registros referentes à cultura e à música a respeito da Casa do Minho.

Há que se refletir sobre a lacuna dessas décadas para as informações das atividades da Casa do Minho e o interesse no alinhamento ideológico e social do periódico, já que transformações em diversos níveis aconteciam no país. Foi a década de Oscar Niemeyer

para a arquitetura urbanística; da bossa nova, que redirecionou a música brasileira e incorporou o jazz e o *bebop* norte-americano ao samba tradicional, trazendo novos cantores, novos músicos e intérpretes e novos arranjos musicais; década em que a poesia e a literatura trouxeram introspecção às palavras, reforçando uma análise psicológica, que pode ter direcionado à cultura outras diferentes vertentes de interesse musical.

Foram esses tempos que criaram os jornais *Tribuna da Imprensa* e *Última Hora*, em que se registram, por meio da análise de dados, os editoriais dedicados à Casa do Minho. A coluna “Luzes da Cidade”, do jornal *Última Hora*, dedica seus espaços para falar da associação em festividades que envolvem o folclore e a música, de forma a estabelecer laços de cultura e afetividade com o público, enobrecendo sua missão de solidariedade, trazendo visibilidade aos projetos sociais da Casa e à comunidade luso-brasileira e acolhendo brasileiros e portugueses por meio de seus eventos culturais.

No jornal *Última Hora*, vale ressaltar homenagens realizadas no Palácio do Governo dedicadas à Associação Casa do Minho, em nome de Carlos Lacerda, fundador e proprietário do periódico *Tribuna da Imprensa*, nas edições nº 04261 e 01468, respectivamente, dos anos de 1964 e 1965, ao se comemorar aniversário da Declaração de Direitos do Homem, em prol de entidades que congregavam portugueses no Brasil.

Apontam-se laços de fraternidade e acolhimento entre as comunidades portuguesa e brasileira, também vistos nos jornais *Tribuna da Imprensa* (em torno de 90% dos registros) e *Última Hora* (em torno de 50%), principalmente com referências às músicas brasileiras e portuguesas.

O *Jornal do Commercio* registra nas décadas anteriores, de 1926 a 1950, um número significativo de referências que enalteciam o espírito solidário e assistencial da Casa do Minho, o que vai se perpetuar pelos idos de 1950, quando encontramos saudações da associação à equipe do jornal (edição nº 0009), como “dignos veteranos e mantenedores da imprensa brasileira”.

Com relação à década de 1960, merece destaque um percentual de 80% de referências musicais e culturais no *Jornal do Brasil* em torno das apresentações do Rancho Folclórico e de eventos musicais, opostamente à década anterior, em que não havia referência alguma à Casa do Minho. Incluem-se as apresentações do Rancho Folclórico Maria da Fonte na Feira da Providência, em Festivais do Vinho, e ainda o registro de conjuntos brasileiros como o Tema Trio e a Orquestra Vera Cruz com a domingueira dançante, demonstrando que as relações brasileiras com a comunidade portuguesa estavam bem-dispostas.

A década de 1970 registra destaque não somente no *Jornal do Brasil*, mas também em diversos outros jornais, ao *show*, no Canecão, de Amália Rodrigues, intitulado “Um Amor de Amália”, no ano de 1972, com a presença do grupo folclórico da Casa do Minho.

Encontramos em torno de 90% de notícias relacionadas à Casa do Minho, nas quais temos a menção à música, à cultura musical em torno de bailes de Carnaval, festas juninas, desfiles, danças portuguesas, bandas lusitanas e apresentações de fadistas.

Comparados com outros periódicos existentes à época, como o *Diário de Notícias*, o *Jornal do Commercio*, o *Fluminense* e o *Jornal dos Sports*, o *Jornal do Brasil* se fez tão atuante na década de 1970 quanto os demais citados.

O *Diário de Notícias*, porém, traz um número significativo de documentos impressos sobre orquestras e cantores como Naja Silvino, conjuntos brasileiros e portugueses, como Tricanas de Coimbra, bailes em prol de movimentos literários, escolha de samba enredo para a agremiação de Vila Isabel, *shows* de cantores e fadistas como Maria Alcina, e muitas referências a programações de rádio e TV com a participação da Casa, o que nos faz refletir a respeito de os domínios territoriais da imprensa serem considerados neste periódico mais abrangentes.

O mesmo acontece com o destaque para o *show* de Amália Rodrigues no Canecão com participação da Casa do Minho, e ainda a presença de outras fadistas em edições da década de 1970, além de espetáculos teatrais com patrocínio da Casa do Minho ou com renda em prol de projetos sociais da associação, como o “Vamos sonhar Caravelas”, no Teatro Princesa Isabel.

Para o *Jornal do Commercio*, porém, que vinha mantendo estreitos laços com a Casa do Minho, a década de 1970 não favoreceu a presença das atividades musicais, mas encontramos destaque com relação a um intercâmbio cultural entre Brasil e Portugal, na aprendizagem e no desenvolvimento do artesanato português, através de cursos oferecidos e abrigados pela Casa.

Já o periódico *O Fluminense*, no período que se estende de 1950 a 1980, dispõe de registros sobre o Rancho Folclórico Maria da Fonte, em sua maioria de ocorrências culturais. Registra o *show* de Amália Rodrigues no Canecão e traz material sobre o fado cantado. Podemos verificar, na edição de 1974, a manutenção de um canal de cultura – um programa de música portuguesa do além-mar, na Rádio Difusora Fluminense, que é divulgado através do periódico em edições da época e conta com o apoio da Casa do Minho.

Quanto ao *Jornal dos Sports*, o período de 1950 a 1980 faz menção ao Rancho Folclórico em diversas edições, mas também registra a Casa do Minho como referência musical em bailes com conjuntos brasileiros e saraus e orquestras latinas, além de ritmos folclóricos gaúchos. Isso pode ser visto como presença de interculturalidade e movimentos conciliatórios da música, seja portuguesa, seja brasileira ou de outra região do planeta.

Importante considerarmos como movimentos musicais em diáspora referências a cantores fadistas que se apresentaram na Casa do Minho, como Francisco José, Maria Alcina, Olivinha de Carvalho e Roberto Leal nas décadas de 1960 e 1970, o que se vê com interesse, ainda mais por se tratar de um jornal cuja temática é o esporte³¹.

As colunas fixas se dedicavam ao esporte, porém havia matérias de destaque para a Casa do Minho em eventos culturais, o que nos traz um parecer de que as relações com os editores do jornal eram próximas.

Período de 1980 – 2016

Dos vinte jornais pesquisados, apenas cinco se referem a esse período, a saber: *Jornal do Commercio*, *Jornal do Brasil*, *Tribuna da Imprensa*, *O Fluminense* e o *Jornal dos Sports*.

O *Jornal do Commercio* é um periódico dedicado à economia e aos negócios comerciais e financeiros. Por seu caráter e ideologia, exprimia seriedade e profissionalismo nos temas abordados, e o público a que se destinava era composto de empresários de pequeno, médio e grande porte, assim como investidores financeiros. Porém, com relação às referências da pesquisa, encontramos na coluna “Pelos Clubes”, um pouco de entretenimento e matérias dedicadas à cultura.

Com seu estilo tradicional, sua fundação data de 1827, manteve apoio ao Palácio do Catete pelos idos de 1930, mas também passou pelo crivo da censura. Pouco se modernizou em termos de diagramação, mas era considerado leitura obrigatória entre os empresários. Dessa forma, chegou a ser comprado por Assis Chateaubriand, dos *Diários Associados*, que queria trazer um pouco de juventude ao periódico. Mas, por motivo de

³¹ O *Jornal dos Sports*, famoso por suas páginas cor de rosa, tinha como um dos proprietários o jornalista Mário Filho. Introduziu não só nos esportes suas inovações, mas também em formatação, como as tiras em quadrinhos. Mantinha ainda um espaço dedicado à educação: o Caderno Escolar.

doença do jornalista, tomou outro direcionamento e, desde 1968, sua editora se dedicou à economia nacional e do mundo, ao mercado financeiro, ao comércio e à indústria.

Sobre o nosso objeto de pesquisa, consideramos a Casa do Minho uma associação que está relacionada à população luso-brasileira, de um modo geral, e que auxiliou por muito tempo a subsistência de imigrantes no comércio e na indústria, tanto que a maioria das matérias dizem respeito a atos de diretoria, falências, concordatas e editais.

Porém, não se pode deixar de apontar, com relação aos anos 1980 e 1990, registros culturais e musicais sobre as apresentações do Rancho Folclórico e a vinda ao Brasil do fadista português Carlos do Carmo, no ano de 1990, com destaque. Também os espetáculos de dança da Cia. de Ballet Deborah Colker são mencionados, o que nos faz refletir a respeito das características do periódico, que tenta, a partir de 1980, ampliar seu noticiário, tendo em vista tornar-se mais competitivo em comparação a outros jornais (CALDEIRAS; DIMAS, 2009). Além disso, chamam a atenção também as relações sociais e culturais entre a Casa do Minho, a imprensa, e os fatos que envolvem a arte no Brasil.

O *Jornal do Brasil*, no período de 1980 a 2009, apresenta, em termos percentuais, um aumento de matérias relativas à cultura e à música na Casa do Minho, com relação a outros períodos: orquestras, bailes e mostras de fotografias, cursos de canto, pintura e dança merecem destaque.

Esse periódico é marcado por seu posicionamento tradicional, desde sua fundação em 1891. O *Jornal do Brasil* sempre procurou agir de maneira discreta ante o regime republicano, para não sofrer com a censura. Ao longo do tempo, inovou sem comparação seu parque gráfico e, no século XX, sua tiragem abrangia todo o país³².

A partir de 2006, passa a ser impresso em formatação chamada de berlinense ou europeu, um pouco maior que o tabloide e, em 2010, anuncia-se o fim da edição impressa para dar lugar apenas à versão *on-line*.

Como referência de destaque, temos a matéria da Tribuna da Imprensa, década de 2000 a 2009, intitulada “História e cultura preservadas no Cosme Velho”, que insere a Casa do Minho como um espaço de cultura portuguesa, em que se investe na promoção

³² O JB foi o primeiro jornal a inserir ilustrações em décadas anteriores a 1950, quando passou por diversas transformações editoriais, chegando a sofrer perseguição da ditadura militar. O jornal teve que se redemocratizar a partir de 1980, quando se uniu a outras redes como o Grupo Bloch Editores e o Grupo Silvio Santos.

de festas típicas e no apoio a obras sociais, apontando mais uma vez, já no século XXI, a tradição da cultura portuguesa.

Já *O Fluminense* representa os interesses das classes produtoras do estado do Rio de Janeiro, pois está voltado à veiculação de valores das atividades econômicas. Nesse movimento, o periódico exerceu mediação junto às esferas públicas, que podem ser tomadas como sociedade política. Associado ao mundo da produção estadual, ele despontou como um fórum privilegiado do setor.

No que diz respeito às atividades relacionadas à Casa do Minho, principalmente à cultura e à música, temos um baixo número de registros: apenas festividades com danças típicas portuguesas, que nos reportam ao folclore. Além disso, vemos que, a partir de 1959, iniciam-se as menções às Quintas de Santinho³³.

No ano de 1983, vemos referência ao evento, uma tradição do Minho, que na ocasião, segundo o texto, foi revivida com cerca de 500 pessoas presentes.

Registram-se também as noites de fado e de cantores como Roberto Leal, a fadista Maria Emília e outros artistas, o que nos remete a considerações a respeito do alcance da Casa do Minho, das conexões interculturais que, através da imprensa, chegam ao acesso da sociedade, até porque a sede desse periódico é em Niterói.

Tanto o jornal *O Fluminense* quanto o *Jornal dos Sports* divulgam, neste período de 1980 a 2016, publicações de espaços culturais dedicado, além dos esportes, a vários tipos de músicas, como por exemplo, em matéria: “a música brasileira se agiganta no espaço da Casa do Minho, marcando noites de samba” (edição nº 33249, de 1992).

As análises apresentadas servem para reflexão ao nos depararmos com uma imprensa fortalecida entre as décadas de 1930 a 1970, que apesar de transformações, se apresenta robusta em conteúdo, colunas e crônicas, a despeito do que se assistiu a partir da década de 1980.

A esse respeito, segundo Mikhail Bakhtin (1990, apud In: MACÁRIO, J, 2018, p. 21-27) “nenhum discurso (nem o da mídia) é monolítico, mas sim polifônico”. Dessa forma, perceber que vozes eram mobilizadas pelos diferentes órgãos da imprensa na

³³ Quintas de Santinho – denominação de arraial de tradição e entretenimento rural da região do Minho, em Portugal, sendo trazido para a Casa do Minho do Rio de Janeiro, com conjunto musical, em um repertório lusitano e brasileiro. O evento acontece, no espaço, aos sábados, uma vez ao mês, com muita música, dança e desfiles de gigantones e Zé Pereiras e marchas luminosas com arcos que mobilizam a empolgação em um ambiente familiar que se tornou tradicional e turístico, apresentando o folclore do Minho e a tocata (informações de membros da Casa do Minho, a partir do folclore tradicional do Minho).

construção de identidades, sem dúvida faz parte das propostas da mídia e, nas análises respectivas das matérias, devem ser levadas em consideração.

Gráfico 1 – Gráfico das análises: ocorrências da Casa do Minho no total de 20 periódicos – de 1926 a 1980

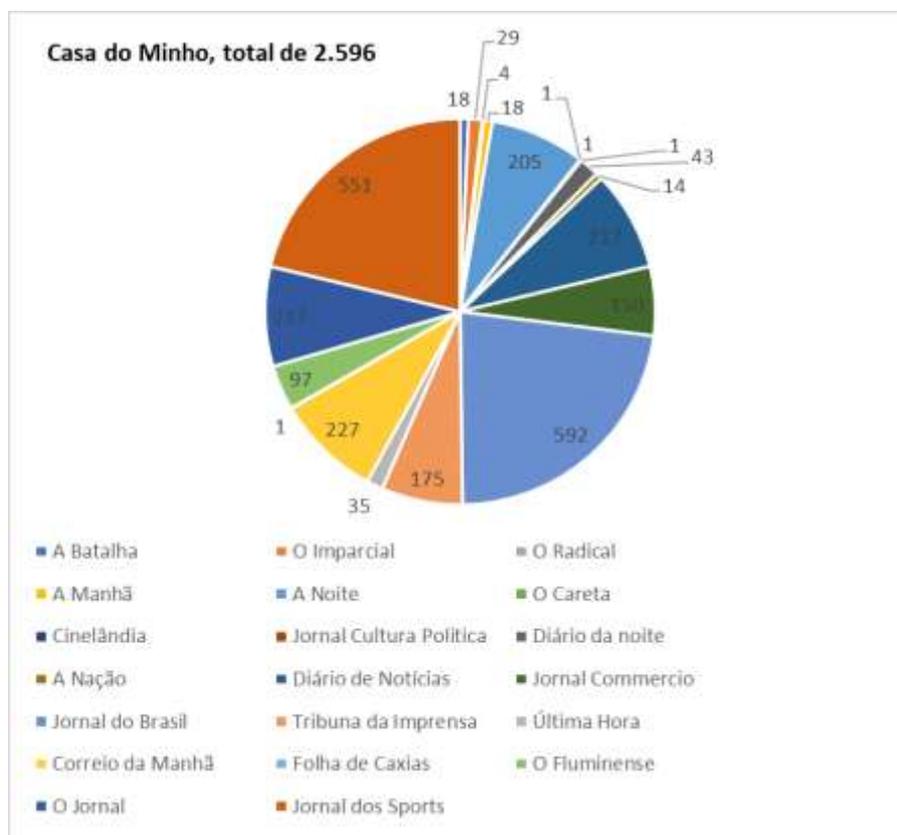


Gráfico 2 – Gráfico das análises: ocorrências da Casa do Minho no total de 05 periódicos – período de 1980-2016

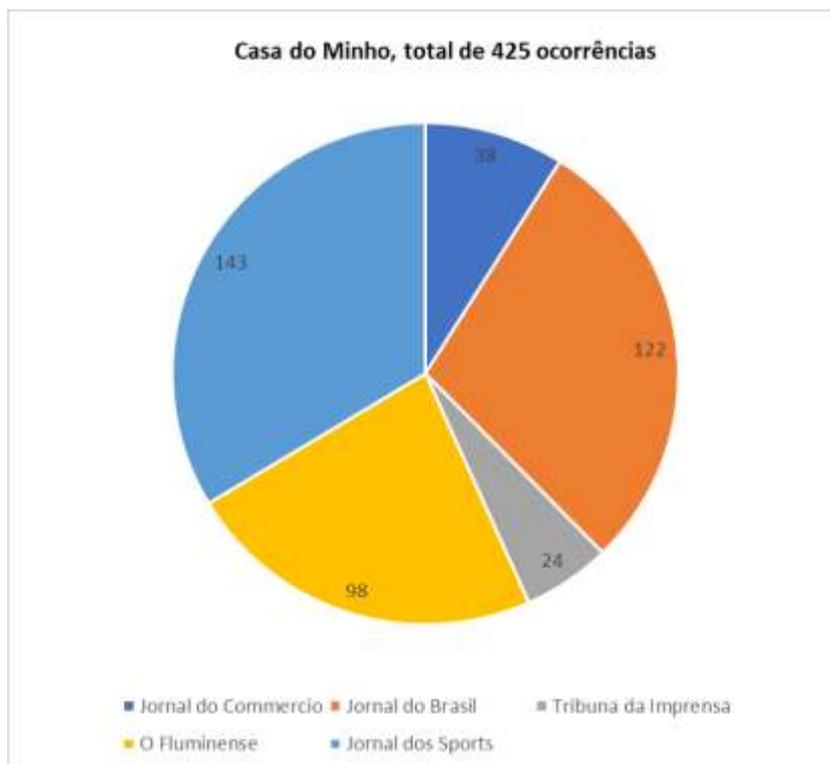


Gráfico 3 – Gráfico das análises: ocorrências em cultura e música da Casa do Minho no total de 16 periódicos – período de 1926 – 1980

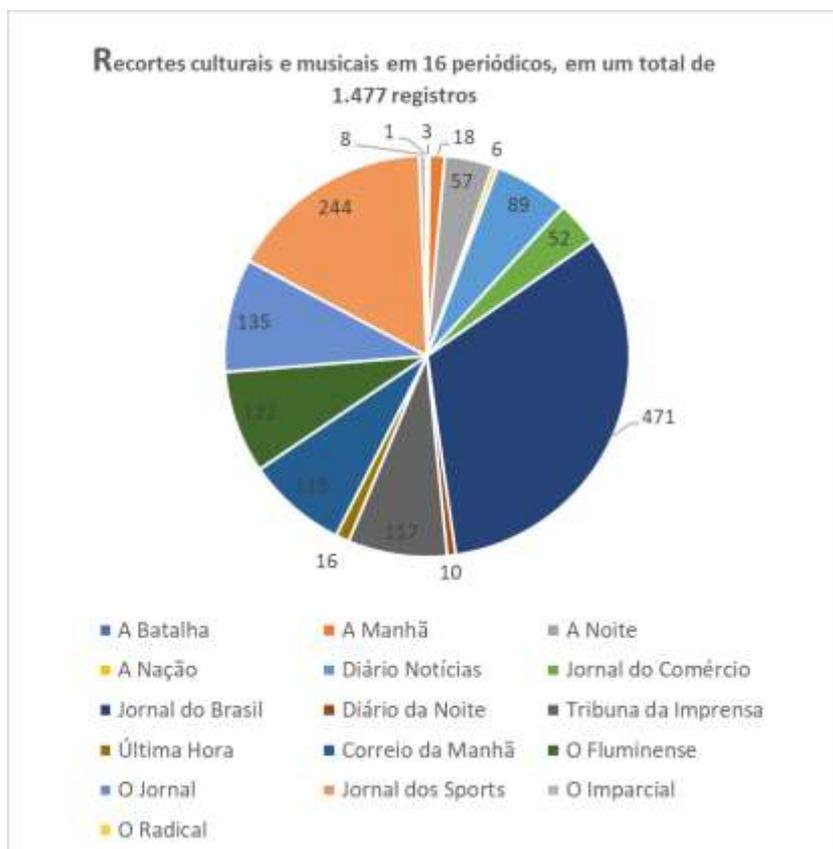
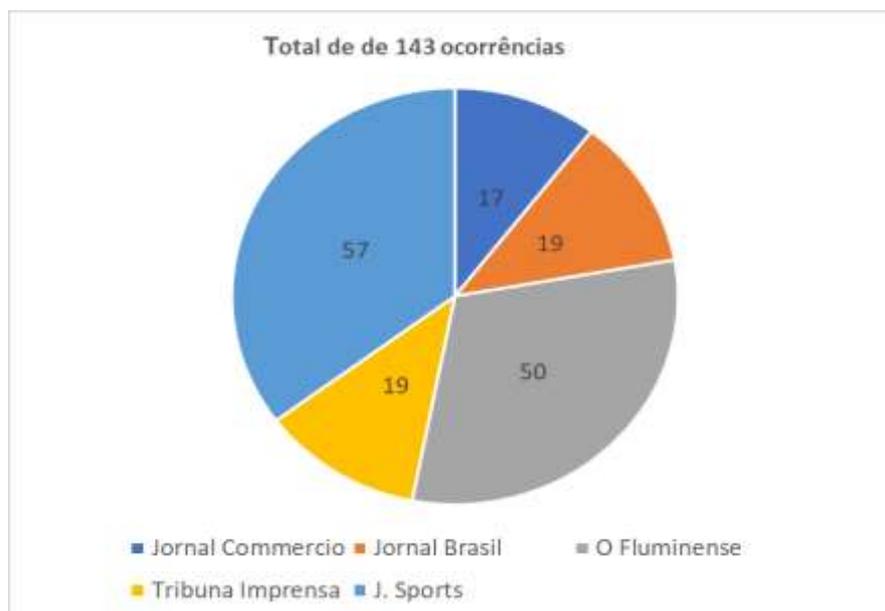


Gráfico 4 – Gráfico das análises: ocorrências de cultura e música da Casa do Minho no total de 5 periódicos – de 1980 a 2016



As figuras acima, tratadas como gráficos, nos apontam que, no primeiro recorte, compreendido entre 1926 e 1980, dos 2.596 registros totais que dizem respeito a materiais sobre a Casa do Minho, há 1.477 que se referem às atividades culturais e musicais, ou seja, em torno de 57%, sugerindo um período bastante significativo para a historiografia da cultura e da música luso-brasileira, assim como das relações sociais e ideológicas conquistadas e mantidas pela Casa do Minho na relação com a imprensa.

Com a chegada dos anos 1980, dos vinte periódicos analisados, apenas cinco continuaram a circular no Rio de Janeiro e a inserir matérias pertinentes à Casa do Minho.

Não podemos deixar de registrar ainda que, com a modernização dos recursos tecnológicos, a partir de meados dos anos 1980, a *web* desafiou o plano editorial, e as técnicas tradicionais de produção se transformaram, principalmente, se considerarmos o caráter das matérias e as relações entre o emissor e o receptor.

Apesar de não nos aprofundarmos nesse aspecto do ponto de vista midiático, pois a tese não tem como objetivo aprofundar tais questões, percebe-se que, nesse tipo de fonte de arquivos, é preciso realçar, no desenvolvimento da pesquisa, tais mudanças contextuais, globais, seguindo uma cronologia histórica que vai desaguar nos meios digitais como fontes de informação e arquivos.

A internet modificou, portanto, os mecanismos dos processos e dos financiamentos dos veículos de comunicação (principalmente os periódicos), ao se tornar

um meio do “bolo publicitário e de divulgação”, considerando-se a permissão de publicações em plataformas digitais, acarretando um processo de interatividade.

Os fatos descritos ajudam a compreender o cenário que se apresenta nos materiais dos periódicos entre 1980 e 2016.

Segundo Alzira de Abreu (2008), o *Jornal do Brasil*, por exemplo, um dos cinco periódicos que constam no gráfico acima, é um jornal de característica opinativa até meados dos anos 1990. A partir do século XXI, passa a ser mais objetivo, considerando-se, a partir de então, que a rapidez da informação tem um valor abusivo como moeda de troca.

Percebemos, que, além da chegada das novas tecnologias, há um desinteresse da sociedade luso-brasileira, perceptível pelo fato de as associações terem pouco espaço e voz para destacar as matérias mais culturais e tradicionais, como as realizadas na Casa do Minho, diferentemente da primeira fase analisada do século XX (1926-1980).

Vale considerar que os jornais se tornaram, ao final do século XX, mais heterogêneos, com tendência a atender a diferentes públicos. Desse modo, o pesquisador que tende a refletir sobre um leque de opções e perspectivas (do Estado, do mercado, do projeto editorial e político e de seus leitores) sente dificuldade nessa análise.

No caso da temática desta tese, esse pouco espaço e voz pode ter sido acentuado devido a diversos outros aspectos, como os estigmas e estereótipos sofridos pelo gênero musical fado após 1974, com o fim da ditadura de Salazar em Portugal³⁴, ou pelo fato de os luso-brasileiros estarem mais acomodados em suas singularidades no Brasil, não se esforçando nas trocas de relações diplomáticas, políticas e com a imprensa, como acontecia no período anterior analisado.

Apontamos, ainda, de forma mais específica, que os periódicos *O Fluminense* e o *Jornal dos Sports* oferecem como fontes de pesquisa sobre a Casa do Minho matérias, em sua maioria, relacionadas ao desporto, já que, nesse período, a referida associação integrava-se em diversas modalidades de esportes, abrindo espaço para esse nicho durante três décadas, pelo menos, em detrimento de outras atividades culturais menos cultuadas à época.

³⁴ A ditadura em Portugal durou 48 anos, quando, em 25 de abril de 1974, o evento conhecido como a Revolução dos Cravos pôs fim ao governo de Salazar. O fado sofre, então, críticas, por ter sido acusado de se adequar ao modelo do antigo regime, sendo, por um determinado tempo, alvo de estereótipos e silêncios na imprensa e nas rádios. Isso o faz se adequar às mutações posteriores, com um novo público a se sentar em cafés mais respeitáveis e a escutar em melodias fadistas os poemas de grandes escritores.

Finalizando esse item, a título de reflexão, citamos o jornalista Alberto Dines, que em sua obra *O papel do jornal: uma releitura*, expõe o fato de que, na linha do tempo, e de acordo com o Estado e a sociedade:

existem desafios circunstanciais que se referem ao momento específico vivido enquanto fonte de uma notícia – como reduzir a quantidade de papel (em 1976); como fazer do jornal um agente ativo (1986); como romper com o relato interessado dos fatos (1996), ou superar o perigoso convívio com o entretenimento (DINES, 1996, p.16-23)

Apresentados os dados e a análise de um material de acervos da Casa do Minho, através de periódicos utilizados como fonte de pesquisa – um dos eixos das técnicas da coleta abordadas no capítulo 2 – Metodologia e Revisão da Literatura, trouxemos uma das questões norteadoras: a relação da imprensa como fonte de pesquisa acadêmica, verificadas na utilização de trabalhos de estudiosos, principalmente no âmbito dos trabalhos acadêmicos relacionados às Artes, às Ciências Humanas e Sociais, compreendido a partir da modernidade e de um mundo atual, globalizado, e distanciado de um tempo que por outrora colocava na imprensa algum tipo de dúvida por se tratar de fontes não seguras.

A investigação com os periódicos analisados ofereceu à pesquisa um viés estratégico no delineamento da coleta de dados referentes aos arquivos musicais da Casa do Minho: folclore, fado e outros tipos de música e cultura, remetendo-nos a um campo de credibilidade e a uma reflexão acerca da utilização e do tratamento da imprensa como fonte de dados na elaboração de dissertações e teses acadêmicas.

5.2 Eixo 2 – Os meios digitais como fontes de arquivos

Atualmente, os arquivos chamados de “digitais” se movimentam e não são mais apenas papéis e documentos “estanques”. Exatamente respeitando esse modelo desde a produção até a destinação final, o gerenciamento do documento merece um novo olhar recorrente de um novo fazer, um novo arquivar, um novo gerenciar. (SILVA, 2016)

A utilização da internet, a partir das redes sociais, pode trazer benefícios para os arquivos no sentido de aproximar os cidadãos das unidades de informação e colaborar como ferramenta de difusão de eventos, atividades e serviços informacionais. Por meio das redes sociais, é possível agilizar a comunicação e alcançar o maior número de usuários que busca pelos serviços de arquivo (ARAÚJO; ARAÚJO, 2018).

A maneira como os usuários se envolvem, interagem e utilizam os serviços dessas instituições tem mudado com o passar do tempo, já que os ambientes digitais promovem maior diálogo com seu público.

A função de disseminar e dar acesso às informações no Brasil, atualmente, está institucionalizada com o advento da regulamentação da Lei de Acesso à Informação, Lei Federal nº 12.527, de 18 de novembro de 2011³⁵.

O site da Casa do Minho: [https.: www.minho.com.br](https://www.minho.com.br), criado em 2017, no texto de apresentação do espaço, indica a missão da associação: “Uma casa genuinamente portuguesa, pronta para receber a todos de braços abertos”. Além disso, são indicados dados de sua localização atual e alguns dados históricos de sua fundação em 1924.

O menu é composto de: Eventos; Atividades, Programação, Restaurante, Cultura e Blog. O *site* apresenta a relação das atividades oferecidas na Casa do Minho, sejam elas esportivas, sejam culturais – como o folclore do Alto Minho (Rancho Folclórico no Arraial da Quinta de Santoinho) e o folclore Gaúcho, além da divulgação de música brasileira e portuguesa, como o fado e o samba.

A Casa do Minho utiliza o *site* como porta de entrada oficial de conhecimento da associação luso-brasileira, mas optou por manter atualizada a rede social *Instagram* que funciona como um canal de arquivos das atividades da Casa. Justamente por esse motivo, tornou-se o meio digital analisado nesta pesquisa como fonte de arquivos digitais.

Ao se trabalhar o *Instagram* como uma fonte de arquivo da pesquisa, caracteriza-se uma efetiva participação de um responsável ou uma equipe que gerencie a produção, como construtores desses arquivos e não mais como moldura em uma estante empoeirada, sendo a socialização da informação nos arquivos de responsabilidade mais ampla e não apenas do arquivista, se houver, mas de um mediador ou gestor desses documentos. (BOBSIN, D., HOPPEN, N, 2014)

5.2.1 Eixo 2 – Instagram como fonte de arquivos da Casa do Minho

Na sociedade contemporânea, as redes sociais funcionam como um meio muito eficaz para suprir a demanda das pessoas por informações. Por meio delas, é possível obter conteúdo atualizado e variado acerca do que está ocorrendo no mundo.

³⁵ Consideram-se arquivos, para os fins desta lei, os documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos (BRASIL, 1991, p. 1).

Hoje são diversas as plataformas digitais de interação social: X (antigo Twitter), WhatsApp, Facebook, Snapchat e Instagram, por exemplo, são algumas das mais utilizadas, cada qual com suas características e objetivos, seja para compartilhar imagens e vídeos, seja para divulgação de mensagens e diálogos.

O Instagram se consolida como umas das redes sociais que mais cresce e se populariza no Brasil. Segundo Fonseca, Gaudêncio e Lacerda (2018), trata-se de um aplicativo gratuito que pode ser utilizado tanto em *tablets* quanto em *smartphones* e conta com uma página na *web*. Foi criado em 2010 por Kevin Systrom, um norte-americano, e por Mike Krieger, brasileiro, ambos desenvolvedores formados pela Universidade Stanford (Palo Alto, Califórnia).

“No Instagram, o usuário registra-se, e gera um perfil (público ou privado). Com este perfil, é possível tirar fotos em formato 4:3, semelhante às registradas em máquinas da marca Polaroid e aquelas que utilizam o padrão *Kodak Instamatic*. Além da captura, o usuário pode inserir filtros especiais, fazendo com que a imagem tenha, aparentemente, traços artísticos e diferenciados. Com o aplicativo, também é possível adicionar vídeos, com a aplicação de filtros específicos e um sistema de estabilização das imagens gravadas ou vídeos feitos na hora no Instagram Stories, que fica disponível por 24 horas. (LUNA, 2019)

Com todas essas facilidades, o número de cidadãos e de instituições públicas e privadas que utilizam as redes sociais vem crescendo de forma expressiva nos últimos anos, o que, conseqüentemente, interfere nas formas de se relacionarem com produtos, divulgação, atividades e serviços de conhecimento e informacionais. (LUNA, 2019)

Segundo estudos de autores da área de mídia digital, a rede social *Instagram*, ocupou o quarto lugar nesse *ranking*, revelando ser uma mídia social bastante utilizada para publicar fotos, vídeos e atingir grande números de pessoas na rede. Trata-se de novas maneiras de buscar e receber informações nos ambientes digitais, criando e ressignificando fazeres e práticas para acompanhar, interagir e participar das demandas influenciadas pela sociedade da informação (CASTELLS, 2003).

A questão apontada pelo autor, Manuel Castells, é perfeitamente visível no *Instagram* da Casa do Minho, que desde 2017 utiliza a rede social de forma atuante e atualizada, caracterizando-a como fonte de arquivos, e possibilitando a interação com seu público mais antigo e com o público atual e mais jovem.

A pesquisa foi realizada na rede social, em todos os seus menus ativos em maio de 2023, quando foi possível refletir sobre o seu uso nos atos de transmissão das

atividades, principalmente, via imagens e vídeos, e investigar a relação entre as visualizações e as interações da cultura da Casa do Minho com os seus usuários.

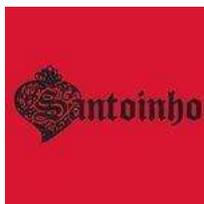
Atualmente, entre os meios digitais que a associação utiliza, como o *Youtube* e o Facebook, o Instagram merece destaque pela quantidade de informações trazidas e pelas trocas entre os usuários e a Casa do Minho.

Havia 5.892 seguidores e 1.583 publicações até o dia da realização da coleta de dados dessa pesquisa, em 23 de maio de 2023, data de início da análise.

<https://www.instagram.com/casadominhorj/?hl=es>

As publicações constantes em cada uma das abas, ao se entrar no *Instagram* da Casa do Minho: <https://www.instagram.com/casadominhorj/?hl=es> dizem respeito ao evento mencionado. Dessa forma, temos na página inicial um menu com 11 abas.

Abaixo, apresentamos o menu do Instagram onde constam as seguintes abas:



Notícias relacionadas às festas de Santoinho, chamadas de “Quintas de Santoinho” que acontecem todos os meses, no primeiro ou segundo sábados de cada mês (como é atualmente). Representam o folclore da região do Alto Minho, trazendo o Rancho Folclórico Maria da Fonte e/ou o Rancho Juvenil da Casa do Minho (geralmente em edições intercaladas). Nessa festa típica portuguesa, há farta gastronomia lusitana e vinhos a se beber à vontade pelo valor do ingresso. Doces e outras bebidas são cobrados à parte. O ingresso dá direito à caneca de vinho, que se leva para casa, sardinhas portuguesas, arroz, feijão, farofa, pão de milho, assado de porco, costelas e linguiças, carnes e frangos. À meia-noite é servido o tradicional caldo verde.



O tópico do *menu* Kakrecos é uma noite com DJ dedicada à música para dançar. Apenas o espaço é de responsabilidade da Casa do Minho. Trata-se de um aluguel feito para esse tipo de evento. O restaurante Costa Verde também participa como fornecedor de comidas e bebidas. Esse tipo de evento já foi realizado na Casa do Minho aos sábados

e/ou às sextas-feiras, porém, por causa da pandemia de covid-19, esteve suspenso e retorna em 2023.



O item do *menu* sobre Agostinho dos Santos é relativamente recente, tendo sido inserido como homenagem ao ex-presidente da Casa do Minho, que teve seu último mandato, iniciado em 2019, interrompido por motivo de falecimento em janeiro de 2022. Assim, recebeu, no Instagram, essa homenagem, em fevereiro de 2022, para que os membros e frequentadores da Casa pudessem conhecer um pouco de suas realizações.

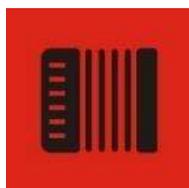


Esse item é relativo ao folclore e traz fotos dos Ranchos Folclóricos Maria da Fonte e do Juvenil da Casa do Minho, assim como da tocata que participa nesses dois grupos. Há também vídeos com crianças e jovens, parte da tocata do Rancho Juvenil, com chamadas para participação de jovens folcloristas.

O Rancho dos Veteranos será retomado a partir de 2023, com chamadas para participação de folcloristas mais antigos, e merece destaque por guardar na oralidade muito do que é hoje apresentado no Maria da Fonte.



Esse item do menu apresenta vídeos e informações sobre as atividades da Casa do Minho, relacionadas à cultura musical: fado, folclore e outros que tratam da religiosidade. Nesse menu há também fotos de entrega de medalhas e outras premiações, no Brasil e em Portugal.



No menu Ensaios há o Rancho Folclórico Maria da Fonte e o Rancho Juvenil, com suas respectivas tocatas, em sua maioria no Salão Nobre da Casa do Minho, local onde se realizam os ensaios, trazendo um traço da informalidade e proximidade com relação ao usuário.



O item Costelada Gaúcha apresenta a música nos festejos desse evento e a gastronomia típica, com apresentação de danças folclóricas da região do Sul do Brasil. Porém, atualmente, não está atualizado, pois o evento foi interrompido, de acordo com as informações dos membros da Casa do Minho.



O item Costa Verde mostra a gastronomia do restaurante de mesmo nome, localizado no primeiro piso da Casa do Minho, além de algumas atividades musicais que se realizam nesse espaço, como as apresentações de fado e de música popular brasileira, como samba e forró. Atualmente, o fado vadio está acontecendo nas dependências do restaurante.



O menu Enquetes. traz interessantes questões a respeito das tradições de Portugal, cultura e conhecimento de forma interativa com o público que o acessa, compreendendo um diálogo no estilo perguntas e respostas, do tipo: “Você sabia?”



O menu Portugal traz imagens das regiões de Portugal e festejos tradicionais da região do Minho – Ponte de Lima, Viana do Castelo e outras.

A tabela abaixo tem como objetivo elencar as atividades realizadas pela Casa do Minho, no sentido de mostrar o Instagram como fonte de arquivo da associação. Divididas em categorias, segundo registros do ano e do mês, apresentando indicação das inserções, visualizações e comentários. Iniciamos com o período mais recente ao mais antigo, considerando a data de início das publicações no ano de 2017.

Tabela 2 – Tabela menu Instagram - atividades realizadas na Casa do Minho

Categorias	Ano	Mês	Registro	Visual.	Coment.	Local/tema
fado vadio à noite	2023	março, abril e maio	05	1841	45	Rest. Costa Verde
fado aos domingos (almoço)	2023	abril e maio	04	118	06	Rest. Costa Verde
agenda cultural	2023	março, abril e maio	01	275	21	programação do mês
fado vadio	2021-2019-2018	vários meses (*)	40	950	20	Rest. Costa Verde
fado e canções portuguesas		vários meses	16	1012	32	Rest. Costa Verde
fado espetáculo	2022	dezembro	04	1110	10	Salão Nobre
apresentação do RFMF	2022	dezembro	03	96	12	Salão Nobre “Fazendo a nossa história”
Santoinho	2023	maio	04	10.106	25	quadra esportes
Santoinho	2023	abril	01	569	06	evento cancelado (motivo: feriado)
Santoinho	2023	março	04	954	15	quadra esportes
Santoinho	2022	dezembro	06	601	342	quadra esportes
Santoinho	2022	novembro	10	766	20	quadra esportes
Santoinho	2022	outubro	1	117	4	quadra esportes

Santoinho	2022	agosto	08	364	38	quadra esportes
Santoinho	2022	julho	09	352	12	quadra esportes
Santoinho	2022	junho	09	348	15	quadra esportes
Santoinho	2022	maio	06	264	22	quadra esportes
Santoinho	2022	abril	09	825	19	quadra esportes
Santoinho	2022	março	02	136	05	quadra esportes
Santoinho	2021	dezembro	04	234	06	quadra esportes
Santoinho	2021	novembro	03	614	04	quadra esportes
Santoinho	2021	outubro (*)	03	740	22	apenas chamada para a volta em novembro
Costelada gaúcha e folclore RS	2021	dezembro /setembro e março	03	790	29	quadra esportes
Rancho Juvenil	2023/2022 e 2021	março	03	148	25	anúncio de 37, 36 e 35 anos de existência
Chamadas de participação	2022	vários meses	06	457	22	aulas, folclore, dança
Outras apresentações RFMF	2022	julho	03	2997	35	São Paulo (Arouca clube)
Outros eventos musicais	2023/2022 e 2021		27	3352	93	festa Kakrecos, festa Flashback; forró; festa você se lembra; aulas e danças, forró, violão etc.
Festival do folclore			02	795	21	Casa Trás- os-Montes- Tijuca, RJ
Anúncios da Casa Minho	2022 e 2023	vários meses	12	844	19	estacionamento, quadra de esportes, Salão Nobre etc.

Datas festivas com festas, premiações e homenagens	2022	vários meses	22	1647	79	Dia das Mães, mulher, namorados, padroeiros, dia da dança, do folclore, da comunidade luso-brasileira, dia do imigrante, Revolução dos Cravos etc.
Eventos de interesses sociais	2023 e 2021	vários meses	05	665	55	99 anos da Casa e 68 do RFMF e homenagens e encontro com personalidades (**)
Gastronomia	2023/2022 e 2021		15	5727	237	Restaurante Costa Verde
Aniversariantes do mês (acolhimento)	2023/2022 e 2021	todos os meses	36	301	27	informativos de homenagem
Outras notícias	2022	janeiro e fevereiro	07	1450	135	falecimento do Presidente Sr. Agostinho,
Música dedilhada	2022	janeiro	01	571	15	homenagem ao Sr. Agostinho
Homenagens e premiações a personalidades	2022	vários meses	10	624	8	Casa do Minho

(*) Houve uma paralisação da apresentação do fado vadio em março de 2021, retornando em 2023, devido à pandemia de covid-19, assim como as festas de Santoinho, que só retornaram em novembro de 2021.

(**) Personalidades, nesse contexto, são pessoas de interesse e de relações com a Casa do Minho, sejam elas políticas, culturais, musicais, de imprensa.

Transcrição e destaques:

Apesar de a tabela mostrar uma ordem decrescente, conforme aparece no Instagram, a se iniciar nas últimas apresentações do fado vadio em 2023, quando tivemos seu retorno em março, vale considerar que, de acordo com a pesquisa realizada no Instagram, essas apresentações tiveram início em junho de 2018, com inserção na rede social assim documentada:

“Um tbt prá lá de especial³⁶... em junho de 2018 foi o lançamento do projeto ‘FADO VADIO’ com o guitarrista Victor Lopez e seus convidados! Foram grandes sucessos do fado interpretados pelos amantes da música portuguesa! E em alguns momentos não ouvíamos só fados, o Fado Vadio também recebia outros estilos musicais como a canção *Sangue de Berona*, originalmente interpretada pela cantora de Cabo Verde, Cesária Évora. A interpretação nesse dia ficou por conta dos talentosos componentes do Rancho Maria da Fonte, Agatha Scott e Paola Braga.

Viva o Fado Vadio e seus talentos!

A partir da inserção feita em dezembro de 2021, conforme a figura abaixo, tivemos 243 visualizações com 5 comentários. A partir de então, as imagens apresentam uma viola portuguesa, com os seguintes escritos:



Nos anos de 2018 e 2019, destacamos este documento sobre o fado:

Grandes canções do fado na voz da fadista Bete Conde e guitarra portuguesa de Victor Lopes (quem apresenta o fado vadio na casa do Minho) no dia 18 de outubro de 2018. <http://bit.ly/RestauranteCostaVerdeCasadoMinho>. [#casadominh](#) [orj](#) [#casadominho](#) [#fadoss](#) [#showdefadoss](#) [#casaportuguesa](#) [#restauranteportugues](#) [#comidaportuguesa](#) [@rj](#) [#bondinho](#) [#cristorede](#) [ntor](#)

Ainda nos anos de 2018 e 2019, relacionados ao fado vadio temos:

O guitarrista Victor Lopez apresentará no Restaurante Costa Verde, no dia 27 de setembro, uma tradicional noite de Fado Vadio com a sua Guitarra Portuguesa num espaço que remete às Casas Típicas de Lisboa. No Fado Vadio todos podem cantar a música que se tornou Patrimônio Mundial Imaterial da Humanidade, sejam profissionais ou amadores.

A finalidade principal é partilhar emoções ao som da Guitarra numa confraternização onde o Fado é a grande atração. Amor, ciúme, cinzas, lume, saudade, tragédia, dor...cantaremos à meia luz as incomensuráveis histórias do Fado. Entrada franca, com culinária portuguesa, sem couvert artístico.

³⁶ TBT” é sigla, acrônimo e hashtag de rede social que significa “Throwback Thursday”. Em tradução livre, significa “Quinta-feira das Lembranças”. <https://olhardigital.com.br/2023/04/04/internet-e-redes-sociais/o-que-significa-tbt-nas-redes-sociais/>

Faça já as suas reservas: (21) 2225-1820 | (21) 2205-4698 | (21) 99627-3484 (WhatsApp)
 contato@minho.com.br. [#casadominho](#) [#cadasominhorj](#) [#fadovadio](#) [#fados](#) [#laranejiras](#) [#festaportuguesa](#) [#rj](#)

Sobre outros tipos de fado, temos publicações sobre fadistas e cantores, além do fado vadio. Por exemplo, no ano de 2018:

Não perca uma grande noite de fados com a cantora Ana Isabel e o violonista e guitarrista Gabriel Liotto, às 20h. Eles se apresentam no Restaurante Costa Verde da Casa do Minho, em grandes clássicos e canções contemporâneas da música portuguesa.
 Reservas e demais informações: (21) 2225-1820 | (21) 2205-4698 / (21) 99627-3484 (WhatsApp).

Destacamos também um relato sobre o fado, como gênero musical, no mesmo ano de 2018:

O fadista canta o sofrimento, a saudade de tempos passados, a saudade de um amor perdido, a tragédia, a desgraça, a sina e o destino, a dor, amor e ciúme, a noite, as sombras, os amores, a cidade, as misérias da vida, critica a sociedade. Em contraste com o conteúdo melancólico, o compasso do fado transmite um humor animador e possivelmente este contraste contribui à fascinação do fado. [#fado](#) [#silencioquesevaicantarofado](#) [#fadista](#) [#fadistas](#) [#casadominho](#) [#casadominhorj](#) [#fadovadio](#) [#lisboa](#) [#alfama](#) [#bairroalto](#) [#portugal](#) [#manuelmonteiro](#) [#mariaalcina](#) [#mariza](#) [#amaliarodrigues](#) [#amaliarodriguesfado](#) [#folk](#)

Acolhimento e homenagens – relações sociais entre Brasil e Portugal

Ainda sobre o Instagram, destacamos alguns materiais referentes a itens sociais, memórias e acolhimento, como a publicação na rede social, no ano de agosto de 2021, pelos 77 anos de vida do então presidente da Casa do Minho, Sr. Agostinho dos Santos. Tivemos 2 matérias com 292 visualizações e 26 comentários.

“Em 1959, Agostinho era um garoto de 14 anos que iniciava uma vida de trabalho com seu pai e mesmo assim achava tempo para se dedicar à Casa do Minho e ainda aprendia a tocar acordeão com o professor Alberto Camilo. De acordeonista e dançarino passou a ser diretor artístico e ensaiador de 1968 a 1975, e, em 1978, tornou-se vice-presidente. Mas, foi em 1980, através de uma acirrada disputa, que Agostinho dos Santos passou a ser Presidente da Casa do Minho, com esmagadora maioria de votos. Foi a personalidade que mais atuou no cargo da presidência. Sempre se entregou de corpo e alma para manter viva essa gloriosa instituição. Hoje, dia do seu aniversário, parabenizamos a esse grande minhoto pelos 62 anos dedicados a Casa do Minho e pelos lindos anos de vida.”

No sábado, dia 19 de março de 2021, a RTP³⁷ publicou uma matéria muito especial: “Mais de 400 mil pessoas em Portugal tiveram acesso, pela TV, aos bastidores do rancho Folclórico Maria da Fonte na Casa do Minho no Rio de Janeiro. A componente Cristina Figueiredo, seu filho Pedro e o veterano José Gonçalves deram voz a matéria. Também foi possível ver um pouco da atuação do rancho, fundado em 1954 para integrar os imigrantes minhotos que estavam no Rio de Janeiro e ajudar a vencer a saudade da Santa Terrinha. O rancho Folclórico Maria da Fonte e a Casa do Minho, tem um trabalho sério e de excelência na sua proposta, é um elo entre as comunidades regionais em diáspora; uma engrenagem das tradições e cultura portuguesa. A Casa do Minho do Rio Janeiro agradece a RTP pelo espaço concedido a esta matéria e aguarda a estabilidade em todo cenário mundial para que possamos voltar à luta pela prospecção da cultura luso-brasileira.”

E, ainda no Instagram, algumas entrevistas são destacadas – por exemplo, a com Dona Alice, pertencente à série do grupo da Diretoria 2020 e 2021 da Casa do Minho.

“Maria Alice Ferreira Gomes - portuguesa, integrante da diretoria administrativa da Casa, ingressou na década de 1990 como folclorista e “cantadeira” no Rancho Juvenil e logo depois entrou para a tocata do Rancho Maria da Fonte. Atualmente é componente dos dois ranchos e declara “Estou muito feliz com as funções que exerço na Casa do Minho.”

“Patrícia Farelo – luso-brasileira, convidada a integrar a diretoria do Rancho Juvenil em 2018. Ingressou no folclore como componente do coro do Rancho dos Veteranos em 2012 e do Rancho Juvenil em 2014. É mãe do componente do Rancho Juvenil, Gustavo Farelo e, para ela, estar colaborando com a cultura da casa é uma forma de não deixar morrer as suas tradições familiares e as relações de cultura musical entre Brasil e Portugal.”

Verificamos, ainda, outras homenagens a personalidades, cantores, fadistas, como o cantor português Carlos do Carmo: (2021)

[...]um dos artistas mais queridos da música portuguesa, conhecido como o “Sinatra” do fado comovente e melancólico, nos deixou no dia 01 de janeiro de 2021 aos 81 anos, mas ficou as lembranças e sua linda obra musical!

“Lisboa menina e moça, menina
Da luz que meus olhos vêem tão pura
Teus seios são as colinas, varina
Pregão que me traz à porta, ternura” ... 🎤 🎵 ❤️

³⁷ RTP – Operador de serviço público de rádio e televisão em Portugal. Uma história construída ao longo de décadas, que oferta conteúdos audiovisuais e multiplataformas.

Rancho Folclórico Maria da Fonte – Festejos da Quinta de Santoinho no Instagram

Com relação ao Rancho Folclórico Maria da Fonte, todas as festas de Santoinho estão relacionadas, desde 2017, havendo uma lacuna nos anos de 2020 e 2021, devido à pandemia de covid-19, assim como, da mesma forma, não foi possível realizar as apresentações do fado vadio.

Dessa forma, durante esse período, fizeram parte do *Instagram* diversas inserções sobre a gastronomia, em sua maioria, e sobre a história da Casa, sua fundação, a criação do Rancho, fazendo chamadas para participação de folcloristas, para aluguel de espaços, porém deixando sempre no usuário o gosto da saudade, do “vamos voltar em breve”.

Referentes a essas inserções, encontramos, por exemplo: (2021)

“No dia 17 de julho de 1952, reuniram-se no Centro Trasmontano (tradicional Casa Portuguesa estabelecida na Tijuca), um grupo de portugueses com o objetivo de divulgar a cultura açoriana. Com um brilhante discurso patriótico de Vitorino sobre o encanto das Ilhas e sobre o sentimento de solidariedade que deveria unir o povo açoriano nascia a Casa dos Açores.

O próximo passo era fundar, então, uma sede própria, algo que foi buscado com afincos e uma série de doações surgiram, além de festas, churrascos à Diretoria da Casa dos Açores que adquiriu em leilão sua sonhada sede. Localizada na Av. Melo Matos, número 25, ao lado do Centro Transmontado, no bairro da Tijuca. A partir disto todo o trabalho passou a ser dedicado à reforma do prédio da sede e a inauguração ocorreu menos de dois anos após sua fundação, em 24 de abril de 1954. A Casa do Minho homenageia todos os diretores e folcloristas e parabeniza por tantos anos de tradição e da divulgação da história da cultura do arquipélago dos Açores.

Merece destaque o ano de 1982, quando ainda não existiam Facebook ou Instagram, e, por meio de cartaz impresso do Rancho Folclórico Maria da Fonte, foi enfatizada a primeira viagem do Rancho a Portugal. Posteriormente, essa imagem pôde ser divulgada nas redes sociais.

A agência autorizada pelo voo anunciava, com entusiasmo, a venda com desconto de passagens para uma caravana de folcloristas. No material impresso que foi reproduzido no Instagram em 2019, vemos a imagem do então presidente da Casa, Sr. Agostinho dos Santos.

Outros tipos de cultura na música:

Na Casa do Minho também há espaço para outras culturas. (instagram, 2019). Essa referência se dá ao mais novo *point* de tango, que está a todo o vapor a sua espera.

“Todas as quartas, com início a partir das 18:30h, a mais nova prática de Tango na Casa do Minho. Música ao vivo com Eduardo Risso e Eliana Gabriela, Drielly e Mateus estarão lá para dançar para vocês e com vocês. Venham todos bailar muito.”

Informações:99221-2130

(Mateus) [#tango](#) [#casadominhorj](#) [#casadominho](#) [#milonga](#)

Em outubro de 2019, com o samba:

“A cantora Sandra Serrado explora hoje um rico repertório, com nuances românticas, dançante, passando pela Bossa Nova, MPB, Sambas e outros gêneros musicais. Além de uma homenagem a Roberto Carlos, com a interpretação de alguns de seus sucessos.

A cantora Sandra Serrado explora hoje um rico repertório, com nuances românticas, dançantes, passando pela Bossa Nova, MPB, Sambas e outros gêneros musicais. Além de uma homenagem a Roberto Carlos, com a interpretação de alguns de seus sucessos. A cantora recebe convidados.” Informações em:

[#casadominhorj](#) [#casadominho](#) [#sandraserrado](#) [#mpb](#) [#samba](#) [#rj](#)

No mesmo ano, houve também espaço para o forró:

“ENTRADA FRANCA! Venham participar do "Forró Pé de Serra" dançando e apreciando grandes músicas tocadas nos grandes arraiais dos diversos estados do nordeste brasileiro. O Trio Massapê foi formado através das amizades no folclore português, Ivan Viana na voz e acordeom, Thiago Alemão na voz e no triângulo e Francisco Peres (Jacó) na voz e na Zabumba.” Os ingressos são limitados, garanta já o seu pelo nosso WhatsApp <http://bit.ly/RestauranteCostaVerdeCasadoMinho> [#casadominho](#) [#casadominhorj](#) [#forro](#) [#pedeserra](#) [#xote](#) [#forro](#) [#baiao](#) [#luizgonzaga](#) [#elbar](#) [#amalho](#) [#riodejaneiro](#) [#restaurantecostaverde](#)

Ainda sobre o Folclore – outras apresentações do Rancho em locais externos à Casa do Minho:

“Participação da Casa do Minho e do Rancho Folclórico Maria da Fonte no 10 de junho, Dia de Portugal, na Câmara dos Vereadores, evento da Teresa Bergher. (instagram, 2019).”

E em outra ocasião, no mesmo ano, ressalta-se o Grupo Folclórico de Meadela.

“Parabéns ao Grupo Folclórico das Lavradeiras da Meadela pelos seus belos 87 anos de história!” ✨

Esse registro, de uma confraternização que ocorreu na Meadela, em 2019, confirma a amizade de longos anos dos dois grupos irmãos: as Lavradeiras da Meadela e o Rancho Maria da Fonte. ❤️

[@gflmeadela](#) [@mariadafonte_rj](#)

Documentos encontrados sobre os espaços da Casa para realização de diversos eventos:

“O salão Nobre da Casa do Minho, situado no Cosme Velho, zona sul da cidade do Rio de Janeiro é o espaço ideal para você que está procurando um local para realizar seu evento - seja ele aniversários, casamentos, reuniões, dentre outros. Com 300 m², o salão possui um amplo espaço e um jirau, com capacidade para até 400 pessoas, climatização, isolamento acústico, gerador, além de ser totalmente acessível. Conta, ainda, com o apoio de um estacionamento para tornar o seu evento o melhor possível. Não deixe de conhecer esse belo espaço. Quem sabe pode ser o cenário ideal do seu evento. Para maiores informações fale com a gente!” (instagram, 2019)

Com o símbolo da associação, a inserção na rede social das atividades da Casa do Minho, devido à pandemia de Covid-19, trazia recomendações, em julho de 2020:



Seguindo as orientações da Prefeitura do Rio e do SINDRIO, o uso da máscara é obrigatório enquanto não estiver consumindo. As mesas foram distanciadas reduzindo, assim, a capacidade. No acesso, haverá a verificação da temperatura corporal, higienização das mãos com álcool gel e fornecimento gratuito de saco para armazenamento da máscara durante o consumo. Todas as alterações estão obedecendo às normas de higienização e sanitização de ambientes coletivos e funcionários treinados para o atendimento adequado e com os devidos equipamentos de segurança. A Casa do Minho voltando aos poucos dentro da realidade atual! Fiquem seguros. (instagram, 2020)

5.2.2 Eixo 2 – Análise de dados do Instagram da Casa do Minho

Segundo Terry Cook (2012), a chamada socialização de arquivos, contribuição que foi possível perceber a partir de 1990, indica que os documentos de arquivos anteriores a essa data ainda estavam alinhados com os registros históricos, pertencentes a um velho sistema do século passado. Desse modo, com a inserção das novas tecnologias vistas como fonte de arquivos, pesquisadores e arquivistas estão cada vez mais entrelaçados por uma necessidade fluida da informação, na intenção de tornar os arquivos mais dinâmicos, compreendendo os seus papéis sociais.

Em conversas com membros da Secretaria da Casa do Minho, foi possível verificar que o Instagram é uma rede social bastante utilizada atualmente e que há um grupo de pessoas responsável pelas publicações e pelo material em vídeo ou em fotos e imagens. No momento, há um fotógrafo que é contratado para as festas das “Quintas de Santinho” e quando há momentos especiais, de acordo com o evento e o quadro financeiro da casa. Há membros da associação que desenvolvem parte deste conteúdo e avaliam o material. As fotos consideradas de melhor qualidade, ou seja, as que estão aptas para a divulgação, “sobem”, ou seja, são inseridas na rede social Instagram.

O Instagram funciona ativamente e pode-se comprovar sua funcionalidade e seu alcance, de acordo com a Tabela menu Instagram, apresentada acima.

Com o objetivo de trazer uma análise quantitativa e qualitativa, as figuras que se seguem foram produzidas para expressar tais números e servirem de reflexão para as análises.

Com base nos estudos e apontamentos de Cook (2012), a partir do rompimento da ideia do século passado do registro pelo registro, redefinindo-se através de um olhar mais amplo, pós-custodial com a influência da pós-modernidade estão presentes e são perceptíveis pelo número de visualizações e de diálogos na relação entre a Casa do Minho e o usuário, conforme vistas e analisadas no Instagram.

Verifica-se que todas essas facilidades das redes sociais tornaram mais amplas as possibilidades de conexões e a difusão de informações por parte das pessoas. Nas redes sociais, por serem *on-line*, essas informações são muito mais amplificadas, reverberadas, discutidas e repassadas (RECUERO, 2009).

Ainda no âmbito dos arquivos – públicos ou privados –, as redes sociais são eficazes canais de comunicação e arquivos para ampliar o relacionamento entre o usuário e as instituições que demandam produtos, atividades e serviços (KOTLER, 2017).

Em conversas com membros da Secretaria da Casa do Minho, foi possível verificar que o Instagram é uma rede social bastante utilizada atualmente e que há um grupo de pessoas responsável pelas publicações e pelo material em vídeo ou em fotos e imagens. Há membros da associação que desenvolvem parte deste conteúdo e avaliam o material. As fotos consideradas de melhor qualidade, ou seja, as que estão aptas para a divulgação vão para o Instagram.

O Instagram funciona ativamente e pode-se comprovar sua funcionalidade e seu alcance, de acordo com a Tabela menu Instagram, apresentada acima.

Com o objetivo de trazer uma análise quantitativa e qualitativa, as figuras que se seguem foram produzidas para expressar tais números e servirem de reflexão para as análises.

A seguir, no Gráfico 5, apresentamos todas as categorias inseridas na rede social Instagram e seu número de visualizações e comentários, em uma análise, a princípio quantitativa, feita de 2017 até o dia 23 de maio de 2023.

Podemos destacar a categoria folclore, seja através dos ranchos e principalmente das festas “Quintas de Santinho” com o número maior de visualizações entre os usuários.

Em seguida, as publicações sobre Gastronomia ganham destaque, inclusive por ter muitas inserções no Instagram, já que no restaurante Costa Verde se realiza a maioria dos eventos de música: o fado vadio, outros tipos de fado, canções portuguesas e brasileiras que também são bastante visualizadas. Por esse motivo, vemos um número significativo de visualizações, porém com comentários de usuários comparativamente menores que as modalidades da cultura musical, se considerarmos o número de publicações nessa rede social.

De forma expressiva, temos as categorias musicais: fado, ou fado vadio especificamente, e demais canções portuguesas, outros eventos musicais e apresentações do RFMF na associação e em outros locais, que obtiveram um total de 30.199 visualizações. Isso nos revela a garantia e a credibilidade da rede social, o interesse por conhecer e manter relações entre a comunidade e as atividades musicais da Casa do Minho.

Verificamos que a ênfase apresentada para a cultura musical da Casa do Minho é bastante acentuada de acordo com os arquivos do Instagram e podemos considerar que o tema cultural persiste em atuar na associação luso-brasileira desde as décadas de 1940, 1950 e 1960, conforme podemos interpretar através dos arquivos em periódicos analisados.

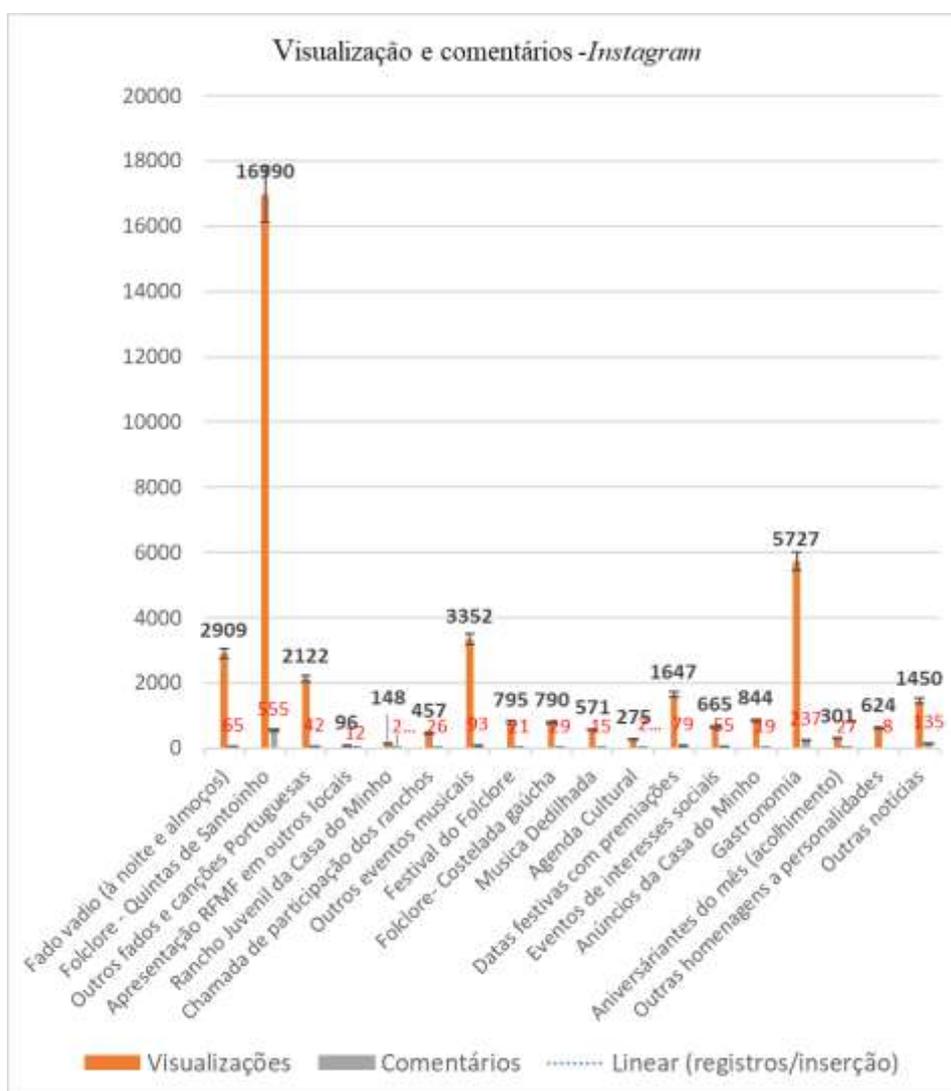
Vale destacar, que nos anos de 2019, 2020 e 2021, a rede social ganhou mais vulto, e que, segundo informações de alguns membros da Casa, decorre do fato, primeiramente, da pandemia, que trouxe um isolamento social, mas também devido ao caráter impulsionador de alguns membros mais jovens, que conectam com facilidade tais meios digitais e veem nessas ferramentas um meio de acesso e visualizações desafiadores para as atividades da Casa do Minho.

Ainda que aspectos relacionados ao acolhimento, em formato de homenagens e premiações apareçam no gráfico, por meio de divulgação de matérias de interesse social

e comemorações em datas festivas, verificamos que é através da arte musical, seja na tradição dos ranchos folclóricos, seja em outros tipos de gêneros musicais brasileiros e portugueses que se encontra o “mote” da manutenção da Casa do Minho até os dias atuais.

Somados a esses fatores, podemos acrescentar alguns aspectos relacionados à era contemporânea em que vivemos e que traz no fenômeno Instagram o resultado de um processo dinâmico. Os indivíduos que integram a comunidade da rede não necessariamente se conhecem além da realidade virtual, mas nutrem um mesmo gosto, um mesmo interesse, e assim mantêm laços, ainda que sejam considerados fracos e informais uns com os outros.

Gráfico 5 – Gráfico: número de visualizações e de comentários de usuários Instagram



O interesse pelo ato de tirar fotos e a instantaneidade da divulgação da imagem na rede é o princípio básico que une os indivíduos dessa comunidade. Aponta-se que a

quantidade de indivíduos inscrita na rede indica a preferência pela rapidez e pela dinâmica das informações, trazendo conhecimento e informações dentro de uma esfera social.

Além disso, a busca por um maior número de seguidores, de visualizações, de comentários na rede reforça a ideia de Castells, quando afirma que as relações sociais se pautam, no século XXI, através de um novo padrão personalizado, baseado em individualidade, de se estar conectado, de pertencer a um grupo (CASTELLS, 2003), mas que atendem aos aspectos de conhecimento e da informação.

Dessa forma, a análise que pode ser feita a esse respeito sobre o Instagram da Casa do Minho é a de atuar, de forma dinâmica, manter informações atualizadas, e imprimir gradualmente mais acessos, pelo imediatismo e pela possibilidade de atuar como mediador pronto a diálogos e relações mais fidelizadas, identificando-se pelos atos de transmissão, de visualização e comentários.

Vale considerar que uma pequena equipe pequena está atuando junto à Casa do Minho para que essas fontes não sejam esquecidas. Ampliar esse olhar é uma das perspectivas da atual diretoria, que vê a rede social Instagram como uma fonte importante de informação e arquivos.

As festas de Santoinho, ocupam a posição primeira na ordem e formatação da página, onde temos as fotos da gastronomia que é consumida na festa, do brinde – caneca de Santoinho para se degustar o vinho –, dos doces portugueses, da banda que anima a festa com sua música brasileira e portuguesa e do Rancho que é apresentado.

Todos os aspectos relativos ao conhecimento do que seja o Santoinho estão descritos no Instagram, através dos vídeos e das imagens inseridas.

Há distinção entre o conteúdo do menu Santoinho (festa) e do menu Folclore por meio de fotos e vídeos dos trajes típicos, dos músicos da tocata, incluindo-se no menu Folclore outros tipos de festa realizadas na região do Minho, em Portugal, a outras apresentações do Rancho em diferentes lugares dentro e fora do Brasil.

Outro *menu* que merece ser analisado é o Ensaio – quando vemos os vídeos dos ranchos folclóricos em ensaios no Salão Nobre da Casa do Minho, o que transmite a ideia de disciplina, organização das atividades e participação, fazendo com que, de certa forma, o usuário se sinta incluído em um espaço performático mais íntimo dos ranchos apresentados. As imagens referem-se a músicas e danças de diferentes formatos, como os viras, meadelas e gotas e que serão analisadas no item seguinte (observações da *performance* e das práticas musicais como fonte de arquivos).

Ressaltamos também o *menu* Enquetes por abrir, de forma fluida, em formato de entretenimento, perguntas sobre tópicos relativos à cultura portuguesa, flexibilizando um canal ao usuário de prazeroso diálogo.

Apesar de o número de visualizações ser, em alguns temas, bastante superior ao número de comentários, essa posição de diálogo entre os usuários da Casa do Minho é positiva, a partir do momento em que a associação luso-brasileira traz a possibilidade de se abrir ao conhecimento, aos acessos de suas atividades, na intenção de se modernizar e se adequar às novas formas de presença social e cultural.

5.3 Eixo 3 – *Performance* e práticas musicais como fontes de arquivos

Segundo Richard Schechner,^a “performance é a arte aberta, descentralizada, liminar [...], sendo a *performance*, portanto, um paradigma do processo”. (Turner, 1987, p. 8, apud Hikijy, R., 2005).

Dessa forma, em uma performance não terminada e que se modificou ao longo do tempo e ainda pode exigir pequenas nuances de mudanças, as práticas musicais atuantes nos ranchos folclóricos Maria da Fonte e no Juvenil da Casa do Minho se constituem em comportamentos e gestos que acontecem nos ensaios dos grupos folclóricos todas às quintas-feiras à noite, e vão se constituir em apresentações ao vivo.

Apresentando a metodologia da observação-participante, a coleta dessa fonte de arquivos foi realizada através das observações dos ensaios dos grupos folclóricos, que se compõem de respectivos membros dos grupos, cantadeiras das músicas – viras, chulas, cana-verde, gota, e da tocata formada pelos músicos (bumbo, acordeão, triângulo e ukulele).

A pesquisa das práticas musicais teve início, efetivamente, em maio de 2022, devido à pandemia de covid-19. Entretanto, eu já havia tido contato com membros da Casa através de questionários e entrevistas e pude me sentir mais segura ao participar dos ensaios e das apresentações musicais – não apenas em relação à pandemia, mas também por já ser “conhecida” como a pesquisadora acadêmica da UNIRIO na área de música. Dessa forma, fui conquistando espaço dentro da Casa e sendo recebida cada vez mais com cordialidade e empatia.

5.3.1 Ranchos

Os ensaios acontecem no Salão Nobre da Casa, com coordenadores e produtores de ambos os grupos, contando com os músicos da tocata, e com a presença das cantadeiras. Antes da formação da tocata, não se inicia o ensaio (pode haver apenas um “esquentar” de instrumentos e vozes, entoando-se outras canções portuguesas).

Primeiramente se apresentam o Rancho Juvenil, seguido pelo Rancho Folclórico Maria da Fonte. Durante as práticas musicais, percebeu-se o interesse do grupo, que de forma informal vai chegando, mas com muita motivação para o início do ensaio.

Com relação às crianças vale destacar que a maior parte delas são filhos ou amigos que moram pela região e que admiram o folclore da Casa. As crianças estão sempre muito soltas, mas exibem em seus gestos musicais e dançados uma seriedade ao aprendizado da performance.

Nas observações feitas conversei com um jovem a respeito da tradição do folclore e ele, timidamente, me falou que estar ali é um presente, como uma benção e herança que seu bisavô deixou. Apesar de ser carioca, disse que não vai deixar de atuar na performance da Casa.

Importante destacar que há crianças e jovens que fazem parte da tocata, e que sentem muito felizes por isso. Toda a música é transmitida pela oralidade. As partituras dizem respeito somente ao Hino da Casa e ao Hino do Rancho Folclórico Maria da Fonte (conforme anexos 6 e 7, pp. 265 e 267).

Ensaio dos dias 12 e 26 de agosto de 2022: tirei algumas fotos e observei o ambiente e o comportamento do grupo. Na noite do dia 12 de agosto observei que havia dez pares de casais do Rancho Juvenil, além de mais quatro instrumentistas e duas cantadeiras. Muitos meninos estavam chegando recentemente ao grupo e o ensaio foi paralisado diversas vezes, o que percebi que não era costume acontecer.

A cada nova música ensaiada, havia repetições realizadas, e o coordenador ressaltava o sentido de deixar a música fluir no peito (principalmente no Rancho Juvenil, em que se trabalha com

Ensaio do dia 1º de setembro de 2022: estive no Salão Nobre (local onde acontecem os ensaios) para observar as práticas e contávamos naquela noite com 10 (dez) pares de casais no Rancho Juvenil; porém no ensaio estavam presentes 7 (sete) meninos e 7 (sete) meninas e mais 4 (quatro) instrumentistas e 2 (duas) cantadeiras.

Nesta noite de ensaio observei ter sido bastante proveitosa as músicas e danças, no sentido de que todos se esforçaram muito para acertar e não se incomodavam em repetir quantas vezes fosse preciso.

Ensaio de 20 de outubro de 2022: fizeram o Vira das Palmas, que tem uma letra específica – não há improviso. Nessa noite, o ensaio foi bastante proveitoso, porque o Rancho Maria da Fonte teve a presença de 16 casais participantes. Nem sempre o número de casais que comparece aos ensaios é o mesmo, há comumente os faltosos. Mas percebi que o número de casais garante boa motivação nos ensaios.

Ao se fazer um pequeno intervalo, o que é raro acontecer nos ensaios, os músicos tocaram Farol de Montedor – uma cantiga portuguesa antiga de muita alma, segundo as cantadeiras revelaram.

No intervalo desse dia conversei com uma das cantadeiras, que me falou a respeito das modificações e/ou alterações em algumas letras de músicas, para que se adequassem melhor à fonética das vogais mais abertas do Brasil, ou a algum verbo diferenciado dos de Portugal em termos de significado. Pode-se ver nas letras das músicas: Vira da Ponta da Barca, Vira da Boa viagem, Chula de Viana, Chula de Areosa (conforme anexo 7, p. 267).

No Rancho Juvenil dessa noite, estavam presentes seis casais, sendo que havia um menino pequenino, de cerca de 6 anos, iniciando praticamente naquele dia. Ele contava com a ajuda de um monitor mais antigo ao seu lado durante todo o tempo do ensaio.

Ensaio de 12 de novembro de 2022: observava as danças e músicas do Rancho Maria da Fonte, quando o coordenador e produtor do grupo, de apelido Cacá, me falou a respeito das letras das músicas, reiterando que muitas foram adequadas, “compostas” de acordo com os fonemas brasileiros, mas que todas as letras produzidas tentavam reproduzir uma história dos portugueses e, no caso dos imigrantes, de ser representada em uma casa no Rio de Janeiro. Essas mudanças foram feitas pelos imigrantes, brasileiros e descendentes, e tudo isso pôde ser observado.

Na parte dos instrumentos, as gaitas de fole, algumas vezes, constavam nos ensaios no início da apresentação – na entrada do Rancho Folclórico. Trata-se de um tipo de instrumento usado milenarmente na música tradicional portuguesa.

Segundo relatos de membros do grupo, a gaita de fole pertence ao grupo pastoril, dos campos, e até os dias atuais, algumas comunidades rurais do interior de Portugal consideram o instrumento como representação de vida rural e tradicional, por isso está presente no folclore. Os demais instrumentos utilizados na tocata durante as

apresentações são: acordeão, bumbos, violões, ukulele e triângulo, que compõem, habitualmente, as músicas do folclore.

Segundo o coordenador, o Rancho Folclórico Maria da Fonte – RFMF tem um aspecto emoldurado pela tradição oral – que veio justamente com os folcloristas mais velhos e que hoje fazem parte do Rancho dos Veteranos.

Segundo membros da Casa, o Rancho dos Veteranos não vinha se apresentando atualmente, pois precisava de folcloristas de outros grupos que quisessem participar, com idade acima dos 60 anos, e a chamada estava sendo feita a outras casas.

De acordo com minhas observações e anotações, as músicas mais tocadas e dançadas pelo Rancho são as gotas – que têm sete variações diferentes de passos que caracterizam uma gota. Naquela noite, o ensaio trouxe a Gota de Santa Marta, a Gota de Meadela e a Gota Minhota. As demais músicas foram viras e a chula velha. (Ver anexo 7 e anexo 10)

Ensaio de 27 de abril de 2023: houve ensaios dos dois ranchos folclóricos. Primeiramente, a tocata e as cantadeiras se aqueceram com o som do acordeão e do triângulo, enquanto os membros dos grupos iam chegando ao espaço do Salão Nobre.

Foram apresentadas a Chula Velha e o Vira das Palmas, muito tocado ao iniciar os ensaios. Também houve a *performance* da Gota de Santa Marta, que envolve um número grande de casais. Nesse ensaio, havia 12 casais no RFMF, com muito foco nas próximas apresentações da Quinta de Santoinho, que ocorreriam no dia 13 de maio de 2023, quando haveria uma homenagem ao Dia das Mães.

Ao terminar o ensaio do Rancho Juvenil, geralmente as crianças e jovens não vão embora, pois os pais são, em sua maioria, participantes do RFMF. Alguns jovens que estão em idade de transição (entre 18, 19 e 20 anos) participam dos dois ranchos.

Conforme informações dos coordenadores dos ranchos, os Srs. Cacá e Claudinho e a Sra. Carmem Fernandes, as danças são bastante dinâmicas, quase todas em rodas de pares, 2 a 2, às vezes se comunicam 4 a 4, de acordo com a dança específica, e isso requer uma noção de limites e espaços, que vem se adquirindo através da experiência.

5.3.2 Fado vadio

O fado vadio acontece no espaço do restaurante Costa Verde, em um ambiente intimista, na penumbra, com mesas dispostas em meio à gastronomia e ao vinho.

O fado vadio tem início por volta das 21h, quando, no pequeno espaço transformado em palco, estão três músicos: Vitor Lopes, na guitarra portuguesa, Ângelo Santana, no violino, e Juan Santana, na flauta transversa.

Ao dar início à música, o guitarrista convida quem quiser cantar a vir até ele, dizendo que será bem-vindo. Deixa claro que não é necessário microfone nem uma impecável afinação. Basta saber a letra e ser amante do fado.

Fala ainda que o fado vadio sempre teve a intenção de aproximar as pessoas, proporcionar momentos de emoção, de saudades, memórias trazidas pela música ao público presente.

Na noite de 29 de novembro de 2019, quando dei início às observações-participantes, pude assistir não só às apresentações do músico e guitarrista Vitor Lopes, mas também a quatro outros cantores amadores, que vieram da plateia e se fizeram ouvir.

Houve um pequeno intervalo de 30 minutos e retornou-se ao fado vadio, que teve seu encerramento por volta de 0h30.

Constatei, em minhas observações acerca do público presente, que havia uma participação ativa, com muita informalidade, alegria e emoção. As músicas seguem sem um roteiro previamente estabelecido e há pedidos para se cantar e solicitação de músicas feita pelo público presente, incluindo-se músicas brasileiras. Cada noite é diferente da outra. Essa é a ideia do fado vadio.

Houve um pequeno intervalo de 30 minutos e retornou-se ao fado vadio que teve seu encerramento por volta das 00:30 minutos.

5.3.3 Eixo 3 – Análise dos dados referentes às observações de performances e práticas musicais

5.3.3.1 Folclore – Ensaios

O estudo da performance é, hoje, uma das possibilidades dos trabalhos em etnomusicologia. Tiago de Oliveira Pinto (2001, p. 227) descreve a “etnografia da performance musical” como a passagem da análise das estruturas sonoras à “análise do processo musical e suas especificidades”. Nesse tipo de abordagem, o pesquisador não pensa a música enquanto “produto”, mas “como processo’ de significado social, capaz de gerar estruturas que vão além dos seus aspectos meramente sonoros”.

A partir desses conceitos, aponta-se, por meio das observações nos ensaios dos ranchos folclóricos da Casa do Minho, primeiramente, a questão da dinâmica do grupo e dos comportamentos com relação ao número de participantes daquele dia presentes aos ensaios. Esse quantitativo interfere na alegria, no aproveitamento de se dançar uma determinada música, em detrimento de outro que requer mais participantes, se for o caso, como algo contagiante.

O sentido de “deixar fluir” a que o coordenador e produtor dos Ranchos Juvenil e Maria da Fonte declaram a cada nova música ensaiada corresponde a uma performance que se faz diferente a cada ensaio e que tem o caráter de imprimir entretenimento, e sentimento em um bailado que envolve corpo e alma (no sentido de estar entregue à emoção).

É importante registrar, nessa análise, que a satisfação das crianças em participar do rancho folclórico é expressa nos sorrisos, no desejo de começar imediatamente o ensaio, no esforço do aprendizado, nos gestos do corpo, na tentativa de melhorar a cada tentativa, o que se observa em cada pergunta, em cada dúvida levantada.

Mais pessoas presentes aos ensaios, também com relação à tocata e ao número de cantadeiras, dão um caráter ao ambiente de maior informalidade. Há mais barulho, porém, percebe-se maior dinâmica, envolvimento e alegria por estarem ali.

Quanto ao Rancho Juvenil, verifica-se que as crianças estão sempre muito à vontade. A criança não se constrange se erra, se o coordenador vem ajudar; ela faz novamente até acertar a *performance* dos passos.

Conforme fui participando dos ensaios, ao longo do ano de 2022 e em abril e maio de 2023, pude perceber que cada noite de ensaio é diferente da outra. Primeiramente, além dos participantes – que muitas vezes se diferem, pois nem todos comparecem –, há uma preferência por se iniciar por uma música e não por outra, o que interfere na formação do grupo no “palco”, em quem vai ficar nas pontas e quem vai estar nos meios do rancho, na formação do centro, de forma que a apresentação seja a mais coesa possível, que um não atravesse o espaço do outro par. Como *performance* de gestualidade e presença, essas mudanças, ainda que pequenas, são significativas e se registram de formas diferenciadas.

Obtive informação, com um dos coordenadores do rancho, de que, há algum tempo, os ensaios não exigiam mais os trajes típicos, mas que nem sempre foi assim. No passado, nos idos de 1950 e 1960, quando da fundação do Rancho Folclórico, era recomendado que houvesse pelo menos um ensaio com os característicos trajes típicos. E esse fato interferiu na *performance*, apontou um dos membros mais antigos, pois os

participantes sentiam que estavam “caracterizados como se a apresentação fosse ao vivo naquele momento”.

Também com relação à tocata, quando estão presentes mais de seis músicos, há uma maior empolgação, e o mesmo acontece com as cantadeiras. Quando há um número maior, elas se revezam, bebem água, têm um tempo mais livre para um descanso, ainda que rápido, na voz. Verifica-se, assim, mais alegria e a dinâmica flui melhor.

Nas práticas musicais do folclore, presentes nas festas de Santoinho, quando se apresentam em meses alternados o Rancho Maria da Fonte e o Rancho Juvenil da Casa do Minho, revela-se, primeiramente, um olhar atento do público presente, que através de registros em fotos e nas palmas ao final, demonstra boa aceitação do folclore e do que está sendo apresentado.

O Rancho, atualmente composto por portugueses e brasileiros, mantém uma cultura da região do Minho e é considerado, no Rio de Janeiro e no Brasil, o representante do folclore minhoto. As apresentações ao vivo têm significado especial para os que fazem parte da Casa e aos frequentadores mais assíduos, o que se pode ver estampado nos rostos, na alegria, no conhecimento de pessoas que aparentam apreciar e resgatar a cultura portuguesa no Rio de Janeiro.

A esse respeito, consideramos que a memória revivida em tempos contemporâneos acelerados, tanto por portugueses presentes às festas de Santoinho, quanto por apreciadores de outras nacionalidades e brasileiros, vem nos tirar do lugar de que tudo é consumido e ultrapassado, fruto da informação que vem de todos os lados, tão instantânea que nos põe distante do escutar.

Na análise deste eixo, é possível perceber que nossa vida é mediada por aparelhos e pouco ainda se pode ouvir ou lembrar de cantigas, provérbios, adivinhas – parece que é o fim de uma era onde se trabalhava no campo à base de cantorias. Esse tipo de resgate de uma tradição em forma da música portuguesa folclórica é justamente o que se pode documentar das práticas musicais ao vivo nas quintas de Santoinho.

5.3.3.2 Fado vadio

Podemos verificar, através do desenvolvimento da pesquisa, que há uma iconografia fadista tradicional e amplamente conhecida por mitos e símbolos, como o xale negro, o indefectível acompanhamento da guitarra portuguesa, e um palco envolto à meia-luz com doses de melancolia, amor e saudade.

Essa performance do fado, como gênero musical, é evocada por letras de amor perdido ou por um ideário marítimo, na figura dos movimentos das ondas do mar, daquele que partiu para longe de sua terra.

No entanto, consideramos na pesquisa, aspectos encontrados no fado vadio: as características performáticas do improviso, os olhos cerrados, a penumbra, e um fado cantado não somente por profissionais na hora marcada ao espetáculo. Pelo contrário, o fado vadio é marcado pela informalidade de ser entoado por amantes do fado, de forma acolhedora e participativa.

Reconhece-se que, no universo do fado, há consoantes marcas identitárias, um tom uniforme impresso por portugueses, perpetuado e até resgatado por tantos fadistas mais jovens e atuais. Entretanto, há no fado vadio apresentado na Casa do Minho uma similaridade com o de Alfama, em Lisboa, conforme descrito no capítulo 4, item 4.6.4.- o fado: trajetória do século XX em diáspora na Casa do Minho, p. 101).

No Brasil, apesar de o considerarmos música diaspórica, atribui-se a ele um caráter, acima de tudo, social: intimista, acolhedor e participativo. Trata-se de ocasião em que todos podem cantar, com ou sem microfone, e em que os cantantes, amantes e amadores sentem expressar um sentimento que está para além da voz.

Os músicos, geralmente compostos por um trio de guitarra portuguesa, violino e baixo ou violino e flauta, são os únicos profissionais, no entanto, por tratar-se do fado vadio são flexíveis às melodias solicitadas, à sonoridade e aos timbres das diferentes vozes, trazendo sempre um conforto sonoro e participativo ao público.

O fado, que sofreu diversas mutações, classificadas, segundo Rui Vieira Nery, (2004) em sete períodos³⁸, nunca deixou de representar Portugal. Apesar do momento situado entre a Revolução dos Cravos (abril de 1974) até o final dos anos 1980, quando o gênero perdeu boa parte de sua presença midiática – muito em virtude do modo como foi apropriado durante o regime de Salazar, ficando restrito ao circuito turístico em Portugal, na virada dos anos 2000, o fado passa por dinâmicas novas de formatação, produção e até mesmo de consumo musical.

A partir de então, o fado vadio retoma seu espaço e seu público, entende e aceita a dessacralização do fado e se abre ao mundo globalizado, sem competições, vindo

³⁸ O musicólogo e historiador Rui Vieira Nery elenca a trajetória do fado em sete períodos: das origens a 1840; de 1840-1869: o enraizamento bairrista; 1869-1890: o primeiro alargamento; 1890-1926: a radicalização revolucionária; 1926-1945: a formalização castiça; 1945-1974: continuidade e renovações; desde 1974: ruptura e encontro. *Para uma história do fado*, 2004.

retratar, na cultura do Rio de Janeiro, um espaço de acolhimento, memória e inter-relação cultural entre as comunidades brasileira e portuguesa.

O que podemos observar e analisar sobre o fado vadio apresentado ao vivo na Casa do Minho, apesar da similaridade com o fado das Tascas e Becos de Alfama, é que conserva diferenças que podemos relacionar a uma cultura híbrida. Isso acontece pois trabalha com fados mais tradicionais ou não, mescla outras canções portuguesas, muitas vezes, brasileiras, como a conhecida canção “Mãe Preta”, e de origem africana, como as da cabo-verdiana Cesária Évora.

Importante destacar a figura da fadista Maria Alcina, portuguesa, nascida em Viseu e radicada no Brasil, que vem incorporando a sua *performance* ao fado vadio na Casa do Minho em diversas apresentações, desde 2017.

Conforme Taylor (2013), o repertório encena uma prática não-arquivada: em gestos, oralidade, danças, movimentos, cantos e *performances*. Tais práticas foram consideradas, na pesquisa, como fontes de arquivos de uma metodologia qualitativa de observação-participante, o que possibilitou entender a maioria dos materiais de arquivos encontrados na Casa do Minho, de tradição oral, compreendidos através da *performance*, do simbólico e das memórias.

No fado vadio, a *performance* acontece intimamente envolvida com a presença do outro na plateia – um dos seus principais espelhos, capaz de gerar estruturas que vão além dos aspectos meramente sonoros.

As apresentações do fado vadio, tanto em 2019, quando tive a oportunidade de assistir pela primeira vez, quanto em março de 2023, são muito intensas.

Há uma expectativa do público que, a princípio, não foi ao local para degustar vinho ou mesmo para usufruir de uma gastronomia portuguesa, mas sim para assistir ao fado vadio e cantar de forma participativa. A comida e a bebida são apenas consequência dessa motivação, que se dá pela música que ali é compartilhada.

No mês de março de 2023, o fado vadio foi bastante interativo devido ao fato de estar retornando após dois anos de pandemia de covid-19 e ter a significância de ser o mês de aniversário de 99 anos da Casa do Minho. Nesse dia 10 de março, por volta de 80 a 100 pessoas estavam no restaurante Costa Verde para ouvir e entoar o fado.

Não havia propriamente um roteiro e os músicos abriram voz para o público, como deve acontecer no fado vadio. Houve cantantes do fado durante todo o tempo de apresentação, que aconteceu das 21h30 até meia noite.

Uma das amantes cantoras do fado foi bastante aplaudida e tive a oportunidade de conversar informalmente com ela. Ela me disse que participava de um coral na igreja próxima à sua casa, mas que a sua família de origem portuguesa sempre ouvia os fados e ela tornou-se uma apaixonada pelo gênero musical. Ali estava na noite de fado vadio pela primeira vez e disse que pretendia retornar.

O fado vadio apresentado na Casa do Minho tem um caráter muito peculiar de acolhimento, cuja proposta, ainda que não revelada, se assenta no caráter intimista, o mais apropriado possível. Minhas observações apontam para uma aprovação completamente despojada em todos aqueles que por ali passam a cantar, seja fados, seja outro tipo de música, mas que é bem recebida.

Além disso, há por parte dos músicos presentes – nas apresentações de 2023, Vitor Lopes (guitarra portuguesa), Ângelo Santana (violino) e Gabriel Aragão (contrabaixo acústico) – a percepção de uma interação com o público a cada canção apresentada e pedidos feitos, e, geralmente, de um silêncio que é ao mesmo tempo acompanhador e acolhedor.

As apresentações do fado vadio foram feitas no improviso, por cantores amadores e amantes do fado. (<https://www.instagram.com/casadominhorj/?hl=es>), como podemos ver em diversas edições de março e abril de 2023.

Neste ano de 2023, a atividade acontece uma vez ao mês, nas noites de sexta-feira e aos domingos em horário de almoço.

Especificamente em 10 de março, o presidente atual da Casa do Minho, Sr. Joaquim Fernandes, falou ao público em breves palavras a respeito dos 99 anos da Casa do Minho do Rio de Janeiro, dizendo que pretende dar continuidade aos projetos da associação, com o foco na área da cultura, especialmente da música. Disse ainda que “no primeiro semestre de 2023, pretendia se reunir com outros presidentes de associações luso-brasileiras do Rio de Janeiro para traçarem juntos novas propostas e perspectivas para a sociedade portuguesa e brasileira ter cada vez mais o conhecimento dos projetos, do que já foi feito na Casa do Minho, e até em outros estabelecimentos do gênero, e do que ainda pode ser feito. Concluiu a fala com um *Parabéns a você*, e disse apostar no presente e no futuro da associação junto à juventude da Casa. Agradeceu ao público e ao apoio de todos que trabalham no local e, ao final, parabenizou todas as mulheres pelo Dia da Mulher, que tinha ocorrido em 8 de março. Fado do dia 10 de março de 2023, com participação do público”. (<https://www.instagram.com/p/CpoJKCsImwt/?hl=es>)

Conforme pode se observar neste item, entendemos a *performance* e as práticas musicais como arquivos, e podemos considerar que isso não apenas amplia o conceito de arquivo como matéria inerte a serviço da História, por meio de documentos de um passado, mas também proporciona uma noção abstrata de um sistema discursivo e participativo, uma noção corrente dos acontecimentos, dos eventos singulares.

A seguir, apresentamos o eixo que trata da temática de arquivos em entrevistas e narrativas realizadas na Casa do Minho.

5.4 Eixo 4 – Entrevistas e narrativas orais como fontes de arquivos

O trabalho com as entrevistas em formato de questionários semiestruturados, seguindo roteiro, foi realizado com cinco membros da Casa do Minho. Os questionários foram divididos em dois formatos: um deles dizia respeito às atividades administrativas e culturais da Casa e outro era mais específico em relação às atividades musicais dos ranchos folclóricos. (ver anexos 2 e 3) Recebemos como resposta cinco questionários, devidamente preenchidos, que foram trabalhados como coleta e análise de resultados. Porém, no formato do questionário a respeito das atividades administrativas da Casa, obtivemos somente dois questionários preenchidos.

Além desses questionários, também foram feitas entrevistas seguindo um roteiro a dois frequentadores assíduos da Casa, que compareceram aos festejos das Quintas de Santoinho. Uma delas foi feita de forma oral e a outra por meio de *WhatsApp* (com um frequentador que não tinha conhecido nem as festas de Santoinho e nem o fado vadio até 2023). Compondo este item, as entrevistas orais, que se primam por serem mais fluidas e extensas, foram realizadas com cinco membros da Casa.

No capítulo 2 (Metodologia), destacamos Meihy e Ribeiro (2011, p. 22), entendendo que, na entrevista, “o pesquisador encontra o outro”, o sujeito dono de sua história retratada com lógica própria e submetida às circunstâncias do “tempo da entrevista”, sendo importante retratar a sua opinião e falar o que realmente sente como memórias ou sensações e percepções.

Há que considerarmos dois aspectos, das entrevistas orais e dos questionários respondidos. A intenção é que os dados se tornem transparentes e acessíveis, de entendimento fluido.

5.4.1 Para os questionários: formato de entrevistas semiestruturadas

A coleta de dados aconteceu no período de agosto a novembro de 2022 e, como metodologia qualitativa, primamos por estabelecer um questionário semiestruturado, em que as categorias abaixo foram assinaladas. Foram distribuídos oito questionários, mas apenas quatro foram respondidos.

Dados do grupo

Rancho Folclórico Maria da Fonte e Rancho Juvenil da Casa do Minho

Com relação ao RFMF, tivemos quatro respostas aos questionários. Serão chamados de participantes, respectivamente, P1, P2, P3 e P4.

De acordo com P1: Dados Quantitativos: número de componentes do Rancho Folclórico Maria da Fonte: 70 pessoas; Dados Qualitativos: o número pode variar um pouco, à medida que algum jovem com a idade de 18 a 20 anos migra do Rancho Juvenil para o Maria da Fonte e algum adulto do Maria da Fonte precisa se ausentar por algum motivo, ainda que provisoriamente ou quer adentrar no Rancho dos Veteranos.

Músicos e Instrumentistas: 10

Cantadeiras: 5.

De acordo com o participante P2, as cantadeiras se revezam e há um cantador do sexo masculino que está no Rancho dos Veteranos, mas que participa quando é necessário.

Segundo participantes P1 e P2, os instrumentos usados nas modalidades dos músicos são: gaita de fole³⁹ sanfona, cavaquinho, ukulele, bumbo, triângulo, acordeão e violão. Obs.: a gaita de fole está presente quando da entrada do grupo no salão, ou na entrada dos bonecos gigantones, chamados de Zé Pereira⁴⁰, sendo que geralmente está presente nas apresentações externas.

³⁹ Gaita de fole – instrumento que pertence ao chamado ciclo pastoril, por provir de materiais que, nos remetem a um passado das sociedades ligadas à pastorícia e à terra, em que os instrumentos eram fabricados com materiais usados pela comunidade do interior de Portugal. Existem vários tipos de gaitas de fole, de acordo com as regiões: a do Minho é a gaita galega; a de Trás-os-montes e do Alto Douro é a gaita Transmontana; e a gaita da Beira, do litoral. Embora pertençam ao mesmo ramo de instrumentos musicais, possuem diferenças claras entre si, do ponto de vista organológico (história, função social, construção, formas de execução).

⁴⁰ Os Gigantones, popularmente conhecidos no Brasil como Zé Pereira, se misturam entre carros alegóricos e blocos afoxés. Em Portugal, os conhecidos bonecos desfilam até hoje pelas ruas do norte de Portugal, nas regiões, entre Douro e Minho, acompanhando romarias e festas populares portuguesas.

Dados referentes às apresentações:

Dados de P1: na Casa do Minho: geralmente 10 apresentações durante o ano (março a dezembro)

Para ser membro do RFMF (critérios, exigências, procedimentos) é necessário: segundo os participantes P1 e P2, os procedimentos têm relação com a disciplina, ou seja, estar nos ensaios nos horários e ter compromisso com o grupo.

Os critérios básicos: gostar da dança folclórica portuguesa, especificamente do Minho, ser apaixonado pela cultura portuguesa, ter algum conhecimento pessoal dessa cultura folclórica ou através de parentes próximos ou amigos.

A respeito da origem, todos os participantes disseram que podem ser portugueses, imigrantes e brasileiros.

P1 e P2 disseram que o último critério é ser entrevistado pelo coordenador do Rancho e pelo presidente da Casa, que irão abordar questões a respeito da motivação para querer participar das atividades e alertar para os compromissos de ensaio e apresentações na Casa e fora dela.

Viagens do RFMF

Participou no Brasil de apresentações em São Paulo e em Minas Gerais e no Estado do Rio de Janeiro, em diversas cidades como Nova Friburgo, Niterói, Teresópolis, Resende e outras. Nas Viagens externas: Portugal e Argentina (obtivemos respostas de P1, P2, P3 e P4)

Divulgação e canais de conhecimento do RFMF

Atualmente, os participantes P1, P2, P3 e P4 (membros da Casa), além de P5, P6 e P7 (frequentadores da Casa), foram unânimes ao dizer que é através das redes sociais que se tem o maior apoio para o conhecimento, a informação e a divulgação de tudo que acontece, culturalmente e musicalmente, na Casa do Minho. Todos responderam que o Instagram é o canal que mais informa e contém programação.

Os frequentadores P5 e P6 disseram que a Casa do Minho, através do Instagram, conseguia estabelecer um diálogo rápido com os usuários que gostam ou querem conhecer esse tipo de evento luso-brasileiro oferecido pela associação, e esclarece dúvidas sobre preço, datas e horários por esse canal.

P1, P2 e P3 falaram ainda que o *site* da Casa do Minho não está atualizado, mas que consideram um canal, um caminho de fonte de informação e arquivos, pois traz um pouco da história, da identidade da associação, e estabelece contatos, com telefones e *e-mail*, para um diálogo com o frequentador ou o consumidor.

P1, membro da Casa, respondeu que pretende atualizar o *site* e diz reconhecer a importância que ele tem – é a fonte de conhecimento da Casa e do que ela oferece.

Acolhimento, cultura e identidade

A respeito das diferenças das culturas portuguesa e brasileira, propriamente do Rio de Janeiro, foi questionada como essa interação é vista na opinião dos participantes.

Tivemos as respostas similares em P1, P2, P3 e P4, ao responderem que cada cultura traz sua particularidade, mas que todas são respeitadas no ambiente e naquilo que se refere à identidade e à tradição.

P1 respondeu que, atualmente, a cultura portuguesa é muito apreciada pelos brasileiros, fato que ela considera que nem sempre foi assim, pelo menos quando era adolescente e frequentava a Casa nos idos de 1988, 1989, 1990. Particularmente, sente que todos os frequentadores da Casa e, principalmente, os que lá atuam, no RFMF e em outros ranchos, brasileiros ou não, são amantes da cultura portuguesa e estabelecem relações estreitas com esse tipo de cultura e música a partir do que a Casa do Minho oferece.

P2, brasileiro com avós portugueses, diz que nunca se sentiu alheio às culturas e músicas portuguesas e que chegou à Casa do Minho com 12 anos. Iniciou sua proximidade com a tradição através do Rancho Juvenil e interessou-se por tocar a concertina. Teve professor para isso e praticava na Casa. Aos poucos foi adentrando no ambiente, obtendo conhecimentos e simpatia até que participou do primeiro ensaio no Rancho de uma forma muito acolhedora e foi conquistado.

P3 respondeu sobre a cultura portuguesa dizendo que sempre esteve presente em seu lar, pois é filha de portuguesas e frequentadora da Casa do Minho desde criança. Porém, ama a música brasileira e participa de eventos brasileiros, inclusive auxiliando na sua organização, se preciso.

P4 não respondeu a essa questão mais especificamente.

Outros 3 questionários foram distribuídos posteriormente, por e-mail a frequentadores da Casa que comparecem às Quintas de Santinho.

Dessa forma: P5, P6 e P7, membros externos à Casa do Minho, disseram a esse respeito que a cultura portuguesa não é tão presente em suas vidas, mas que apreciam muito toda essa tradição e consideram, além da beleza das músicas, dos cantares e das danças, uma forma de conhecimento e riqueza cultural, além de apreciarem a gastronomia oferecida nas noites das Quintas de Santoinho, como a bebida e os doces, principalmente.

P5 e P6 quiseram deixar registrado que o acolhimento de pessoas do grupo e do presidente da Casa sempre foi de uma extrema simpatia e cordialidade.

P7 considerava-se recém-chegado à cultura portuguesa e à Casa e preferiu não responder, apenas revelando que se sentia muito satisfeito com o que estava aprendendo nas atividades musicais oferecidas no espaço.

Propriamente nas questões de acolhimento, indaguei sobre essa visão de resgate de memórias, de identidade se for o caso, através das músicas e danças apresentadas pelos ranchos folclóricos. Sobre isso, P1, P2 e P3 e P4 responderam que estudaram muito para participar dos grupos, no sentido de entender toda a *performance* que era passada e sentida através da oralidade, dos gestos, dos sons, dos movimentos corporais.

Acerca dessa questão, P1 afirmou:

Nós, do Rancho Maria da Fonte, temos a preocupação de mostrar a riqueza dos detalhes, postos nos trajes típicos, nos gestos, na forma de dançar e de cantar determinada música, de forma que os viras são diferentes das chulas e das gotas. Aprendemos referenciais portugueses, mas residimos no Brasil. Temos uma dupla cidadania e eu me sinto com uma dupla identidade, mas sou respeitada tanto como uma participante de um típico grupo folclórico português, como sendo brasileira e gostando muito da MPB.

P2 também atuou e ainda atua na tocata e disse que nunca manuseou, no Rancho, uma partitura. As melodias são ouvidas, aprendidas pelos sons, pelo ouvido, e particularmente ele não sente dificuldade.

P2 e P3 disseram que seu contato com a cultura portuguesa se dá desde criança e que se sentem inseridos tanto no Brasil quanto em Portugal, musicalmente falando.

P5, P6 e P7 não relataram questões sobre o acolhimento, pois como frequentadores se sentem acolhidos, mas não participam dos ensaios, apenas comparecem às apresentações e, às vezes, aos restaurantes.

P7 afirmou que, a partir do gênero musical fado, que pôde assistir em abril de 2023, virá mais frequentemente a esse tipo de evento, pois se sentiu em um ambiente familiar, informal, onde pôde participar ativamente do chamado fado vadio. Disse que foi

a primeira vez que assistiu ao fado vadio e se sentiu familiarizada e encantada com a emoção que passa e a informalidade.

P5 e P6 falaram, ainda, que frequentam a Casa do Minho há pelo menos 5 anos e costumam ir, em média, seis vezes ao ano, nas festividades de Santoinho. Quem os apresentou à Casa foi um casal de amigos portugueses, que, a partir de então, também os acompanhava com frequência.

Ambos consideram as festas de Santoinho muito organizadas e de um ambiente familiar e rico no sentido do folclore, com música agradável, podendo se dançar as músicas brasileiras e, além disso, desfrutar de uma boa comida e do vinho, que são saborosos.

Na questão da tradição, disse que, desde que frequenta a Casa do Minho, aprendeu a gostar das músicas portuguesas, dos ritmos e bailados dos viras e sente muita receptividade e simpatia por parte das pessoas do local.

P3 respondeu ainda ao questionário (ver anexo 3), a respeito dos acervos/documentação e das atividades da Casa do Minho. Com relação aos documentos existentes sobre festas e comemorações, assinatura de convênios, parcerias, homenagens diplomáticas e interculturais, disse que a associação sempre se manifestou muito próxima a personalidades e diplomatas, como o cônsul de Portugal, ministros em Portugal e alguns políticos no Brasil, além da própria imprensa brasileira e portuguesa, mas que atualmente essa relação esteve um tempo “mais fria” e agora está sendo retomada. Lembrou que a pandemia de covid-19 ajudou também nesse processo de esfriamento.

Disse que os aniversários da Casa do Minho, de sua fundação (em 8 de março), do Rancho Juvenil (no mesmo mês) e do Rancho Folclórico Maria da Fonte (em dezembro) sempre foram comemorados, exceto no auge da pandemia covid-19.

Questionada a respeito dos documentos relativos a espaços alugados para festas e outros tipos de eventos, disse que havia eventos de música que aconteciam uma vez ao mês e que a Casa do Minho se bastava ao aluguel de espaço, como o evento Kakrecos (palavra escrita em português de Portugal) ou “kakarecos” (na sonoridade do Brasil). Da mesma forma, o restaurante Costa Verde também paga um percentual de aluguel à Casa do Minho.

Todas as atividades têm documentos em formato de ofícios ou contratos, com os músicos, com as bandas, cantores, se necessário, para estabelecer uma relação comercial e transparente.

Falou ainda que as férias da Casa do Minho acontecem a partir do dia 20 de dezembro e no mês de janeiro, sendo as atividades retomadas, geralmente, em fevereiro.

A respeito da gastronomia, disse que o restaurante funciona de terça a sexta-feira, das 11h às 22h, e nos sábados e domingos, das 11h às 17h. Porém, em 2023, acontecendo o fado vadio, às sextas-feiras seu funcionamento será até meia-noite.

Com relação ao Santoinho, P3 disse que cerca de 500 pessoas circulam, em média, pela festa, que é aberta ao público e está divulgada nas redes sociais, além de já ter sido divulgada em jornais impressos no Brasil e em Portugal, além das rádios portuguesas.

Disse ainda que o WhatsApp tem sido um canal bastante forte para reserva de mesas, lugares e ingressos para muitos eventos, principalmente para as Quintas de Santoinho.

Sobre a Casa, os associados e o funcionamento das atividades

P3 respondeu que, atualmente, são cerca de 2.300 membros associados. E, sobre os componentes dos ranchos: RFMF tem cerca de 70 pessoas; o Juvenil, conta com 25 jovens; e os Veteranos, em torno de 16 pessoas.

A respeito do organograma da Casa, respondeu para verificar no Estatuto as diretorias existentes. Em um patamar mais abrangente: presidente, vice-presidente e demais diretorias. Os diretores são de Divulgação; Patrimônio, Relações Internas; Relações Externas; Social; Esporte e Recreação; Cultural e Artístico. Além disso, há três produtores culturais para cada rancho.

Aos sócios e futuros sócios, basta preencher uma ficha para se associarem e pagar por trimestre R\$40,00 (quarenta reais).

No momento, não está acontecendo nenhum tipo de patrocínio ou apoio da prefeitura e/ou regiões administrativas, mas P3 lembrou que, no passado, não era assim.

No aspecto religioso, a Casa participa da missa do mês de maio, na Capela das Aparições, no Recreio dos Bandeirantes, e os participantes levam mantimentos e doações de alimentos e agasalhos. Ainda participam da Missa de Nossa Senhora de Fátima, em 13 de maio, e de Nossa Senhora do Sameiro, padroeira, no mês de agosto.

P3 informou ainda sobre a religiosidade que a participação em missas é uma atividade da Casa do Minho, e disse que a associação conta inclusive com um coral, que, atualmente, está desativado.

5.4.2 Para o formato de entrevistas orais/narrativas

Obtivemos cinco entrevistas nesse formato informal, oral e fluido. Por meio da secretária administrativa, que me permitiu escrever em seu nome, a Sra. Patrícia Farelo, e da vice-presidente da Casa do Minho, a Sra. Fátima Gomes, foram coletados materiais a respeito da associação, documentados em jornais de Portugal que fazem menção à Casa do Minho no Rio de Janeiro, e ainda quatro fotos em preto e branco, de vindimas e espadelas, datadas de 14 de junho de 1977 e outras 11 fotos coloridas sobre o Grupo Folclórico Maria da Fonte, conforme tratado no capítulo 3, a contar com apresentações, participação em procissão etc. (ver anexo 9)

Assim como os documentos de arquivos da Casa do Minho são fontes da nossa pesquisa, as entrevistas semiestruturadas por meio de questionários, e as entrevistas desenvolvidas de forma oral, como narrativas, com o presidente atual da Casa, Sr. Joaquim Fernandes, também compõem as fontes de arquivos.

Entrevista com a Sra. Patrícia Farelo (E1)

Atua na área administrativa, e ainda é uma das coordenadoras do Rancho Folclórico, cantadeira e membro do rancho. Sua interação com a associação é bastante presente, tendo recolhido diversos materiais para apoiar a pesquisa da tese. Foi uma das primeiras pessoas com quem tive contato na Casa do Minho, a partir da nova gestão em março de 2022, estabelecendo-se uma relação de empatia, e um canal para acessar outras pessoas com quem a pesquisadora tem contato.

Em entrevista, falou a respeito do quantitativo de membros da Casa do Minho, dos ensaios e de apresentações do Rancho, conforme consta no item 5.4.1 formato em questionários. (p.211).

Da entrevista, podemos transcrever sua fala sobre o Instagram:

O uso do canal Instagram como fonte de divulgação e arquivos tem sido frequente e bastante promissor. Todas as nossas atividades estão inseridas nessa rede digital. Ali, inserimos uma agenda, agora com equipe responsável para “subir as informações” e estamos sempre visualizando e respondendo aos usuários que por acaso indagaram sobre nossas atividades.

E1 falou ainda a respeito do canal WhatsApp, que não foi foco desta pesquisa, mas que é ferramenta importante no relacionamento com pessoas que desejam adquirir

ingressos para os eventos da Casa do Minho, sendo forte impulsionador do conhecimento das atividades e do que vai acontecer em termos de cultura na associação. Porém, de acordo com a secretária, os responsáveis tentam direcionar todos que pedem informação para consultas na rede social Instagram.

Entrevista com a Sra. Alice (E2)

Neste item, temos também entrevistas com a Senhora Alice, que já foi membro da diretoria e é uma das cantadeiras mais antigas do Rancho Folclórico Maria da Fonte.

Através da cantadeira dos ranchos, tive a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre as músicas – a oralidade presente e atuante. Fui informada de que não havia partitura para as músicas dos ranchos folclóricos, apenas uma partitura para o Hino da Casa e do Rancho Maria da Fonte (anexo 6). Dessa forma, letra e melodia eram passadas pela oralidade e pela sonoridade e, como não são muito difíceis de entoar, segundo a entrevistada, os músicos rapidamente se adequaram às canções.

Quanto às letras, informou-me que algumas delas tiveram que “trocar palavras por causa do som [fonética] brasileira e portuguesa serem diferenciadas em vogais abertas e fechadas e não ficarem bem compreendidas”. Ainda falou a respeito de mudanças em palavras por terem significados diferentes em Portugal e no Brasil. Para a cantadeira “isso se tratava também de uma renovação e não apenas imitação da *performance*.”

Em entrevista, falou a respeito do quantitativo de membros da Casa do Minho, dos ensaios e apresentações do rancho, conforme consta no item 5.4.2 - formato entrevistas orais e narrativas. (p.217).

Da entrevista podemos transcrever que o uso do canal Instagram como fonte de divulgação e arquivos tem sido frequente e bastante promissor. Todas as nossas atividades estão inseridas nessa rede digital. Ali, inserimos uma agenda, agora com equipe responsável para *subir as informações* no Instagram, e estamos sempre visualizando e respondendo aos usuários que por acaso indagaram sobre nossas atividades”.

Entrevista com membro do RFMF (E3)

Quanto às danças, em conversa com um dos membros mais antigos do Rancho, que preferiu não se identificar, o entrevistado disse ser gratificante participar desse grupo folclórico, pois existe um trabalho de equipe muito prazeroso. Falou sobre algumas adequações, adaptações que vieram com o tempo, dando mais flexibilidade de atuação,

tanto nos trajes, quanto nos passos das danças, tornando algumas mais flexíveis de performar, principalmente pensando nos mais jovens e no Rancho Juvenil. Porém, lembrou que o Maria da Fonte era sinônimo de tradição e cultura portuguesa, e isso não pode deixar se perder. Sobre isso acrescentou: “Atuamos no Brasil, claro, mas tentamos ser o mais fidedigno possível à nossa identidade e cultura.”

Porém, disse que estar no Rio de Janeiro era muito significativo e que a cultura local apoiava muito a Casa do Minho, a contar pelo número de pessoas que participam do evento Quintas de Santoinho.

Falou sobre a fundação do Rancho, desde 1954, lembrando o nome dos fundadores, Senhor e Senhora Benjamim Pires., com certo saudosismo, referindo-se ao Rancho quase como um patrimônio imaterial. (capítulo 4, item 4.4.1 acervos musicais, p.86 a 108).

Entrevista com o atual presidente da Casa do Minho (E4)

A entrevista com o Sr. Joaquim Fernandes, atual presidente da Casa do Minho, foi concedida em dois momentos: 28 de julho e 1º de setembro de 2022.

O Sr. Joaquim assumiu a presidência da Casa após o falecimento do ex-presidente Sr. Agostinho dos Santos, de quem era vice na gestão de 2018 a 2022.

Na entrevista, o atual presidente, que é atuante da Casa do Minho desde os idos da década de 1970, participou diversas vezes da diretoria, já tendo atuado como diretor de Relações Públicas, quando se tornou um elemento marcante e bastante popular da comunidade portuguesa no Rio de Janeiro.

Conforme relatos da entrevista ao Presidente da Casa do Minho:

“Um dos objetivos desta associação sempre foi enriquecer a cultura de portugueses imigrantes e brasileiros. No sentido de ter uma diversidade de rostos, pois hoje se fala muito no respeito à diversidade e isso sempre buscamos. A princípio, tínhamos uma boa saúde financeira e ajudamos muito os imigrantes, em obras beneficentes e outros acertos. Mas atualmente prezamos essa cultura por meio da música, do folclore, dos mais antigos que deixam o que não pode ser registrado aos mais novos”.

“Existia um coral na Casa, mas as pessoas eram de maior idade e foram saindo e... com isso o coral, agora, depois da pandemia do Covid 19 está suspenso... uma pena, lamentou senhor Joaquim; e completou: digo a todos da minha equipe que temos que investir no novo, nos jovens, que têm gás para administrar a cultura da Casa e as finanças posteriormente”.

Disse que, desde que chegou ao Brasil, no Rio de Janeiro, em 1953, teve a oportunidade de conhecer a Casa do Minho, em sua antiga sede, mas ainda muito jovem. Foi somente a partir dos anos 1970 que o contato com a Casa se intensificou.

Disse ainda que sempre procurou honrar com seus compromissos e que, na época em que esteve na Diretoria da Casa como vice-presidente, pelos idos da década de 1980, foi bastante atuante, tanto que se elegeu no mandato seguinte e presidiu a Casa no período de 1992 a 1996. Com essa oportunidade, conseguiu fazer novas instalações administrativas: passar para a Secretaria, que estava no segundo pavimento, para o primeiro andar, facilitando o acesso ao público e aos demais funcionários que ali precisavam se reportar.

Nas instalações, reformou os banheiros do ginásio, que até hoje é bastante utilizado para os jogos de futebol de salão e outras modalidades de esportes, além de servir como espaço para as festas das Quintas de Santoinho. Além disso, concluiu a galeria de exposições, onde hoje encontram-se os “bonecos”, e a fachada, obras iniciadas na gestão anterior.

Um dos marcos que considera bastante significativo à Casa e em reconhecimento da sua comunidade foi o fato de ter levado o Rancho Folclórico Maria da Fonte, em 1991, a Portugal, e de certa forma, ter conseguido financiamento para a passagens dos membros femininos e alojamento em Viana do Castelo, no Lar Santa Teresa, por sua relação com personalidades locais e com a Câmara Municipal de Viana. Lembrou com alegria que esse fato pesou de forma gratificante aos membros do Rancho Folclórico Maria da Fonte, que puderam se apresentar em outros lugares em Portugal, tendo uma hospedagem garantida e participando, dessa forma, do Festival Folclórico em Melgaço⁴¹ – homenagem de Abílio Costa ao Rancho Folclórico em Santa Marta.

Na sua gestão, de 1992 a 1996, o Rancho Folclórico estabeleceu contato com muitas casas luso-brasileiras e se apresentava pelo Brasil, em cidades do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Minas Gerais, e se autossustentava. Com isso, em 1995, o Rancho esteve novamente em apresentação em Portugal. Os diretores artísticos e culturais de sua gestão eram dois jovens, que motivaram e impulsionaram as atividades folclóricas da Casa, reunindo-se constantemente com os membros do grupo em propostas novas de intercâmbio e apresentações.

⁴¹ Melgaço: vila portuguesa da sub-região do Alto Minho, pertencendo à região do Norte e ao distrito de Viana do Castelo. O folclore dessa região é bastante atuante e conta com diversos ranchos que participam de festivais internacionais, revelando uma tradição da cultura oral.

A respeito dessa viagem de 1995, lembrou que um grupo de empresários portugueses o recebeu também em Cascais, Lisboa, e houve inclusive festa ao presidente da Casa do Minho do Rio de Janeiro na Catedral de Touradas, motivo que o deixou bastante honrado diante da comunidade luso-brasileira e do amor que mantém pela instituição.

Indagado a respeito do momento atual, depois do falecimento do antigo presidente, o Sr. Joaquim respondeu que esteve reunido com o Rancho Folclórico Maria da Fonte, já para dar início às comemorações do Centenário da Casa, em 2024, quando haverá apresentações diversas no Rio de Janeiro e em Viana do Castelo, Portugal (pelo menos essa é a proposta, revelou), mas “é preciso que o financeiro da Casa esteja mais restabelecido, ou que se consigam parcerias com a empresa TAP, por exemplo”. Disse que seria necessário patrocínio, ajuda financeira.

E, lembrando do ano do centenário, que será em 2024, fez questão de mencionar a ideia de criar o Centro de Memórias, espaço que estava sendo limpo, adaptado e direcionado para isso, no terceiro pavimento da Casa.

Perguntei-lhe, então, sobre os sócios honorários, de pagamentos, direitos e deveres e de como se faz para ser membro da Casa atualmente. Ele afirmou que as novas adesões como membros não estavam acontecendo, porque atualmente a Casa não tinha muito o que oferecer, em termos de “regalias” aos sócios. Lembrou que há um espaço para academia de música, mas recebe somente um aluguel, e o mesmo acontece com o estacionamento e com o espaço do ginásio, para eventuais jogos e torneios desportivos. Para ele, está faltando um pouco de incentivo à garotada mais jovem quanto à questão de manter a cultura da Casa do Minho, principalmente.

Disse ainda que o Estatuto da Casa, bastante antigo, tem sido obedecido e que talvez fosse o momento, após 100 anos, de rever algumas questões estatutárias, mas não prosseguiu sobre esse assunto. Mas lembrou, ainda, que já havia tido algumas modificações e atualmente se aceitam sócios brasileiros, sem qualquer vínculo com Portugal.

A respeito da realização das entrevistas para o desenvolvimento desta tese, disse estar honrado com isso, e que era seu compromisso destinar um espaço para o Centro de Memórias da Casa, pois “reconhece que a Casa do Minho tem um acervo importante para a história do Rio de Janeiro, desde que aqui se estabeleceu”.

Porém, ressaltou que os gastos, atualmente, estavam maiores que a receita, mas, também tinha ideia de reformas para a quadra de esportes, e da instalação de uma

academia-fisioterapia. Para tanto, ao assumir a Casa desde abril de 2022, quando do falecimento do presidente anterior, Sr. Agostinho, fez uma mudança de diretoria e inseriu novos procedimentos.

Trouxe para a diretoria, além de outros membros, uma nova tesoureira, que também era a vice-presidente, com formação em Contabilidade e Gestão Financeira, a Sra. Fátima Gomes e que, nesse momento, era necessário um estudo das condições de balancete – despesa e receitas da Casa do Minho.

Falou ainda a respeito do restaurante Costa Verde, que atua nas instalações da Casa do Minho e faz parte da sua receita ativa, quando já foi palco de apresentações tanto portuguesas quanto brasileiras, e que nos anos de 2018 e 2019 havia apresentações do fado vadio, que lotava seu estabelecimento. E que, quanto a isso, estava pensando nesse resgate do gênero musical, com programações estabelecidas mensalmente. Apresentou ainda propostas para outras músicas, fossem portuguesas ou brasileiras, e abertura de espaços para danças, pois além de considerar essas atividades um momento cultural entre as sociedades portuguesa e brasileira, seria uma forma de conseguir equilibrar as finanças da Casa do Minho, com a gastronomia, já que as apresentações aconteceriam no restaurante.

Chamou à conversa o Sr. João, atual gerente do restaurante Costa Verde, que disse estar entusiasmado para que apresentações fadistas ocorra, e que está com a possibilidade de oferecer almoços não somente *à la carte*, mas também pratos executivos em horários específicos. O horário de funcionamento do restaurante estava mais amplo: de terça a sexta-feira, das 11h30 às 23h; sábados e domingos, das 11h30 às 17h, e o almoço executivo somente nos dias úteis.

Ao final da entrevista, perguntei se ele queria deixar uma mensagem sobre a Casa do Minho e, então, revelou que “a grandeza da Casa do Minho atravessa fronteiras, reconhecidas internacionalmente pelas comunidades portuguesas do mundo todo”. Nesse sentido, acrescentou que estar no Brasil, no Rio de Janeiro, por 100 anos era motivo e justificativa ao mesmo tempo desse relacionamento Brasil-Portugal estar sendo saudável, e por isso sente que todos até o momento, de certa forma, fizeram bem o seu trabalho e, portanto, querem continuar estreitando as relações interculturais, ampliar cada vez mais esse espaço, já que, atualmente, o mundo parece dar mais visibilidade aos imigrantes. E isso ele quer deixar de legado, mas acreditando sempre nas próximas gerações, nos jovens e nas possíveis inovações culturais”.

Para tanto, para que se tenha essa continuidade somada com renovação, afirma que tem a proposta de reunir os mais jovens da Casa ainda neste ano de 2023 para debater sobre essas questões que envolvem não só a saúde financeira da associação, mas também a música, a cultura, a tradição e a possibilidade de se abrir ao novo, incluindo-se aqui o espaço para o Centro de Memórias.

Entrevista com o músico Victor Lopes (E5)

A entrevista se deu em dois momentos: primeiramente, ainda de maneira informal, na Casa do Minho, no salão do restaurante, em novembro de 2019, quando houve apresentação do fado vadio; posteriormente, em março de 2023.

O fado vadio acontecia todas as últimas sextas-feiras de cada mês e assim foi durante 3 anos, aproximadamente, a contar desde 2017 (ver item 5.2 – Eixo 2 – meios digitais como arquivos – Instagram, p.181).

Em 2019, por causa da pandemia de covid-19, o fado teve sua última apresentação em dezembro. Não retornou nos anos posteriores.

Victor Lopes é músico, filho de portugueses, e diz que aprendeu a gostar do fado através da escuta e pela proximidade com vizinhos, familiares e amigos portugueses quando essa comunidade ouvia o fado em seus lares, por volta dos anos 1960 e 1970.

Em entrevista, o músico disse que, desde os anos 1980, quando começou a tocar profissionalmente, gostava de rock, Beatles, Mick Jagger, e blues, porém já tinha uma escuta para o fado.

Foi através do violão que chegou ao restaurante A Desgarrada, onde teve o privilégio de tocar algumas vezes e conhecer a fadista Maria Alcina, com quem mantém estreito contato até os dias de hoje. Lembrou-se de que, desde aquele tempo, o instrumento da guitarra portuguesa o encantou.

Victor inicia, então, uma trajetória pelo fado, através de restaurantes e tascas, como a Tasca do Marquês, na Barra da Tijuca, e lembrou que o fado vadio, esteve por algum tempo adormecido. Ele atribuiu esse fato ao governo Salazar em Portugal, que colocou o nacionalismo presente no fado e fez “entoar” uma espécie de fragilidade exacerbada do povo português, que passou a ver o gênero musical como chato, melancólico e coisa de gente “antiga”. Mas, agora, esse fado vadio se fazia novamente representar com alegria, emoção, informalidade, improviso, memória e tradição: “Há três anos, a Casa estava sempre cheia” – disse o músico.

Nesse tempo de 2019, na Casa do Minho, tivemos o trio composto por: Victor Lopes (guitarra portuguesa e violão), Ângelo Santana (violino) e Juan Santana (flauta).

Em um segundo momento, em março de 2023, quando retornaram as apresentações do fado vadio, Victor Lopes disse estar agradecido por esse retorno e pretendia fazer desse momento uma noite de alegria aos amantes e amadores e cantantes do fado. A noite contou com a presença dos músicos Ângelo Santana, ao violino, e Gabriel Aragão, no baixo-violão.

Disse ainda que esse retorno, justamente aos 99 anos da Casa do Minho, era motivo de comemoração, uma data muito significativa para os portugueses e para os frequentadores da Casa do Minho e lembrou que o presente era “recordar o fado como uma canção popular urbana que preenche a alma de portugueses e brasileiros”. A prova disso, segundo o músico, era estar retornando nessa data, ou seja, quando já se passaram 99 anos da Casa do Minho no Rio de Janeiro, repleta de apresentações de canções populares portuguesas e, entre elas, o fado vadio. Disse estar muito feliz com o retorno do fado vadio, que traz justamente a característica de ser um fado que leva emoção, improvisado, dor, saudade, mas também muita participação do público e alegria”.

5.4.3 Eixo 4 – Análise de dados das entrevistas semiestruturadas, orais e narrativas

Conforme indica Robert Yin (2016), nas questões a respeito da metodologia, procurei, como pesquisadora, estar integrada ao ambiente, adquirindo acesso e empatia diante dos entrevistados, como foi o caso, tomando o devido espaço para não “virar nativa”, e exercer alguma conotação influenciável nos resultados da pesquisa.

Utilizando-me das recomendações de Yin (2016, p. 116-137), como pesquisadora, procurei falar menos do que o entrevistado – fazer poucas perguntas, observar comentários e anotar as “falas de memória” – deixar que as entrevistas vocalizassem suas prioridades, seguindo sequências próprias e intervindo minimamente.

Ter como fontes de arquivos as entrevistas orais significou ter formas atuantes de registros e atividades da associação pesquisada, no tempo presente, como nos diz Schellenberg (2006), em seus *Arquivos modernos*. Significa para o pesquisador estar lá, em um ambiente real, e transmitir essa experiência, tecendo, para o leitor, um discurso narrativo que tangencia a subjetividade.

A análise das entrevistas orais nos conduz ao fato de que as informações também perpassam por ações e atitudes dos participantes. Quer sejam as pessoas identificadas por

nomes, quer não, o estudo desse material tende a revelar percepções individuais ou de um grupo, aspirações, propostas, crenças, comportamentos, memórias.

Como podemos verificar, a coleta de dados das entrevistas, em formato de questionários, respondeu de forma mais específica aos apontamentos, com menor subjetividade. Essa era a proposta.

Para fins de análise, aponta-se que dos oito questionários distribuídos, obtivemos cinco deles preenchidos, por membros adultos, ressaltando que os mais jovens podem se sentir mais constrangidos ou menos à vontade pelo fato de terem pouca experiência para falar sobre o assunto.

No entanto, a análise dos quatro questionários revelou, de forma similar, que esses membros da Casa mantêm estreito relacionamento com as culturas portuguesas e brasileiras, sentem-se familiarizados com praticamente todas as atividades de música e dança da Casa e sentem-se ora acolhidos, ora os próprios acolhedores, ao demonstrar, nas músicas, postas em letras também “renovadas em um português brasileiro”, uma espécie de reconstrução de composições e de renovação nos instrumentos que fazem parte da tocata.

No sentido de ser o mais imparcial possível e ter um olhar reflexivo e interpretativo ao mesmo tempo, as narrativas coletadas, ou seja, as entrevistas orais, servem como objeto de investigação que envolve a análise sobre a pesquisa e o próprio desenvolvimento do trabalho em um sentido mais amplo.

As entrevistas com a secretária e com o vice-presidente (E1) revelaram motivação, por falarem da Casa do Minho com um amplo conhecimento da missão da associação e, principalmente, de suas atividades musicais.

Os relatos do presidente da Casa do Minho (E4) revelaram uma motivação singular quanto à cultura tradicional apresentada, que também possibilitam percepções, muitas vezes subjetivas, de que o novo está aqui e agora e que, para que se dê continuidade a algumas atividades, era preciso renovar posturas; era preciso engajamento maior, comprometimento.

No caso da entrevista com o presidente da Casa do Minho, as descrições são intensas, reveladoras, imbuídas especialmente de uma noção de pertencimento, de estarem presentes as relações culturais dos dois países envolvidos, ou seja, Brasil e Portugal. No entanto, percebe-se uma expressão muito própria do significado que uma cultura tem para a outra e, exatamente por isso, é atuante, mas, ao mesmo tempo, renovada.

Na entrevista com uma das cantadeiras (E2), basicamente vemos a motivação ao falar do Rancho Folclórico Maria da Fonte, com tanta experiência e memória vivenciada, que nos expõe à subjetividade do acolhimento e a uma ideia particular do que seja participar da Casa do Minho diante no sentido da representatividade para um grupo de pessoas que se dedica a levar à sociedade uma tradição portuguesa engajada no espaço do Rio de Janeiro.

Na entrevista com o músico Vitor Lopes (E5), percebe-se que o amor à música desde cedo e, particularmente, ao fado, o revela como um membro participante da Casa do Minho, na sua trajetória musical, e que se empenha para trazer ao fado vadio um engajamento do público da maneira mais informal possível.

A transcrição das entrevistas semiestruturadas, das narrativas e as análises que se seguiram, enquanto fontes de arquivos, são dados de uma escrita e de uma fala compostos de interpretações descritivas, mostrando um escopo direto, capturando aspectos que envolvem uma vida familiar e comunitária, que de certa forma é oriunda das características pertinentes ao fato de estarem atuando dentro de uma associação luso-brasileira, envolvendo certamente a vida cotidiana dessas pessoas.

5.5 Outros materiais que compõem os arquivos da Casa do Minho

Conforme já foi dito no item 5.4.2 – para o formato de entrevistas orais/narrativas, foram coletados materiais sobre as atividades da Casa do Minho, por meio da secretária administrativa e da vice-diretora da Casa do Minho. São documentados em jornais de Portugal que fazem menção à Casa do Minho no Rio de Janeiro, e fotos em preto e branco de vindimas e espadelas, mais fotos coloridas e folhetos sobre o Rancho Folclórico Maria da Fonte, tratado no item 4.5.1 – os acervos musicais da Casa do Minho, do capítulo 4 (p. 86 e nos anexos 9 e 10, pp.304 a307)

Os dois livros encontrados: *Minho Rei – sucesso de brava gente* e o livro *A jornada do grupo português que valoriza a cultura minhota no Brasil desde 1954* compõem esses arquivos. Este último editado pelo jornalista Igor Lopes, conforme consta nas referências bibliográficas (capítulo 4, figuras 8 e 9, p. 84).

Ainda como registros da Casa do Minho, a pesquisa teve acesso a placas de homenagens, premiações, medalha de mérito da associação e ofícios de parcerias, de acordos importantes nos aspectos sociais estabelecidos entre outras empresas públicas ou

privadas e a Casa do Minho. Esses materiais fazem parte dos “possíveis” achados da pesquisa, anteriormente mencionados na introdução desta tese.

Além desses documentos, os arquivos *on-line* acessados através das atuantes redes sociais, como o *Instagram*, já estão mencionados no item 5.2 – eixo 2, p.181, destacando o fato de que existe um gestor que trata das inserções desses arquivos – sejam conteúdo de áudio, vídeo ou imagens nas redes sociais.

Portugal em Foco: jornal luso-brasileiro, fundado em 1961, que trabalha exclusivamente com matérias relativas aos dois países. Há uma coluna dedicada às Casas Regionais. São elas, no estado do Rio de Janeiro: Arouca Barra Clube, localizada na Barra da Tijuca; Casa dos Açores, na Tijuca (RJ); Caixa de Socorros D. Pedro V, no Centro do Rio de Janeiro; Casa das Beiras, na Tijuca (RJ); Casa de Espinho, no Bairro de Vista Alegre (Portugal); Casa do Minho, em Laranjeiras; Casa do Porto, na Tijuca (RJ); Casa dos Poveiros, na Tijuca (RJ); Casa de Portugal, Centro (RJ); Casa da Vila da Feira, na Tijuca (RJ); Casa de Viseu, na Vila da Penha (RJ); Casa de Trás-os-Montes, Tijuca (RJ); C.S. Camponeses de Portugal, em Duque de Caxias; Casa Unidos de Portugal, em Alcântara; Bairro de Coelho Neto; Centro da Comunidade Luso-Brasileira, em Niterói (RJ); C.S. Ginástico Português, no Centro do Rio de Janeiro; Clube Português de Niterói, no Bairro do Ingá; Clube Recreativo Português, em Jacarepaguá; Liceu Literário Português, no Centro do Rio de Janeiro; Obra Portuguesa de Assistência, no Centro do Rio de Janeiro; Orfeão Português, Real Gabinete Português de Leitura, no Centro do Rio de Janeiro.

Verifica-se que a Casa do Minho teve destaque nas seguintes edições: de 2 a 8 de setembro de 2004 – “Um banho de fé na Casa do Minho”, a contar com festejos de sua padroeira Nossa Senhora do Sameiro.; e Missa solene na Igreja de São Judas Tadeu, seguida de procissão com andores carregados por representantes do Rancho Folclórico Maria da Fonte.

Matéria de 3 a 9 de novembro de 1999 – “Casa do Minho promove tarde em sua casa, com assinatura dos vencedores do Torneio de Malha e Bocha”.

Matéria de 9 a 15 de fevereiro de 2006 – “Grupo folclórico dos Veteranos da Casa do Minho do Rio de Janeiro se apresenta em São Paulo”, com a participação da Banda Garcia – música e *show*. Haverá baile dançante e apresentação do Rancho no Clube Português, na Casa de Portugal e no Arouca Clube, em São Paulo.

O Mundo Português: Jornal que circula em Lisboa, Portugal. Em matéria de 18 de outubro de 1999, traz “O mundo luso-brasileiro com bacalhau, folclore e alegria na

Casa do Minho”. Haverá participação do Rancho Folclórico dos Veteranos da Casa do Minho, no Rio de Janeiro.

Matéria de 25 de novembro de 1977 traz a foto “Desfolhada na Casa do Minho” (parte da tradição da cultura do milho).

Matéria de 2 de dezembro de 1977 traz foto “Magusto na Casa do Minho” – em festa onde são assadas as castanhas, servido o vinho e exibição do Rancho Folclórico Maria da Fonte. Na foto, dança do vira.

Voz de Portugal: Edição de 17 de agosto de 1999 afirma: “Casa do Minho homenageia sua padroeira”. Edição de 25 de março de 2004, com matéria “Festival do Folclore Minhoto”, trazendo referências da Casa do Minho no Rio de Janeiro e foto.

O Coura: Trata-se de um jornal local da Região de Paredes do Coura, em Viana do Castelo, que traz foto e matéria sobre a Casa do Minho, registrada em 30 de dezembro de 1996. Nos acervos, encontramos um cartaz do Rancho Folclórico Maria da Fonte do Rio de Janeiro que esteve pela terceira vez em Portugal.

Segundo relatos do presidente da Casa e de membros do grupo, o Rancho esteve cinco vezes em Portugal: 1982, 1991, 1995, 2014 e 2019.

Nos arquivos, ainda estão o livro *Rancho Folclórico Maria da Fonte – 20 anos de 1954 a 1974*, cuja introdução apresenta um texto sobre a representatividade do Rancho para o folclore minhoto da região de Viana do Castelo e a importância e os significados do guarda-roupa do Rancho, de acordo com os lugares da tradição.

Para a edição desse livro, promoveu-se um festival por trajes e o volume possui imagens e explicações de todos os trajes utilizados. (anexo 10)

Trata-se de livro em edição única. Editor: Agostinho dos Santos, que foi presidente da Casa do Minho por três gestões (1980-1984; 1988-1992; 2018-2022). A edição do livro é de 18 de dezembro de 1974. Fotos: vindimas e espadelas, de 14 de junho de 1997.

Figura 19 – Traje de mordomas de Viana do Castelo, para ocasiões de cerimônias em festas da Igreja



Figura 20 – Traje tradicional vermelho da região do Minho de Santa Marta, muito utilizado na Casa do Minho.



5.6 Memória e acolhimento

O item memória e acolhimento é como um viés da pesquisa e está presente em todos os quatro outros eixos que foram abordados como fontes de arquivos.

Como aponta Pierre de Nora:

“os lugares de memória como uma sensível experiência pertencente a dois domínios, a que ele denomina natural e artificial, com características materiais, simbólicas e funcionais. Ressalta que mesmo um lugar aparentemente material, documental, como um depósito de arquivos, se torna lugar de memória se a imaginação se investe de uma aura simbólica. (Nora, 1993, pp. 21-22)

O autor apresenta os lugares ou documentos funcionais, como uma aula, ou um testamento, por exemplo. Nesta tese, entendemos as apresentações e ensaios dos eventos musicais realizados na Casa do Minho como lugares de tamanha funcionalidade capazes de garantir a cristalização sob a forma de uma transmissão, ou seja, um acontecimento, experiências vividas por um determinado grupo de pessoas.

Dessa forma, os espaços de memória, ou os chamados lugares de memória apresentados por Nora, constam, prioritariamente, na metodologia das observações-participantes da pesquisa e nas entrevistas coletadas no ambiente da Casa do Minho.

Ainda sobre esses aspectos de memória, Terry Cook tece comentários acerca do mundo pós-moderno. Essa relação tem conexão com os arquivos digitais mencionados na pesquisa. Como diz Cook (1997), há uma mudança de paradigma arquivística que vem ocorrendo no final do século XX e que desafia o olhar dos arquivistas.

Na Casa do Minho, já percebemos uma mudança de olhar, uma vez que os documentos podem ser visualizados não só como objetos físicos estáticos, mas é possível passar a entendê-los como conceitos dinâmicos e virtuais. Ou seja, não se trata mais de olhar para os documentos como produtos passivos da atividade humana ou administrativa, mas sim de considerá-los agentes ativos na formação da memória humana e organizacional. Isso é perceptível na subjetividade das entrevistas do presidente da Casa do Minho e da secretária.

Conforme Taylor (2013), o repertório encena uma prática não arquivar: em gestos, oralidade, danças, movimentos, cantos e *performances*, e que foram consideradas na pesquisa como fontes de arquivos de uma metodologia qualitativa de observação-participante realizada, principalmente, durante os ensaios dos ranchos folclóricos. Isso possibilitou entender a maioria dos materiais de arquivos encontrados na Casa do Minho, de tradição oral, compreendidos através da *performance*, do simbólico e das memórias (atos de transmissão dos arquivos na rede social *Instagram*).

Nas apresentações do fado vadio, outra expressão musical estudada nesta tese como fontes de arquivos da Casa do Minho, a *performance* acontece envolvida intimamente com a presença do outro na plateia – um dos seus principais espelhos, capaz de gerar estruturas que vão além dos aspectos meramente sonoros e que muitas vezes, se referem ao chamado lugar de memória, como citado por Nora (1993).

Nessa linha de pensamento, verifica-se, através da coleta de dados dos possíveis achados na Casa do Minho, a presença na formação ativa da memória, seja singular ou coletiva (ou social) registrada nesta pesquisa qualitativa. Nela, podem-se observar não somente os passivos de um patrimônio herdado (de cultura e tradição), mas também um envolvimento não mais estático em que se misturam o presente e as funcionalidades de fluxos em formato de ensaios e apresentações musicais, relacionados tanto ao caráter lusitano da associação quanto sua à brasilidade.

5.7 Síntese comparativa das análises entre as fontes como arquivos da pesquisa

A intenção deste item é mostrar ao leitor uma análise mais objetiva em relação aos quatro eixos da pesquisa utilizados como fontes de arquivos: periódicos; meio digital; *performance*/práticas musicais; e entrevistas semiestruturadas, e orais/ narrativas.

Ao analisar o primeiro eixo da pesquisa – os periódicos –, fizemos a opção de recortar o tempo em três períodos conjugados aos contextos sociais e políticos vivenciados em cada época e às ideologias dos próprios veículos. Para tanto, houve necessidade de um novo recorte, apresentados nos seguintes períodos: 1926 a 1950; 1950 a 1980; 1980 a 2016.

Ressaltamos o fato de a história trabalhar com particularidades temporais, o que precisa ser considerado as análises em questão. Ao se proceder a uma interpretação, nem sempre se pode generalizar as conclusões para todos os contextos, já que cada espaço social possui uma conformidade histórica e uma trajetória particular, de acordo com a época e a cultura.

Levando-se em consideração o papel da imprensa nesse primeiro período analisado, percebemos que a década investigada, do pós-1930, apresenta um campo midiático marcado por censura, contradições, ideologias cerceadas por grupos dominantes que viam no papel da imprensa grande força de poder social e de alianças.

Os vinte periódicos analisados apresentaram registros da Casa do Minho e configuraram relações sociais e políticas bastante estreitas até a década de 1950, diante do objeto da pesquisa, havendo convívio social e profissional com os editores de jornais.

Nestes periódicos, podemos destacar que no primeiro recorte, de 1926 a 1950, pelo fato do Rio de Janeiro ser capital federal à época, havia a construção de um ideal de narração em que prevaleciam direcionamentos políticos e intelectuais dos que ocupavam posição de hierarquia e poder, como era o caso da imprensa. Prova disso é que os periódicos se nutriam de informação constantemente, conforme os registros verificados não só a respeito da cultura da comunidade luso-brasileira, mas também das obras de assistência oferecidas pela associação, dos projetos de saúde e de educação destinados à população do Rio de Janeiro.

Já o período que se segue, de 1950 até os anos 1980, é um tempo marcado pela *imprensa em transição*. Trata-se da fase de reconhecimento desse setor como estabelecimento comercial, detentor de poder econômico e responsável pela introdução de inovações técnicas, gráficas e editoriais (ABREU, 2008).

Ainda assim, aponta-se um período, principalmente nas décadas finais de 1940 e em 1950, em que a imprensa do Rio de Janeiro deu voz ao Centro do Minho – atual Casa do Minho. Consequentemente, a associação prestava homenagens e mantinha estreita relação com a imprensa, promovendo solenidades culturais em que as personalidades envolvidas enalteciam e agradeciam a filantropia da Casa, marcada principalmente nas letras e nas artes. Essas atividades eram seguidas de conferências e, posteriormente, de matérias de editores dos jornais.

Segundo Alzira de Abreu (2008), nessa época os periódicos já se estabeleciam como fontes de pesquisa, sendo importante considerar que essas modificações trouxeram comportamentos à imprensa em torno do fator econômico, financeiro e comercial de forma a ter uma valorização maior do que o setor cultural e de entretenimento.

Com isso, os jornais procuraram sustentar a confiabilidade do público que o lê, fato este que não poderia ser diferente apesar das transformações ocorridas, fossem técnicas, editoriais ou comerciais.

É importante destacar que, nesta tese, ao se trabalhar com periódicos, se trabalha com a reconstituição de um passado. No entanto, apesar da supressão das liberdades democráticas da época, fato esse que pode ter sido terreno de lacunas sobre as atividades da Casa do Minho – como no *Jornal do Brasil* durante a década de 1950 –, também vai ser a imprensa que vai reagir, se adaptar e buscar espaço na sociedade ao representar com registros acontecimentos que deram origem aos suplementos literários em novos modelos editoriais dedicados à cultura, à música, ao entretenimento. E esses são espaços em que a cultura da Casa do Minho está presente, ocupando seu lugar na manutenção desse movimento cultural diaspórico.

Somado à busca por espaços nesse movimento musical e cultural lusitano em diáspora no Rio de Janeiro, verificamos que a Casa do Minho, a partir de meados dos anos 1960, abre as portas para a música brasileira. Assim, passam a acontecer, com frequência, apresentações de samba e outros gêneros não inseridos na música portuguesa, com orquestras e bandas brasileiras.

A Casa do Minho que, segundo a análise, apresenta algumas lacunas em periódicos na década de 1950, vai restabelecer suas fontes com a imprensa, principalmente nos jornais *Última Hora*, *Tribuna da Imprensa*, *Jornal do Commercio* e, até mesmo, no *Jornal do Brasil* a partir de meados de 1960. Prova disso são os registros de informações sobre festividades musicais, noites dançantes, bailes, participação em feiras e festivais de música e folclore, relacionados com a cultura portuguesa, mas,

principalmente, com registros de sua atuação na música brasileira. Há destaques em matérias dedicadas à imprensa, conforme descritas em homenagem ao *Jornal do Commercio*: “dignos veteranos e mantenedores da imprensa brasileira” (edição de 1950).

A partir dos anos 1980, terceiro recorte da pesquisa com os periódicos, com a chegada ao Brasil do computador e da internet, apesar de ainda se estabelecer um paralelo significativo entre as fontes de periódicos e as fontes digitais, estas, comparativamente, ganham visibilidade, a partir dos anos de 1990, por sua rapidez e alcance. Considera-se uma das possíveis razões para que o recorte da pesquisa em periódicos entre 1980-2016 encontre apenas cinco jornais como fontes de arquivos em relação à Casa do Minho.

Traçando relações entre as duas fontes trabalhadas na pesquisa quantitativa, ou seja: periódicos e rede social Instagram, aponta-se que os primeiros passavam por uma transformação, nesse terceiro recorte, com relação a linhas editoriais, formatação e destaques para imagens que tentasse estabelecer uma informação cada vez mais atualizada, com a intenção de buscar informações mais atrativas ao público leitor.

Verifica-se que, a partir dos anos 2000, a Casa do Minho vê suas fontes de arquivos nos periódicos decrescerem. Não se mantinha mais os laços estreitos com a imprensa. E, segundo o relato do presidente atual da associação, Sr. Joaquim Fernandes, dos anos 1990 até 2016, não se representou, através da imprensa, o poder cultural e musical que se instalara na Casa do Minho, tanto na diversidade musical que se apresentava à época, quanto por meio do tradicional Rancho Folclórico Maria da Fonte que, nesse período, atuava em diversas casas lusitanas no Rio de Janeiro e em outros estados.

No entanto, com a chegada das redes sociais, a partir de 2017, a Casa do Minho se insere no formato tecnológico da modernidade, a partir do Site, do Facebook e do Instagram. Dessa forma, seria por intermédio desses canais que se daria continuidade à divulgação da cultura existente e atuante à comunidade.

O Instagram foi a rede social analisada na pesquisa, utilizada como fonte de arquivos em meios digitais, por trazer um número maior de informações, visualizações e diálogos com os usuários. É possível perceber que, a partir disso, se estabelece um canal participativo, dialógico e digno de servir como um repositório de imagens, áudios e vídeos sobre as atividades da Casa. Podemos afirmar que seu início, em 2017, deve-se à intenção de divulgar e de propiciar conhecimento ao usuário sobre as atividades da Casa do Minho.

O Instagram da Casa do Minho, portanto, demonstra que, a partir da contemporaneidade das décadas de 2000, a fluidez e a rapidez das informações tornaram-se fundamentais, reforçando um diálogo em torno da cultura, da música e da gastronomia, expandindo as possibilidades de inter-relações com diversos perfis do público usuário.

Vale ressaltar que, atualmente, é o Instagram que lidera esse canal midiático entre a sociedade e a Casa do Minho, a partir dos gráficos que foram apresentados no capítulo 5, item 5.2.2 e do Gráfico 5. (p.198).

Observa-se que a rede social Instagram se tornou, dessa forma, um eixo importante da pesquisa, visto que a Casa do Minho, ao sentir o processo de mudança das mídias sociais do papel para a internet, procurou, aos poucos, se familiarizar com as possibilidades trazidas por essa rede, tornando-a um importante canal para socializar seus serviços e produtos, músicas e eventos, atingindo um público maior.

Em pesquisa recente, o Instagram, com suas novas funcionalidades incorporadas, é destacado como uma grande ferramenta de obtenção de conhecimento e divulgação de atividades, serviços e produtos. Além disso, o estudo revela que o Brasil ocupa o terceiro lugar no *ranking* de populações que passam mais tempo na rede social, com uma média diária de 3 horas e 30 minutos⁴² (Relatório *We are social*, 2018 apud COSTA, 2019)

Segundo relatos do presidente da associação, a Casa do Minho interage com a comunidade, atualmente, através do Instagram, difundindo suas atividades e levando conhecimento, no sentido de agregar valor às relações lusitanas e brasileiras. O ambiente digital proporciona um amplo atendimento às necessidades dos usuários, aproxima-os, promove diálogo e, de certa forma, possibilita acesso mais rápido ao conhecimento entre a instituição Casa do Minho e a sociedade luso-brasileira.

Por meio do Instagram – atos de transmissão postos em vídeos e imagens de *performances* e das práticas musicais apresentadas –, a Casa do Minho articula uma nova interpretação do passado e da tradição e abre-se a um espaço e a um conceito mais atualizado e contemporâneo.

Na análise da *performance* e das práticas musicais, seja através dos atos de transmissão – conforme referendados por Taylor (2013), indicados no Instagram @casadominhorj –, seja através das observações-participantes realizadas nos ensaios dos ranchos folclóricos e nas apresentações ao vivo do folclore e do fado vadio, apontamos

⁴² Relatório Digital Global 2018. Disponível em <https://digitalreport.wearesocial.com/>. Acesso em dez. 2018.

questões percebidas na oralidade, na memória, no acolhimento e na participação do público que não estão vistas nas fontes de periódicos.

Comparativamente, ao fazermos uma triangulação entre os quatro eixos utilizados como fontes de arquivos da pesquisa, expressamos o caráter da oralidade e do acolhimento muito presentes, principalmente nos eixos 3 e 4 (capítulo 5, itens 5.3 e 5.4 p.200 a 224)

A subjetividade presente nos registros da memória é um aspecto bastante significativo a ser considerado e atua na *performance*, na oralidade, e no comportamento, fazendo parte também das entrevistas e das narrativas apresentadas na pesquisa.

No caso da coleta *com* os periódicos, considerados de largo alcance, cada um à sua época contextual, esses trazem bagagem em documentos que nos remetem à memória; no caso da *performance* e das práticas musicais, a partir das diferentes nuances apresentadas: mudanças em letras, adaptações feitas nos ranchos folclóricos, verificamos a relação passado/presente e podemos acessar os dois momentos a partir do que pode ser observado pelos “olhos”: atualmente, ao vivo, pelas práticas musicais e pela oralidade nas entrevistas ou nos atos de transmissão e pela memória.

Se pudermos sintetizar, indagar e comparar aspectos similares nas análises dos eixos 3 e 4 – *performance* e práticas musicais, entrevistas e narrativas, respectivamente, percebemos nas entrevistas orais expressões como: “a Casa do Minho faz parte da minha vida, no passado e no presente e estará no futuro” (E1 e E2). Ou ainda para E3 – “desde que cheguei no Rio de Janeiro, ainda garoto, fui tão bem recebido por essa Casa que adquiri não só amor às culturas portuguesa e brasileira aqui presentes, como também me inseri de forma participativa nos projetos, a princípio sociais, beneficentes e com o tempo, culturais – me sinto quase como um patrimônio dessa associação, mas sei que o futuro agora é dos jovens e quero deixar esse legado para essa geração que está com gás agora e daqui para diante”.

Conforme as narrativas, a Casa do Minho não significa para essas pessoas um estabelecimento comercial, ou simplesmente recreativo, onde se encontram amigos, se dança folclore ou se escuta música brasileira e portuguesa, como o fado. Trata-se de um espaço, um lugar de memória – onde se constroem e reconstroem percepções e sensações a partir das atividades consideradas de rotina, seja por tradição ou por missão institucional.

E5, que não é um membro da Casa do Minho, mas um profissional de música, do fado, atuante e frequente da associação desde 2017, aponta que essa associação é uma das

“mais bem consideradas na tradição, e na atuação da cultura musical luso-brasileira do Rio de Janeiro”. De certa forma, o entrevistado percebe que há uma relação intercultural através da música ali entoada, seja portuguesa ou seja brasileira.

As observações das práticas musicais ao vivo do fado vadio revelaram não somente emoção ou improvisação, mas também uma participação do público que passa pelo acolhimento e pela música como memória e conciliação. Portanto, ela é destacada, no sentido de que permanece, ao longo da história, como o único modo de diálogo entre pessoas sujeitas às culturas híbridas, com relevante papel a ser considerado nesse mar de partilha da música que atravessou o Atlântico, não importando mais se ela é portuguesa ou brasileira. (SARDO, 2013).

Conforme os conceitos de Homi Bhabha (2007), as culturas híbridas marcam um processo de ambivalência e antagonismos que podem ser resultados de uma negociação cultural.

Na Casa do Minho, tais similaridades ou possíveis diversidades, atualmente, envolvem os atores portugueses e brasileiros que se encontram em posição de legitimidade distintas, portanto, não são competitivos, mas se complementam.

Dessa forma, ao estudarmos os quatro eixos na pesquisa como fontes de arquivos, abriu-se uma triangulação que foi capaz de tecer dados, subjetividades, comparar épocas, e culturas musicais em diáspora na Casa do Minho do Rio de Janeiro, somando, ao mesmo tempo, os movimentos culturais portugueses, africanos, brasileiros e pós-coloniais, ocorridos no Século XX.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, devemos ressaltar, nestas considerações finais, a motivação por trabalhar com arquivos de música portuguesa, devido à ancestralidade resgatada através de familiares de origem portuguesa e, principalmente, pelo desafio ao verificar o pouco material encontrado sobre o tema na Academia, quando das investigações em associações luso-brasileiras no Rio de Janeiro.

Em segundo lugar, por ser o estado do Rio de Janeiro o local onde moro e atuo como profissional, e me levar o olhar à Casa do Minho, associação luso-brasileira, em que tive a oportunidade de conhecer detalhadamente, dentre outras, e analisar as atividades culturais e musicais bastante amplas oferecidas pela associação, que compõem os arquivos modernos, de acordo com os conceitos de Schellenberg. (2006).

É relevante esclarecer que há outras casas luso-brasileiras as quais tive a oportunidade de visitar em 2019, como a Casa do Porto e a Casa Vila da Feira, no Rio de Janeiro, quando verificamos atuações musicais menos frequentes, o que tornou o escopo fora da temática desta tese, podendo ser apresentada em outras pesquisas futuras. (ver anexo 4).

A princípio, em 2019, na apresentação de uma noite de fado vadio, nas dependências da Casa do Minho surgiu o interesse pelos arquivos musicais da Casa do Minho como objeto de pesquisa e, após alguns levantamentos, percebemos que as atividades eram muitas, mas as catalogações e documentações internas da Casa eram poucas. Dessa forma, foi necessário buscar material bibliográfico para a fundamentação teórica através de livros, artigos e periódicos em consultas feitas à Hemeroteca Digital, ao Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro e ao Museu do Fado em Lisboa.

O trabalho foi vertendo para uma pesquisa de metodologia qualitativa, pois em poucos meses de investigação, nos demos conta do rico material subjetivo encontrado nas memórias, na identidade, na interculturalidade musical e na história dos membros da Casa do Minho. Considerei incluir tal material e trazer uma pesquisa quanli-quanti.

A Casa do Minho mantém seus acervos praticamente através da oralidade, sendo a cultura musical portuguesa repassada aos membros mais jovens, e exatamente por isso, o acesso a esse material, envolve, fundamentalmente, as observações da *performance* e das práticas musicais que se dão da mesma forma, ou seja, por meio da oralidade.

Para a coleta de dados quantitativa, as fontes de arquivos utilizadas na pesquisa, através dos periódicos, de dois livros editados pela Casa do Minho, e de alguns outros

folhetos e recortes de jornais impressos, acrescidos aos meios digitais utilizados desde 2017, como o Instagram, puderam conectar os objetivos propostos, no sentido de verificar a diversidade cultural do trabalho musical realizado. Ao iniciar a pesquisa, verifiquei que as atividades musicais acontecem, prioritariamente, por meio do folclore português da região do Minho, que desde 1954 traz a performance do Rancho Folclórico Maria da Fonte, que envolve a tocata e a dança, seguidos de práticas musicais do fado vadio e de outros gêneros musicais brasileiros, de forma mais casual, apresentados pela associação ao longo dos séculos XX e XXI.

No entanto, foi através da coleta de dados da metodologia qualitativa, que se pode analisar os acervos musicais presentes nos diálogos e na expressão musical da Casa do Minho atualmente, entendidos como movimentos de diáspora, trazidos pelos imigrantes portugueses, e aculturados a seus descendentes e a novos membros da Casa.

Somente através das metodologias qualitativa e quantitativa a pesquisa seria possível, incluindo-se ao pesquisador atuar como partícipe-sujeito dessas interlocuções. Para tanto, foram realizadas técnicas de observação-participante nos ensaios musicais e nas apresentações ao vivo, e de entrevistas semiestruturadas e orais.

Um terceiro aspecto que deve ser considerado, ao nos reportarmos à Portugal, diz respeito a visão de um país espalhado por quatro continentes – um país de emigrantes⁴³ – resultado da caminhada de um povo que fez projetar no Brasil uma universalidade cultural e marcos importantes da história.

A figura do emigrado exilado ou que aqui tenha vindo buscar oportunidades na empreitada da vida, transmite uma trajetória diante da cronologia da pesquisa, desde a fundação da Casa do Minho, em 1924, época em que o Salazarismo em Portugal foi a bússola que encaminhou os portugueses na direção do Brasil. Assim, formou-se uma sociedade que, ao buscar um novo ideal de liberdade, principalmente nos grandes centros

⁴³ No Brasil, a comunidade portuguesa é a mais numerosa no exterior até a década de 1950, quando o Estado Novo e o salazarismo ganhavam uma leitura específica, adaptada aos contornos de uma vida portuguesa bem-sucedida em terras brasileiras. A década de 1920, a última da fase de maior entrada de estrangeiros (1890-1920), registrou o auge de portugueses estabelecidos pela primeira vez: 318,5 mil ou 39% dos 815,4 mil imigrantes - outras origens eram Espanha (181,6 mil), Itália (138,1 mil), Japão (27,4 mil) e Alemanha (25,9 mil). As maiores concentrações de portugueses, ao fim dos anos 1920, eram nos estados de São Paulo (281,4 mil), Distrito Federal (272,3 mil). Lobo (2001, p. 143).

No período de 1904–1930: número de imigrantes (cerca de 79.000 por ano), predominância de portugueses (36,97%); e de 1931–1963: diminuição do número de imigrantes (cerca de 33.500 por ano), predominância de portugueses (38,45%).

<https://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/imigracao-por-nacionalidade-1884-1933.html>

urbanos como São Paulo e Rio de Janeiro, procurou não alterar o “espírito” da vida aldeã, aquela que o emigrante “sublima em sua memória”. (PAULO, 2019)

Nas décadas seguintes de 1940 e 1950, dentro da perspectiva da imigração e das facilidades por leis e acolhimento, tanto por parte de diplomatas como dos portugueses que aqui chegaram anteriormente, promoveram-se tais associações à manutenção de uma tradição de cultura portuguesa, de forma a tornar possível a obtenção de uma unidade de ação em torno da sociedade lusitana e brasileira como incentivadoras às atividades dessa sociedade.

Nesta tese, que teve a intenção de pesquisar, categorizar e analisar os acervos musicais da Casa do Minho no Rio de Janeiro, evidenciamos, de acordo com as possibilidades dos materiais encontrados, as atividades culturais e musicais como os pilares da relação intercultural entre a sociedade brasileira e portuguesa, propriamente na cidade do Rio de Janeiro.

Conforme foi abordado na Introdução, os poucos materiais e livros encontrados na Casa do Minho eram ofícios, cartas, registros impressos em jornais, históricos e administrativos, em sua maioria, de estatísticas e atos da diretoria da Casa., que denominamos de “possíveis achados”.

A Metodologia e a Revisão da literatura trazem apontamentos metodológicos conceituais e uma abordagem histórico-musical a respeito dos arquivos, que compõem a fundamentação teórica referente aos quatro eixos pesquisados: (1) 20 periódicos do Rio de Janeiro;(2) a rede social *Instagram* da Casa do Minho; (3) a *performance* e as práticas musicais, nos ensaios e apresentações ao vivo de folclore e fado; (4) as entrevistas e narrativas de membros e frequentadores da Casa do Minho.

No capítulo 3. Documentação e acervos (p.42), temos a temática dos arquivos e nos remetemos, especificamente, à pesquisa em torno do conceito de arquivos modernos contidos em Theodore Schellenberg (2006), e de autores afins, como um conjunto de documentos, que independentemente de sua apresentação física, contém um valor informativo em seus dados.

Ao apresentarmos o capítulo 4. Casa do Minho (p.67), abordamos a sua trajetória como associação luso-brasileira, localizada no Rio de Janeiro, apresentamos seu caráter assistencialista de apoio aos imigrantes e descendentes, nas primeiras décadas de sua fundação e verificamos os acervos musicais através das atividades ofertadas pela Casa à comunidade do Rio de Janeiro e suas relações com a cultura musical em diáspora, buscando questões de acolhimento, identidade e movimentos diaspóricos.

No capítulo 5. Coleta, transcrição e análise de dados (p. 111), as análises têm a intenção de mostrar e refletir sobre todos os dados que foram categorizados de acordo com os objetivos elencados na tese e que são desenvolvidos através de textos, tabelas ou quadros, como dados quantitativos ou através de práticas, performance, observações e entrevistas, que resultam nos dados qualitativos.

Resultados

Quanto aos objetivos apresentados na Introdução desta tese, percebemos os arquivos musicais da Casa do Minho presentes na atual expressão musical do Rio de Janeiro, seja por meio dos periódicos estudados, seja atualmente pelos acervos digitais vistos como fontes de arquivos: Instagram, que atuam na sociedade como um movimento cultural em diáspora.

Esse movimento pode ser interpretado pelos membros da associação, em sua maioria, portugueses oriundos da região norte de Portugal, e brasileiros, que investem nas práticas musicais – do fado, do folclore e da música brasileira, relações de acolhimento, de pertencimento e de memória com a comunidade do Rio de Janeiro. (Introdução, p.16)

Foi possível identificar, através da revisão da literatura, uma Casa do Minho atuante na vida cultural do Rio de Janeiro que, como partícipe-sujeito das interlocuções com a imprensa, esteve inserida em registros durante todo o século XX, descritos em recortes temporais observados na pesquisa realizada nos periódicos, através da Hemeroteca.

Consideramos que seja razoável tais explicações, pois que as análises que se seguiram no Capítulo 5, item 5.1.1 - Análise de dados: periódicos como fonte de arquivos da Casa do Minho (p.114), revelaram alguns fatos significativos: a proximidade bastante estreita da associação estudada com políticos à época e editores de jornais entre o período de 1930 a 1960, utilizando a imprensa e o corpo diplomático brasileiro, em busca de apoio e diálogo entre a associação e a sociedade.

Como tradução do movimento diaspórico, que envolve questões culturais e sociais, um outro ponto a ser considerado tem relação direta com os acervos musicais. Falo da tradição do folclore, uma tradição regionalista da região do Minho, cultivada até os dias atuais na Casa do Minho do Rio de Janeiro, e que indica uma afirmação da identidade coletiva, ainda que possuidora de marcas e influências oriundas de uma releitura da cultura popular brasileira, posta não somente pelos frequentadores assíduos

da sociedade, mas nas letras de um cantar onde houve modificação na língua portuguesa com conotações de um português apropriado à linguagem falada no Brasil.(item 5.4 – entrevistas orais como fontes de arquivos, p. 210 e anexo 7, p. 267).

Sobre esse aspecto, é no mínimo curioso perceber, de forma reflexiva, que o contato do português com as línguas indígenas e africanas no Brasil não foi suficiente para gerar línguas crioulas, mas foi suficiente para produzir um amplo processo de erosão morfológica na variedade da língua portuguesa adotada. (LUCHESE, 2012)

É no folclore que vemos as mutações com a linguagem, verificadas por meio das observações das práticas musicais e da *performance*, feitas nos ensaios e nas apresentações ao vivo. É também no folclore que percebemos a identificação com gestos, comportamentos, passos de dança e instrumentos da tocata modificados para uma cultura híbrida na formação do ambiente.

A presença do folclore, como já foi descrito no capítulo 4 item 4.5.1 (p.86) e nas análises, item 5.3.3 (p.204), nas festas de Santoinho, retratam um “espelho” literal do ambiente da Casa. O evento que abriga geralmente em torno de 400 a 500 pessoas, realizado mensalmente, mostra uma interculturalidade em um ambiente familiar de uma sociedade que se considera lusitana e brasileira, pronta a mostrar a todos os costumes de suas raízes portuguesas, na expressão da dança do folclore, nos trajes dos ranchos, na tocata com seus músicos instrumentistas e cantadeiras e na gastronomia; mas, também, que se amplia a outros gêneros portugueses e à cultura musical brasileira, trazida pela orquestra nos dias das festas de Santoinho.

Ainda nas práticas musicais como arquivos, nas apresentações do fado vadio, mencionamos o universo peculiar que envolve o fado, vinculado a um imaginário genuinamente português, quer no contexto histórico, quer em relação ao aspecto musical, em que é visibilizado e constituído por um público diversificado e extremamente fidelizado no Rio de Janeiro, frequentadores da Casa do Minho nas noites do fado.

Nessas apresentações do fado vadio encontramos um público participativo, envolto de memórias e emoção, amadores e amantes do fado que ali podem ouvir e cantar alguma canção.

Aponta-se que o fado vadio realizado na Casa do Minho traz momentos de escuta, de escolha por um repertório muitas vezes sugerido, de uma cultura híbrida e diaspórica, que pode se revelar em um fado dito não tradicional, mas onde a intenção é deixar a emoção à pele. Músicas brasileiras também podem ser ouvidas, a pedido do público que é o protagonista no fado vadio.

Segundo a coleta de dados, (p. 111), tendo como diretriz os arquivos dos quatro eixos da pesquisa, com relação às atividades oferecidas e aos diferentes tipos de dados, relativos à linguagem, gestos, interações, conteúdos e subjetividade oferecidos pela associação no processo intercultural das relações luso-brasileiras desenvolvidas na Casa do Minho, trazemos como contribuição:

(1) a manutenção de forte relação entre a Casa do Minho e imprensa, no primeiro recorte de periódicos analisados no Rio de Janeiro (1926-1950), principalmente nos periódicos *Jornal do Comércio*, *Tribuna da Imprensa*, e *Correio da Manhã*, com mensagens favoráveis em editoriais a respeito da tradição portuguesa que se abria à cultura brasileira;

(2) as considerações a respeito do recorte de periódicos (1980 – 2016) que, apontam outras atividades culturais e esportivas, como: pintura, artesanato, dança, aulas de música, festivais de folclore, apresentações de fadistas e cantores brasileiros, atuando junto à cultura da sociedade do Rio de Janeiro.

(3) os diálogos entre os usuários da rede social Instagram Casa do Minho, <https://www.instagram.com/casadominhorj/?hl=es>, a partir de 2017, cujas análises revelaram flexibilizar acessos a um público que se mantém atuante, e garante à Casa do Minho fluidez no conhecimento e divulgação das atividades que realiza, postos como atos de transmissão de imagens e vídeos;

(4) o material encontrado na Casa do Minho, descrito no capítulo 4 (p. 62) em que destacamos dois livros editados pela associação, além de ofícios, cartazes, troféus e placas aos quais fazem parte do chamado arquivos modernos (Schellenberg, 2006), pois constituem-se nas atividades e na própria identidade atual da associação;

(5) a intenção de ampliar e fortalecer a relação entre a Casa do Minho e a sociedade brasileira, a partir da criação de um Centro de Memórias, com espaço já reservado na Casa do Minho.

Nas entrevistas orais e narrativas, analisamos a colocação de relatos escritos ou orais, sublinhados de uma emoção subliminarmente visível, que tangencia à memória.

Podemos assinalar referenciais de aproximação cada vez mais intensos, musicalmente falando, entre brasileiros e lusitanos ou, particularmente, entre minhotos e cariocas, que se inicia, prioritariamente, por estar a Casa do Minho situada no Rio de Janeiro – e, a partir deste fato, existir um movimento entre as raízes portuguesas dos imigrantes que a fundaram e aquilo que pode ser feito no Brasil, em seus diferentes contextos: sociais, econômicos, políticos e culturais.

Nesse sentido, membros da Casa do Minho trazem um comportamento claro das possibilidades em que atuam, e do pertencer a essa relação intercultural, como destacamos o relato do Participante 1: “se olharmos nossa vitrine na Casa do Minho onde estão colocados os troféus, medalhas, certificados de participação, fotografias e memórias encontramos mais do que simples motivos para continuar, que vão além da tradição: a de podermos nos honrar do trabalho implantado aqui no Rio de Janeiro”.

Considero que entender e aceitar o movimento intercultural como conceito e prática social requer tempo, insistência e até mesmo resistência, pois desencadeia gestos e ações que levam a um estar no mundo.

A respeito da interculturalidade presente a Casa do Minho reconheço, através da pesquisa, que se encontra em permanente transformação, interagindo o tempo todo com as culturas envolvidas, criando acesso e espaço para ambas.

Propostas

Nos aspectos relativos às memórias da associação, a atual diretoria já reservou um espaço que entrou em reformas, localizado no terceiro pavimento da Casa do Minho, especialmente dedicado a ser um Centro de Memórias.

Essa ideia, que surge em conversa informal durante as entrevistas orais, se aprimora ao longo da minha pesquisa, e aparece como proposta do presidente da Casa, dando a nítida impressão de que boa parte dessa motivação traz a presença e o envolvimento da pesquisa.

Essa fala permite interpretar que o fato de estar se elaborando uma tese com os acervos musicais da Casa, despertou o interesse para a criação de um lugar mais organizado, documentado, inserido como as memórias da Casa do Minho.

Ainda segundo a diretoria da Casa do Minho, pretende-se expandir as atividades musicais, com a cultura da dança de salão, da música de forró e de boleros, e posteriormente, retornar com a Costelada Gaúcha – folclore do Rio Grande do Sul.

Na declaração atual do presidente da Casa do Minho, o Sr. Joaquim Fernandes, há outra proposta, no sentido de integração dos mais jovens, de manter o diálogo social, cultural e musical entre Brasil e Portugal, ou especificamente, entre a região do Minho e a cidade do Rio de Janeiro, na perspectiva de aproximação entre governantes e sociedade, em um entendimento de maior visibilidade e apoio dessa relação.

As razões que, além da motivação a partir da pesquisa, sem dúvida ampliam esse olhar, trazem a possibilidade e o respeito de concebermos na contemporaneidade cada vez mais lugares múltiplos, lugares de memória e de acolhimento, considerando-se a Casa do Minho no Rio de Janeiro, prestes a completar um centenário, bastante atuante e atualizada na cultura musical da sociedade que a acolhe.

No entanto, é inegável a presença do hibridismo cultural, as misturas e as simbioses que se formam, e se identificam *per si*, se aceitam, convivem, a ponto de promoverem um aprofundamento e um apreço de ambas as culturas envolvidas. Juntas, parecem ser mais unidas, ainda que ambas preservem suas especificidades e singularidades.

Conclusões

As conclusões que partilho, a partir da investigação teórica e empírica, se convergem pela contribuição acerca da relevância sociocultural e histórica de se trabalhar com arquivos musicais, que na verdade, trazem um tema bastante rico, plural e diversificado, mas, ainda precário em sua organização e preservação na associação pesquisada.

Verifica-se, ainda, o ineditismo apresentado nesta tese, uma vez que não existe material a esse respeito, até então, no que se refere ao estudo dos arquivos, considerando-se, principalmente, o eixo das práticas musicais apresentadas na Casa do Minho do Rio de Janeiro como fonte de arquivos.

Nessa perspectiva, buscamos levar aos demais pesquisadores e ao leitor a inclusão e a valorização das memórias contidas na tese de forma categórica, mas também subjetiva acerca das manifestações culturais e musicais.

Podemos resgatar, na contemporaneidade, um patrimônio cultural atuante desde o início do século passado, e que traduz questões de uma cultura musical de tradição e hibridismo.

Trazendo um contexto marcado pela pluralidade, os quatro eixos pesquisados como acervos musicais respondem aos objetivos elencados na tese, não somente representados pela música, mas pelo desenvolvimento e pela consolidação de manifestações sociais e culturais, traduzidas nas atividades oferecidas pela Casa do Minho à sociedade portuguesa e brasileira, no contorno da vida atual.

De acordo com os conceitos dos arquivos modernos, a Casa do Minho se destaca por oferecer atividades de cultura e música e por preservar sua tradição portuguesa diante da sociedade carioca, ainda que os materiais de arquivos encontrados ao longo do tempo de sua existência sejam em torno da oralidade.

Dessa forma, considerando-se a subjetividade postas nas fontes de arquivos por meio da oralidade e das observações, verificamos grande contribuição para a área histórico-musical.

Nesse sentido, vem contribuir para os saberes culturais diversificados através da música, oferecendo oportunidades à sociedade tanto portuguesa como brasileira em torno da visibilidade não só musical, mas, também, no reconstituir memórias e no acolhimento, como se a própria música fosse testemunha.

As conclusões aqui obtidas não pretendem de forma alguma encerrar o assunto com relação aos resultados encontrados, significando, no entanto, aquilo que foi possível investigar ao longo desses quatro anos, indo ao encontro dos objetivos da pesquisa e que podem ser úteis a outros tipos de pesquisas similares.

As análises e considerações finais nos levam a uma associação luso-brasileira que contempla os diálogos diaspóricos, e, ao mesmo tempo, preserva os diálogos musicais no cenário da cultura carioca, e que exatamente por isso, aposta nos mais jovens um contínuo processo do legado musical, abrindo-se a novos diálogos e eventuais ganhos simbólicos advindos dessas trocas culturais.

Como contribuição e proposta, além da criação do Centro de Memórias, mencionado acima, há a sinalização do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro para a realização de palestras a respeito do desenvolvimento e resultados do tema.

Finalizo as contribuições, considerando a Casa do Minho, a partir do aprofundamento no conhecimento de suas atividades culturais, como desenvolvimento desta tese, um território diaspórico e de acolhimento, de diferentes paisagens musicais encontradas de diferentes países, de diferentes lugares, que adotam repertórios locais, em uma singularidade performática observada nos músicos e cantadores.

As investigações empíricas trouxeram uma riqueza de conteúdo à pesquisa, que nos permitiram compreender os acervos musicais, sejam através de documentação impressa, ou por meio digital, e ainda nas práticas musicais, em *performance* e na oralidade, uma trajetória que reverbera em diálogos entre as sociedades abrangentes e que tendem a contribuir no processo social, cultural e musical no dia a dia da vida das pessoas na cidade do Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alzira. A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50. Editora FGV, *ebook*, 2008

ARANTES, P. *Livro/acervo, para além do arquivo e arquivo vivo: uma trilogia possível*. Portal de revistas da USP. Universidade Anhembi-Morumbi e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2014.96735>

ARAUJO, Ronaldo Ferreira; ARAÚJO, Janiele Oliveira de. O uso das redes sociais como estratégias de marketing em unidades de informação: estudo de caso da biblioteca pública Estadual Graciliano Ramos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v 14, n. 2, 176-196, 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/73>. Acesso em: 07 out. 2020.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da Criação Verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, S. Dirlene; AMÉLIA, Dulce. Arquivo e memória: uma relação indissociável. *Revista Trans Informação*, Campinas, 21 (1), p. 55-61. jan./abr., 2009

BELLOTO, Heloísa. *Arquivística – objetos, princípios e rumos*. São Paulo. Associação e arquivistas de São Paulo, 2002.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte, ed. UFMG, 2007.

BOBSIN, D.; HOPPEN, N. Estruturação de redes sociais virtuais em organizações: um estudo de caso. *Tecnologia de Informação. Rev. Adm.* (São Paulo) 49 (2) jun. 2014. <https://doi.org/10.5700/rausp1150>

BONA, Aldo N. *Paul Ricoeur e uma epistemologia da história centrada no sujeito*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2010.

BOSCARINO, Jr. Alberto. *Do Tejo ao Rio de Janeiro: uma história de fados*. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. RJ, 2011.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte. Gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Decreto nº 528, de 28 de junho de 1890. Rio de Janeiro, 28 jun. 1890. Regulariza o serviço da introdução e localização de imigrantes na República dos Estados Unidos do Brasil. Disponível em:

<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-528-28-junho-1890-506935-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 18 out. 2016.

» <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-528-28-junho-1890-506935-publicacaooriginal-1-pe.html>

BRASIL. Câmara dos Deputados. Decreto nº 16.761, de 31 de dezembro de 1924. Rio de Janeiro, 31 dez. 1924. Proíbe a entrada no território nacional de imigrantes (passageiros de 2ª e 3ª classe) nos casos e condições previstos nos arts. 1º e 2º da lei n. 4.247, de 6 de janeiro de 1921. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-16761-31-dezembro-1924-503902-republicacao-88581-pe.html>>. Acesso em: 13 out. 2016.
 » <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-16761-31-dezembro-1924-503902-republicacao-88581-pe.html>

BRITTO, Augusto Cesar; MOKARZEL, Mariza; CORRADI, Ana Laura. O arquivo enquanto lugar de memória e sua relação com identidade. *Revista ÁGORA*. ISSN 0103-3557, Florianópolis, v.27, n.54, p.158-182, jan./jun., 2017.

CALDEIRA, J. Mauá; DIMAS FILHO, N. Jornal; Enciclopédia. Delta; Enciclopédia. Mirador; INF. Antônio Calegari; INF. Fernando Segismundo; INF. José Chamilete; Jornal do Comércio. Revista de Negócios, FGV/CPDOC. Disponível em: <<http://www.jornaldocomercio.com.br/>>. Acesso em: 20/11/2009. In: SANDRONI, C & SANDRONI, L; SODRÉ, N.

CAMARGO, Ana Maria de A. Sobre o valor histórico dos documentos. *Revista do Arquivo de Rio Claro*. São Paulo: Rio Claro: n.1, 2003.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos – conflitos multiculturais da civilização*. Trad. Maurício Santana Dias. Editora UERJ, Rio de Janeiro, 2006.

CARVALHO, Maria João L. *O fado da Severa*. Oficina do livro: Alfragide, Portugal, 2018.

CASA DO MINHO. Site oficial. Disponível em: <http://minho.com.br>. Acesso em: 6 set. 2023.

CASTELLS, Manuel. A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 244 p.

CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 2.edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

CERTEAU, Michel de. História e psicanálise: entre ciência e ficção. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

COOK, T. *A ciência arquivística e o pós-modernismo: novas formulações para conceitos antigos*. Revista Ciência, Informação e Documentação, v. 3, n.2, 2012. Tradução do artigo: COOK, Terry. Archival science and postmodernism: new formulations for old concepts. Journal Archival Science, v. 1, n. 1, p. 3-24, 2001. DOI:10.1007/BF02435636.

COOK, T. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p.129-149, 1998. Tema: arquivos pessoais.

COSTA LEITE, J. O Brasil e a emigração portuguesa (1855-1914). In: FAUSTO, B. (Org.). *Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2000. p. 177-200.

COTTA, André Guerra. Fundamentos para uma arquivologia musical. In: _____.; SOTUYO BLANCO, Pablo. *Arquivologia e patrimônio musical*. Salvador: EdUFBA. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRUZ, Heloísa; PEIXOTO, Rosário. Na Oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa. Projeto História São Paulo, n.35, dez.2007, p.253-270.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas Ciências Sociais*. EDUSC, 2002.

DARTON, Robert. *O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução*. capítulo 5 Jornalismo – Toda notícia que couber a gente publica. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.70-97.

DEMO, Pedro. *Metodologia científica em Ciências Sociais*. 3a.ed. São Paulo: Editora Atlas, 1995.

DE NORA, Pierre. *Entre Memória e História*. Trad. Yara Khoury. São Paulo, 1993.

DERRIDA, J. *Mal de Arquivo – uma impressão freudiana*. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DURANTI, Luciana. Registros documentais contemporâneos como provas de ação. *Revista Estudos Históricos*, v. 1, n. 13, p. 49-64, 1994.

DURANTI, Luciana. *Diplomatica: nuevos usos para una antigua ciencia*. Trad. Manuel Vazquez. Carmona: Asociación de Archiveros de Andalucía, 1995.

DURANTI, Luciana. The archival bond. *Archives and Museum Informatics*, v.11, p.213-218, 1997.

DURANTI, L.; MACNEIL, H. The preservation of the integrity of electronic records: an overview of the UBC-MAS research project. *Archivaria*, Ottawa, 1996, p.46-67. In: Corinne Rogers. *A literature review of authenticity of records in digital systems*. Acervo, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 16-44, jul./dez. 2016.

FONSECA, M. S. G. GLAUDÊNCIO, S. M. LACERDA, J. S. Mídia sociais e ciberativismo: uma análise da hashtag #SalveMariano Instagram. *Temática*, 14, n. 12. dezembro/2018. NAMID/UFPB.

FOUCAULT, M. *L'arqueologie du saber* [1996]. *Arqueologia do Saber*. Trad. Luís Felipe Baeta Neves. 7ª. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FRANCO, Alberto. *As guerras do fado: debates e polêmicas sobre a canção nacional*. Guerra e Paz Editores, Lisboa, 2019.

GABRIEL, Martha. *Marketing na Era digital: conceitos, plataformas e estratégias*. Editora Novatec, São Paulo, 2010.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. LTC: Rio de Janeiro, 1989.

GRANJEIA, Luiz. Memórias e Direitos na Imigração Portuguesa no Brasil do Século XX. *História*, v.36, e16, ISSN 1980-4369. São Paulo, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-436920170000000016>

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. V. 5, edição e tradução de Luiz Sérgio Henriques; co-edição, Carlos Nelson Coutinho e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

GRAY, David E. *Pesquisa no mundo real*. Porto Alegre: Penso, 2012.

HACKER, Alexandre; MATOS, Izilda, SOUZA, Fernando de;(Org.). *Deslocamentos & Histórias: os portugueses*. Bauru, EDUSC, 2008.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Tradução de Daniel Miranda e Willian Oliveira. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Tradução de Adelaide da Guarda Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003

HALPERN, Manuel. *O futuro da saudade – o novo fado e os novos fadistas*. Publicações Dom Quixote, 1a. Edição, Lisboa, 2004.

HIKIJ, Rose S.G. Etnografia da Performance Musical – identidade, alteridade e transformação. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 155-184, jul./dez. 2005.

KOTLER, Philip; KARTAJAYA, Hermawan; SETIAWAN, Iwan. *Marketing 4.0*. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

LE GOF, J. (1924). *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão ... [et al.] – São Paulo: Campinas, Editora da UNICAMP, 1990.

LOBO, Eulalia. Migração Portuguesa no Brasil, 1994. In: *Revista brasileira de História*. São Paulo, v.23, n.45, pp.313-316, 2003.

LOPES, Igor. *Rancho Folclórico Maria da Fonte – a jornada do grupo português que valoriza a cultura minhota desde 1954*. COP Editor, Rio de Janeiro, 2019.

LUCAS, Vieira S. A Imprensa como fonte para pesquisa e história: teoria e método. 2013 Disponível em: www.bocc.ubi.pt. Acesso em 22 de novembro de 2022.

LUCCHESI, Dante. A diferenciação da língua portuguesa no Brasil e o contato entre línguas. *Estudos de linguística galega*, 45-65. UFBA, 2012.

LUNA, Liliana. *O uso do Instagram como meio de divulgação científica: um estudo do Perfil: "Tem física aí?"*. 2019. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Física) Núcleo de Formação Docente, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2019.

MATARAZZO, Thais. O fado no Brasil - artistas & memórias. Jundiaí, São Paulo: Editora in House - 2a.ed., 2014.

MATOS, Izilda.; SOUSA, Fernando; HECKER, Alexandre (org.) *Deslocamentos e histórias: os portugueses*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2008.

MEIHY, J.C.S.B.& RIBEIRO, S.L.S. *Guia prático de História Oral para empresas, universidades, comunidades, famílias*. São Paulo: Contexto, 2011.

MENEZES, Lená Medeiros de; SOUZA, Fernando. *Brasil-Portugal: pontes sobre o Atlântico – múltiplos olhares sobre a imigração*. Editora UERJ, Rio de Janeiro, 2017.

MINHO REI – o sucesso de brava gente. Livro comemorativo dos 80 anos da Casa do Minho do Rio de Janeiro - Brasil. 1924-2004.

MOTA, Priscyla. *O acolhimento como ferramenta estratégica para a reorganização do processo de trabalho do programa de saúde da família*. Trabalho de conclusão de Curso de Especialização em saúde da família. UFMG, 2009

NEVES, L MOREL, M & FERREIRA, T (org.). *História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP & A / FAPERJ, 2006.

NERY, Rui Vieira. Para uma história do fado. Lisboa: Corda Seca2004

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, n. 10, p.7-28, 1993.

NOGUEIRA, Tristão. Modelos Predominantes de Espetáculos. In: **Entre Bandas**, v.2. Corroios, Portugal, 2010, p. 28-33.

NORONHA, Maria Thereza de. *A saudade - contribuições fenomenológicas, lógicas e ontológicas* - INCM, Lisboa, 2008.

OLIVEIRA, Antônio Seixas de. Associações e casas regionais portuguesas na cidade do Rio de Janeiro – lugares de memória. In; *CONINTER 3 – Congresso Internacional Interdisciplinar, Ciências Sociais e Humanidades* Salvador, BA, 08 a 10 de out.2014, n.3, v.6, p.50-66

PAULO, H., *O Exílio português no Brasil nas décadas de cinquenta e sessenta*. Cadernos Ceru, v. 23, n.2, São Paulo: USP, 2013.

PAULO, H. *Salazar no Brasil – A colônia portuguesa no Brasil e o salazarismo. (1928-1960)*. E-book, 2019.

PINTO, Tiago O. *Som e Música: questões de uma antropologia sonora*. Revista de Antropologia, vol. 44, n. 1, São Paulo: USP, 2001.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, G. S. Mata Galegos: os portugueses e os conflitos de trabalho na República Velha. São Paulo: Brasiliense, 1990.

RICOEUR, P. *Teoria da interpretação*. Trad. de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1996.

RICOEUR, P. *Tempo e narrativa* (tomo III). São Paulo: Papyrus, 1997.

RODRIGUES, Ana Célia. Manual de tipologia documental: um instrumento de gestão para arquivos municipais brasileiros. In: *Congresso Nacional de Arquivologia*, n.1., Anais, Brasília, 2006.

ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol. *Os Fundamentos da disciplina arquivística*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.

SANTOS, Paula Marques dos & AMORIM, Paulo. As relações Portugal-Brasil na primeira metade do século XX (1910-1945). In: SOUSA, Fernando, SANTOS, Paula & AMORIM, Paulo (Coord.). *As relações Portugal-Brasil no século XX*. Porto: CEPESE/Fronteira do Caos Editores Ltda., pp. 121-139, 2010

SANTOS, R. S.; RIBEIRO, E. M. A administração política brasileira. Revista Brasileira de Administração Pública, Rio de Janeiro, v.27, n.4, p.102-135, out. /dez, 1993.

SARDO, Susana. Música e conciliação: contributos para uma ecologia dos saberes a partir das viagens da música no Atlântico Sul. O caso das relações Portugal-Brasil. In: VALENTE, Heloísa (Org.) *Trago o fado nos sentidos: cantares de um imaginário Atlântico*. São Paulo: Letra e Voz, 2013.

SCHECHNER, Richard. O que é performance. In *Performance Studies: an introduction*. 2 ed. New York & London: Routledge, 2006, p. 28-51. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/378/o/O_QUE_EH_PERF_SCHECHNER.pdf

SHELLENBERG, A. *Arquivos modernos: princípios e técnicas*. Capítulos 1 e 2. Trad. Nilza Teixeira. 5ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, e-book 2006 – 388p.

SCOTT, Ana Silvia Volpi. As duas faces da imigração portuguesa para o Brasil. (décadas de 1820-1930). Comunicação apresentada no Congresso de História Econômica de Zaragoza, Espanha, 2001.

SERRÃO, Joel. *A Emigração portuguesa: sondagem histórica*. 4ª.ed. Coleção Horizonte, 1982.

SILVA, Margareth da. *O arquivo e o lugar*. Niterói: EDUFF – Editora da Universidade Federal Fluminense, RJ, 2016.

SILVA, V. L. G.; CUNHA, J. L. (Org.). *Práticas de formação, memória e pesquisa (auto)biográfica*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

SILVA, A. R. L., CARRIERI, A. P. & JUNQUILHO, G. S. (2011). A estratégia como prática social nas organizações: articulações entre representações sociais, estratégias e táticas cotidianas. *Revista de Administração (RAUSP)*, 46(2), 122-134.

Doi: /10.5700/rausp1002

SILVESTRE, Vilma. *O fado e a questão da identidade*. Tese (Doutoramento em estudos Portugueses) Universidade Aberta. Lisboa, 2015.

SIMIONI, Rafael L. *Arquivo, História e Memória: possibilidades de diálogo entre Luhmann e Foucault*, 2016.

SIVI, João Filipe. Dissertação em Estudos Lusófonos. *A historicidade em A Selva de Ferreira de Castro: recessão em contexto angolano*. Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2018.

SOUSA, Renato Tarcísio Barbosa. Os princípios arquivísticos e o conceito de classificação. In: RODRIGUES, Georgete M.; LOPES, Iza L. (Org.). *Organização e Representação do Conhecimento*. Brasília: Thesaurus, 2003. p.240-271.

SOUZA, E. C.; BRAGANÇA, I. F. S. (Orgs.). *Memória, dimensões sócio-históricas e trajetórias de formação*. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EdiPUCRS; Salvador: EDUNEB, v.3, 2012.

SOUZA, E. C. *Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido*. *Revista Educação*. Santa Maria, v.39, n.1, p.39-50, jan/abr.2014.

SOUZA, M.; NASCIMENTO, F.; SANTOS, R.; *Acervos musicais: panoramas e desafios para a arquivologia*. *Archeion Online, João Pessoa*, v.8, n.1, p.6-26, jul./set. 2020. <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/archeion> - ISSN 2318-6186.

TAQUETTE, Stella; BORGES, Luciana. *Pesquisa qualitativa para todos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020

TAVARES, Rodrigo Rodrigues. *Portugueses em Santos: história e identidade*. In: VALENTE, Heloísa (org.) *Canção d'além-mar: o fado e a cidade de Santos*. Santos, SP: Realejo edições, 2008.

TAYLOR, D. *O arquivo e o repertório - performance e memória cultural nas Américas*. Trad. Eliana Lima Reis. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

TINHORÃO, José Ramos. *As origens da canção urbana*. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

TINHORÃO, José Ramos. Pequena história da música popular segundo seus gêneros. São Paulo: Editora 34 Ltda., 2013.

TORGAL, Luís Reis. O Estado Novo. Salazarismo, Fascismo e Europa. In: TENGARRINHA, José (org.). História de Portugal. Bauru: EDUSC, 2001.

TORRES, Pereira Jose. *O homem minhoto – das origens à diáspora*. Artes Gráficas Ltda., 1987.

TURNER, Victor. The Anthropology of performance. New York: PAJ Publications, 1987.

VALENTE, Heloísa de A. Duarte (org.) *Canção d`além-mar: o fado e a cidade de Santos*. Santos, SP: Realejo edições, 2008.

VALENTE, Heloísa de A. Duarte (org.) *Trago o fado nos sentidos - cantares de um imaginário atlântico*. São Paulo, Letra e Voz, 2013.

VEIGA, Ana Acervos Acadêmicos de Pesquisa: possibilidades e desafios. Revista *Esboços*, Florianópolis, v. 21, n. 31, p. 68-85, ago. 2014.

VIEIRA, Lucas. *A Imprensa como Fonte para a Pesquisa em História: Teoria e método* Disponível em www.bocc.ubi.pt

YIN, R. *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2016.

SITES CONSULTADOS E LINKS

<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

<http://minho.com.br/>

<https://www.facebook.com/CasadoMinhodoRiodejaneiro/>

<https://www.instagram.com/casadominhorj/?hl=es>

Rancho Maria da Fonte em Arouca, São Paulo, 2022

<https://youtu.be/UGvgXG4TSV0>

Relatório on-line disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2020-brazil>

ANEXO 1 – PROTOCOLO DA PESQUISA

Visão geral

Este protocolo foi adaptado do modelo proposto por Yin (2010), visando orientar a coleta de dados da pesquisa, aumentando assim sua confiabilidade. O estudo em questão serve de roteiro para a pesquisa, de forma a contribuir com os diálogos que devem compor a análise de dados e os resultados.

Procedimentos de campo

Os dados serão produzidos a partir de entrevistas semiestruturadas, conversas informais, observações do pesquisador e das atividades musicais da Casa , e requerem, portanto, acesso à Casa do Minho, com reconhecimento e colaboração dos membros da Casa. Os procedimentos adotados para obtenção de acesso à organização estudada e aos sujeitos de pesquisa serão os seguintes:

- solicitação de autorização à instituição que é foco da pesquisa para sua realização; via carta de recomendação da Universidade;
- envio de convite aos participantes das entrevistas semiestruturadas, por meio de participações em eventos musicais da Casa e posteriormente, em mensagens diretas no WhatsApp ou por e-mail.

Recursos

A pesquisa de campo está sendo realizada de modo presencial e virtual, uma vez que passamos por um período de isolamento social imposto pela pandemia de covid-19, em que todos os membros da Casa do Minho trabalharam de forma remota. Assim, os principais recursos necessários para a realização da pesquisa de campo são os seguintes:

- computador pessoal, acesso à internet e smartphone;
- acesso a *softwares* diversos para visualização e edição de textos, de imagens, de planilhas, navegador etc.;
- acesso a aplicativos de acesso às mídias sociais, como Instagram, Facebook, *Site*, *E-mail* e WhatsApp da diretoria e secretaria da Casa do Minho
- espaço com privacidade para realização das entrevistas;

Cronograma

A pesquisa de campo seguirá a seguinte programação:

ROTEIRO/ DATAS	Julho/21 a março/23	Maior/22	Outubro/22	Nov./22 a mar./23	Março e abril/23
Coleta de comentários nas redes sociais e sites da Casa do Minho					
Preparação para as observações-participantes					
Preparação para a realização das entrevistas					
Realização das entrevistas semiestruturadas					
Realização das entrevistas informais					
Participação em eventos já agendados					

ANEXO 2 – Projeto-piloto, questionário encaminhado a membros do rancho, e a músicos que compõem a tocata.

QUESTIONÁRIO PESQUISA QUALITATIVA

UNIRIO – UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Linha de Pesquisa: DOCUMENTAÇÃO E HISTÓRIA DA MÚSICA

Pesquisadora: MARILDA BARROSO BOTTINO

Título: O ACERVO CULTURAL DA CASA DO MINHO: MÚSICA PORTUGUESA EM DIÁSPORA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO (1930-2022)

Temos 4 ranchos folclóricos, segundo algumas informações que verifiquei. Me diga quais são eles, e quantos membros temos ao todo nesses ranchos?

- 1) Quantos são os músicos instrumentistas ?
- 2) Há cantadeiras? Quantos (as)?
- 3) Quais os instrumentos usados para as modalidades de música/dança?
- 4) Quantas apresentações em média vocês costumam fazer ao ano, incluindo-se a Festa de Santoinho, na Casa do Minho.
- 5) Para se tornar um membro do Rancho Maria da Fonte, o que é necessário fazer, quais são os procedimentos, critérios, exigências?
- 6) O que representa para você, como diretora do Rancho Folclórico, estar atuante nessa cultura portuguesa no Brasil, propriamente no Rio de Janeiro?
- 7) Você vê alguma diferença entre a cultura portuguesa no RIO DE JANEIRO e em outros lugares do Brasil? Refiro-me à atuação, divulgação e interação com o público em geral e de outras casas lusitanas.
- 8) Qual o maior canal de divulgação do Rancho atualmente, nas mídias, quero dizer. Onde obter áudios, vídeos e informação em geral? Registre o Link, se houver.
- 9) Como você vê a questão do acolhimento, resgate e memórias de uma terra distante e presente como Portugal, através da cultura e das apresentações do Rancho Folclórico Maria da Fonte?

QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA ACERVOS/DOCUMENTOS E PRÁTICAS
MUSICAIS, ATRAVÉS DA METODOLOGIA QUALITATIVA

UNIRIO – UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Linha de Pesquisa: DOCUMENTAÇÃO E HISTÓRIA DA MÚSICA

Pesquisadora: MARILDA BARROSO BOTTINO

Título: O ACERVO CULTURAL DA CASA DO MINHO: MÚSICA PORTUGUESA
EM DIÁSPORA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO (1930-2022)

- 1) Temos 4 ranchos folclóricos, segundo algumas informações que verifiquei. Me diga quais são eles, e quantos membros temos ao todo nesses ranchos? Quantas pessoas, pode ser no total.

O RANCHO DOS VETERANOS da CASA DO MINHO

O RANCHO FOLCLÓRICO MARIA DA FONTE

RANCHO JUVENIL DA CASA DO MINHO

RANCHO DA COSTELADA GAÚCHA DA CASA DO MINHO.

- 2) Quantos são os músicos instrumentistas?
-

- 3) Quais os instrumentos usados regularmente para as modalidades de música /dança?
-

- 4) Há cantadeiras? Quantos (as)?
-

- 5) Quantas apresentações em média vocês costumam fazer ao ano, incluindo-se a Festa da Quinta de Santinho, na Casa do Minho. (pode incluir outras casas e viagens)

Viagens A Portugal: desde 1954 – e outros lugares no mundo

Viagens pelo Brasil

Apresentações em outras casas lusitanas e de culturas afins

- 6) Para se tornar um membro do Rancho Maria da Fonte, o que é necessário fazer, quais são os procedimentos, critérios, exigências?
-

No momento, O Presidente da Casa, Sr. Joaquim, disse estar com necessidades para o Rancho Juvenil (meninos). Somente neste rancho?

- 7) O que representa para você, como membro/diretora/produtor do Rancho Folclórico, estar atuante nessa cultura portuguesa no Brasil, propriamente no Rio de Janeiro?
-
-

- 8) Você vê alguma diferença entre a cultura portuguesa no RIO DE JANEIRO e em outros lugares do Brasil? Refiro-me à atuação, divulgação e interação com o público em geral e de outras casas lusitanas.
-
-

- 9) Qual o maior canal de divulgação do Rancho atualmente, nas mídias, quero dizer. Onde obter áudios, vídeos e informação em geral? Registre o Link, se houver.
-
-

- 10) Como você vê a questão do acolhimento, resgate e memórias de uma terra distante e tão presente como Portugal, através da cultura e das apresentações do Rancho Folclórico Maria da Fonte?
-
-

ANEXO 3 – QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA PARA A SECRETARIA

Bom dia,

Como pesquisadora na linha de Documentação e História da Música, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, com meu trabalho voltado à referida casa, tradicional e bastante ativa como a CASA DO MINHO, necessito de dados abaixo.

Não há necessidade de dados financeiros, minha pesquisa é acadêmica. Necessito apenas de registros da Casa do Minho, no que for possível conseguir.

Mais uma vez, agradeço e conto com vocês.

email: marilda.bottino@gmail.com

Obrigada, Marilda Barroso Bottino

A partir de 2001, século XX: em média)

- 1) DOCUMENTOS MUSICAIS, relativos ao RANCHO FOLCLÓRICO MARIA DA FONTE
- 2) COMPRA DE ROUPAS (parece haver distinções entre as vestimentas de cor, com determinados significados, estou certa)?

COMPRA DE INSTRUMENTOS, quantos ao longo do ano ou de um período desses últimos 20 anos?

PARTITURAS – há algumas que eu possa fotografar, registrar?

ENSAIOS – horário. Me parece ser às 5as feiras atualmente a partir das 20 horas, certo?

- 3) Qualquer tipo de: DOCUMENTOS RELATIVOS A COMEMORAÇÕES, FESTAS E HOMENAGENS À CASA DO MINHO.

ANIVERSÁRIO DA CASA E DO RANCHO, há documentação sobre isso? PREMIAÇÕES e HOMENAGENS?

- 4) DOCUMENTOS RELATIVOS A VIAGENS DA CASA DO MINHO, através de seus MEMBROS E DO RANCHO FOLCLÒRICO, cidades pelas quais o RANCHO já passou
- 5) DOCUMENTOS RELATIVOS A OUTRAS MÚSICAS, COMO APRESENTAÇÕES DO FADO VADIO, sei que aconteceu entre os idos de 2018 e 2019. Há algum registro. (?)

6) DOCUMENTOS RELATIVOS A ESPAÇOS ALUGADOS PARA FESTAS E OUTROS TIPOS DE EVENTOS

Ou seja, a demanda vem de acordo com a procura, ou há datas determinadas, uma vez ao mês para a Festa KAKARECOS, por exemplo, e outras, se houver

7) DOCUMENTOS RELATIVOS À GASTRONOMIA, RESTAURANTE COSTA VERDE

Por exemplo: nas festividades da Casa, seja do SANTOINHO ou outras é com a participação do Restaurante Costa Verde, ou a um buffet a parte

8) FESTAS DE SANTOINHO

Aproximadamente quantas pessoas participam da festa de SANTOINHO, o PÚBLICO em geral?

Há convidados de outras bandas ou cantores? O convite é feito por meio de algum documento? Há registros sobre isso?

9) Quantos membros temos na Casa do MINHO, atualmente? Contando com sua diretoria. COMO É SEU ORGANOGRAMA?

DIRETORES E CATEGORIAS ESPECÍFICAS, por exemplo.

1) Qual o procedimento para ser membro da Casa do Minho, atualmente? Há uma mensalidade, uma espécie de joia para pagamento ao entrar?

2) Nos últimos 20 anos mantiveram algum contato com a prefeitura ou o governo do estado do Rio de Janeiro, em busca de apoio ou patrocínio?

**ANEXO 4 – RELAÇÃO DE ASSOCIAÇÕES LUSO-BRASILEIRAS NO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA HTTP://WWW.REALGABINETE.COM.BR/PORTALWEB/	CENTRO	R. Luís de Camões, 30
LICEU LITERÁRIO PORTUGUÊS HTTP://LLP.BIBLIOPOLIS.INFO/	CINELÂNDIA	R. Senador Dantas, 118
REAL E BENEMÉRITA SOCIEDADE PORTUGUESA CAIXA DE SOCORROS D. PEDRO V	CENTRO	R. Marechal Floriano, 185
CÂMARA PORTUGUESA DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA HTTP://WWW.CAMAPORTUGUESA-RJ.COM.BR/	CENTRO	Av. Graça Aranha, 1 /6º and.
AROUCA BARRA CLUBE HTTP://WWW.AROUCABARRACLUBE.COM.BR/	BARRA	Av. das Américas, 2300
ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA PORTUGUESA HTTP://WWW.AAPORTUGUESA.COM.BR/	PORTUGUES A	Rua Haroldo Lobo, 400
CASA DA VILA DA FEIRA E TERRAS DE SANTA MARIA HTTP://BOAS-VINDAS-CVFTSM.BLOGSPOT.COM.BR/	TIJUCA	Rua Haddock Lobo, 195
CASA DAS BEIRAS HTTP://WWW.CASADASBEIRAS.COM.BR/	TIJUCA	Rua Barão de Ubá, 341
CASA DE ESPINHO HTTP://WWW.CASADEESPINHO.XPG.COM.BR/	PENHA	Av. Brás de Pina, 1988
CASA DE PORTUGAL EM TERESÓPOLIS HTTP:	VÁRZEA	Av. Lúcio Meira, 850
CASA DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO HTTP://WWW.CASATRASOSMONTES.COM.BR/	TIJUCA	Av. Melo Matos, 15/19
CASA DE VISEU HTTP://WWW.CASADEVISEU.COM.BR/	VILA DA PENHA	Rua Carlos Chambelland, 40/50

CASA DO MINHO HTTP://WWW.MINHO.COM.BR/	LARANJEIRA S	Rua Cosme Velho, 60
CLUBE DE REGATAS VASCO DA GAMA HTTP://WWW.VASCO.COM.BR/SITE/	SÃO CRISTÓVÃO	Rua Gen. Américo de Moura, 131
CASA DOS AÇORES HTTP://WWW.CASADOSACORES RJ.COM.BR/	TIJUCA	R. Melo Matos, 25
CASA DE PORTUGAL DE VOLTA REDONDA WWW.CASADEPORTUGALVR.COM.BR	VOLTA REDONDA	
REAL SOCIEDADE CLUBE GINÁSTICO PORTUGUÊS HTTP://WWW.CLUBEGINASTICO.COM.BR/	CENTRO	Av. Graça Aranha, 187
CLUBE PORTUGUÊS DE NITERÓI HTTP://WWW.CLUBEPORTUGUESDENITEROI.COM.BR/	INGÁ	R. Prof. Lara Vilela, 186
GRÊMIO PORTUGUÊS DE NOVA FRIBURGO HTTP://GREMIOPORTUGUESNF.WORDPRESS.COM/	NOVA FRIBURGO	Av. Euterpe Friburguense, 108
CASA REGIONAL DE AVEIRO	Maria da Graça	Rua Silva Rosa, 337
CASA DOS POVEIROS	RIO COMPRIDO	Rua do Bispo, 302
ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE LUSO-BRASILEIRA	CENTRO	R. do Lavradio, 100
ASSOCIAÇÃO LUSO-BRASILEIRA DE IMPRENSA	GÁVEA	R. Marquês de São Vicente, 67, bl.2, cob 02
BANDA LUSO-BRASILEIRA DE NITERÓI	NITERÓI	R. Benjamim Constant, 522 C/66
CASA DO PORTO ESPORTE CLUBE	TIJUCA	R. Afonso Pena, 39
SOCIEDADE PORTUGUESA DE BENEFICÊNCIA EM NITERÓI	NITERÓI	R. Dr. Celestino, 26
ORFEÃO PORTUGUÊS	MARACANÃ	R. São Francisco Xavier, 363

Fonte: <https://www.dnacidania.com.br/associacoes-portuguesas-no-brasil/>

ANEXO 5 – CARTA DE RECOMENDAÇÃO DA UNIRIO PARA A PESQUISA NA CASA DO MINHO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Letras e Artes - CLA
Programa de Pós-Graduação em Música - PPGM
Mestrado e Doutorado

À: Direção Casa do Minho

Do: Professor Dr. Clifford Hill Korman

16 de maio de 2022

Prezados diretores,

Na minha função de docente do Programa de Pós-graduação em Música da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, e orientador da Marilda Barroso Bottino, doutoranda da área de pesquisa Documentação e História da Música, estou encaminhando a pesquisadora para dar prosseguimento a pesquisa que vem desenvolvendo na Casa do Minho.

A relação da pesquisa envolve os acervos culturais da Casa do Minho, através de registros em textos, impressos ou fotos, e quaisquer outro tipo de material de acervo, além de entrevistas com artistas e membros desta Casa, referentes às atividades de cultura e música que abrangem o folclore, o fado vadio, e iniciativas musicais relativas à cultura portuguesa e luso-brasileira.

O foco da pesquisa corresponde ao período de 1970 até os dias atuais. Mas todos os materiais anteriores a esta década serão bem-vindos para contextualizar a tese.

O objetivo é dar visibilidade à cultura portuguesa em movimento diaspórico na Casa do Minho, localizada no Rio de Janeiro; investigar quais os acontecimentos musicais que se mantêm pelo Século XXI, como o Rancho Folclórico Maria da Fonte e as apresentações de Fado-vadio, e verificar a valoração de tais elementos culturais na vida dos imigrantes, dos luso-brasileiros e da sociedade em geral, público que frequenta a Casa do Minho.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Letras e Artes - CLA
Programa de Pós-Graduação em Música - PPGM
Mestrado e Doutorado

Fico a disposição para quaisquer esclarecimentos.

Desde já, agradeço.

Professor Dr. Clifford Hill Korman
Orientador

Professor Dr. Alexandre Fenerich
Coordenador do PPGM

ANEXO 6 – HINO DA CASA DO MINHO LETRA E MELODIA**HINO DO MINHO**

Ó POVO LABORIOSO E SONHADOR,
DOS CELTAS, DOS IBEROS DESCENDENTES:
TEUS DOTES, TEU CARÁCTER, TEU PENDOR
TE FAZEM ESTIMAR POR TODA A GENTE.

NUNO GONÇALVES, HERÓI DE FARIA,
LA-DEU-MARTINS VENCEU SITIANTES;
MARIA DA FONTE, DE HEROÍNAS GUIA,
CANTADA EM PROSA COMO EM POESIA,
GENTES DO MINHO, ALMAS CREPITANTES.

Ó TERRAS LINDAS, FÉRTEIS, GENEROSAS,
Ó VALES QUE DÃO VINHAS DE ENFORCADO;
Ó MONTES DE VERTENTES CAPRICHOSAS,
TRECHOS DO ÉDEN QUE DEUS MANTÉM CUIDADO.

EM BRAGA AUGUSTA REZA A NAÇÃO,
VIANA FAZ CONSTRUÇÃO NAVAL:
VIZELA VESTE A POPULAÇÃO
MEDE-SE O TEMPO EM FAMALICÃO,
E EM GUIMARÃES NASCEU PORTUGAL.

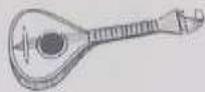
TEU POVO, QUANDO SE AUSENTA DA GREI,
LEVA CONSIGO, Ó MINHO, UM GRANDE AMOR
AO MUNDO E A TI, PORQUE, TAL QUAL O REI
AFONSO HENRIQUES, É CONQUISTADOR.

Maurício Chantal
(José Pereira Torres)

O Minho

(Música)

O Mi ... nha jun tas Co mi ... nha a Mui... ga... ca por Mon çã...e Por Va ...benção por Cor
 vel... ra Em Maria com... Bi... na ção Braga e oia na ca pi tais Ecubrasi ori uis bel
 da des Borce tes, Fa ma li cã — E qui ma rões as ci da des
 da des



**ANEXO 7 – LISTAGEM COM AS LETRAS DAS PRINCIPAIS MÚSICAS
CANTADAS PELO RANCHO FOLCLÓRICO MARIA DA FONTE**

ADEUS AO MINHO

Adeus Minho querido
Adeus vou te deixar
Adeus parto embalado
Na esperança de cá voltar

Coragem não esmoreço
E não esqueço a minha dor
Trago dentro de meu peito
A linda imagem do teu amor

Águas do Tejo
Dizei se pode ser
Dizei se ainda
O Minho eu torno a ver
Ó que ventura
Eu cá tornar a vir
Adeus, adeus
Adeus eu vou partir

VIRA DA PONTA DA BARCA

Boa noite, meus senhores
Ainda agora aqui cheguei
Sou do Maria da Fonte
Rancho que sempre amei

(coro)
O vira, o vira, ovira
O vida da Ponte da Barca
Oh! Minha Ponte da Barca
Oh! Terra de lá de cima
Tens lindas casinhas brancas
Viradas pro Rio Lima

Hei de cantar, hei de riri modificação:(Hei de cantar, hei de rir)
Hei de ser muito alegre
Quem não me quiser ouvir
Peço, ai senhor que o leve

Adeus que me vou embora modificação: (antes era: Adeus, de cá já me vou)
Adeus que me vou embora
Vou daqui pra minha terra
Eu desta terra nada sou

VIRA DE SÃO MARTINHO

Quem nunca vai a São Martinho
 Nunca viu um arraial
 Quem não vai a São Martinho
 Nunca viu um arraial
 Viva a nossa freguesia
 Rainha de Portugal
 Rainha de Portugal
 Ô Lari lali lô léla

Terreiro de São Martinho
 Hei de mandar varrer
 Terreiro de São Martinho
 Hei de mandar varrer
 Com uma vassoura de prata
 Que d'Ouro não pode ser
 Que d'Ouro não pode ser
 Ô Lari lali lô léla

OH! São Martinho da Gandra
 Terra da minha alegria
 OH! São Martinho da Gandra
 Terra da minha alegria
 Não há terra mais bonita
 Do que a nossa freguesia
 Do que a nossa freguesia

VIRA CRUZADO

Antonio, lindo, Antonio
 Antonio lindo rapaz
 Teus olhos de enganador
 Não sei se me enganarás

Eu gosto de ti
 Tu de mim não gostas
 Eu falo pra ti
 Tu viras-me as costas

Senta-te aqui Antonio
 Tu nessa pedra eu noutra
 E aqui choraremos ambos
 A nossa ventura pouca

Eu faço-te a cama
 Eu ponho-te a mesa
 Eu caso contigo

Com toda a certeza

VIRA DAS PALMAS (MEADELA)

Hei de cantar, hei de rir
 Hei de ser panto milheira
 Hei de meter malho aos moços
 Enquanto eu for solteira

Coitadinho de quem tem
 Dois amores na mesma rua
 Passa por um diz adeus
 O outro lago anua

Sou do Minho, sou do Minho
 De Viana natural
 Quem não conhece Viana
 Não conhece Portugal

VIRA DA BOA VIAGEM

Quando tu “sais” para o mar
 Fico só e muito triste
 Mas quando te vejo entrar
 Só em mim alegria existe

Meu amor, meu amor, meu amor
 Dá-me um beijo, dá-me um beijo dá
 Pescador, pescador, pescador
 Desta boca salgada da cá modificação: (Desta boca salgada me dá)

Meu amor está pescando
 Ai, nas águas deste mar
 E eu a virgem vou rezando
 Para boa sorte lhe dar

(Refrão)
 Senhora da boa viagem
 OH! Minha rica santinha
 Dá-lhe a luz da nossa imagem
 Para entrar no Porto de Vinha

(Refrão)
 Dele tende compaixão
 Dá-lhe força e coragem
 Dá-lhe vossa salvação
 Senhora da Boa viagem

VIRA DE SÃO MAMEDE

Junto do Cruzeiro iremos rezar
 E a São Mamede iremos dançar
 Naqueles velhos penedos
 Trocaremos os nossos segredos

Essas sete casas lá do teu lugar
 São abençoadas pelo teu olhar
 São Mamede, um favor te queria
 Santo Antônio, nos case um dia

VIRA DE VIANA

Viana, eu não te vejo
 Viana te quero ver
 Esta saudade me mata
 E eu não quero morrer

Vira, vira, vira eu sou de Viana
 Vira, vira, vira cidade princesa
 Vira, vira, vira minha terra amada
 És a bela fada desta natureza

De longe vido contigo
 De perto muito te adoro
 Um sonho trago comigo
 Casar onde vivo e moro

(Refrão)
 Paisagem de encantamento
 Terra de som e magia
 É o maior divertimento
 Com as festas da agonia

(Refrão)
 Quero viver e sorrir
 Quero viver a cantar
 Viana é a mais linda terra
 Que é beijada pelo mar

VIRA DE SANTA MARTA

Ó Rancho de Santa Marta,

Com tu não há igual
 És o rancho mais bonito
 Do norte de Portugal

Terreiro de Santa Marta
 Hei de te mandar varrer
 Com uma vassoura de prata
 Que d'Ouro não pode ser

Quem não vai a Santa Marta
 Nunca viu um arraial
 Viva a nossa freguesia
 Rainha de Portugal

CHULA VELHA

Ô Chula vareira chula
 Ô Chula vareira chula
 É velha está pra acabar
 É velha está pra acabar

Sempre foi minha alegria
 Sempre foi minha alegria
 A Chula velha cantar
 A Chula velha cantar

Ô Chula ô linda chula
 Ô Chula ô linda chula
 Ô Chula verde vareira
 Ô Chula verde vareira

Por causa de ti ó chula
 Por causa de ti ó chula
 Perdi uma noite inteira
 Perdi uma noite inteira

Ô Chula ô linda Chula
 Ô Chula ô linda Chula
 Ô Chula da minha aldeia
 Ô Chula da minha aldeia

Toda noite danço a chula ou (bato a chula)
 Toda noite danço a chula
 Mesmo a luz da candeia
 Mesmo a luz da candeia

Boa noite, meus senhores
 Boa noite, meus senhores
 A chula vai terminar
 A chula vai terminar

Boa noite, meus senhores
 Boa noite, meus senhores
 A chula vai acabar
 A chula vai acabar

CHULA DE VIANA (SANTA MARTA)

Hô i, Hô, Ai
 Boa noite, meus senhores
 Boa noite, meus senhores
 Mais cedo não pode vir,
 Hô i, Hô, Ai
 Mais cedo não pode vir
 Vinho, há mais tempo modificação: (Venho, há mais tempo)
 Das tuas falas ouvir

Hô i, Hô, Ai
 OH coração, oh pombinha
 Oh coração, oh pombinha
 Oh ares da primavera,
 Hô i Hô , Ai
 Oh, ares da primavera,
 Só queria adivinhar
 Atua ideia qual era

Hô i, hô ai
 Rapariga cantai todas
 Rapariga cantai todas
 Rapazes, cantai com elas
 Hô i, hô ai
 Rapazes cantai com elas
 Aqui não há o que dizer
 Nem a ele, nem a ela

Hô i, hô ai
 Eu já ouvi cantar o cuco
 Eu já ouvi cantar o cuco
 Em cima da vaca loura
 Hô i, hô ai
 Em cima da vaca loura
 As mulheres comem à mesa
 Os homens na manjedoura

Hô i, Hô ai
 Ao saltar um carreirinho,
 Ao saltar um carreirinho
 Pousou pé na violeta
 Hô i, Hô ai

Pousou pé na violeta
 Quem não souber namorar
 Em tal coisa não se meta

Hô i, Hô ai
 Oh Castelo de Viana,
 Oh Castelo de Viana,
 Vi um lenço acenar

Hô i, Hô ai
 Vi um lenço acenar
 Nunca chorei por amor
 Agora quero chorar

CHULA DE RODA

Boa noite, meus senhores
 Inda agora que cheguei
 Somos da Casa do Minho
 Casa que sempre amei

São Bento da porta aberta
 É o pai dos pescadores
 É o rancho Maria da Fonte
 É o rei dos dançadores

Eu ia por Braga abaixo
 Ouvi cantar e parei
 Uma modinha tão linda
 Quem a cantava eu não sei

Na saída de Viana
 Vi um lenço acenar
 Nunca chorei por amor
 E agora quero chorar

A boa sardinha assada
 Ô caldo verde e o vinho
 Só no arraial minhoto
 Da Quinta de Santoinho

Adeus que me vou embora
 Adeus que me embora vou
 Vou daqui pra minha terra

Que eu desta terra não sou

CHULA DA MEADELA

Oh que linda troca d'olhos
Fizeram-me agora ali
Trocaram seus olhos pretos
Por uns azuis que eu bem vi

Debaixo do chapéu andam
Olhinhos de namorar
Não amo a mais ninguém
A mais ninguém hei de amar

Da minha janela a tua
Vai o salto de uma cobra
Ainda espero em chamar
A tua mãe minha sogra

Os homens são como as cobras
Quando largam a peçonha
Nem solteiros nem casados
Nem viúvos têm vergonha

CHULA BATIDA

Oh, chula batida, oh velha chula
É velha está para acabar
Gosto de cantar a chula,
Ai, oh chula vareira chula
De noite a luz do luar

Oh, chula, oh velha chula
Oh, chula que é que é
Eu já vi dançar a chula
Ai, oh chula vareira chula
E a bater assim o pé

Oh, chula, oh velha chula
Oh, chula, meu amorzinho
És a chula mais bonita
Ai, oh chula vareira chula
Que existe no Alto Minho

CHULA DA AREOSA

Fui ao céu por uma linha
De uma nuvem fiz encosto
Dei um beijo numa estrela

Julgando que era teu rosto

O anel que tu me deste
 Não usei nem o vendi
 Dei-te da ponte abaixo modificação: (Dei-te abaixo da ponte)
 Também te deitava a ti

Hei de cantar, hei de rir,
 Hei de ser muito alegre (BIS)
 Hei de mandar a tristeza
 Pro diabo que a leve

Pus-me a contar às avessas
 As pedras de uma coluna
 Nove, oito, sete, seis
 Cinco, quatro, três, dois, uma

CHULA DA CANA VERDE

Eu pintei a cana verde
 Eu pintei a cana verde
 Eu pintei a cana verde
 Nos ferros da tua cama

Eu pintei a cana verde
 Eu pintei-a como quis,
 Eu pintei a cana verde,
 Na cana do teu nariz

GOTA DE MEADELA

Se queres que eu cante a gota
 Ai, dai-me vinho ou dinheiro
 Q`uesta minha gargantinha
 Ai, não é fole de ferreiro

A gota de meadela
 Ai, é diferente de outras mais
 As nossas danças são lindas
 Ai, encantam, não tem rivais

Adeus, ó terra de encanto
 Ai, ó meadela querida
 Nos teus caminhos passeiam (BIS)
 Ai, enlevos da minha vida

Meadela, Meadela,
 Ai, Meadela é minha terra
 Não há no Minho tão lindo
 Ai, assim aldeia tão bela

Ó torrão abençoado,

Ai, aldeia formosa e bela
 Foi num momento inspirado
 Ai, que Deus fez a Meadela

O rio Lima em Viana,
 Ai, vai da igreja a braço-dado
 A Meadela é a cauda
 Ai, do vestido de noivado

Ó Viana do Castelo,
 Ai, só tu me destes paixão
 Onde tenho e não nego
 Ai, raízes do coração

GOTA DE AFIFE

Afife por ser Afife
 E ter o nome que tem
 Não há gente como a nossa
 Para amar e querer bem

Lá vai o sol abaixo
 Já lá vai a luz do dia
 Já lá vai o meu amor
 Com quem me divertia

Cravo branco à janela
 É sinal de casamento
 Menina recolha o cravo
 Que o casar tem muito tempo

Solteirinha não te cases
 Goza-te da boa vida
 Já a vi uma casada
 A chorar arrependida

Eu casei-me por um ano
 Para ver a vida que era
 O ano está a acabar
 Solteirinha quem me dera

Minha sogra tem-me raiva
 Meu sogro raiva me tem
 No meio de tanta raiva
 Só o filho me quer bem

Amanhã é dia Santo
 Eu vou à missa do dia
 Só pra ver o meu amor
 À porta da sacristia

GOTA MINHA GOTA (CARRÊÇO)

As ondas do mar são brancas
 No meio são amarelas
 Coitadinho de quem nasce
 Pra morrer no meio delas

Oh, farol de Monte D'Or
 Alumia cá pra baixo
 Eu perdi o meu amor
 Às escuras não o acho

Ai terra de Carrêço
 Terra dos grandes bailados
 Terra das moças bonitas
 E dos moços engraçados

Rapazes quando morrer
 Levai-me devagarinho
 À Porta do meu amor
 Descansai um bocadinho

CANA VERDE DESGARRADA

Boa noite, meus senhores,
 Eis o Minho verdadeiro
 Com o Maria da Fonte
 Cá do Rio de Janeiro

São Bento da porta aberta
 É o pai dos pescadores
 É o Maria da Fonte
 É o rei dos dançadores

Eu ia por Braga abaixo
 Ouvi cantar e parei
 Uma modinha tão linda
 Ia cantá-la e não sei

Oh! Lampião das esquinas
 Alumia cá pra baixo
 Eu perdi o meu amor
 Às escuras não o acho

FAROL DO MONTEADOR

Ó farol do Montedor, oai, oai,
 Ó farol de Montedor,
 Alumia cá pra baixo, oai, oai,

Alumia cá pra baixo, oai, oai,
 Eu perdi o meu amor,
 Às escuras não o acho, oai, oai,
 Às escuras não o acho, oai, oai,

É noite o sol já está posto, oai, oai,
 É noite o sol já está posto, oai, oai
 E o meu amor que não vem, oai, oai,
 E o meu amor que não vem, oai, oai,
 Ou o mataram a ele, oai, oai
 Ou o mataram a ele, oai, oai,
 Ou ele matou alguém, oai, oai
 Ou ele matou alguém, oai, oai

Ò farol de Montedor, oai, oai,
 Ó farol de Montedor,
 Põe a bandeira de luto oai, oai
 Põe a bandeira de luto oai, oai
 Foi-se embora o meu amor oai, oai
 Foi-se embora o meu amor,
 Tenho pena choro muito oai, oai
 Tenho pena choro muito oai, oai

MEADELA, MEADELA

Meadela, Meadela,
 Oh terra dos namorados,
 Terra das moças bonitas
 E dos rapazes engraçados

Se fores a Meadela,
 Não vá lá com desmazelo
 Vai ver o brio das moças
 Na ponte de Portuzelo

Chamaste-me moreninha,
 Isso é do pó da eira
 Ai de me ver aos domingos
 Como a rosa na roseira

Quem te disse o pau de bucho
 Que servia para as colheres
 A mentira é dos homens
 A verdade é das mulheres

CANTARES DE PORTUGAL

(Arranjo de B. Reis)

É uma casa portuguesa, com certeza
 É com certeza uma casa portuguesa,
 Numa casa portuguesa fica bem

Pão e vinho sobre a mesa

Quando a porta humildemente bate alguém
Senta-se à mesa da gente
Fica bem esta franqueza fica bem
Que o povo nunca desmente
A alegria da pobreza
Está nesta grande riqueza
De dar e ficar contente

Quatro paredes caiadas
Um cheirinho de alecrim
Um cacho de uvas douradas (doiradas)
Quatro rosas num jardim
Um São José de azulejo
Mais o sol da primavera
Uma promessa de beijos
Dois braços a minha espera
É uma casa portuguesa, com certeza (BIS)
É com certeza uma casa portuguesa

ANEXO 8 – ESTATUTO DA CASA

CAPÍTULO I

FUNDAÇÃO – DENOMINAÇÃO – SEDE E FORO

Art. 1º A CASA DO MINHO, fundada em 8 de março de 1924, é uma sociedade civil, autônoma, de Direito Privado, sem fins lucrativos e tempo indeterminado de duração, composta de ilimitado número de associados, sem qualquer distinção de crença, raça, cor, sexo, preferência partidária ou categoria social, nacionalidade e profissão, e, de acordo com o Código Civil Brasileiro, Lei nº 10.406 de 10/01/2002 e alterado pela Lei nº 11.127 de 28/06/2005. Rege-se-á pelo presente estatuto e normas de direito que lhes são aplicáveis.

§ 1º - A CASA DO MINHO poderá exercer as suas atividades em qualquer parte do Território Nacional, devendo os seus recursos serem aplicados integralmente no país, na manutenção e desenvolvimento dos objetivos associativos;

§ 2º - A CASA DO MINHO é vedado imiscuir-se em manifestações político-partidárias ou de religião.

Art. 2º - A CASA DO MINHO tem por sede e foro, a Cidade do Rio de Janeiro – Estado do Rio de Janeiro, situada no bairro do Cosme Velho à Rua Cosme Velho nº 60 – CEP nº 22241-090.

CAPÍTULO II

FINS – EMBLEMA E CONSTITUIÇÃO

Art.º 3º - São seus fins:

- a) Promover a fraternidade luso-brasileira, a prática de todas as atividades desportivas, recreativas, culturais e sociais e difundir o culto à Comunidade Lusíada.
- b) Pugnar pelos interesses da região do Minho, tornando conhecida a história, belezas naturais e divulgando o seu folclore.
- c) Manter a Escola Dr. Nuno Simões, sempre em caráter público e gratuito, como contribuição para alfabetização de adultos, sem distinção de raça, cor, sexo e religião.
- d) Manter uma biblioteca para uso de associados e seus familiares.
- e) Manter o Rancho Folclórico Maria da Fonte, o Rancho Juvenil, o Rancho dos Veteranos, o Museu do Folclore e a Sala de Troféus.

- f) Manter registrado os títulos: “CASA DO MINHO “, “RANCHO FOLCLÓRICO MARIA DA FONTE” e “ARRAIAL MINHOTO QUINTA DE SANTOINHO”, nos órgãos competentes.

DA BANDEIRA

Art.º 4º - A Bandeira que constitui a divisa adotada por seus fundadores, tem a seguinte composição:

- a) Um quadrilátero branco, tendo ao centro um escudo composto de Cruz de Cristo (Símbolo da Fé), Esfera Armilar do Escudo Português (Símbolo das Descobertas) e os brasões das quatro Cidades do Minho: Braga, Viana do Castelo, Guimarães e Barcelos. Uma faixa vermelha, da esquerda para a direita, de baixo para cima (símbolo do sangue português derramado em todo o mundo).
- b) Na parte superior, em letras góticas, a legenda CASA DO MINHO.

CAPÍTULO III

DOS ASSOCIADOS

Art.º 5 - A CASA DO MINHO compõe-se das seguintes classes de associados: a) Fundadores

- b) Presidente de Honra
 c) Grandes Beneméritos
 d) Beneméritos
 e) Grandes Minhotos
 f) Grandes Benfeitores
 g) Benfeitores
 h) Proprietários
 i) Contribuintes
 j) Remidos
 k) Honorários
 l) Colaboradores
 m) Juvenis
 n) Dependentes

DEFINIÇÕES DOS ASSOCIADOS

1. – Presidente de Honra – Aquele a quem, por homenagem excepcional, por elevados serviços prestados à CASA DO MINHO, o Conselho Deliberativo, conferiu tal título.
2. – Fundadores – Os que assinaram ata de fundação e os que iniciaram o pagamento de suas mensalidades até o mês de julho de 1924.

3. – Grande Minhoto – São os que contribuíram para o patrimônio social da instituição com valor igual a 70 (setenta) TR (taxa referencial).
 - a) – Este título é pessoal e intransferível dado a sua relevância.
 - b) – Pode ser Grande Minhoto ou não associado, desde que preencha as exigências dos Estatutos.;
 - c) – O número de Grandes Minhotos se limita a 150 (cento e cinquenta) e somente nos casos de falecimento , desistência ou eliminação, poderá haver novas admissões.
 - d) – O Grande Minhoto só poderá votar e ser votado, quando completar 2 (dois) anos de efetividade no quadro social.
4. – Grandes Beneméritos - São os que já possuindo o título de Benemérito, por novos e relevantes serviços prestados à CASA DO MINHO, venham a ser julgados merecedores desta honraria.
5. – Beneméritos – São os agraciados com esse título por relevantes serviços prestados à CASA DO MINHO, com mais de 3 (três) anos de permanência no quadro social.
6. – Proprietários – Aqueles que possuam, pelo menos, um título de proprietário.
7. – Contribuintes - Os que após terem suas propostas aprovadas pela Diretoria, contribuirão com mensalidade a ser fixada pela Diretoria, bem assim a taxa de joia e quaisquer outras em vigor na data de admissão.
8. – Grandes Benfeitores – É o título honorífico atribuído, aquele que já sendo benfeitor, tenha prestados novos serviços à CASA DO MINHO ou a algum de seus departamentos.
9. – Benfeitores – É o título honorífico atribuído a quem tenha prestado relevantes serviços à CASA DO MINHO ou algum de seus departamentos.
- 10.– Remidos – São os associados contribuintes que queiram de uma só vez liquidar o equivalente a 10 (dez) anos de contribuição.
- 11.– Colaboradores:
 - a) São pessoas que temporariamente prestem serviços à CASA DO MINHO, sem remuneração e sem vínculo associativo, podendo ser passíveis de contribuição;
 - b) O associado de qualquer categoria, que pratique qualquer modalidade de esporte ou exerça atividade artística, poderá ser isento do pagamento de taxas a critério da Diretoria.
- 12.- Honorários – Os que por seus altos méritos e serviços prestados à Comunidade Luso-Brasileira ou `a CAS DO MINHO, venham a ser distinguidos.
- 13.– Juvenis – Os filhos do associado, contando a idade acima de 14 (quatorze) anos, propostos por seus pais, ou pessoa julgada idônea, venham a ter sua proposta aprovada pela Diretoria e contribuam com mensalidade correspondente a 50% (cinquenta por cento) da fixada ao associado Contribuinte, até atingir a idade de 18 (dezoito) anos.
- 14.– Dependentes – Respeitadas as restrições deste Estatuto, poderão os associados obter, para cada pessoa de sua família, uma carteira social de uso individual e intransferível, para que possam gozar dos direitos que lhes são conferidos.
 - a) São consideradas como dependentes do associado, as seguintes pessoas:
 - I) – Esposa e mãe;
 - II) – Irmãs, filhas e enteadas, quando solteiras;
 - III) – Irmãs, filhas, enteadas, sogra e nora, quando viúvas ou desquitadas e que vivam sob a dependência econômica dele;
 - IV) – Filhos menores de 14 (quatorze) anos.

- b) Não poderá ser cobrada taxa de frequência à esposa do associado e dos filhos menores de 14 (quatorze) anos.
- c) Para cada dependente será emitido um comprovante de pagamento para os que estiverem sujeitos à taxa de frequência, e comprovantes gratuitos para a esposa do associado e dependentes menores de 14 (quatorze) anos.

Art.º 6º - Toda pessoa, a quem for concedida a Carteira de Dependente, ficará vinculada à CASA DO MINHO, respondendo, por seus atos, o respectivo associado.

Art.º 7º - Os pedidos de concessão de título de benemerência, formulados ao Conselho Deliberativo, pela Diretoria ou por membros do Conselho Deliberativo em número não inferior a 10 (dez), só poderão ser apreciados com o parecer da mesa da Assembleia Geral.

Art.º 8º – Não poderá ser concedido o título de benemerência ao associado que estiver em exercício de mandato eletivo, pela primeira vez.

CAPÍTULO IV

DIREITOS DOS ASSOCIADOS

Art.º 9º - São direitos dos associados contribuintes, remidos, titulados e proprietários:

- a) – Votar logo que tenham completado 18 (dezoito) anos de idade, e contém mais de 2 (dois) anos de efetividade no quadro social;
- b) Ser votado para membro do Conselho Deliberativo, logo que tenham completado 21 (vinte e um) anos de idade e 2 (dois) anos de efetividade no quadro social até a data da eleição.

Art.º 10º – São considerados associados titulados para efeito deste Estatuto, as seguintes classes de associados:

Presidente de Honra, Grandes Beneméritos, Beneméritos e Grandes Minhotos.

Art.º 11º - São direitos de todos os associados:

- a) – Frequentar a sede social, tomar parte nas reuniões sociais, utilizar-se de todas as dependências que lhe forem destinadas, apresentar sugestões à Diretoria, que possam concorrer para prosperidade da Casa;
- b) – Recorrer das penalidades que lhe forem impostas, nos termos do artigo 15 e suas alíneas.

Art.º 12º – O exercício de qualquer direito é sempre individual e intransferível salvo no que diz respeito ao de pessoas da família.

CAPÍTULO V

DEVERES E OBRIGAÇÕES DOS ASSOCIADOS

Art.º 13º - São deveres e obrigações de todos os associados:

- a) – Respeitar o Estatuto, regulamentos e atos emanados dos Órgãos competentes;
- b) – Conduzir-se com o máximo respeito dentro da sede ou onde a Casa estiver representada;
- c) – Indenizar a Casa por qualquer prejuízo ou dano causado por si, pessoa de sua família ou convidados;
- d) – Manter em dia as contribuições a que estiver obrigado por si e pessoas de sua família;
- e) Apresentar a carteira social no ato de ingresso na sede, quando lhe for solicitada por membros da administração, seus representantes ou prepostos.

CAPÍTULO VI

DAS PROIBIÇÕES

Artº 14º - É vedado a qualquer associado ou pessoa de sua família:

- a) – Discutir assuntos contrários aos interesses da CASA DO MINHO, em suas dependências;
- b) - Empregar expressões que redundem em desrespeito ao Poder Público, à entidade desportiva, religiosa ou a entidades coirmãs, bem como aos Poderes e órgãos da CASA DO MINHO;
- c) – Comportar-se deseducadamente, vestir-se de maneira inconveniente e praticar atos atentatórios à moral e aos bons costumes.
- d) – Emitir conceitos que possam ferir convicções particulares, políticas, religiosas ou patrióticas do associado e seus familiares.

CAPÍTULO VII

DAS PENALIDADES

Art.º 15º - As penalidades a serem aplicadas aos associados por infração do presente Estatuto, são as seguintes:

- a) – Advertência verbal
- b) – Suspensão por 30 a 365 dias
- c) – Desligamento
- d) – Eliminação

§ 1º - A pena de advertência será imposta ao transgressor primário por falta de pequena gravidade, anotada em sua ficha social;

§ 2º - A pena de suspensão por 30 a 365 dias se aplicará na reincidência e aos que:

- a) Infringirem qualquer dispositivo deste Estatuto ou Regulamento, tentarem contra a disciplina interna ou praticarem atos que deslustrem o bom nome da Casa.
- b) Cometerem atos de agressão dentro da sede, nas imediações ou onde a Casa esteja representada.
- c) Darem publicidade ou informes em questões privativas da Casa.

§ 3º - Incorrerão na pena de desligamento do quadro social, os associados que atrasarem o pagamento de suas contribuições por mais de três meses, restaurando-se a elas mesmas se normalizados os débitos dentro 30 dias.

Art.º 16º - As penalidades, salvo as de advertência, quando aplicadas a associados, suas consequências atingirão aos dependentes.

Artº 17º - Incorrerão na pena de eliminação, os associados que:

- a) - Reincidirem na falta de suspensão.
- b) - Cometerem falta grave que os incompatibilize com o meio social.
- c) - Transgredirem o disposto deste Estatuto.
- d) - Forem condenados por crime de qualquer natureza.

Art.º 18º - É facultado ao associado recurso da penalidade que lhe for imposta ou a seus dependentes:

- a) - No prazo de 10 dias da aplicação da penalidade, para a Diretoria, em termos de reconsideração. No caso de não ser atendido, poderá formular novo recurso para o Conselho Deliberativo, em última análise poderá recorrer à Assembleia Geral cuja decisão será irrecurável.
- b) - Na reunião em que for julgado o recurso do Conselho Deliberativo é facultado seu comparecimento para sustentar sua defesa ou instruir o mesmo.
- c) - Quando o associado não concordar com a decisão do Conselho Deliberativo, poderá recorrer à Assembleia Geral, cuja decisão será irrecurável.
- d) - O associado eliminado não poderá reingressar no quadro social, em qualquer categoria, sem prévia autorização do Conselho Deliberativo e se o fizer por burla, será desligado sem direito a restituição do que houver sido pago.

Art.º 19 - São competentes para aplicação das penalidades:

- a) - A Diretoria para os associados Proprietários, Contribuintes, Remidos, Honorários, Juvenis e Dependentes.
- b) - O Conselho Deliberativo para Fundadores, Presidente de Honra, Grandes Beneméritos, Beneméritos, Grandes Minhotos, Grandes Benfeitores e Benfeitoras.

Art.º 20º - Somente por falta grave poderá ser aplicada penalidade quando estiver convocada a Assembleia Geral.

CAPÍTULO VIII

CONTRIBUIÇÕES

Art.º 21º – As contribuições dividem-se em obrigatórias e especiais:

§ 1. São obrigatórias:

- a) – Joias, mensalidades ou anuidades de contribuintes e colaboradores.
- b) – Mensalidades e anuidades de associados dependentes.
- c) – As taxas de transferências.
- d) – As prestações de títulos de associados Proprietários.
- e) – As taxas de manutenção referente a títulos de associados proprietários, mesmo que estes estejam possuidores ou venham a ser, de outros títulos.

§ 2. São especiais:

As contribuições autorizadas pelo Conselho Deliberativo, para aplicação exclusiva aos fins determinados no ato de sua criação.

Art.º 22º - As mensalidades são devidas até o dia 10 de cada mês.

CAPÍTULO

DOS PODERES E ÓRGÃOS

Art.º 23º - São órgãos da associação:

- a) – Assembleia Geral
- b) – Conselho Deliberativo
- c) – Comissão Fiscal
- d) – Diretoria Administrativa

§ Único – Os membros dos órgãos da Associação, dirigentes, ou Conselheiros, não perceberão qualquer tipo de remuneração.

Art.º 24º - A Assembleia Geral compõem-se de todos os associados em pleno gozo de seus direitos, com no mínimo de 2 (dois) anos de efetividade; salvo os Grandes Benfeitores, Benfeitores, Honorários, Colaboradores, Juvenis e Dependentes.

- a) – A Mesa da Assembleia Geral será composta de: Presidente, Vice-Presidente, e primeiro e segundo Secretário, que serão eleitos pela Assembleia Geral constituída, sendo o seu mandato de 3 (três) anos, ocorrendo sempre na segunda quinzena de fevereiro.
- b) – A reeleição dos membros da Mesa da Assembleia Geral só será permitida uma única vez.

Art.º 25º - É de competência da Assembleia Geral:

- a) Eleger o seu Presidente, Vice-Presidente, Primeiro Secretário e Segundo Secretário;
- b) Eleger os 20 membros Efetivos do Conselho Deliberativo e 5 membros suplentes;
- c) Destituir membros da Mesa do Conselho Deliberativo;
- d) Destituir membros da Comissão Fiscal;
- e) Destituir membros da Diretoria Administrativa;
- f) Alterar o Estatuto quando se tornar obrigatório por força de lei ou quando o Conselho Deliberativo, a Comissão Fiscal e a Diretoria Administrativa nas pessoas de seus mandatários, assim o acharem necessário

Art.º 26º - A Assembleia Geral será convocada pelo seu Presidente da Diretoria, com antecedência de 10 (dez) dias, e publicada por editais em dois jornais de grande circulação, sendo um no meio português.

- a) – Em reunião ordinária, de três em três anos, na 2ª quinzena do mês de fevereiro, para eleger 20 membros efetivos e 5 membros suplentes para o Conselho Deliberativo.
- b) – Em reunião extraordinária, por determinação da mesa da Assembleia Geral e para os fins expressos no Edital de Convocação, ou ainda por meio de requerimento assinado por 25 (vinte e cinco) associados, com exposição de motivos.
- c) - Em reunião especial, quando tiver que deliberar sobre a liquidação da Casa, de conformidade com o artigo 90 do Capítulo XII.

Art.º 27º – As Assembleias funcionarão:

- a) – Em primeira convocação quando até a hora fixada nos Editais tenham assinado o livro de presenças, no mínimo 50 (cinquenta) associados, todos em pleno gozo de seus direitos. Na falta de número para primeira convocação, considerar-se-á 30 (trinta) minutos, após constituída legalmente em segunda convocação, com o quórum acusado pelo livro de presença.
- b) – O Presidente da Assembleia, abrirá os trabalhos expondo os motivos da reunião, quando extraordinária, fará ler a ata da reunião anterior, submeter à apreciação, caso ainda não esteja aprovada.

Art.º 28º - Quando houver eleições, para a mesa da Assembleia Geral e para o Conselho Deliberativo, o Presidente da Assembleia Geral convidará dois associados para escrutinadores, iniciando-se a sessão com a leitura do edital de convocação, e do expediente que se encontrar na mesa. Em seguida, distribuirá envelopes iguais, e suspenderá a sessão, pelo tempo que for julgado suficiente para que todos os presentes se munam da respectiva cédula. Reaberta a sessão, ordenará a um dos secretários, para que pelo livro de presença seja feita a chamada única, no caso de divergência entre o número de cédulas e de assinaturas, anulará a votação e ordenará nova chamada. Se julgar certa, ordenará aos escrutinadores que procederem a apuração. Proclamará os eleitos, marchando-lhes a primeira reunião para 15 (quinze) dias após, quando será instalado o Conselho e tomará posse.

§ 1º - As chapas não poderão conter emendas nem rasuras; no caso de nomes iguais deverão conter o nome e número da matrícula. Não concorrerão à eleição as chapas que não forem registradas na Secretaria da Casa com antecedência mínima de 10 (dez) dias, até a data para Assembleia.

§ 2º - A nenhum associado será permitido assinar o livro de presenças, sem que comprove sua condição de associado.

CONSELHO DELIBERATIVO

Art.º 29º - O Conselho Deliberativo terá o mandato de 3 (três) anos, eleito um ano após a eleição da mesa da Assembleia Geral, na primeira quinzena de abril, cabendo-lhe todas as atribuições não especificamente atribuídas aos outros poderes.

Art.º 30º - O Conselho Deliberativo é constituído por:

- a) Como membros natos, os associados Fundadores, Presidente de Honra, Grandes Beneméritos, Beneméritos e Grandes Minhotos.
- b) Por 20 (vinte) membros eleitos pela Assembleia Geral, entre os associados pertencentes às classes de remidos, proprietários e contribuintes.
- c) Na mesma chapa para eleição dos 20 (vinte) membros efetivos, entre os associados 5 (cinco) membros como suplentes que serão chamados a preencher as vagas que vierem a ocorrer durante o mandato.

Art.º 31º - O Conselho Deliberativo, reunir-se-á 15 (quinze) dias após a sua eleição para eleger a mesa que dirigirá os trabalhos durante o seu mandato e que será composta de: Presidente, Vice-presidente, Primeiro e Segundo Secretário.

§ 1. A primeira reunião, considerada de instalação, será aberta pelo Presidente da Assembleia Geral que elegeu o Conselho Deliberativo. Processada a eleição mesa, dar-lhe-á posse cabendo a este o prosseguimento dos trabalhos.

§ 2. Reunir-se-á anualmente na primeira quinzena de abril, exclusivamente, para tomar conhecimento da atividade financeira da Diretoria.

- a) - Conhecer, discutir e julgar o relatório da prestação de Contas apresentado pela Diretoria.
- b) - Tomar conhecimento do parecer da Comissão Fiscal.
- c) - Eleger o Presidente, 1º e 2º Vice-presidentes da Diretoria, e homologar os diretores os diretores apresentados pelo Presidente.
- d) - Eleger a Comissão Fiscal composta de 3 (três) membros efetivos e 3 (três) suplentes.

§ 3. Para eleição de Presidente da Diretoria e seus Vice-Presidentes, as chapas concorrentes serão registradas na secretaria da Casa e protocoladas com 10 (dez) dias antes da eleição. Sendo facultado aos candidatos o fornecimento de relação dos associados elegíveis mediante solicitação por escrito.

Art.º 32º - O Conselho Deliberativo, reunir-se-á extraordinariamente sempre que ao seu Presidente for requerido:

- a) Pelo Presidente da Diretoria.
- b) Pela Comissão Fiscal.
- c) Por petição assinada por um mínimo de 15 membros do Conselho Deliberativo.
- d) Por petição assinada por 1/5 de associados, em pleno gozo de seus direitos sociais. § Único: - Nas reuniões extraordinárias, tratar-se-á exclusivamente da matéria para a qual forem convocadas.

Art.º33º- Nas reuniões ordinárias, finda a matéria de convocação poder-se-á tratar de assuntos julgados pela maioria de interesse da CASA DO MINHO.

Art.º 34º - Os cargos das mesas da Assembleia Geral e do Conselho Deliberativo, não poderão ser exercidos por membros pertencentes à Diretoria ou à Comissão Fiscal.

Art.º35º - Na ausência do Presidente e do Vice-Presidente do Conselho Deliberativo, a hora marcada para abertura de trabalhos será dirigida por um membro da mesa do Conselho Deliberativo a ser indicado pela maioria,

Art.º 36º - O Conselho Deliberativo funcionará, em primeira convocação se à hora fixada pelo Edital, o livro de presenças, contiver assinatura de 25 (vinte e cinco) de seus membros. Funcionará, entretanto, legalmente, 30 (trinta) minutos após, com o quórum apresentado pelo livro de presenças.

Art.º - 37º - Perderá o mandato:

- a) O membro que deixar de comparecer a duas reuniões consecutivas, sem justificativa.
- b) Retirar-se da reunião sem o prévio consentimento do Presidente da mesa.
- c) Usar de linguagem imprópria e advertida reincidir na falta.

Art.º - 38º - Todas as reuniões do Conselho Deliberativo, serão convocados pelo seu Presidente ou seu substituto, devendo, entretanto, seus membros serem avisados por carta.

Art.º - 39º - Compete ao Conselho Deliberativo:

- a) Eleger o Presidente e os 1º e 2º Vice-Presidentes da Diretoria e membros do Conselho Fiscal, por escrutínio secreto, se houver mais de uma chapa.
- b) Julgar as contas e relatórios da Diretoria, anualmente.
- c) Conceder ou não a readmissão de sócios eliminados.

- d) Conceder licença ao Presidente da Diretoria, quando este a solicitar por prazo superior a 60 (sessenta) dias,
- e) Conceder os títulos de Benemerência.
- f) Criar contribuições especiais.
- g) Atribuir valores dos títulos de associados proprietários.

Art.º - 40º - Para a concessão de títulos de Benemerência, de que tratam os artigos 7º e 8º apresentados pela Diretoria, ou por membros do Conselho, a mesa somente os levará a resolução, se acompanhados de justificativa, mas serão submetidos obrigatória e individualmente à votação.

Art.º - 41º - Qualquer assunto resolvido pelo Conselho Deliberativo não poderá voltar à pauta, sem que haja decorrido o prazo mínimo de 1 (um) ano.

Art.º - 42º - As Atas das reuniões a Assembleia Geral e do Conselho Deliberativo, serão sempre lavradas em livros próprios devidamente legalizados e quando não aprovadas na própria reunião, será delegado poderes a uma comissão composta de 3 (três) membros para em seu nome, conferir e aprovar dentro do prazo de 72 (setenta e duas) horas seguintes a ata juntamente com a mesa.

COMISSÃO FISCAL

Art.º - 43º A Comissão Fiscal será composta de 3 (três) membros, sendo 1 (um) Presidente e 2 (dois) vogais. Serão ainda eleitos 3 (três) suplentes.

A Comissão Fiscal incumbe:

- a) Examinar mensalmente os balancetes e escrituração do Departamento Financeiro.
- b) Comunicar ao Presidente da Diretoria, qualquer falta observada, e não corrigida.
- c) Dar parecer, por escrito, sobre os relatórios apresentados pelo Presidente da Diretoria, o qual os encaminhará ao Conselho Deliberativo com o seu parecer, para aprovação ou não.

DA DIRETORIA

Art.º - 44º - A CASA DO MINHO será administrada por uma Diretoria, com mandato de 3 (três) anos a iniciar-se na primeira quinzena de maio, exercida sem remuneração e assim constituída: a) – Presidente

- b) – Primeiro e Segundo Vice- Presidentes
- c) – Nove Departamentos

DEPARTAMENTOS

Art.º - 45º - Os Departamentos são:

- a) Secretaria
- b) Financeiro
- c) Patrimônio
- d) Atividades Internas
- e) Cultural e Artístico
- f) Social
- g) Divulgação
- h) Relações Externas
- i) Esportes e Recreação

Art.º - 46º - Os Departamentos serão constituídos de primeiro e segundo diretores, podendo cada departamento indicar diretores auxiliares.

Art.º - 47º - A Diretoria reunir-se-á semanalmente para tratar de assuntos relativos à instituição, no mínimo, com um terço de seus componentes.

Art.º - 48º - Poderão os diretores solicitar licença de seus cargos, por prazo máximo de 60 (sessenta) dias, não podendo ser licenciados mais de quatro diretores no mesmo período.

Art.º - 49º - Perderá o mandato o diretor que deixar de comparecer a quatro reuniões consecutivas, sem apresentar justificativa válida perante a diretoria,

Art.º - 50º - As vagas ocorridas na Diretoria serão preenchidas por novos diretores, indicados pelo presidente e homologados pelos demais.

Art.º - 51º - Os cargos vagos a menos de 90 dias do término do seu mandato poderão ser preenchidos a critério da Presidência.

Art.º - 52º - O mandato da Diretoria é trienal, não sendo permitida mais de duas reeleições para o mesmo cargo.

Art.º - 53º - Vagando o cargo de Presidente, assume o Primeiro-Vice e na falta deste, o Segundo, comunicando dentro de 72 horas ao Presidente do Conselho Deliberativo, que convocará o Conselho para homologação.

Art.º - 54º - No caso de vagar os cargos de 1º e 2º Vice-Presidentes, o Conselho Deliberativo se reunirá dentro de 30 dias para eleger os novos titulares, assumindo a mesa do Conselho a administração da Casa, durante este período.

Art.º - 55º - Havendo renúncia, perda de mandato, ou exoneração de qualquer diretor de departamento, fica este obrigado a prestação de contas ao seu substituto, por prazo de 5 (cinco) dias com a presença do Presidente da Diretoria, e sendo do Financeiro, deverá ter também a presença da Comissão Fiscal.

Art.º - 56º - Sem prejuízo das responsabilidades atribuídas aos demais diretores no exercício das suas funções, é o Presidente responsável perante o Conselho Deliberativo, pela Administração Geral.

Art.º - 57º - Ocorrendo renúncia do Presidente, serão considerados demissionários todos os diretores de departamento, permanecendo, entretanto, nos cargos até a posse dos seus substitutos.

DA COMPETÊNCIA DA DIRETORIA

Art.º - 58º - Além das funções previstas no presente Estatuto, compete à Diretoria:

- a) – Cumprir e fazer cumprir as suas determinações.
- b) – Elaborar regulamentos internos submetendo-os à apreciação e aprovação do Conselho Deliberativo.
- c) – Impor penalidades, aceitar ou recusar propostas de candidatos ao quadro social.
- d) – Propor ao Conselho Deliberativo a concessão de títulos honoríficos.
- e) – Conceder títulos de associados honorários.
- f) – Providenciar, nas épocas próprias, a afixação em lugar visível aos associados, com antecedência mínima de 30 dias da Assembleia Geral, a relação contendo nome, matrícula e condições de elegibilidade para o Conselho Deliberativo.
- g) – Atribuir valores às mensalidades dos associados contribuintes.
- h) – Aceitar atividades de colaboradores.

PRESIDENTE

Art.º - 59º - Além de outras atribuições previstas neste estatuto inerentes ao desempenho do cargo, ao Presidente incumbe:

- a) – Convocar e presidir as reuniões da Diretoria.
- b) – Ter ingerência em todos os cargos da administração.
- c) – Representar a CASA, em juízo ou fora dele, podendo constituir procuradores ou mandatários.
- d) – Conceder demissão ou exoneração dos Diretores e bem assim as licenças previstas neste Estatuto.
- e) – Apresentar anualmente o relatório das atividades e no final de seu mandato, o relatório geral de sua administração, acompanhado do parecer da Comissão Fiscal.

- f) – Ordenar a secretaria, a remessa de um exemplar de relatório a cada membro do Conselho Deliberativo, com antecedência mínima de 10 (dez) dias da data em que deverá ser julgado.
- g) – Assinar com o Diretor Financeiro, cheques para levantamento de dinheiro em Bancos e demais Instituições Financeiras, Repartições Públicas e outras, e de todo e qualquer documento que represente valor.
- h) – Assinar conjuntamente com os Diretores Financeiro e do Patrimônio, qualquer escritura de compra e venda ou hipoteca de bens imóveis qualquer documento que represente responsabilidade financeira, devidamente autorizado pela mesa da Assembleia Geral
- i) – Nomear dois sócios para formarem a Comissão de Sindicância.
- j) – Assinar com o Diretor Secretário, diplomas, convites, carteiras, permanentes e ofícios de maior importância.
- k) – Apor em todas as contas a pagar, o seu visto, autorizando o pagamento.
- l) – Assinar os balanços efetuados por responsável técnico em contabilidade, junto à Delegacia da Receita Federal.
- m) – Lavrar termo de abertura e encerramento, em todos os livros, rubricando suas folhas.
- n) – Aplicar as penalidades de sua competência e efetivar as sugeridas pelos demais poderes.

1º VICE – PRESIDENTE

Art.º - 60º - Substituir o Presidente nas suas faltas, colaborar para o bom desempenho das funções, representá-lo em atos públicos ou solenidades quando designado.

Art.º - 61º – Presidir as reuniões, assinar documentos, cheques, autorizações de pagamento e todos os atos administrativos na ausência do Presidente.

2º VICE – PRESIDENTE

Art.º - 62º - Ao 2º Vice-Presidente, incumbe:

- a) – Substituir o 1º em suas faltas ou impedimentos.
- b) – Dirigir, por designação do Presidente, qualquer departamento da Casa do Minho
- c) – Fiscalizar e fazer cumprir as determinações inerentes a cada departamento.
- d) – Propor à Diretoria as medidas que julgar úteis para melhorar os serviços internos e promover o mais eficiente programa de atividades.

1º SECRETÁRIO

Art.º - 63 – Ao 1º Secretário, incumbe:

- a) – Dirigir os serviços de secretaria.
- b) – Assinar o expediente, carteiras sociais e diplomas em conjunto com o Presidente, convites e toda correspondência ordinária.
- c) – Transcrever em livro próprio, as atas das reuniões da Diretoria.
- d) – Expedir os editais de convocação para as Assembleias e reuniões do Conselho Deliberativo, bem como fazer a remessa de um exemplar do Relatório da Diretoria a cada membro do Conselho Deliberativo, ao término do mandato, 10 (dez) dias antes da convocação.
- e) – Organizar, juntamente com o Financeiro, a relação de associados elegíveis para o Conselho Deliberativo e afixá-la, em lugar visível, até 30 (trinta) dias antes da convocação.
- f) – Promover o arquivamento das fichas dos sócios que por qualquer motivo tenham se afastado, desligado ou falecido, mantendo-se a numeração de sua matrícula. Fazer anotação dos serviços prestados e cargos ocupados etc., a fim de manter a sua lembrança.
- g) – Fornecer a relação dos associados elegíveis, mediante solicitação por escrito em conformidade com o parágrafo 3 do art.º 31º.

2º SECRETÁRIO

Art.º - 64 - Ao 2º Secretário incumbe:

- a) – Substituir o 1º Secretário.
- b) – Registrar as propostas de novos sócios, encaminhando-as à Sindicância, enviando-as, sem seguida, à reunião de Diretoria e, se aprovadas, promover o seu registro social, emissão de carteiras, extração dos recibos e fazer a comunicação ao interessado.
- c) – Manter em ordem o registro dos associados das várias categorias, promover a atualização dos dados referente aos mesmos.
- d) – Em conjunto com o Financeiro, propor à Diretoria o desligamento dos sócios em atraso com mais de 3 meses.
- e) – Organizar e manter os serviços internos atualizados.

1º FINANCEIRO

Artº - 65 – Ao Diretor Financeiro incumbe:

- a) - Assinar, juntamente com o Presidente, cheques e outros documentos, que impliquem em responsabilidade financeira.
- b) – Manter em dia a escrituração contábil em especial os livros Caixa e Diário da CASA.
- c) – Propor a contratação de um responsável técnico pela Contabilidade da CASA junto às diversas repartições federais, estaduais, municipais e autárquicas.
- d) – Assinar juntamente com o Presidente e o Diretor de Patrimônio qualquer escritura, hipoteca ou outro documento que importe em responsabilidade de compra ou alienação de bens móveis e imóveis.

- e) – Proceder ao pagamento dos encargos, quando o documento tiver a autorização escrita do Presidente e o visto do Diretor do departamento correspondente.
- f) - Promover a arrecadação de todas as receitas, tais como mensalidades de associados, cotas de títulos de associados proprietários, donativos e receitas de qualquer natureza.
- g) - Assinar recibos de contribuições e todos os documentos que impliquem receitas, fazendo recolher tais importâncias a instituições bancárias idôneas e efetuando os pagamentos, preferencialmente, por meio de cheques.
- h) – Apresentar em reunião de Diretoria, na primeira quinzena de cada mês, um balanço discriminativo das receitas e despesas do mês anterior, que sendo aprovados será colocado à disposição da Comissão Fiscal para exame. Constará da ata da reunião em que foi discutido, juntamente com o balancete, deverá ser apresentado o livro Caixa escriturado.
- i) – Manter sob guarda e controle, os documentos de natureza fiscal, devidamente legalizados, escrituras, contratos, títulos de renda, comprovantes de pagamento e outros.
- j) – Apresentar à Comissão Fiscal, ao término de seu mandato, prestação de contas realizadas em sua gestão, para exame e parecer.
- k) – Apresentar na oportunidade de transmissão de cargos, um balancete referente aos dias decorridos entre a data do relatório e prestação de contas apresentadas ao Conselho Deliberativo, e esta data de transmissão de poderes.

2º FINANCEIRO

Art.º - 66º - Ao 2º Diretor Financeiro incumbe:

- a) - Substituir o 1º Financeiro.
- b) – Promover, juntamente com o 1º, a escrituração das receitas e despesas, conferir os registros de contribuições dos associados e comunicar à Secretaria as alterações ou os desligamentos que ocorrerem.
- c) – Exercer controle sobre a cobrança de qualquer tipo de contribuição, elaborado, regularmente, um mapa para apreciação da Diretoria.
- d) – Em dias de festividades, exercer vigilância sobre o ingresso de associados em atraso.

1º PATRIMONIO

Art.º - 67º - Ao 1º Diretor de Patrimônio incumbe:

- a) – Zelar pelos bens patrimoniais, móveis e imóveis, propondo à Diretoria as medidas necessárias à boa ordem, elaborando um relatório das necessidades.

- b) – Providenciar o seguro de responsabilidades dos bens móveis e imóveis depois de aprovada a seguradora pela Diretoria, bem como o valor do prêmio.
- c) – Juntamente com o Financeiro, proceder, nas épocas próprias, ao pagamento dos vários tributos a que a CASA esteja obrigada.
- d) - Assinar, juntamente com o Presidente e com o Diretor Financeiro, todos os documentos, escrituras de compra e venda e alienação de bens.
- e) – Pôr o visto nas contas a pagar que se relacionem com o seu Departamento.

2º PATRIMÔNIO

Art.º - 68º - Ao 2º Diretor incumbe:

- a) - Substituir o 1º de Patrimônio.
- b) – Controlar as compras de materiais diversos, inerentes a sua área, fazendo um registro de sua origem e destinação.
- c) – Manter em livro próprio e atualizado, um inventário de todos os bens existentes.
- d) – Zelar pelo bom andamento dos serviços e seu funcionamento.

1º DE ATIVIDADES INTERNAS

Art.º - 69º - Ao 1º Diretor de Atividades Internas incumbe:

- a) - Promover a segurança, bom funcionamento e ordem dos serviços internos.
- b) – Organizar para as festividades, os serviços de atendimento, material e pessoal.
- c) – Admitir e/ou demitir funcionários, propor alterações, administrar o bar, contratar serviço de pessoal extra e ter a seu cargo a execução de abertura e fechamento da sede.

2º DE ATIVIDADES INTERNAS

Artº - 70º - Ao 2º Diretor de Atividades Internas incumbe:

- a) – Auxiliar o 1º de Atividades Internas.
- b) – Manter a ordem no bar, fiscalizando preços, serviços e disciplinando a frequência.
- c) – Elaborar, semanalmente, uma relação de gastos e receitas para ser entregue ao Financeiro e analisada pela Diretoria.
- d) – Promover, junto com o Diretor de Patrimônio, aquisição ou recuperação de equipamentos ou serviços necessários ao funcionamento do bar.

1º CULTURAL E ARTISTICO

Art.º - 71º - Ao 1º Diretor Cultural e Artístico incumbe:

- a) – Em conjunto com o Departamento Social, promover festividades regionais e artísticas.
- b) – Dirigir o Rancho Folclórico Maria da Fonte, suprindo-o de novos elementos coreográficos e musicais, bem como sua tocata.
- c) – Manter o mais cordial entrosamento entre seus componentes, promovendo sua ampliação.
- d) – Organizar e supervisionar outras atividades como: ensino de música, canto. Balé, danças e outras.
- e) – Controlar o material pertencente ao Rancho por meio de registro.
- f) – Manter atualizado o registro de componentes do Rancho e da Tocata.
- g) – Manter em livro próprio registradas as festividades na sede ou fora dela, em que tenha participado o Rancho e/ou Tocata, bem como sua participação em atos cívicos.
- h) – Ser ou convidar apresentador para Rancho Folclórico MARIA DA FONTE, na sede ou fora dela.

2º CULTURAL E ARTISTICO

Art.º 72º – Ao 2º Diretor Cultural e Artístico incumbe:

- a) - Ter a sua responsabilidade a Escola de Alfabetização Dr. Nuno Simões, ampliando-a sempre que seja possível e fazendo, anualmente, a distribuição dos seguintes prémios aos alunos que mais se distinguirem: 2) Presidente da República Federativa do Brasil 3) Presidente da República Portuguesa; 4) Dr. Nuno Simões; 5) Sr. Ilídio Nunes.
- b) - Organizar e dirigir o setor de leitura.
- c) – Manter e ampliar a Biblioteca
- d) – Promover a realização de palestras culturais, literárias e cívicas, inclusive projeções e exposições.
- e) – Supervisionar o Museu do Folclore.
- f) - Dirigir o Rancho Juvenil da Casa do Minho, suprindo-o de novos elementos coreográficos e musicais, bem como a sua tocata.
- g) – Ser ou convidar apresentador para o Rancho Juvenil da Casa do Minho.

1º SOCIAL

Art.º - 73º - Ao 1º Diretor Social incumbe:

- a)– Promover festividades recreativas destinadas ao quadro associativo.
- b) – Contratar, depois de autorizado pela Diretoria, orquestras ou conjuntos musicais para as festas programadas.

- c) – Em conjunto com o Departamento Cultural e Artístico, promover festas de carácter artístico-social.
- d) – Elaborar para cada festa, um mapa de gastos e receitas, com dados de ocorrências e outros informes.
- e) – Exercer juntamente com outros diretores, a fiscalização para boa ordem e máximo respeito no recinto associativo.
- f) – Entrosar-se com o Departamento de Divulgação, fornecendo os detalhes que permitam a divulgação dos eventos.

2º SOCIAL

Art.º - 74º - Ao 2º Diretor Social, incumbe:

- a) - Auxiliar e substituir o 1º
- b) – Organizar controles em dias de festas.
- c) – Fiscalizar o salão e os serviços de bar.
- d) – Recorrer a outros Departamentos, solicitando a colaboração e ajuda.
- e) - Apresentar sugestões para melhorar as programações.
- f) – Organizar uma discoteca e ter a seu cargo o sistema sonoro, dando-lhe assistência sempre que seu uso se torne necessário em festividades.

1º DE DIVULGAÇÃO

Artº-75º - Ao 1º Diretor de Divulgação incumbe:

- a) - Promover a divulgação das atividades sociais nos vários veículos de comunicação social.
- b) - Promover um relacionamento constante com os vários noticiaristas e com as casas coirmãs.
- c) - Elaborar um boletim trimestral denominado “O MINHOTO”, para distribuir entre associados.
- d) – Proceder à coleta de dados para um levantamento do histórico da CASA desde sua fundação.

2º DE DIVULGAÇÃO

Art.º 76º - Ao 2º Diretor de Divulgação incumbe:

- a) - Substituir o 1º
- b) – Promover a confecção de material de divulgação e propaganda.
- c) – Promover a confecção de programas informativos de interesse associativo.
- d) – Organizar e ter a seu cargo a sala de troféus devidamente catalogada, bem como as publicações de interesse da CASA, jornalístico e fotográfico para acervos.

1º DE RELAÇÕES EXTERNAS

Art.º 77º - Ao 1º Diretor de Relações Externas incumbe:

- a) – Representar a CASA, quando para tal for designado pela Presidência, em atos ou solenidades para que esta seja convidada.
- b) - Manter contato com meios artísticos, culturais e sociais, visando um estreitamento de relações.
- c) - Promover maior aproximação social entre entidades bem como os grupos folclóricos.
- d) - Convidar, sempre que julgado de interesse associativo, autoridades a participarem de nossas festividades típicas e culturais.

2º DE RELAÇÕES EXTERNAS

Art. 78º - Ao 2º Diretor de Relações Externas incumbe:

- a) - Substituir o 1º.
- b) - Laborar na recepção de convidados e autoridades.
- c) - Relacionar as atividades que mais se destacam no Calendário Social para efeito de registro e divulgação.

1º ESPORTES E RECREAÇÃO

Art. 79º - Ao Diretor de Esportes e Recreação incumbe:

- a) – Promover competições desportivas amadoristas, dentro e fora da sede.
- b) – Promover, sempre que seja de interesse para a CASA, competições nas várias modalidades de esportes.
- c) – Ampliar a prática desportiva para outras modalidades permitidas, se julgado de interesse dos associados.
- d) – Acompanhar as equipes quando de sua participação em competições externas.
- e) – Propor à Diretoria a compra de material necessário, mediante orçamento de gastos.
- f) – Promover registros nas respectivas repartições.
- g) – Fornecer ao Departamento de Divulgação, dados das competições para a sua divulgação.

2º ESPORTES E RECREAÇÃO

Art. 80º - Ao 2º Diretor de Esportes e Recreação, incumbe:

- a) – Substituir o 1º director.
- b) - Zelar pela boa conduta dos participantes nas competições.
- c) – Organizar um registro de todos os componentes das várias modalidades.

- d) – Manter um registro das atividades desenvolvidas.
- e) – Zelar pelo material de esportes, manter sempre atualizado.

CAPÍTULO X DO PATRIMÔNIO

Art.81º - O Patrimônio da CASA DO MINHO é constituído pelos bens móveis, imóveis, utensílios e tudo mais que represente valor. Considerando-se parte integrante do Patrimônio da CASA os títulos inalienáveis: CASA DO MINHO, RANCHO FOLCLÓRICO MARIA DA FONTE e RANCHO JUVENIL DA CASA DO MINHO.

DA RECEITA E DESPESA

1.– RECEITA

Art. 82º - As receitas terão as seguintes classificações:

- a) - Ordinária, constituída por todas as contribuições regularmente arrecadadas, provenientes de mensalidades, jóias, taxas e carteiras sociais.
- b) – Extraordinárias, provenientes de donativos, ofertas de qualquer natureza, taxas de transferência e colocação de títulos de associado proprietário.
- c) – Eventuais, quando provenientes do movimento de qualquer dos seus departamentos, em suas várias atividades.

2.– DESPESA

Art. 83º - A Despesa tem a seguinte classificação:

- a) – Ordinária, constituída por todos os gastos normais da Administração, tais como:
Manutenção da Escola Dr. Nuno Simões;
Rancho Folclórico Maria da Fonte;
Rancho Juvenil da Casa do Minho;
Reuniões Festivas, Culturais e Desportivas;
Materiais necessários aos serviços, manutenção e conservação da sede, salários e auxílios.
- b) – Extraordinária, representada pelos gastos eventuais, tais como: Juros, Despesas Judiciais, Homenagens e Donativos.

3.– ORÇAMENTO

Art. 84° - A vida financeira da CASA, processar-se-á dentro do orçamento anual organizado pela Diretoria e aprovado pelo Conselho Deliberativo.

CAPÍTULO XI

OBRAS E CONSTRUÇÕES

Art. 85° - Quando for necessário promover obras novas de caráter estrutural na sede, a diretoria convocará o Conselho Deliberativo para dar o parecer e homologação.

Art. 86° - Não serão iniciadas obras de reformas e conservação na sede, enquanto houver outras iniciadas e não acabadas, exceto nos casos de emergência comprovada.

DOS TÍTULOS DE ASSOCIADOS PROPRIETÁRIOS

Art.° 87° - Respeitada a validade dos títulos de associado proprietário pelos valores respectivos na data de tomada. A partir da aprovação deste Estatuto, somente serão emitidas novas séries, com exposição de motivos ao Conselho Deliberativo com indicação da finalidade.

Art.° 88° - O título de associado proprietário é transmissível inter vivos por cadência, ou em caso de morte, por sucessão, observando-se as seguintes condições:

- a) - A cedência intervivos, far-se-á desde que o cedente apresente o candidato e este preencha todas as condições estatutárias para ingresso no quadro social.
- b) – Fica o adquirente obrigado a pagar a taxa de transmissão de 20%. No caso de cessão legítima por “causa-mortis” não será cobrada a taxa de transmissão, condicionando-se, no entanto, que o sucessor satisfaça as condições estatutárias para ingresso no quadro associativo e apresente ordem judicial.

§ ÚNICO – Em qualquer dos casos, é facultado à CASA DO MINHO o direito de adquirir os títulos pelo valor nominal.

CAPÍTULO XII

DISSOLUÇÃO E LIQUIDAÇÃO DA CASA DO MINHO

Art. 89° - Tendo em consideração as tradições da CASA DO MINHO sob protesto algum, poderá ser alterada a sua denominação.

Art. 90º – Quando por deficiência de renda ou acontecimentos imprevistos, perigar a existência da CASA DO MINHO, será convocado pelos poderes em conjunto a Assembleia Geral Especial, para as deliberações convenientes.

§ 1 – A convocação para esta Assembleia, será feita com um mínimo de 10 (dez) dias de antecedência, por edital diários e consecutivos, e quando possível por avisos direto aos associados, fazendo constar do mesmo a transcrição deste artigo e seus parágrafos. As transcrições serão feitas no Diário Oficial, e em 2 (dois) jornais, sendo um de preferência no meio português.

§ 2 – Só será reconhecida legalmente constituída a Assembleia Geral Especial, se na primeira convocação estiverem presentes e tiverem assinado o respectivo livro:

- a) Dois terços dos associados remidos e contribuintes,
- b) 50% (cinquenta por cento) dos associados proprietários e a mesma percentagem os associados titulados Grandes Beneméritos, Beneméritos e Grandes Minhotos, estes como aqueles em pleno gozo de seus direitos estatutários e deliberação à face do inventário sobre a forma que restarem após a indenização dos títulos de associados proprietários aos seus legítimos possuidores, cuja indenização será pelo valor nominal do título.
- c) Após a indenização dos títulos de associados proprietários, 50% (cinquenta por cento) do saldo eventualmente existente, será dividido por instituições de beneficência a critério da Assembleia Geral e os 50% (cinquenta por cento) será dividido para instituições mantidas ou subvencionadas pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro. §3 – Na falta do aludido número no parágrafo 2, será marcada nova reunião 10 (dez) dias após, obedecendo-se as mesmas regras.

FUNDO DE AUXÍLIOS

Art. 91º - É mantido o Fundo de Auxílios aos associados necessitados, desde que estes contenham mais de 15 anos de efetividade associativa e o solicitem.

Art. 92º - Será concedido nos seguintes casos:

- a) Por invalidez.
- b) Para tratamento de saúde.

§ único – Ao associado que se torne inválido, será concedida uma pensão mensal a critério da Diretoria. Quando for para tratamento de saúde, fica a critério da Diretoria o valor do auxílio a ser pago.

CAPÍTULO XIII

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 93º - O presente Estatuto somente poderá ser reformado ou emendado por determinação da Assembleia Geral em reunião prévia, com 2/3 dos presentes votando favoravelmente.

Art. 94º - Somente serão reconhecidas as reuniões de qualquer poder quando realizadas na sede Associativa.

Art. 95º - São responsáveis solidariamente e passíveis de reposição pelos danos causados à CASA DO MINHO aqueles que:

- a) executarem ou autorizarem medidas contrárias ao presente Estatuto.
- b) Contribuírem para que o mesmo seja desrespeitado.

Art. 96º - É incompatível a condição de associado com a de empregado, qualquer que seja a forma de remuneração.

Art. 97º - A CASA DO MINHO, sempre que possível, comemora seu aniversário de fundação no dia 09 de março.

Art. 98 – Os cargos de diretor serão sempre exercidos em caráter gratuito.

Art. 99º - O exercício financeiro da CASA encerra-se em 31 de dezembro de cada ano.

Art.100º - Nenhum dos poderes da CASA, em hipótese alguma será lícito impedir a reunião de outro.

Art. 101º - O ginásio situado no topo do bloco à direita de quem entra, é destinado somente a exposições, atividades culturais, recreação e restaurante panorâmico.

§ Único: É vedado, seu uso em competições de grande modificação ou festas dançantes com grande número de participantes.

Art. 102º - O Rancho Folclórico Maria da Fonte será composto de pessoas adultas de ambos os sexos, a critério dos diretores do departamento, com a finalidade de representar as tradições minhotas dentro e fora de sua sede.

Art. 103º - O Rancho Juvenil da Casa do Minho será composto de jovens e crianças, a critério dos diretores do departamento. Este Rancho procurará representar todos os Conselhos do Minho em trajes, danças e cantares.

Art. 104º - O presente Estatuto entrará em vigor na data de sua aprovação, devendo ser registrado nos Órgãos competentes, ficando revogado o anterior e demais dispositivos em contrário.



Fonte: jornal A Voz de Portugal

NA CASA DO MINHO

Casa do Minho! Apraz-me estar aqui alguns instantes e falar-vos, meus caros amigos minhotos. Comove-me o sentir que vos reunistes numa espécie de lar comum, sob o mesmo teto, para não perderdes, mas antes conservardes bem viva, a lembrança de vossos longínquos fogos natais, de vossa provincia, dessa região tão bela que um dia deixastes para virdes enfrentar aqui a luta da vida.

Compreendo-vos bem no vosso esforço tão humano de construir na terra de adoção uma Casa, uma Fundação, esta vossa Casa, em que se memora e prolonga a presença da terra, a presença do Minho encantador.

É preciso ter visitado o vosso bérço materno e as paragens de onde viestes para vos justificar e vos entender, meus caros amigos. É preciso ter contemplado o vosso mundo, as vossas praias, os vossos vinhedos, os vossos povoados, as vossas aldeias e regiões campesinas; é preciso ter respirado o cheiro das árvores, ter visto nascer, leitosa e lenta, a lua que se espelha e flutua nos céus e nas águas do rio Lima; é preciso ter visto bailar ou apenas caminhar nas estradas as vossas raparigas com os seus trajes simples e pittorescos; é preciso ter respirado a plenos pulmões e pelos olhos também, os ares do Minho, para surpreender a razão, o segredo de vossa devoção, de vossa piedade filial, desse desejo de manterdes viva, como candela eter-

treito, é um pequeno corpo com um peito enorme, que é todo o mar lusitana, por onde respira a nação, por onde partiram os cavaleiros-nautas de outrora e ainda de hoje e de sempre. Mas vivendo, percorrendo entrando em contato com a terra portuguesa, como de surpresa em surpresa verificamos a extensão, a imensidade do vosso país, do nosso país! Tantas regiões, tanta riqueza humana, tantos usos e costumes, tanta variedade, tantas faces portuguesas, próprias e diferentes umas das outras! Basta deixar o Minho, basta subir a serra do Marão e penetrar no coração das terras frias e veremos que não se ama, que não se dança, que não se concebe o mundo da mesma maneira. Em pequena distância, já variou, já adquiriu matizes e formas diversas o modo de sentir, de interpretar, de ver as coisas. Todos são filhos do mesmo pai luso, o mesmo sentimento vital, o mesmo sangue amoroso e forte lhes corre nas veias, mas cada provincia, cada terra, não tem apenas seu uso e seu fuso. Cada uma veste o seu próprio colorido e em seu íntimo pulsa uma alma distinta com feições bem características a diferenciá-la. O espírito comum, o sentimento de intercompreensão e estima existe, de fato, e em grau elevado: todas as provincias são irmãs. No entanto, em todas elas persiste a marca própria e inapagável.

O vosso Minho é azul e puro,

ANEXO 10 – FOTOS E *LINKS* RETIRADOS DA INTERNET E/OU FEITOS PELA PESQUISADORA



Foto da autora: Panorâmica da Festa Quinta de Santoinho, na Casa do Minho, Rio de Janeiro

Vídeos do fado vadio e do folclore

1.O primeiro vídeo se reporta ao ano de 2019, mês de outubro, quando estive pela primeira vez como pesquisadora na Casa do Minho, na noite do fado vadio.



video 1.mp4

2.Vídeo apresentação fado vadio. Na guitarra Victor Lopes, Flauta, e no violão Juan Santana



video 2.mp4

3. Apresentação da Chula de Viana, na Casa do Minho, Festa de Santoinho.



video 3.mp4

4.Chula de Viana, apresentação do Maria da Fonte na associação Vila da Feira, no Rio de Janeiro

https://www.youtube.com/watch?v=v1f_S90Jk7I

6.Chula da Meadela, em apresentação ao vivo na Casa do Minho, Festa de Santoinho.



video 4.mp4

7.Vira das Palmas

<https://www.youtube.com/watch?v=-8aaHedtYoY>

8.Outro Vira:

<https://www.youtube.com/watch?v=UjkmDvI9No>

9.Chula Velha

<https://www.youtube.com/watch?v=hSZFDffd7Bc>

10. Cana Verde, no Festival do Folclore, realizado no Arouca Barra Clube, em 2017.

<https://www.youtube.com/watch?v=2kSZIHdQz6o>

11.Fado no Salão Nobre da Casa do Minho, em comemoração pelos 68 anos do Rancho Maria da Fonte

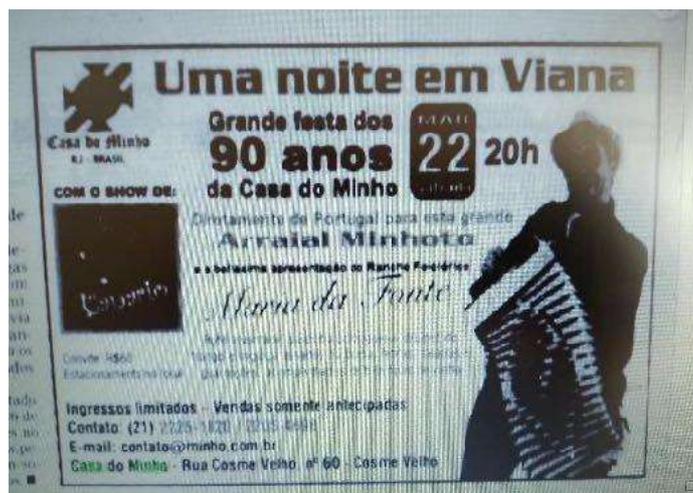
<https://www.instagram.com/p/CmSm-H5p1dB/?hl=es>

12. Maria Alcina, fadista na Casa do Minho em fado vadio.

<https://www.facebook.com/fadomariaalcinabrasil/videos/137609432477208/>



Fotos da autora: Ensaio e apresentação do Rancho Juvenil da Casa do Minho.



Agenda MARÇO

Aniversário de 99 anos da Casa do Minho, venha celebrar com a gente em um dos nossos eventos!

10 SEX	Fado Vadio com Victor Lopes	19h
11 SAB	Arraiá Minhoto Quinta de Santinho	20h
24 SEX	Festa "Você Lembra?"	18:30h
25 SAB	Festa Só Kakarecos	20h

casaminhoj
Casa do Minho IU

casaminhoj Seja bem vindo março!

No dia 8 de março, a Casa do Minho comemora 99 anos, e para comemorar as pessoas preparou uma agenda recheada de eventos sensacionais:

- 10/03 - Noite de Fado Vadio com Victor Lopes (não Restaurante Costa Verde) - convites antecipados R\$ 10,00, na hora R\$ 15,00
- 11/03 - Arraiá Minhoto (Quinta de Santinho (não sala principal) - convites antecipados R\$ 80,00, na hora R\$ 100,00 24
- 05 - Festa "Você Lembra?" com @ncardovocelentran (não é Restaurante Costa Verde) - convites antecipados R\$ 5,00, por hora R\$ 10,00
- 25/03 - Festa Só Kakarecos com @ujilavioவை (sem nome da sala) - convites antecipados R\$ 40,00, na hora R\$ 40,00

145 curtidas
106 comentários

Adicione um comentário...

Edições de Jornal dos Sports, 1983 e 2015, na Hemeroteca e Instagram em 2023.